



MICROFILMED  
11/2/00  
M. S. Smith

MICROFILMED  
A7 2 186  
Addington

Res. 2786/10.

F 2393

200,00

Res.  
2786 p.

COMPRA

EÇA DE QUEIROZ

O CRIME

DO

PADRE AMARO



EDIÇÃO DEFINITIVA

R. 103855

*Maximilian  
Furtivus*

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 RUA DA CRUZ DE PAU 31

1876

500- 633044 mcb

F 2393

RES. COMPRA

2786 P



O CRIME

do

PADRE AMARO

EDICAO DEFINITIVA

R. 108852

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO BRANCO

21 RUA DE CANTO DE LIZIA

Por. 2786/0.

A designação inscripta no frontispicio d'este livro — EDIÇÃO DEFINITIVA — necessita uma explicação. O *Crime do Padre Amaro* foi escripto ha quatro ou cinco annos, e desde essa epocha esteve esquecido entre os meus papeis — como um esboço informe e pouco aproveitavel. Por circumstancias que não são bastante interessantes para serem impressas — este esboço de romance, em que a acção, os caracteres, e o estylo eram uma improvisação desleixada, foi publicado em 1875 nos primeiros fasciculos da *Revista Occidental*, sem alterações, sem correccões, conservando toda a sua feição de esboço, e de um improviso. Hoje *O Crime do Padre Amaro* apparece em volume — refundido, e transformado. Deitou-se parte da velha casa abaixo para erguer a casa nova. Mui-

2726 P

tos capitulos foram reconstruidos linha por linha; capitulos novos acrescentados; a acção modificada, e desenvolvida; os caracteres mais estudados, e completados; toda a obra em fim mais trabalhada. Assim *O Crime do Padre Amaro* da *Revista Occidental* era um rascunho, a edição *promissoria*; o que hoje se publica é a obra acabada, a edição *definitiva*.

Este trabalho novo conserva todavia — naturalmente — no estylo, no desenho dos personagens, em certos traços da acção, e do dialogo, muitos dos defeitos do trabalho antigo: conserva vestigios consideraveis de certas preocupações de Eschola e de Partido, — lamentaveis sob o ponto de vista da pura Arte — que tiveram outr'ora uma influencia poderosa no plano original do livro. Mas como estes defeitos provém da concepção mesma da obra, e do seu des-

envolvimento logico — não podiam ser eliminados, sem que o romance fosse totalmente refeito na idéa, e na fórma. Todo o mundo comprehenderá que — correccões, emendas, entrelinhas, folhas entercaladas não bastam para alterar absolutamente a concepção primitiva de um livro, e a sua primitiva execução.

Akenside Tewace — 5 de julho de 1875.

*Èça de Queiroz*

envolvidos e não podem ser eliminados  
sem que se tomasse fosse totalmente feita na ideia  
e na forma. Toda o mundo comprehendere que  
correcções, emendas, e melhoras, todas embelezadas  
não bastam para dar-lhe absolutamente a concepção  
primitiva de qual livro, e a sua primitiva execução.

Akenside Terace - 5 de julho de 1875.

## GRIME DO PADRE AMARO

Foi no domingo de Paschoa que se soube em Leiria, que o parochio da Sé, José Migueis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O parochio era um homem sanguineo e grosso, que passava por um *grande comilão*. Contavão-se historias singulares da sua voracidade. O Carlos da Botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via passeiar na Praça depois da sesta, com a cara affoguedada de sangue, todo enfartado de indigestão:

— Lá anda a giboia a esmoer. Um dia estoirado!

Tinha com effeito *estoirado* depois de uma ceia enorme. Ninguem o lamentou — e foi pouca gente ao enterro. Em geral não era estimado. Era um aldeão, tinha os modos e os pulsos de um cavador, a voz rouca, uma grande rudeza de palavras. As devotas temiam-n'o: o parochio, com o seu claro juizo plebeu, nunca tinha comprehendido as sensibilidades da devoção: vivera sempre nas freguezias

de aldeia ou nas duras parochias das serras; assim quando as beatas, humildemente encolhidas, com a voz penitente e debil, lhe iam fallar de peccados, de escrupulos, de visões, José Migueis ria-se:

— Ora historias, santinha, dizia elle. Peça juizo a Deus.

As subtilezas dos jejuns sobre tudo irritavam-n'o:

— Coma-lhe e beba-lhe, costumava elle resmungar, coma-lhe e beba-lhe, creatura!

Tinha opiniões extremamente miguelistas e uma afeição exaltada pelo Papa. Os partidos liberaes, as suas opiniões e os seus jornaes enchiam-n'o de uma colera irracional:

— Cacete! cacete! exclamava elle, meneando o seu enorme guarda-sol vermelho.

Nos ultimos annos tomára habitos sedentarios, comia desmedidamente e vivia isolado— com uma criada velha e um cão, o *Joli*. O seu unico amigo era o chantre Valladares, que governava então o bispado, porque o senhor bispo D. Joaquim gemia, havia dois annos, o seu rheumatismo, n'uma quinta do alto Minho. O parócho tinha um grande respeito pelo chantre, homem sêcco, debil, todo aceiado, lido nos classicos, epigrammatico, discretamente guloso.

O chantre estimava-o. Chamava-lhe *Frei Hercules*.

— *Hercules* pela força, explicava elle sorrindo, *Frei* pela gula.

No seu enterro elle mesmo lhe foi aspergir a cova; e como costumava offerecer-lhe todos os dias rapé da sua caixa de oiro, disse aos outros conegos, baixinho, ao deixar-lhe cair sobre o caixão, segundo o velho ritual, o primeiro torrão de terra:

— É a ultima pitada que lhe dou!

No adro os conegos do cabido tinham rido muito com esta graça do senhor governador do bispado: o conego Campos contou-a á noite ao chá em casa do deputado Novaes, e foi celebrada com risos dis-

cretos: todos exaltaram então as virtudes do chantre e afirmou-se com respeito — *que sua excellencia tinha muita pilheria!*

Dias depois do enterro appareceu, errando pela Praça, o cão do parochó, o *Joli*; a criada entrára com uma febre no hospital, a casa fôra fechada, e o cão, abandonado, gemia a sua fome pelos portaes: era um gozo pequeno, com o pello encanecido, extremamente gordo, as pernas arqueadas, todo tropago. Com o habito das batinas e avido de um dono, o *Joli* sempre que via um padre punha-se a seguil-o ganindo baixo. Mas nenhum queria o *Joli*, davam-lhe com as ponteiras dos guardas-soes, e o cão, repellido como um pretendente, toda a noite uivava pelas ruas. Uma manhã appareceu morto ao pé da Misericordia: uma carroça de estrume levou-o, e como o cão desapareceu da Praça o parochó José Migueis foi definitivamente esquecido.

Dois mezes depois soube-se em Leiria que estava nomeado outro parochó. Dizia-se que era um homem extremamente novo, saído apenas do seminario. O seu nome era Amaro Vieira. Attribuia-se a sua escolha a influencias politicas e o jornal de Leiria *A voz do Districto*, que estava na opposição, fallou com pompa, citando o Golgotha, no *favoritismo da côrte* e na *reacção clerical*. Alguns padres tinham-se escandalisado com o artigo e fallou-se n'isso acremente diante do senhor chantre.

— Não, não, lá que ha favor ha, e que o homem tem padrinhos isso tem, disse o chantre gravemente. A mim quem me escreveu para a confirmação foi o Brito Corrêa (Brito Corrêa era então o ministro da justiça). Até me diz na carta que o parochó é um bello rapagão. De sorte que — acrescentou sorrindo com satisfação — depois de *Frei Hercules* vamos talvez ter *Frei Apollo*.

Em Leiria havia só uma pessoa que conhecia o parochó novo: era o conego Dias, que fôra nos pri-

meiros annos do seminario seu mestre de Moral. O conego dizia que, no seu tempo, o parocho era um rapaz franzino, um pouco corcovado, acanhado, com a cara cheia de espinhas carnaes.

— Parece que o estou a ver, dizia elle, com a batina muito coçada e cara de quem tem lombrigas. De resto bom rapaz!

O conego Dias era muito conhecido em Leiria. Era um homem redondo e baixo, com um ventre saliente que lhe enchia a batina, as pernas curtas e esguias, uma cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beiço descaido e espesso: e todo o seu aspecto fazia lembrar as velhas anedoctas de frades lascivos, enfartados de peccado.

O tio Patricio, o *Antigo*, negociante da Praça, que fôra da revolução de 20 e que quando passava pelos padres rosnava como um velho cão de fila, dizia sempre que o via atravessar a Praça, pesado, ruminando a digestão, encostado ao guarda-chuva:

— Que maroto! Parece mesmo D. João VI!

O conego vivia só com uma irmã velha, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias e uma criada, que todos conheciam em Leiria, sempre na rua, entrouxada n'um chale tingido de negro e arrastando pesadamente as suas chinelas de ourelo. O conego Dias passava por ser rico: tinha ao pé de Leiria propriedades arrendadas, dava jantares com peru e tinha reputação o seu vinho *duque* de 1815. Mas o facto saliente da sua vida — o facto commentado e murmurado — era a sua antiga amizade com a sr.<sup>a</sup> Augusta Caminha, a quem chamavam a S. Joanneira, por ser natural de S. João da Foz. A S. Joanneira morava na rua da Misericordia e recebia hospedes. Tinha uma filha, a Ameliasinha, rapariga de vinte e tres annos, bonita, fresca, forte, muito desejada.

O conego Dias tinha, desde o primeiro dia, mostrado um grande contentamento com a nomeação de Amaro Vieira. Na botica do Carlos, na Praça, na

sacristia da Sé, fallava sempre d'elle como de um padre exemplar: recordava a sua minuciosidade nos estudos, a sua prudencia de costumes, a sua passiva obediencia: gabava-lhe a voz: «*um timbre que é um regalo!*» e acrescentava, com uma grave convicção: «— Para um bocado de sentimento nos sermões da Semana Santa, está a calhar!

E predizia-lhe um destino feliz onde encontraria facilmente as dignidades, uma conesia de certo, talvez a gloria de um bispado. Um dia mesmo, na Sé, mostrou com uma satisfação expansiva uma carta que recebêra de Lisboa de Amaro Vieira e leu alguns periodos em que Amaro, depois de fallar «das boas recordações que sempre conservára do seu caro Padre-Mestre», se alargava na narração dos personagens que conhecia em Lisboa — a filha da senhora marquezia de Alegros, «minha boa companheira de infancia, tão virtuosa como bella», seu marido o conde de Ribamar «cheio das virtudes de um nobre fidalgo, honra da sua classe»

— O resto, disse o cônego Dias mettendo a carta no sobrescripto enxovalhado, são coisas particulares.

As *coisas particulares* da carta de Amaro revelou-as elle ao coadjutor da Sé, creatura servil e calada, uma tarde de agosto, que passêavam ambos para os lados da Ponte Nova. Andava então a construir-se a estrada da Figueira: o velho passadico de pau sobre a ribeira do Liz tinha sido destruido e já se passava sobre a Ponte Nova, muito gabada, com os seus dois largos arcos de pedra, fortes e atarracados. Para diante as obras estavam atrazadas, quasi suspendidas por questões de expropriação; ainda se via o velho e lodoso caminho da freguesia de Marrases, que a estrada nova devia desbastar e encorporar; aos lados esbroavam-se monturos de saibro, camadas de cascalho cobriam o chão,

e viam-se os grossos cylindros de pedra que acalcam e recamam os macadams, um pouco enterrados na terra negra e humida das chuvas.

Em roda da Ponte a paizagem é larga e tranquillã. Para o lado d'onde o rio vem são collinas baixas, de fórmas arredondadas, cobertas da rama verde-negra dos pinheiros novos; em baixo, na espessura dos arvoredos, estão os casaes que dão áquelles logares um pouco melancolicos uma feição mais viva e humana — com as suas alegres paredes caiadas que luzem ao sol, com os fumos das lareiras que pela tarde se azulam n'aquelles ares sempre claros e lavados. Para o lado do mar, para onde o rio vae, arrastando-se nas terras baixas entre dois renques de salgueiros de folha pallida e necessitada, estende-se até os primeiros areiaes o campo de Leiria, largo, fecundo, com o aspecto das aguas abundantes, cheio de luz. Da Ponte pouco se vê da cidade; apenas uma esquina das cantarias pesadas e jesuiticas da Sé e um canto do muro do cemiterio, coberto de parietarias, d'onde sobresaem as pontas agudas e negras dos cyrestes; o resto está escondido pelo duro monte ouriçado de vegetações rebeldes, onde destacam as ruinas do Castello, negras, todas envolvidas á tarde nos largos vôos circulares dos mochos, desmanteladas e com um grande ar historico.

Ao pé da Ponte, uma rampa desce para uma alameda que se estende um pouco á beira do rio. É um logar abrigado, recolhido, coberto de arvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha. Os dois padres, o conego e o coadjutor, passeiavam alli, de vagar, fallando baixo. O conego tinha estado a contar ao coadjutor as *coisas particulares* da carta de Amaro Vieira. Amaro pedia-lhe que lhe arranjasse uma casa de aluguel, barata, bem situada, e se fosse possível mobilada; fallava-lhe mesmo de quartos n'uma casa de hospedes respeitavel. O conego tinha lido ao coadjutor o periodo da carta: « Já vê

o meu caro Padre-Mestre, dizia Amaro, que era isto o que verdadeiramente me convinha; eu não quero luxos, está claro: um quarto e uma saleta seria o bastante. O que é necessario é que a casa seja respeitavel, socegada, central, que a patroa tenha bom genio e que não peça mundos e fundos; deixo tudo isto á sua prudencia e capacidade, e creia que todos estes favores não cairão em terreno ingrato. Sobre tudo que a patroa seja pessoa accomodada e de boa lingua.»

— Ora já você vê, amigo Mendes, que boa occasião para a S. Joanneira! resumiu o conego com um grande contentamento.

— Lá isso é, disse o coadjutor com a sua voz humilde.

— Ella tem o quarto de baixo, a saleta pegada e o outro quarto que póde servir de escriptorio. Tem boa mobilia, boas roupas.

— Ricas, roupas, disse o coadjutor com respeito. O conego continuou:

— É um rico negocio para a S. Joanneira: dando os quartos, roupas, comida, criada, póde muito bem pedir os seus seis tostões por dia. E depois sempre têm o parócho de casa.

— Por causa da Ameliasinha é que eu não sei, considerou timidamente o coadjutor. Sim, póde ser reparado. Uma rapariga nova. Diz que o senhor parócho é ainda novo. Vossa senhoria sabe o que são linguas do mundo.

O conego tinha parado:

— Ora historias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o conego Pedroso não vive com a cunhada e uma irmã da cunhada, que é uma rapariga de dezenove annos? Ora essa!

— Eu dizia, attentou o coadjutor.

— Não, não vejo mal nenhum. A S. Joanneira aluga os seus quartos, é como se fosse uma hospedeira.

daria. Então o secretario geral não esteve lá uns poucos de mezes?

— Mas um ecclesiastico... insinuou o coadjutor.

— Mais garantias, sr. Mendes, mais garantias! exclamou o conego. E parando, com uma attitudede confidencial: E depois a mim é que me convinha, Mendes! A mim é que me convinha, meu amigo!

Houve um pequeno silencio. O coadjutor disse, baixando a voz:

— Sim, vossa senhoria faz muito bem á S. Joaneira!

— Faço o que posso, meu caro amigo, faço o que posso, disse o conego. E com uma entonação terna, risonhamente paternal: que ella é merecedora! é merecedora. Boa até alli! meu amigo! — E parando, esgazeando os olhos: — Olhe que dia em que eu não lhe appareça pela manhã ás nove em ponto, está n'um phrenesi! Oh! creatura, digo-lhe eu, a senhora rala-se sem rasão. Mas então, é aquillo! Pois quando eu tive a colica o anno passado! Emmagreceu, sr. Mendes! E depois não ha lembrança que não tenha! Agora, pela matança do porco, o melhor do animal é para o *padre santo*, você sabe? é como ella me chama.

O conego fallava com os olhos luzidios, uma satisfação radiosa.

— Ah, Mendes! acrescentou, é uma rica mulher!

— E bonita mulher, disse o coadjutor respeitosa-

mente.  
— Lá isso! exclamou o conego parando. Lá isso! Bem conservada até alli! Pois olhe que não é uma criança! Mas nem um cabello branco, nem um, nem um só! E então que côr de pelle! — E mais baixo, com um sorriso guloso: — E isto aqui! oh, Mendes, e isto aqui! — E indicava o lado do pescoço debaixo do queixo, passando-lhe de vagar por cima a sua mão polpuda: — É uma perfeição! E depois mulher de

aceio, muitissimo aceio! E então umas lembranças-nhas! Não ha dia que me não mande o seu presente: é o covilhete de geleia, é o pratinho de arroz doce, é a bella murcella de Arouca! Hontem me mandou ella uma torta de maçã. Ora, havia de você ver aquillo! A maçã parecia um creme! Até a mana Josepha disse: «Está tão boa que parece que foi cozida em agua benta!» — E pondo a mão espalmada sobre o peito: — São coizas que tocam a gente cá por dentro, Mendes! Não, não é lá por dizer, mas não ha outra.

O coadjutor escutava com a taciturnidade da inveja.

— Eu bem sei, disse o conego parando de novo e tirando lentamente as palayras, eu bem sei que por ahi rosnam, rosnam... Pois é uma grandissima calúnnia! O que é, é que eu tenho muito apêgo áquella gente. Já o tinha em tempo do marido. Você bem sabe, Mendes.

O coadjutor teve um gesto affirmativo.

— A S. Joanneira é uma pessoa de bem! olhe que é uma pessoa de bem, Mendes! exclamava elle batendo no chão fortemente com a ponteira do guarda-sol.

— As linguas do mundo são venenosas, senhor conego, disse o coadjutor com uma voz chorosa. E depois de um silencio acrescentou baixo: — Mas aquillo a vossa senhoria deve-lhe sair caro!

— Pois ahi está, meu amigo! Imagine você que desde que o secretario geral se foi embora a pobre da mulher tem tido a casa vasia: eu é que tenho dado para a panella, Mendes!

— Que ella tem uma fazendita, considerou o coadjutor.

— Uma nesga de terra, meu rico senhor, uma nesga de terra! E depois as decimas, os jornaes! Por isso digo eu, o parochó é uma mina. Com os seis tostões que elle der, com o que eu ajudar, com

alguma coisa que ella tire da hortaliça que vende da fazenda, já se governa. E para mim é um allivio, Mendes.

— É um allivio é, senhor conego, repetiu o coadjutor.

— Ficaram callados. A tarde descaía extremamente limpida; o alto ceu tinha uma pallida côr azul, o ar estava immovel. N'aquelle tempo o rio ia muito vasio; pedaços de areia reluziam em sêcco, e a agua baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

— Duas vaccas, guardadas por uma rapariguita toda esgadelhada, tinham vindo com o seu passo poderoso e tranquillo, pelo caminho negro e lodoso que do outro lado do rio, defronte da alameda, segue junto do silvado que fecha as culturas; e em quanto a rapariga, com as saítas entaladas nos joelhos, chapinhava na agua, os dois pacificos animaes tinham entrado no rio e estendendo o pescoço pellado da canga, bebiam de leve, sem ruido; a espaços erguiam a cabeça lentamente, olhando em redor com a passiva tranquillidade dos seres fartos—e fios de agua, babados, claros, luzidios á luz, pendiam-lhe dos cantos do focinho. Davam outro passo indolente, tornavam a beber e a sua sombra corpulenta tremia na fina enrugação da agua. No entanto, com a inclinação do sol, o rio perdia a sua claridade espelhada, estendiam-se mais as sombras dos arcos da ponte. Do lado das collinas já o azul do ar se ia sujando com as primeiras sombras baças e esfumadas do crepusculo, e os largos laivos sanguineos e côr de laranja que annunciam os calores estendiam-se sobre os lados do mar.

— Bonita tarde, disse o coadjutor.

— Rica! respondeu o conego bocejando e fazendo uma cruz sobre o bocejo escancarado, vamo-nos nós chegando ás Aves-Mãrias.

— E quando d'ahi a pouco iam subindo as escada-

rias da Sé, o conego disse baixo, esfregando as mãos, quasi ao ouvido do coadjutor:

— Pois está decidido, amigo Mendes, metto o Amaro na casa da S. Joanneira. É uma pechincha para todos.

— Uma grande pechincha, disse rrspeitosamente o coadjutor. Uma grande pechincha.

E entraram na egreja, persignando-se.



cambedas, namoram em redor, mençando a chipala de janco; com o seu cantaro bojudo de parto, enri- librado á cabeça sobre a rodilha, as taparias vão- se aos pares, mençando os quadris; as lavadeiras pas- sam com as suas trouxas brancas; e officiaes ociosos, com a farda desaperçada sobre o estomago, encosta- dos ás paredes, conversam, esperando a ver quem vem. Quando o crepusculo desce, um homem vem accender a lamparina no nicho do santo, por cima do Arco; e no entanto, allumiam-se uma a uma, com uma luz soturna, as janellas do hospital. Já tinha anotticido quando a diligencia, com as lanternas accensas, um tilintar sacudido de caixilhos de vidro, entrou na Ponte ao trote esgalgado dos seus magros cavallos brancos e veio parar diante

II  
 Uma semana depois, n'uma quinta-feira, soube-se que o novo parochio devia chegar pela diligencia de Chão de Maçãs. A diligencia traz o correio e chega, no verão, depois das sete horas da tarde; mas desde as seis o conego Dias e o coadjutor passeiavam no Largo do Chafariz á espera de Amaro.

Era então nos fins de agosto. Aquella hora o Largo é o lugar mais animado da cidade. Na longa alameda macadamisada que vae junto do rio, entre dois bastos renques de velhos choupos, entreveem-se os fraques negros de proprietarios que *espairecem* depois da sesta e os vestidos claros das raras senhoras que se arejam. Do lado do Arco, na escura correntesa dos casebres pobres, as velhas fiam á porta; as crianças sujas, piothosas, brincam remechendo a terra, nuas, mostrando os seus enormes ventres; as galinhas em redor picam socegradamente as imundicies esquecidas; os porcos fossam grunhindo; das janellas desmanteladas saem as longas canas onde secam os coeiros e as camisas remendadas. O chafariz está cheio de ruido; a agua cae sonoramente, os cantaros arrastam sobre a pedra, as criadas ralham; soldados, com a sua fardeta suja, enormes botas

cambadas, namoram em redor, meneando a chibata de junco; com o seu cantaro bojudo de barro, equilibrado á cabeça sobre a rodilha, as raparigas vão-se aos pares, meneando os quadris; as lavadeiras passam com as suas trouxas brancas; e officiaes ociosos, com a farda desapertada sobre o estomago, encostados ás bengalas, conversam, esperando, *a ver quem vem*. Quando o crepusculo desce, um homem vem accender a lamparina no nicho do santo, por cima do Arco; e no entanto, defronte, allumiam-se uma a uma, com uma luz soturna, as janellas do hospital.

Já tinha anoitecido quando a diligencia, com as lanternas acesas, um tilintar sacudido de caixilhos de vidro, entrou na Ponte ao trote esgalgado dos seus magros cavalloos brancos e veiu parar diante do chafariz, por baixo da estalagem do Cruz. Ficou logo cercada de gente. Os moços de cavallariça começaram a desatrejar. O tio Baptista, o patrão, com o cachimbo negro ao canto da boca, mandava descer as malas, praguejando tranquillamente. E um homem que vinha na almofada, ao pé do cocheiro, de chapéu alto e um comprido capote ecclesiastico, desceu cautelosamente, agarrando-se ás guardas de ferro dos assentos, bateu com os pés no chão para os desentorpecer e olhou em redor.

— Oh Amaro! gritou o conego, que se tinha aproximado, oh ladrão!

— Oh Padre-Mestre! disse o outro com alegria. E abraçaram-se, em quanto o coadjutor, todo curvado, tinha o barrete na mão.

D'ahi a pouco as pessoas que estavam nas lojas viram atravessar a Praça, entre a corpulencia vagarosa do conego Dias e a figura esguia do coadjutor, um homem um pouco curvado e com um capote de padre. Soube-se que era o parochio novo e disse-se logo na botica que era *uma boa figura de homem*. O João Bicha, o garoto mais conhecido de Leiria, bobo e idiota, levava adiante um bahu e um sacco de chita

e como' áquella hora já estava um pouco bebado ia resmungando o *Bemáito*.

O parochio vinha fatigado e a cidade parecia-lhe triste. A diligencia tinha-se atrazado. Eram nove horas e a noite cerrára. As casas em redor da Praça já tinham as janellas fechadas e havia um silencio somnolento. Das lojas, debaixo da arcada, vinha uma luz escassa e triste; viam-se sobre os balcões os candieiros de petroleo amortecidos, encostadas ás portas figuras de aspectos enfasiados. As ruas que vinham dar á Praça entreviam-se, estreitas, tortuosas, apertadas entre altas casas cheias de sombra, e a espaços um candieiro de vidro baço fazia reluzir vagamente em baixo a humidade das immundicies. O sino da Sé dava vagarosamente o toque das almas.

No entretanto o conego Dias ia explicando ao parochio a morada que lhe arranjàra: não lhe tinha procurado casa: seria necessario comprar mobilia, buscar criada, despezas innumeraveis. Parecera-lhe melhor tomar-lhe quartos n'uma casa de hospedes: uma casa respeitavel, com conchego — e a voz do conego era persuaziva e grave —: por isso escolhêra a da S. Joanneira e descrevia-lhe as commodidades: que era bem arejada, o papel da sala era novo, o cano da cozinha não deitava cheiro; enumerava as pessoas que lá tinham estado: o secretario geral, o inspector dos estudos; fallava da S. Joanneira, mostrava-a como uma mulher temente a Deus, acieiada, de boas contas, economica e cheia de condescendencias.

— Você está alli como em sua casa, tem o seu cozido, prato de meio, café...

— Vamos a saber, Padre-Mestre, e preço? disse o parochio.

— Seis tostões. Que diabo! é de graça. Tem um quarto, tem uma saleta.

— Uma rica saleta, commentou o coadjutor respeitosamente.

— E é longe da Sé? perguntou Amaro.

— Dois passos. Póde-se ir dizer missa de chinelos. Na casa ha uma rapariga, continuou com a sua voz pausada o conego Dias. É a filha da S. Joanneira. Uma rapariga de vinte e dois annos. Bonita. Sua pontinha de genio, mas bom fundo.

— Tinham entrado na rua da Misericórdia e o conego parou.

— Aqui tem você o seu palacio, disse elle, batendo na aldraba de uma porta esguia. Era uma casa de dois andares: no primeiro duas varandas de ferro de aspecto antigo faziam saliencia, com os seus arbustos de alecrim, que se arredondavam aos cantos em caixas de madeira; as janellas de cima, pequeninas, eram de peitoril e a parede, pelas suas irregularidades, fazia lembrar uma lata amolgada. A rua era estreita, lageada, com casas pobres, e no fim viam-se as altas paredes do velho edificio da Misericórdia.

Mas abriram a porta e a S. Joanneira esperava no patamar, no alto da escada; uma criada, enfesada e pasmada, allumiava com um candieiro de petroleo e a figura da S. Joanneira destacava plenamente na luz sobre a parede caiada. Era uma pessoa gorda e branca, de aspecto pachorrento e molle. Os seus olhos pretos tinham já em redor a pelle engilhada e pisada; os cabellos arripiados eram já um pouco raros aos cantos da testa e no começo da risca; mas percebiam-se uns braços rochunchudos, um peito abundante e macio, e roupas aciadadas.

— Ora, aqui tem a senhora o seu hospede, disse o conego subindo.

— Muita honra em receber o senhor parochó! muita honra! Ha de vir muito cançado! Por força! dizia ella com uma voz fina e vagarosa carregando nos rr.

E ia-o conduzindo para uma sala pequena, caiada de amarello. Um canapé de palhinha estava encos-

tado á parede, cadeiras envernizadas perfilavam-se em redor e no meio estava aberta uma mesa forrada de baeta verde, com um cofre feito de conchas.

— É a sua sala, disse a S. Joanneira entrando. Para receber, para espairecer... Aqui — disse abrindo uma porta — é o seu quarto de dormir. Tem uma commoda, o seu guarda-roupa... — E abria as gavetas da commoda, gabava a cama batendo a elasticidade dos colchões, ageitava a travesseirinha com fronha de renda... — Uma campainha para chamar sempre que queira... As chavinhas da commoda tem-n'as aqui. Se gosta de travesseirinho mais alto... Tem um cobertor só, mas querendo...

— Está bem, está tudo muito bem, minha senhora.

— É pedir. O que ha, da melhor vontade...

— Olhe que elle deve vir cheio de fome, senhora, interrompeu o conego, o que elle quer é ceiar! — É um instantinho. Está a mesa posta. Desde as seis horas que está o caldinho a apurar.

E saiu, dizendo pela escada acima:

— Vá, rapariga, vá, mexe-te.

O conego tinha-se estirado no canapé e sorvendo a sua pitada:

— É contentar, meu rico, é contentar, dizia elle. Foi o que se pôde arranjar.

— Eu estou bem em toda a parte, Padre-Mestre, disse o parochó, calcando os seus chinellos de ourelo. Olha o seminario!...

Mas para o lado da Praça sentiu-se o toque de cornetas.

— Que é aquillo? disse elle, indo á janella.

— É ás nove e meia, o toque de recolher.

Amaro abriu a vidraca e com as mãos no ferro da varanda olhou. Ao fim da rua um candieiro esmorecia. A noite negra parecia alargar-se n'um silencio concavo.

O som das cornetas cessara; um rufar lento de

tambores afastava-se; por baixo da janella um soldado passou correndo; e da massa negra das paredes da Misericordia saía constantemente o agudo piar das corujas.

— É triste isto, disse Amaro.

Mas a S. Joanneira gritou de cima:

— Póde subir, senhor conego. Está o caldo na mesa.

— Va, vá, que você deve estar a cair de fome, Amaro.

E fallando da jornada iam subindo, o conego todo apoiado ao corrimão, com os seus cansacos asthmaticos.

No meio da sala de jantar, larga e forrada de papel escuro, a claridade da mesa alegrava. A luz forte de um candieiro com *abat-jour*, a toalha branca e fria, a loiça, os copos reluziam. Da terrina subia o vapor cheiroso do caldo e na larga travessa a galinha gorda, afogada n'um arroz humido e branco, com nacos de paio avermelhado, dava a sensação de uma vida succulenta e farta que faz engordar. Havia um armario envidracado, um pouco na sombra, onde se viam as côres claras da loiça; a um canto, ao pé da janella, estava um piano coberto com uma colxa de setim desbotado. Sentia-se frigir na cozinha. Havia um cheiro fresco de roupas lavadas e de alfazema; e satisfeito, o parochó esfregava as mãos.

— Para aqui, sr. parochó, para aqui, dizia a S. Joanneira. D'ahi póde-lhe vir frio. — E ia fechar as portadas das janellas, arredava-lhe a cadeira, empurrando para o pé d'elle com a ponta do sapato um caixão de areia para as pontas dos cigarros. — O sr. conego toma um copinho de gelea, sim?

— Vá lá, para fazer companhia, disse jovialmente o conego, sentando-se e desdobrando o guardanapo.

O parócho, com a cabeça sobre o prato, comia em silencio o seu caldo, soprando a colher. Estava salientemente na luz: da volta apertada e alta saía a sua pequena cabeça bem feita, com um cabello preto onde destacava a coroa. Era pallido, a pelle trigueira tinha um aspecto fino, o nariz era aquilino e curto, e os seus olhos negros e grandes, com pestanas compridas, mostravam um temperamento sensível, inquieto e curioso.

O conego não o via desde o seminario: achava-o mais forte, mais viril!

— Você era enfezadito...

— Foi o ar da serra, dizia o parócho, fez-me bem! E contava ao conego a sua estada n'uma freguezia da alta Beira, nas asperezas do inverno. O conego deitava-lhe o vinho de alto, fazendo-o espumar.

— Beba-lhe homem! beba-lhe!

Fallavam então do seminario, da escassez do refeitório, do mestre de canto-chão.

— Que sería feito do Rabicho? dizia o conego.

— E do Carocho? — Riam. — E o reitor sempre a fungar! E o porteiro com a sua mula!

E bebendo, dilatados na alegria das recordações, contavam as historias de então.

— Como o tempo passa, como o tempo passa! diziam.

Mas viera um prato covó com maçãs assadas.

— Viva! Não, lá n'isso tambem eu entro, exclamou o conego. A bella maçã assada! nunca me escapa! — Estava radioso, esfregava as mãos. — Grande dona de casa, meu amigo, dizia elle ao parócho, mostrando a S. Joanneira. Grande dona de casa!

Ella ria-se; viam-se os seus dois dentes de diante, grandes e chumbados. Tinha ido buscar colheres, uma garrafa de vinho do Porto. Poz no prato do conego, com requintes devotos, uma maçã toda desfeita, polvilhada de assucar, e batendo-lhe nas costas com a mão gordinha e macia:

— Isto é um santo, sr. parcho, isto é um santo! Ai! devo-lhe muitos favores!

— Deixe fallar, deixe fallar, dizia o conego; mas um grande contentamento clareava-lhe o aspecto.

— Boa gota, dizia elle, saboreando o seu calice de Porto. Boa gota!

— Olhe que ainda é dos annos da Amelia, sr. conego, disse a S. Joanneira.

— É verdade, onde está ella, a pequena?

— Foi ao *Morenal* com a D. Maria. Aquillo naturalmente foram para casa das Gansosos passar a noite.

— Olhe que cá esta senhora é proprietaria, explicava o conego fallando do *Morenal*. É um condado! — e ria com bonhomia, os seus olhos luzidios pousavam-se ternamente sobre a corpulencia da S. Joanneira.

— Ah, sr. parcho, dizia a S. Joanneira, deixe lá! É uma nesga de terra. — E fallava das difficuldades da cultura, da altura das decimas.

No entanto a criada, encostada á parede, esperava e ás vezes vinham-lhe afflicções de tosse.

— Vae, vae tossir lá para dentro, rapariga, disse a S. Joanneira.

A moça saíu, pondo o avental sobre a boca, toda suffocada.

— Parece doente, coitada, disse o parcho.

E a S. Joanneira contou que a *pobre de Christo* era sua afilhada, orphã, estava quasi tísica. Tinha-a tomado por piedade.

— E tambem porque a criada que cá tinha adoeceu.

Fallaram então de doenças, das sezões do campo, dos ares de Leiria.

— Eu agora, dizia o padre Amaro, louvado seja Nossô Senhor Jesus Christo, tenho saude, tenho! — e fazia um rosto agradecido.

— Ai, Nossô Senhor •lh'a conserve, que nem sabe o bem que é! exclamou a S. Joanneira. E então

contou a grande desgraça que tinha em casa — uma irmã meia idiota e entrevada havia dez annos; tinha quasi setenta annos. No inverno viera-lhe um catharro e desde então extinguiu-se.

— Ha bocado, ao fim da tarde, teye ella um ataque de tosse! Pensei que se ia embora. Agora descançou mais.

E fallava longamente d'aquella desgraça, sentada, com o gato no collo, rolando com os dois dedos, monotonamente, bolinhas de pão. O conego começava a bocejar um pouco; o candieiro esmorecia; sentia-se o alongamento da noite.

— Pois senhores, disse por fim o conego, isto são horas!

O padre Amaro ergueu-se e com os olhos baixos, as mãos postas, deu as *graças*.

— O sr. parochó quer lamparina? disse cuidadosamente a S. Joanneira.

— Não, minha senhora. E dando as boas noites, ia descer de vagar, palitando os dentes.

A S. Joanneira allumiava no patamar com o candieiro. Mas nos primeiros degraus o parochó parou, e com a voz affectuosa e grave disse:

— É verdade, minha senhora, amanhã é sexta-feira, é jejum.

— Não, não, disse o conego que punha nos hombros a sua comprida capa de lustrina, você amanhã janta comigo. Eu venho por cá, vamos ao chantre, á Sé, e por ahi. E olhe que tenho lulas. É um milagre, que isto aqui nunca ha peixe.

Mas a S. Joanneira tranquillizou o parochó.

— Ai, era escusado lembrar o jejum, senhor parochó, disse ella.

— Eu dizia, explicava o parochó, porque infelizmente, hoje em dia ninguem cumpre...

— Tem vossa senhoria muita rasão, atalhou ella. Mas eu! credo!... A salvação da minha alma antes de tudo!

Mas de repente a campainha retiniu fortemente.  
— Ha de ser a pequena, disse a S. Joanneira.  
Abre *Russa!*

A porta bateu, rijamente impellida, e sentiram-se vozes finas, pequenos risos.

— És tu, Amelia?

Uma voz disse *adeusinho! adeusinho!* e appareceu, subindo quasi a correr, com os vestidos um pouco apanhados adiante, uma rapariga forte e alta, com o peito bem feito, uma manta branca pela cabeça e na mão um ramo de alecrim.

— Sobe, filha. Aquí está o sr. parochto. Chegou agora á noitinha, sobe!

Amelia tinha parado um pouco embaraçada e olhava para os degraus de cima, onde o parochto tinha ficado encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido, toda corada; os seus olhos vivos e negros luziam, e vinha d'ella como uma sensação de frescura, de agilidade e de prados atravessados entre o aroma dos fenos.

O parochto desceu, cingido ao corrimão, para a deixar passar, dizendo *boas noites!* com a voz baixa, o olhar caído. O conego, que vinha atraz descendo pesadamente, tomou o meio da escada, diante de Amelia:

— Então isto são horas, sua brejeira!

Ella teve um risinho.

— Ora vá-se encommendar a Deus, vá! E bateu-lhe no rosto docemente com a sua mão grossa e polpuda.

Ella subiu a correr, e o conego embrulhou-se na capa e saíu, dizendo á criada que erguia o candieiro sobre a escada:

— Está bom, eu vejo, não apanhes frio, rapariga. Então ás oito, Amaro, esteja a pé. Vae-te, rapariga, adeus.

O parochto tinha fechado a porta do seu quarto; a roupa da cama estava entreaberta, fresca, fria, al-

va, com um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira estava dependurada a gravura antiga de um Christo crucificado, ao pé do leito havia um tapete desbotado. Amaro abriu o seu breviario, ajoelhou aos pés da cama e persignou-se; mas estava fatigado, espreguiçou-se, vinham-lhe grandes bocejos; e por cima, sobre o tecto, através das orações rituaes que machinalmente ia lendo, sentia o *tic-tic* das botinas de Amelia e o ruído de saias engomadas que se sacodiam ao despir.

## III

Amaro Vieira tinha nascido em Lisboa em casa da sr.<sup>a</sup> marquizeza de Alegros. Seu pae era criado do marquez, a mãe era criada de quarto, quasi uma filha da velhota marquizeza. Amaro possuia ainda um livro, o *Memmo das Selvas*, com ingenhos de-  
scrições e contos, que tinha escripto na primeira pa-  
gina branca: A minha muito estimada criada Joaquina  
Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido,  
marquizeza de Alegros. Tinha tambem uma miniatura de sua mãe, um pouco desbotada; mas riam-se as suas sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensivelmente fendida, uma côc trigueira e ardente. O pae de Amaro tinha atorrído de apoplexia, e a mãe, que fora sempre forte e sã, succumbiu d'ahi a um anno a uma usica inesperada. Amaro completava então seis annos; tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avô em Coimbra e um tio mercador abastado, no bairro da Estrella. A sr.<sup>a</sup> marquizeza tinha amizade a Amaro; conservou-o consigo, em sua casa, por uma adopção tacita, e começou com grandes escrupulos a vigiar a sua educação.

A sr.<sup>a</sup> marquizeza ficava viúva aos quarenta e

va, com um bom cheiro de linho lavado. Por cima da cabeceira estava dependurada a gravata antiga de um Christo crucificado, ao pé do leito havia um tapete desbotado. Amaro abriu o seu breviário, ajoelhou aos pés da cama e pediu-se; mas estava fatigado, esqueceu-se, vinham-lhe grandes bocejos; e por cima, sobre o tecto, através das orações ritmicas que machinalmente ia lendo, sentia o *Wie-tic* das botinas de Amélia e o ruído de saias engomadas que se sacodiam ao despir.

— Bem, bem, não tem mais nada a fazer.

— Sobe, filha. Aqui está o sr. parochio. Chegou agora a noite, sabe?

Amélia tinha parado um pouco embaracada e olhava para os degraus de cima, onde o parochio tinha ficado encostado ao corrimão. Respirava fortemente de ter corrido toda a corada; os seus olhos vivos e negros luziam, e vinha-lhe como uma sensação de frescura, de salubridade e de prazeres atravessados entre o aroma dos fencos.

O parochio desceu, cingido ao edredão, para a deixar passar, dizendo *boas noites!* com a voz baixa, o olhar caído. O conego, que tinha atraz descendo pesadamente, tomou o meio da escada, diante de Amélia:

— Então isto são horas, sua brejeira!

Ella teve um risinho.

— Ora vá-se encomendar a Deus, vá! E' barto-lhe no rosto docemente com a sua mão grossa e polpuda.

Ella subiu a escada, e o conego embrulhou-se na capa e saiu, dizendo a criada que ergueu o candeeiro sobre a escada:

— Está bom, eu vejo, não apañhes frio; rapariga. Então as oito, Amaro, está a pé. Vae-te, rapariga, adeus.

O parochio tinha fechado a porta do seu quarto; a roupa da cama estava entreaberta, fresca, fria, al-

Amáro Vieira tinha nascido em Lisboa em casa da sr.<sup>a</sup> marquesa de Alegros. Seu pae era criado do marquez, a mãe era criada de quarto, quasi uma amiga da senhora marquesa. Amáro possuía ainda um livro, o *Menino das Selvas*, com ingenuos desenhos coloridos, que tinha escripto na primeira pagina branca: *A minha muito estimada criada Joanna Vieira e verdadeira amiga que sempre tem sido, — marquesa de Alegros.* Tinha tambem uma miniatura de sua mãe, um pouco desbotada; mas viam-se as suas sobrancelhas cerradas, a boca larga e sensualmente fendida, uma côr trigueira e ardente. O pae de Amáro tinha morrido de apoplexia, e a mãe, que fôra sempre forte e sã, succumbiu d'ahi a um anno a uma tísica inesperada. Amáro completava então seis annos; tinha uma irmã mais velha que desde pequena vivia com a avó em Coimbra e um tio, mercieiro abastado, no bairro da Estrella. A sr.<sup>a</sup> marquesa tinha amizade a Amáro; conservou-o consigo, em sua casa, por uma adopção tacita, e começou com grandes escrupulos a vigiar a sua educação.

A sr.<sup>a</sup> marquesa ficára viuva aos quarenta e

tres annos e passava a maior parte do anno um pouco isolada na sua quinta de Carcavellos. Era uma pessoa passiva, com uma bondade indolente, toda voltada para as largas sensibilidades da religião; tinha capella em casa, recebia os padres de S. Luiz, palpitava toda nos interesses da Igreja. Tinha duas filhas, que haviam sido educadas na devoção do Ceu e nas preocupações da Moda. Eram beatas e faziam o *chic*, fallavam com egual fervor da humildade christã e do ultimo figurino de Bruxellas. Um jornalista de então dissera d'ellas: — Pensam todos os dias na *toilette* com que hão de entrar no paraíso.

No isolamento de Carcavellos, n'aquella quinta de doces alamedas e arvores aristocraticas, onde os pavões gritavam, as duas meninas enfastiavam-se. A Religião e a Caridade eram então occupações avidamente aproveitadas: cosiam vestidos para os pobres da freguezia, bordavam frontaes para os altares da igreja. De maio a outubro estavam inteiramente absorvidas pelo trabalho de *salvar a sua alma* e faziam uma accumulacão piedosa de devoção para o inverno, como n'um celleiro pródigo. Liam então os livros beatos e doces. Como não tinham S. Carlos, as visitas e a Aline, recebiam os padres e cochichavam sobre a virtude dos santos. Deus era o seu luxo de verão.

O sr.<sup>a</sup> marquezia resolvêra desde logo fazer entrar Amaro na vida ecclesiastica; a sua timida figura amarellada e assustada pedia aquelle destino recolhido: era já todo affeioado ás coisas de capella, cheio do temor do inferno e dos quartos escuros, e o seu encanto era estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo fallar de padres, de santos e de festas de igreja. A senhora marquezia não o quiz mandar ao collegio: receiava a impiedade dos tempos, as camaradagens immoraes e as palavras impuras que se decoram. O cappellão da casa ensinava-lhe o latim e a filha mais

velha, a sr.<sup>a</sup> D. Joanna, dava-lhe lições de francez e de geographia.

Amaro não tinha as vivas, as ruidosas expansões das crianças: era, como diziam os criados, *um mosquinha morta*. Nunca brincava, nunca corria ao sol ou entre as salutares lufadas do vento. A tarde acompanhava a sr.<sup>a</sup> marquezia ás alamedas da quinta; ella ia pelo braço do padre Liset ou do respeitoso procurador Freitas; Amaro, ao lado, caminhava debilmente, quieto, encolhido, torcendo com as mãos humidas o forro das algibeiras.

Tinha-se tornado medroso e extremamente sensível. Dormia com lamparina ao pé de uma ama velha. As criadas feminisavam-n'ò; achavam-n'ò bonito, cobriam-n'ò de mimos, faziam-n'ò sentar no meio d'ellas, deviam-lhe beijos, faziam-lhe cocegas, e elle rolava por entre as saias, em contacto com os corpos, ganindo baixo, com gritinhos de contentamento; ás vezes, quando a sr.<sup>a</sup> marquezia saía, vestiam-n'ò de mulher, entre grandes risadas; elle abandonava-se com os seus modos indolentes e languidos, os olhos amortecidos e uma roseta de febre nas faces. As criadas, além d'isso, utilisavam-n'ò nas suas intrigas umas com as outras: era Amaro o que *fazia as queixas*. Tornou-se enredador, deploravelmente mentiroso.

Aos onze annos era um complemento do capellão; ajudava á missa e aos sabbados limpava a capella. Era o seu melhor dia; fechava-se por dentro como n'um dominio seu, collocava os santos em plena luz em cima de uma mesa, fallava-lhes, beijava-os com ternuras devotas e satisfacções gulosas, tirava a traça dos vestidos das santas, lustrava o sacrario, e cantarolando o Santissimo ia limpando com gesso e cré as auréolas dos Martyres.

No entanto crescia e o seu aspecto era sempre miudo e amarellado; nunca dava uma larga e saudavel risada e trazia sempre ás mãos nos bolços.

Estava constantemente mettido nos quartos das criadas, remechendo as gavetas, bolindo nas saias, cheirando os algodões postiços. Era extremamente preguiçoso e custava de manhã a arrancar-o a uma certa somnolencia doentia em que estava amollecido, todo embrulhado nos cobertores e abraçado ao travesseiro. Já era um pouco corcovado e os criados chamavam-lhe o *padreca*.

De repente, uma manhã, a sr.<sup>a</sup> marquezia morreu de uma apoplexia. Deixava no seu testamento um legado para que Amaro, o filho da sua criada Joanna, entrasse aos quinze annos no seminario e se ordenasse. O padre Liset ficava encarregado de realisar esta disposição piedosa. Amaro tinha então treze annos.

As filhas da sr.<sup>a</sup> marquezia deixaram logo Carcavellos e foram para Lisboa, para casa da sr.<sup>a</sup> D. Barbara de Noronha, sua tia paterna. Amaro foi mandado para casa do tio, o mercieiro da Estrella. O tio de Amaro era um homem grosso e estúpido, casado com a filha de um empregado publico, que o acceitára para sair da casa do pae, onde a vida era apertada, a mesa escassa e ella tinha de fazer as camas. Mas detestava o marido, envergonhava-se d'elle, das suas occupaões triviaes, das suas mãos grosseiras. O marido adorava-a como a coisa fina e superior da sua vida, o seu luxo; dava-lhe vestidos, chamava-lhe a *sua duqueza*. Amaro não encontrou alli o elemento feminino e carinhoso em que estivera tepidamente envolvido em Carcavellos. A tia quasi não reparava n'elle; passava os seus dias lendo romances e as analyses dos theatros nos jornaes, vestida de seda, coberta de pó de arroz, o cabello em cachos. O mercieiro apropriára-se então de Amaro como de uma utilidade imprevista. Tinha só um caixeiro e

mandou Amaro para o balcão. Fazia-o erguer logo ás cinco horas da manhã; o rapaz tremia na sua jaqueta de panno azul, molhando á pressa o pão na chavena de café, ao canto da mesa da cozinha. Quasi o detestavam; a tia chamava-lhe o *cebola* e o tio chamava-lhe o *burro*. Deixavam-n'o andar com a mesma camisa quinze dias. Amaro emmagrecia e todas as noites chorava.

Sabia que aos quinze annos devia entrar no seminario; o tio todos os dias lh'o lembrava:

— Não penses que ficas aqui toda a vida na vadiagem, burro. Em tendo quinze annos, é para o seminario. Não tenho obrigação de carregar contigo! Bestas na argola não está nos meus principios!

E desejava o seminario e a vida ecclesiastica, como um libertamento e um repouso. De resto, habituára-se á idéa de ser padre.

Nunca ninguem consultára as suas tendencias, os impulsos do seu temperamento. Impunham-lhe uma sobrepeliz, e a sua natureza passiva, facilmente dominavel e flexivel, accetava-a indifferentemente, como accetaria uma farda. Além d'isso, não podia ser senão padre! O legado da sr.<sup>a</sup> marquezia, que era todo o seu meio de educação, determinava forçosamente aquelle destino. Amaro não tinha uma idéa nitida do que era *ser padre*. Não tinha nenhuns impulsos religiosos. Desde que saíra das resas perpetuas de Carcavéllos tomára os habitos dos tios. Os tios nunca iam á igreja. Mas quando pensava que seria padre lembravam-lhe aquelles que tantas vezes víra em casa da sr.<sup>a</sup> marquezia; eram pessoas brancas e bem tratadas, que comiam ao lado das fidalgas em porcellana, tomavam rapé em caixas de oiro e diziam docuras: e o estado de padre convinha-lhe então como uma profissão em que se dizem bonitas missas, se comem doces finos, se falla baixo com as mulheres, — vivendo entre ellas, cochichando, sentindo-lhes o calor penetrante, — e se

recebem presentes em bandejas de prata. Lembra-va-lhe o padre Liset com um anel de rubi no dedo minimo; monsenhor Savedra com os seus bellos oculos de ouro, bebendo aos golos o seu copo de Madeira. As filhas da sr.<sup>a</sup> marquezia bordavam-lhes chinelas. Um dia tinha visto um Bispo que fôra padre na Bahia, viajára, estivera em Roma, era todo jovial; e na sala, com as suas pallidas mãos unidas e cheirando a agua de Colonia apoiadas ao castão de ouro da bengala, todo rodeado de senhoras em extasi e cheias de um riso beato, cantava, para as entreter, com a sua bella voz :

Mulatinha da Bahia,

Nascida no Capujá....

Um anno antes de entrar para o seminario, o tio fel-o ir a um mestre para se affirmar mais no latim. Foi um anno mais repoisado. O tio dispensava-o de estar ao balcão, vendendo. E pela primeira vez na sua existencia tinha uma certa liberdade de vida. Ia só á escola e tinha lá amigos com quem passeiava na rua. Tinha visto a cidade, as carruagens, as mulheres balancando a cauda das saias, tinha ido vêr o exercicio de infantaria, tinha espreitado ás portas dos cafés, tinha lido os cartazes dos theatros. Sobre tudo começára a reparar profundamente nas mulheres — e vinham-lhe de tudo o que via grandes melancolias. A sua hora triste era ao anoitecer, quando voltava da escola, ou aos domingos depois de ter ido passeiar com o caixeiro ao jardim da Estrella. O seu quarto ficava em cima, na trapeira; uma janelinha abria n'um vão sobre os telhados. Encostava-se allí olhando. Anoitecia, e d'allí via parte da cidade baixa, que a pouco e pouco se allumiava de pontos de gaz: parecia-lhe perceber, vindo de lá, um largo rumor indefinido: era a vida que não conhecia e que julgava radiosa, com cafés abraçados

de luz e mulheres que arrastam um rumor de sedas pelos peristyllos dos theatros; perdia-se em imaginações insondaveis, em cujo vago se moviam, em attitudes vagarosas, fôrmas, peitos mimosos, braços brancos. Mas em baixo, na cozinha, a criada começava a lavar a loiça, cantando; era uma rapariga grossa, de encontros fortes e robusta. Amaro gostava de entrar na cozinha, de a chamar, de a ver andar; então sentia certas impressões, certos desejos; lembravam-lhe outras mulheres que vira nas viellas, com saias engommadas e ruidosas, passeiando na rua, em cabello, com botinas cambadas; e vinham-lhe da profundidade do seu temperamento fadigas, preguiças e como que a vontade de abraçar alguém, de não se sentir só. A melancolia do seu quarto amargurava-o. Espreguiçava-se, julgava-se infeliz e pensava em matar-se. Mas o tio chamava-o de baixo:

— Então tu não estudas, mariola?

E d'ahi a pouco, sobre o *Tito-Livio*, cabeceando de somno, sentindo-se desgracado, bocejando, roçando os joelhos um contra o outro, torturava o dictionario. Por esse tempo tambem, começava a sentir um certo afastamento pela vida de padre, *porque não poderia casar*. Já então as convivencias da eschola tinham introduzido na sua natureza inferior e effeminada curiosidades e corrupções. As escondidas fumava cigarros: emmagrecia e estava mais amarello.

Entrou no seminario. Nos primeiros dias os longos corredores de pedra um pouco humidos, as lampadas funebres, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silencio regulamentado, o toque dos sinos, o abatimento passivo das physionomias — deram-lhe uma tristeza, uma magua insondavel. Mas

creou logo amizades. O seu rosto pallido, bonito e fraco, agradou. Começaram a fallar-lhe, a tratá-lo por *tu*; informaram-n'o dos habitos do seminario e das intrigas, contaram-lhe as historias maliciosas dos mestres. Sobre tudo descreveram-lhe os tedios dos estudos e as melancolias da clausura: porque quasi todos fallavam com grande saudade das existencias livres de que saíam: alguns rapazes eram da aldeia e não lhes podiam esquecer as claras eiras batidas do sol, as esfolhadas cheias de cantigas e de abraços, as filas da boiada que recolhe, enquanto um vapor se exhala dos prados; outros vinham das pequenas villas e lamentavam as ruas tortuosas e tranquillias d'onde se namoram as visinhas, os alegres dias de mercado, as grandes aventuras do tempo em que se estuda o latim. O que mais affligia aquellas naturas era a falta dos campos, das ruas: não lhes bastava o pateo do recreio lageado, com as suas arvores definhadas, os seus altos muros escuros e somnolentos, os austeros regentes vigiando; parecia-lhes ainda mais triste do que o silencio da livraria e o seu cheiro de bolor. Abafavam na estreiteza dos corredores, invejavam todos os destinos ainda os mais humildes: o almocreve que viam passar na estrada tocando os seus machos; o carreiro que ia cantarelhando ao aspero chiar das rodas; e até os mendigos errantes, apoiados ao seu cajado, com o seu alforge escuro.

De uma das janellas de um corredor via-se uma volta de estrada: á tardinha uma diligencia costumava passar, levantando a poeira, e entre os estalidos do chicote ia rolando, ao trote das tres eguas, carregada de bagagens; passageiros alegres que levavam os joelhos bem embrulhados, sopravam o fumo dos charutos, e iam assim felizes, livres, para as cidades e para as alegres villas, viajando pela frescura das madrugadas ou sob a claridade das estrellas! Quantos olhares os seguiam!

E, no refeitório, diante do escasso caldo de hortaliça, quantas saudades dos jantares de família! As boas postas de peixe! E o tempo da matança! Os rijões quentes que chiam no prato! Os sarrubulhos cheirosos!

Amaro não deixava coisas queridas: vinha da dureza hostil do tio, da fria loja lageada, do rosto enfastiado da tia coberto de pó de arroz; mas insensivelmente poz-se a ter saudades dos seus passeios aos domingos, do rumor das carruagens, da clari- dade do gaz e das voltas da escóla, com os livros n'uma correia, quando parava encostado á vitrina das lojas, a admirar a núdez das bonecas!

— Tudo acabou, pensava elle, tudo acabou!

Lentamente, porém, com a sua natureza incara- cterística foi-se amoldando ás lentas melancolias d'a- quella existencia. Começou a estudar com uma re- gularidade trivial, a ter uma seriedade prudente nos serviços ecclesiasticos; a regra seminarista ia-o do- brando e vincando como uma folha de papel inerte: era regular, banal e molle — e começou a ter boas notas.

Todavia nunca pensava no seu destino futuro: a vida, depois do seminario, apparecia-lhe como um vasto espaço vasio — alguma coisa de semelhante áquelles ceus baços e cobertos, dos dias de nevoa, que não revelam nada, que não promettem nada! As vezes, na intimidade dos quartos, cada um mos- trava a sua ambição, o seu desejo: uns queriam ser caudatarios de um bispo, e nas altas salas dos paços episcopaes erguer os reposteiros de velho damasco; outros desejavam viver nas cidades depois de orde- nados, servir uma igreja aristocratica, e, diante das devotas ricas que se accumulam no *fru-fru* das sedas sobre o tapete do altar-mór, cantar com voz sono- ra; alguns queriam apenas uma parochia na aldeia, uma mesa farta e uma criada gorda. Muitos sonha- vam destinos fóra da igreja: queriam ser militares

e arrastar nas ruas lageadas o *tin-tin* de um sabre; queriam a farta vida da lavoira, e desde a madrugada, com um chapéu desabado e bem montados, trotar pelos caminhos, dar ordens nas largas eiras cheias de medas, aprear ás portas das adegas! E todos, ou desejando o sacerdocio ou preferindo os destinos seculares, queriam deixar a estreiteza do seminário para comer bem, ganhar dinheiro, conhecer as mulheres.

Amaro não desejava nada:  
— Eu nem sei, dizia elle melancolicamente.

No entretanto aquellas conversas perturbavam-n'o, porque alguns mais nervosos quando fallavam muito tempo nas alegrias da vida livre exaltavam-se: um sobre tudo, a quem chamavam Frei Sargento; era um mocetão sanguineo e fazia de Amaro seu confidente: tinha uma natureza forte, indomada, pesada de sangue, tremula de appetites. A sua idéa era fugir. Fazia planos, calculava a altura das janelas, anteavia as peripecias da aventura: seria de noite, tomariam os negros caminhos apertados entre silvados, entrariam nas cidades. Que pandiga! iriam logo beber, jogar o bilhar, bater ao negro ferrolho das mulheres que abrem! Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvia-se sem dormir, e todo agitado d'aquellas conversações espreguiçava-se e persignava-se.

Tinha então vinte annos. Na sua cella havia uma imagem da Virgem, coroada de estrellas, poisada sobre a esphera, com o olhar errante pela luz immortal, calcando aos pés a serpente. Amaro voltava-se para ella como para um refugio, resava a Salvè-Rainha: mas as palavras amorosas da oração inflammavam-n'o mais; já não via a Deusa, via a doce judia loira; amava-a, suspirava, estirava os braços n'um amollecimento expirante.

Quantas vezes ouvira, nas prédicas do domingo, o mestre de historia sagrada fallar, com a sua voz

roufenha, do Peccado, comparal-o á serpente e com palavras unctuosas e gestos arqueados, deixando cair vagarosamente a pompa meliflua dos seus periodos, aconselhar os seminaristas a que, imitando a Virgem, calcassem aos pés a *serpente ominosa!* Quantas vezes o seu mestre de theologia mistica fallava, sorvendo o seu rapé, no dever de *vencer a Natureza!* E citando S. João de Damasco e S. Crisologo, S. Cypriano e S. Jeronymo, explicava os anathemas dos santos contra a Mulher, a quem chamava, segundo as expressões misticas, Serpente, Dardo, Filha da mentira, Porta do inferno, Cabeça do crime, Escorpião...

— E como disse o nosso padre S. Jeronymo — e assoava-se estrondosamente — Caminho de iniquidades, *iniquitalis via!*

Era então que Amaro mais pensava na Mulher! Que Ser era esse, pois, que através de toda a theologia ora era collocada sobre o altar como a Rainha da Graça, ora amaldiçoada com apostrophes barbaras? Que poder era então o seu, que a tragica legião dos santos ora se arremessa ao seu encontro, n'uma paixão extatica, dando-lhe n'uma aclamação o profundo reino dos ceus, — ora vae fugindo diante d'ella como do Universal Inimigo, com soluços de terror e com gritos de odio, e escondendo-se, para a não ver, nas thebaidas, nos claustros e nos sepulchros, vae alli morrendo do mal de a ter amado? Amaro sentia, sem as definir, estas perturbações e julgava-se desgraçado e maldito.

Debalde o seminario pesava sobre elle: a natureza estalava, reaparecia por todas as fórmãs: os estudos, as regras, os jejuns, as penitencias podiam domar o corpo, dar-lhe habitos machinaes, regral-o; mas dentro os desejos luziam silenciosamente como brazas.

Os que mais soffriam eram os sanguineos, tão doloridamente apertados na regra como os seus gros-

soz pulsos plebeus estavam apertados nos punhos das camisas. Assim, quando estavam sós, o temperamento irrompia: luctavam, faziam forças, provocavam desordens. Nos lymphaticos a natureza comprimida produzia as grandes tristezas, os silencias estupidos; as mollezas apathicas. O regimen severo fazia amar os pequenos vícios: jogar com um velho baralho, ler um romance, obter de intrigas demoradas um masso de cigarros — quantos encantos do peccado!

Amaro quasi invejava os estudiosos, os exemplares: ao menos esses estavam contentes, estudavam perpetuamente, tomavam notas no silencio da alta livraria, eram respeitados, usavam oculos, tomavam rapé. Elle mesmo tinha ás vezes ambições repentinas de sciencia; mas diante dos vastos *in-folios* escuros vinham-lhe desfallecimentos e um tedio insuperavel. Era no entanto devoto: resava, tinha fé illimitada em certos santos, um terror angustioso de Deus. Mas começava a odiar o seminario! As phisionomias dos padres, as batinas sujas desolavam-n'o; não podia soffrer as comidas monotonas do longo refeitório lageado; os cheiros dos corredores causavam-lhe enjões; tinha palpitações, uma grande excitação nervosa e desejava morrer!

Mas o tempo passou. Amaro ordenou-se pelas temporas de S. Matheus e pouco tempo depois recebeu, ainda no seminario, esta carta do sr. padre Liset;

«Meu querido filho e novo collega. — Agora que está ordenado, entendo em minha consciencia que devo dar-lhe conta do estado dos seus negocios, pois quero cumprir até ao fim o encargo com que carregou os meus hombros debeis a nossa chorada mar-

queza, attribuindo-me a honra de administrar o legado que lhe deixou. Porque, ainda que os bens mundanos pouco devam importar a uma alma votada ao sacerdocio, são sempre as boas contas que fazem os bons amigos. Saberá, pois, meu querido filho que o legado da querida marquiza — para quem deve erguer em sua alma uma gratidão eterna — está inteiramente exausto. Aproveito esta occasião para lhe dizer que depois da morte de seu tio, sua tia, tendo liquidado o estabelecimento, se entregou a um caminho que o respeito me impede de qualificar: caiu sob o imperio das paixões e tendo-se ligado illicitamente, viu os seus bens perdidos juntamente com a sua pureza, e hoje estabeleceu uma casa de hospedes na rua dos Calafates, n.º 53. Se toco n'estas impurezas, tão improprias de que um tenro levita, como o meu querido filho, tenha d'ellas conhecimento, é porque lhe quero dar cabal relação da sua respeitavel familia. Sua irmã, como de certo sabe, casou rica em Coimbra, e ainda que no casamento não é o oiro que devemos apreciar, é todavia importante, para futuras circumstancias, que o meu querido filho esteja de posse d'este facto. Do que me escreveu o nosso querido reitor a respeito de o mandarmos para a freguezia de Feirão, na Gralheira, vou fallar com algumas pessoas importantes que tem a extrema bondade de attender um pobre padre que só pede a Deus misericordia. Espero, todavia, conseguir. Perverve, meu querido filho, nos caminhos da virtude, de que sei que a sua boa alma está repleta, e creia que se encontra a felicidade n'este nosso santo ministerio quando sabemos comprehender quantos são os balsamos que derrama no peito e quantos os refrigerios que dá — o serviço de Deus! Adeus meu querido filho e novo collega. Creia que sempre o meu pensamento estará com o pupillo da nossa chorada marquiza, que de certo do ceu, onde a elevaram as suas virtudes, supplica á

Virgem, que ella tanto serviu e amou, a felicidade do seu caro pupillo.» — *Liset.*

«P. S. — O appellido do marido de sua irmã é Trigoso.» — *Liset.*

Dois mezes depois Amaro foi nomeado e confirmado parochio de Feirão, na Gralheira, serra da Beira-Alta. Esteve alli desde outubro até abril do outro anno.

Feirão é uma parochia pobre de pastores e n'aquella epocha quasi deshabitada. De modo que Amaro passou aquelle tempo inutilisado, quasi ocioso, ruminando o seu tedio á lareira, ouvindo fóra o inverno bramir e roncar na serra. Pela primavera vagaram nos districtos de Santarem e de Leiria parochias populosas, com boas congruas. Amaro escreveu á irmã, contando a sua pobreza em Feirão, e ella mandou-lhe, com recommendações de economia, doze moedas para vir a Lisboa requerer. Amaro saíu immediatamente de Feirão. Os ares lavados e vivos, as influencias da serra tinham-lhe fortificado o sangue; voltava mais robusto, direito, sympathico, sem a antiga pallidez doentia.

Logo que chegou a Lisboa foi á rua dos Calafates, n.º 53, a casa da tia: achou-a velha, com um vestido escoado, a cuia pendente, a pelle engilhada coberta de pó de arroz. Tinha-se dado á devoção, frequentava as egrejas, e foi com uma alegria piedosa que abriu seus magros braços a Amaro.

— Como estás bonito, dizia ella. Ora não há! Quem te viu! Ih! Jesus! Que mudança!

Admirava-lhe a batina, a coroa aberta, a postura ecclesiastica. E contando-lhe as suas desgraças, lamentando-se, com exclamações sobre a salvação da sua alma e sobre a carestia dos generos, foi-o levando para o terceiro andar, a um quarto que dava para o saguão.

— Ficas aqui como um abbade, disse-lhe ella.

Amaro procurou logo ao outro dia o padre Li-

set em S. Luiz: era o seu protector natural. Mas o padre Liset tinha ido para França. Lembrou-se então da filha mais nova da sr.<sup>a</sup> marquiza de Alegros, a sr.<sup>a</sup> D. Joanna, que estava casada com o conde de Ribamar, conselheiro de estado, com uma larga influencia; fôra um regenerador fiel desde 51; não tinha accettato, na ultima organização, o ministerio do reino, mas a sua auctoridade politica dominava.

E por conselho da tia, Amaro, logo que metteu o seu requerimento, foi n'uma manhã a casa da sr.<sup>a</sup> condessa de Ribamar, a Buenos-Ayres. A porta um *coupé* esperava.

— A sr.<sup>a</sup> condessa vae sair, disse um criado de gravata branca e quinzena de alpaca que estava á entrada do pateo, com um cesto na mão e de cigarro na boca.

N'este momento, de uma porta de batentes de baeta verde que havia sobre um degrau de pedra ao fundo do pateo lageado, uma senhora saía, vestida de claro. Era alta e magra, loira, com pequeninos cabellos frisados sobre a testa, o rosto sêcco, o nariz comprido e agudo com lunetas de oiro, e no queixo um signalsinho de cabellos claros.

— A sr.<sup>a</sup> condessa já me não conhece? disse Amaro com o chapéu na mão, adiantando-se todo curvado. E depois de um silencio: — sou o Amaro.

— O Amaro? disse ella, como estranha ao nome. Ah! bom Jesus, quem elle é! Ora não ha! Está um homem. Quem diria! Ha que tempos...

Amaro sorria-se.

— Quem havia de esperar! continuou ella admirada. E está agora em Lisboa?

Amaro contou a sua nomeação para Feirão, a pobreza da parochia...

— De maneira que vim aqui requerer, disse elle.

Ella escutava-o com as mãos apoiadas n'uma alta umbrella de seda clara, e Amaro sentia vir d'aquella

loira e magra pessoa um perfume de pó de arroz com uma frescura de seda e de cambraiás.

— Pois deixe estar, disse ella, fique descansado. Meu marido ha de fallar. Eu me encarrego d'isso. Olhe, venha por cá. — E com o dedo sobre o canto da boca: — Espere, amanhã vou para Cintra. Domingo, não. O melhor é d'aqui a quinze dias, d'aqui a quinze dias pela manhã. Sou certa. — E rindo com os seus largos dentes frescos: — Parece que o estou a ver traduzir Chateaubriand com a mana Luiza. Como o tempo passa!

— Passa bem a sr.<sup>a</sup> sua mana? perguntou Amaro.

— Sim, bem. Está n'uma quinta em Santarem.

Deu-lhe a mão, calçada de *peau de suède*, com um aperto sacudido que fez tilintar os seus braceletes de ouro, e Amaro viu-a saltar para o *coupé*, magra e ligeira, com um movimento que levantou brancuras de saias.

Amaro começou então a esperar. Era em julho, no pleno calor. Amaro dizia missa pela manhã em S. Domingos, e durante o dia, de chinellos e casaço de ganga, arrastava a sua ociosidade pela casa. As vezes ia conversar com a tia para a sala de jantar; as janellas estavam cerradas, na penumbra zumbia o monotono borbório das moscas; a tia a um canto do velho canapé de palhinha fazia *crochet*, com a luneta encavallada na ponta do nariz; Amaro bocejando folheava um antigo volume do *Panorama*. A noitinha saía, dava duas voltas no Rocio: as noites estavam abafadas, o ar pesado e immovel: a todos os cantos se apregoava monotonamente *agua fresca!* Pelos bancos, debaixo das arvores, vadios remendados dormitavam; em redor da praça, sem cessar, caleches de aluguel vasia rodavam vagarosamente; as claridades dos cafés reluziam; e gente encalmada, sem destino, arrastava vagamente a sua preguiça pelos passeios das ruas.

Amaro então recolhia, e no seu quarto, com a

janella aberta ao calor da noite, estatelado em cima da cama, em mangas de camisa, sem botas, fumava cigarros, ruminava as suas esperanças. A cada momento lhe acudiam, como rebates de alegria, as palavras da sr.<sup>a</sup> condessa: *fique descansado, meu marido ha de fallar!* E via-se já parochó n'uma bonita villa, na sua casa bem caiada, com um quintal cheio de couves e de saladas frescas, tranquillo e importante, recebendo bandejas de doce das devotas ricas. Estava então n'um estado de espirito repoiçado, feliz, com a sensibilidade adormecida. Tratava apenas de ser um *bom padre*, mas sem fervores, sem mysticismo. Pagava pontualmente ao ceu as orações obrigatorias que a disciplina manda. De resto, o seu unico fim era estabelecer-se bem e conchegar-se tepidamente n'um destino seguro.— Depois veremos, pensava elle.

No fim de quinze dias voltou a casa da sr.<sup>a</sup> condessa.

— Não está, disse-lhe um criado da cavallariça.

No outro dia voltou com uma certa palpitação de susto e de embaraço: viu o pateo deserto. Mas os bateses verdes estavam abertos e Amaro subiu de vagar, pisando um pouco tremulo um largo tapete vermelho, fixado com varões de metal. De uma alta clara-boia caía uma luz suave, e ao cimo da escada, no largo patamar, sentado n'uma banquetta de marroquim escarlata, um criado todo encostado á parede branca envernizada, com a cabeça pendente e o beicho descaído, dormia. Fazia um grande calor e aquelle alto silencio aristocratico aterrava Amaro. Esteve um momento com o seu guarda-sol pendente do dedo minimo hesitando, tossiu de vagarinho, esteve para descer; mas o seu interesse retnha-o. Quiz acordar o criado que dormia, espapado na sua preguiça, e que lhe parecia terrivel com a sua suissa preta e um grilhão de oiro. Mas então ouviu por detrás de um reposteiro o riso cascalhado de um

homem. Sacudiu com o lenço, devagar, o pó esbranquiçado dos sapatos, puxou os punhos e entrou resolutamente. Era uma larga sala com estofos de damasco amarello. Vinha uma grande luz das varandas abertas e viam-se os arvoredos de um jardim n'uma luz clara e fresca. No meio da sala tres homens de pé conversavam. Amaro adiantou-se um pouco curvado.

— Não sei se incommodo, disse elle.

Um homem alto voltou-se, com o charuto um pouco erguido sob o seu bigode grisalho, óculos de oiro e as mãos nos bolsos. Era o sr. conde.

— Sou o Amaro.

— Ah, disse o conde, o sr. padre Amaro. Conheço muito bem. Tem a bõdade. Minha mulher fallou-me. Tem a bõdade...

E dirigindo-se a um homem baixo, roliço, quasi calvo, com bigode e uma perã aguçada, uma calças brancas muito curtas:

— É a pessoa de quem lhe fallei. — E voltando-se para Amaro: — É o sr. ministro.

Amaro, todo embaraçado, curvou-se.

— O sr. padre Amaro, disse o conde de Ribamar, foi criado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

— Saiba o sr. conde que sim, disse Amaro, que ficára um pouco afastado, com o guarda-sol na mão.

— Minha sogra — já não ha d'isso! — fel-o padre. Houve até um legado, creio eu... Em fim aqui o temos parochio... Onde é, sr. padre Amaro?

— Feirão, excellentissimo senhor.

— Feirão?!... disse o ministro, estranhando o nome.

— Na serra da Gralheira, disse o outro homem que alli estava — que era um sujeito magro, entalado n'uma sobrecasaca esguia, com espessas suissas negras e os cabellos lustrosos de oleo apertados n'uma

risca até ao cachaço, e chamados á frente sobre as fontes em duas grossas marrafas.

— Em fim, resumiu o conde, um horror! Na serra, pobre, sem distracções, com um clima horrível...

— Bem, bem. Veremos, disse o ministro.

— Eu metti já requerimento, excellentissimo senhor, arriscou Amaro timidamente.

— Bem, bem, affirmou o ministro. Ha de arranjar-se. — E mascava o seu charuto.

— É uma justiça, disse o conde. Mais, é uma necessidade. Os homens novos, activos, devem estar nas parochias difficeis, nas cidades... É claro. Mas não: olhe, lá ao pé da minha quinta, em Alcôbaça, ha um velho, um gottoso, um padre-mestre antigo, um imbecil... Assim perde-se a fé.

— É verdade, disse o ministro, mas essas collocações nas boas parochias devem naturalmente ser recompensas de bons serviços. É necessario o estímulo.

— Perfeitamente, replicou o conde; mas serviços religiosos, professionaes, serviços á egreja, não serviços aos governos.

O homem das marrafas espessas teve um gesto contradictivo.

— Não acha? disse-lhe o conde.

— Respeito muito a opinião de vossa excellencia, mas se me permite... sim, digo eu, os parochos na cidade são-nos de um grande serviço nas crises electoraes. De um grande serviço!

— Pois sim. Mas...

— Olhe vossa excellencia, continuou elle com grandes gestos, soffrego da palavra. Olhe vossa excellencia em Thomar. Por que perdemos? Pela attitude dos parochos. Nada mais.

O conde acudiu:

— Mas perdão, não deve ser assim; a religião, o clero não é gente eleitoral.

— Perdão... queria interromper o homem das marrafas espessas.

O conde suspendeu-o, com um gesto firme, e gravemente, com palavras pausadas, cheias da autoridade de um vasto entendimento;

— A religião, disse elle, pôde, deve mesmo auxiliar os governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio.

— Isso, isso, murmurou arrastadamente o ministro, cospindo as pelliculas mascadas da folha do charuto.

— Mas descer ás intrigas, continuou o conde de vagar, aos *embroglios*. . . perdoe-me meu caro amigo, mas não é de um christão.

— Pois sou-o, sr. conde, disse gravemente o homem das marrafas espessas. Sou-o a valer! Mas também sou liberal. E entendo que no governo representativo. . . sim digo eu. . . com as garantias mais solidas. . .

— Olhe, disse o conde, sabe o que isso faz? desacredita o clero e desacredita a politica.

— Mas são ou não as maiorias um principio *sagrado*? gritava rubro o das marrafas espessas, accentuando o adjectivo.

— São um principio *respeitavel*.

— Upa! upa! excellentissimo senhor, upa!

O padre Amaro estava immovel, escutando.

— Minha mulher há de querer vel-o, disse-lhe então o conde. E dirigindo-se a um reposteiro que levantou:— Entre. É o sr. padre Amaro, Joanna.

Amaro entrou com o seu guarda-sol na mão. Era uma sala pequena, forrada de papel branco assetinado, com os moveis estofados de uma casemira clara. Nos vãos das janellas, entre as cortinas de pregas largas, apanhadas quasi junto do chão por fachas de seda branca, cujas pontas franjadas recaiam no tapete, arbustos delgados, sem flor, erguiam debilmente a sua folhagem fina. Uma meia luz fresca amaciava os aspectos. E nas costas de uma cadeira uma arara empoleirada, firme n'um só pé negro e

engilhado, coçava vagarosamente, com contracções aduncas, a sua cabeça verde. Amaro viu ao fundo a condessa sentada com abandono ao canto de um sophá; os cabellinhos loiros e frisados enchião-lhe vaporosamente a testa e os aros de oiro da sua luneta reluziam. Um rapaz gordo, de face vermelha e rochunchuda, sentado diante d'ella n'uma cadeira baixa, fallava-lhe, curvado, com os cotovellos sobre os joelhos abertos, fazendo balançar entre elles, como um pendulo, uma luneta de tartaruga. A condessa escutava-o rindo, e com a sua mão sêcca e fina, cheia de veias, acamava o pello de uma cadellinha felpuda, ennovellada e branca como algodão.

— Como está, sr. Amaro? — A cadella rosnou. — Quieta, *Joia*. Sabe que já fallei no seu negocio. Quieta, *Joia*. — O ministro está alli.

— Sim, minha senhora, disse Amaro, de pé.

— Sente-se aqui, sr. padre Amaro.

Amaro foi sentar-se e reparou então n'uma senhora alta que estava de pé, junto do piano, fallando com um rapaz loiro, que ficára sentado no mocho de casemira branca e ainda machinalmente arrastava os dedos no teclado de marfim.

— Então que tem feito, sr. Amaro? disse a condessa; diga-me uma coisa: sua irmã?

— Está em Coimbra, casou.

— Ah! disse a condessa, fazendo girar os seus anneis.

Houve um silencio. Amaro, com o guarda-sol entre os joelhos, tinha os olhos baixos e passava com um gesto embaraçado e errante os dedos pelos beiços.

— O sr. padre Liset está para fóra? disse elle em fim.

— Está em Nantes. Tinha uma irmã a morrer, disse a condessa. — Está o mesmo sempre: muito amavel, muito doce: é a alma mais virtuosa!

— Eu prefiro o padre Felix, disse o rapaz rochunchudo com auctoridade, estirando as pernas.

— Não diga isso, primo! Jesus, brada aos céus! Pois então, o padre Liset, tão respeitavel!... E depois outras maneiras de dizer as coisa, com uma bondade... Vê-se qu' é um coração delicado... E aquelle acéo, umas mãos tão brancas...

— Pois sim, mas o padre Felix, quiz dizer o rapaz rochunchudo, fincando a luneta.

— Ai, nem diga isso! Que o padre Felix é uma pessoa de muita virtude, de certo; mas o padre Liset tem uma religião mais... — E com um gesto delicado procurava a palavra: — mais fina, mais distincta, mais... em fim, vive com outra gente. — E voltando-se para Amaro: — Pois não acha?

Amaro não conhecia o padre Felix e não se recordava do padre Liset.

— Já é velho o sr. padre Liset, disse elle ao acaso.

— Crê? disse a condessa. Mas muito bem conservado! Uns cabellos brancos muito bem tratados. Ai, é outra coisa! — E voltando-se para a senhora que estava junto do piano: — Pois não achas, Thereza?

— Já vae, respondeu Thereza, toda absorvida.

Amaro reparou então n'ella. Era alta e, de perfil, a linha do rosto, da garganta, do seio e do vestido era magnifica; os cabellos pretos um pouco ondedos destacavam sobre a pallidez do rosto aquilino, que tinha um desenho um pouco Borbonico e se assimilava ao perfil dominador que tem, nas gravuras antigas, o rosto de Marie Antoniette. O vestido de seda preta tinha as mangas curtas e um decote quadrado; e o collo, os braços estavam cobertos por uma gaze transparente e negra, que faziam apparecer através a brancura da carne voluptuosa, com a linha firme dos marmores antigos e os tons macios do leite.

Fallava de vagar, baixó, sorrindo, n'uma lingua aspera que Amaro não comprehendia, cerrando e

abrindo o seu leque preto — e o rapaz loiro que a escutava, sentado, com os olhos erguidos para ella, attento, risonho, dizia só de vez em quando:

— Yes, yes.

Era loiro, com o cabello apartado ao meio: no seu perfil direito, um pouco feminino mas serio, destacava um bigode loiro, fino e arqueado; tinha um alto collarinho branco quebrado; e uma gravata larga de setim escuro, onde reluzia uma ferradura de rubis, cobria-lhe o peito, dava gravidade á sua physionomia.

— Havia muita devoção na sua parochia, sr. Amaro? dizia no entanto a condessa.

— Muita, muito boa gente.

— É aonde ainda se encontra muita fé, é nas aldeias, acrescentou ella com um tom piedoso. — E lamentava a obrigação de viver na cidade, os captivos do luxo: desejava viver sempre na sua quinta de Carcavellos, resar na pequena capella antiga, conversar com as boas almas da aldeia — e a sua voz era terna e arrastada.

O rapaz rochunchudo ria-se:

— Ora prima! dizia elle, ora prima! — Por si preferia a tudo as ricas egrejas. Citava Paris, a Madeleine, Saint Roch. Não podia supportar uma festa religiosa sem boas vozes.

— Sempre é mais bonjito, disse Amaro.

— Está claro que é. É outra coisa! Tem *cachet*, affirmou o rapaz rochunchudo. — E expunha as suas opiniões sobre a musica religiosa.

— Oh, prima, lembra-se d'aquelle tenor... como se chamava elle? O Vidalti! lembra-se do Vidalti, na quinta-feira de Endoenças, nos Inglesinhos? O *tantum ergo*?

— Eu preferia-o no *Baile de mascarar*, disse a condessa.

— Olhe que não sei, prima, olhe que não sei.

No entanto o rapaz loiro erguera-se, e de pé, ai-

roso, com o seu olhar escuro e um pouco triste, uma grande nobreza de estatura, apparecia a Amaro como um typo superior e irresistivel. Veiu apertar a mão á condessa, todo curvado, com palavras risonhas, sorrindo, e quando elle safu Thereza, depois de se ter aproximado vagarosamente da janella e olhado para a rua — por entre as portas cerradas ao calor — com um longo olhar negro e vehemente que parecia seguir, veiu sentar-se n'um *cau-seuse* com um abandono que punha em relevo os contornos esculpturaes do seu corpo, dizendo preguiçosamente ao rapaz rochunchudo:

— Vamo-nos, João?

A condessa voltou-se para ella:

— Sabes que o sr. padre Amaro foi criado conmigo em Bemfica?

Amaro fez-se vermelho. Sentia que aquella magnifica pessoa vestida de preto, Thereza, poisava sobre elle os seus bellos olhos de um negro humido como o setim preto coberto de agua.

— Está na provincia agora? disse ella, bocejando um pouco.

— Sim, minha senhora, vim ha dias.

— Na aldeia? continuou ella, abrindo e cerrando vagarosamente o seu leque.

Amaro via pedras preciosas reluzirem nos seus dedos finos.

— Na serra, minha senhora, disse elle.

— Imagina tu, disse a condessa, é um horror, ha sempre neve; diz que a igreja não tem telhado. São tudo pastores. Uma desgraça! Eu pedi ao ministro a ver se o mudavamos. Pede-lhe tu tambem.

— O quê? disse Thereza.

E então a condessa contou que Amaro requerera, que havia boas parochias vagas, que ella se empenhava em o fazer nomear, e fallava de sua mãe, da amizade que ella tinha a Amaro.

— Morria-se por elle. — Amaro córou. — Ora um nome que ella lhe dava... Não se lembra?

— Não sei, minha senhora, disse Amaro surprehendido.

— Ora!... Ah! Frei *Maleitas!*... Tem graça! Como o sr. Amaro era assim amarello, sempre metido na capella...

Mas Thereza voltou-se para a condessa:

— Sabes com quem se parece este senhor?

A condessa affirmou-se e o rapaz rochunchado ficou mais a luneta.

— Não se parece com aquelle pianista do anno passado? continuou Thereza. Não me lembra agora o nome.

— Bem sei, o Jalette, disse a condessa. Um quasi nada. No cabelo, por exemplo, não.

— Está visto, disse Thereza, o outro não tinha coroa. — E ergueu-se.

Amaro ficou humilhado, rubro. Thereza tinha-se sentado ao piano.

— Sabe musica? disse ella, voltando-se para Amaro.

— A gente aprende no seminario, minha senhora.

Ella correu a mão pallida sobre o teclado sonoro e profundo, e tocou aquella phrase do *Rigoletto* que tem o desenho do *Minuete de Mozart*, — phrase que diz Francisco I, n'um compasso triste, despedindo-se, no sarau do 1.º acto, da sr.ª de Crecy, e cujo ritmo desolado tem a abandonada tristeza dos amores que findam e é cadente, expirante como brancos braços que se desençam nas despedidas supremas.

Amaro estava suspenso. Aquelles estofos claros, o piano apaixonado, os hombros de Thereza que elle via sob a negra transparencia da gaze firmes e pallidos, as suas grandes tranças que deviam ser ao contacto pesadas e doces, os tranquillos arvoredos do jardim, davam-lhe vagamente a idéa de uma existencia superior e encantada, passada entre alca-

tifas e espelhos, sob as murmuras das sombras dos parques, cheia das vehemencias do amor e das sensualidades da riqueza; sentia um contentamento indefinivel em estar alli, n'aquella sala branca; estava constrangido mas radioso. Encostado na elasticidade da *causeuse*, sentindo a musica chorar aristocraticamente, lembrava-lhe a sala de jantar da tia e o seu cheiro de refogado: e era como o mendigo que um dia prova um creme fino, e está assustado, demorando o seu prazer, todo perturbado do cheiro da baunilha — e pensando que vaé voltar á dureza das codeas sêccas e á poeira dos caminhos.

No entanto Thereza mudára bruscamente de melodia e tocava a antiga aria ingleza de Haydin, que diz tão finamente as melancolias da separação:

*The village seems dead and asleep*

*When Lubin is away...*

E a sua voz clara e rica tinha como um peso de lagrimas.

— Bravo! bravo! disse a ministro da justiça, afastando o reposteiro e apparecendo á porta com o seu chapéu na mão. Muito bem, muito bem, deliciosamente!

— Tenho um pedido a fazer-lhe, sr. Corrêa, disse Thereza, erguendo-se de repente e vindo sentar-se na *causeuse*. — Sente-se aqui.

O ministro veio com uma pressa galante.

— O que é, minha senhora? o que é?

O conde e o sujeito empertigado de marrafas espessas tinham entrado tambem.

— A Joanna e eu temos que lhe pedir, disse Thereza.

— Eu já pedi, já pedi mesmo duas vezes, disse a condessa.

— Mas, minhas senhoras, disse o ministro, amplamente sentado, com um riso contente: — É então

uma coisa grave? meu Deus! prometto, prometto solemnemente.

— Bem, disse Thereza, fazendo com a mão um gesto de pausa. Então qual é o melhor lugar vago?

— A melhor parochia, tonta! emendou rindo a condessa.

Ah! disse o ministro, comprehendendo e olhando para Amaro, que se fez todo vermelho.

— Qual é a melhor, sr. Corrêa? insistiu Thereza, batendo-lhe com o leque fechado no braço.

O homem das marrafas espessas, que estava de pé fazendo saltar circumspectamente os berloques, adiantou-se:

— Das vagas, minha senhora, é Leiria, capital do districto e séde do bispado.

— Leiria? disse Thereza. É onde ha umas ruinas?

— Um castello, minha senhora, edificado por D. Diniz, disse gravemente o homem das marrafas espessas.

Ah! disse a condessa, Leiria é excellente!

— Mas perdão, minha senhora, disse o ministro, Leiria, séde do bispado, uma cidade, este senhor é tão novo.

— Ora, sr. Corrêa, disse Thereza com um risinho sonoro e metallico, e o sr. não é novo?

O ministro sorriu radiosamente.

— Dize alguma coisa, tu, disse a condessa a seu marido.

— Parece-me inutil, disse elle, o pobre Corrêa está vencido. A prima Thereza chamou-lhe novo!

— Mas perdão, disse o ministro. Não me parece que seja uma lisonja excepcional; eu não sou tambem tão antigo.

— Oh! desgraçado, gritou o conde, lembra-te que já conspiravas em 1820.

— Era meu pae, calumniador, era meu pae! exclamou o ministro.

Riram-se todos.

— Sr. Corrêa, disse Thereza, eu por mim já digo ao sr. padre Amaro: é o paroco de Leiria!

— E eu, affirmou a condessa.

— Bem, bem, succumbo, dissê o ministro com gesto resignado. Mas é uma tyrannia!

— *Thank you*, fez Thereza, estendendo-lhe a mão.

— Mas, minha senhora, estou a estranhal-a, disse o ministro.

— Estou contente hoje, disse ella rindo. Mas a sua physionomia desmentiu-a, tornou-se seria, olhou um momento para o chão distrahida dando pequeninas pancadas no vestido de seda, levantou-se, foi sentar-se ao piano bruscamente; e na tristeza do teclado gemeu docemente a doce aria ingleza, que Thereza cantava baixo:

*The village seems dead and asleep*

*When Lubin is away*

Entretanto o conde tinha-sê aproximado de Amaro, que se erguera.

— É negocio feito, disse-lhe elle! D'aqui a uma semana está nomeado. Póde estar descansado.

Amaro fez uma cortezia e todo humilde foi dizer ao ministro que estava junto do piano:

— Sr. ministro, eu agradeço.

— A sr.<sup>a</sup> condessa, a sr.<sup>a</sup> condessa, disse o ministro sorrindo.

— Minha senhora, eu agradeço, veiu elle dizer á condessa, todo curvado.

Ai, agradeça a Thereza. Ella quer ganhar indulgencias, parece.

— Minha senhora, foi elle dizer a Thereza.

— Lembre-me nas suas orações, sr. padre Amaro, disse ella, e continuou, com a sua voz magoada, dizendo ao piano:

As tristezas da aldeia quando Lubin está ausente!

Amaro saiu e d'ahi a uma semana soube o seu despacho. Mas não tornára a esquecer aquella manhã em casa da sr.<sup>a</sup> condessa de Ribamar, aquella magnifica pessoa — Thereza, os seus braços brancos cobertos de uma gaze negra e o rapaz loiro, attractivo e fino, que dizia *yes*. Cantava-lhe no cerebro, como um côro de idéas amorosas, aquella aria triste do Rigoletto. E a cada momento voltavam-lhe á idéa os braços de Thereza: via-os erguerem-se, arquearem-se doces e tenros, enlaçarem-se devagar, devagar, pesados, meigos, em torno do pescoço d'aquelle rapaz loiro — e todo o corpo d'ella desfallecer, com um peso sublime, nos esquecimentos de um amor profundo como a morte, largo como o ceu.

Um dia ao amanhecer, depois de grandes abraços da tia, partiu para Santa Apolonia, com um gallego que lhe levava o bahu. A madrugada vinha com uma claridade fria e azulada. A cidade estava silenciosa e os candieiros apagavam-se. As vezes uma carroça passava rolando, abalando a calçada; as ruas pareciam vastas e interminaveis; os saloios começavam a chegar montados nos seus burros, com as pernas baloiçadas, cobertas de altas botas enlameadas; n'uma ou n'outra rua uma voz isolada apregoava os jornaes; e os moços dos theatros corriam com o pote da massa pregando nas esquinas os cartazes.

Quando chegou a Santa Apolonia a claridade do sol alaranjava o ar por traz dos montes da Outra-Banda; o rio estendia-se branco, immovel, riscado de correntes da côr de aço sem lustro; e já alguma véla de falua passava vagarosa e branca.

— Sr. Cortez, disse Thereza, e por mim já se  
 ao sr. padre Amaro: é o parochio de Leiria  
 — E eu affirmo a condessa  
 — Bem, bem, succubito, disse o ministro com  
 gesto hesitante. Mas é uma tyrannica

Amaro saiu e dahi a uma semana soube o seu  
 despacho. Mas não tornara a espedecer aquella ma-  
 nha em casa da sr.<sup>a</sup> condessa de Ribamar, aquella  
 magnifica pessoa — Thereza, os seus bracos brancos  
 cobertos de uma gaze negra e o tapaz loiro, attas-  
 hente e fino, que dizia ter. Cantava-lhe no cer-  
 pro, como um coto de ideias amorosas, aquella sua  
 triste do Rigoletto. E a cada momento voltavam-lhe  
 a ideia os bracos de Thereza: via-os erguem-se,  
 arduarem-se doces e tenros, enlatharem-se deva-  
 gar, devagar, pesados, meigos, em torno do pes-  
 coço d'aquelle tapaz loiro — e todo o corpo d'ella  
 desfallecer, com um peso sublime, nos espedicimen-  
 tos de um amor profundo como a morte, largo co-  
 mo o ceu.

Um dia ao amanhecer, depois de grandes abra-  
 cos da sua parte para Santa Apollonia, com um  
 gallego que lhe levava o bapu. A madrugada vinha  
 com uma claridade fria e axalada. A cidade estava  
 silenciosa e os candieiros apagavam-se. As vezes  
 uma cartoca passava rolando, apalando a calçada;  
 as ruas pareciam vastas e interminaveis; os saloios  
 começavam a chegar montados nos seus burros, com  
 as pernas batocadas, cobertas de altas botas enla-  
 meadas; numa ou noutra rua uma voz isolada  
 apregoava os jornaes; e os mecos dos theatros cor-  
 riam com o pote da massa pregando nas espinhas  
 os cartazes.

Quando chegou a Santa Apollonia a claridade do  
 sol alarajava o ar por traços dos montes da Ou-  
 tra-Banda; o rio estendia-se branco, immovel, ris-  
 cado de correntes da cor de aço sem lustro; e ja  
 alguma vela de fuma passava vagarosa e branca.

diziam ao comprido do cabide. — E obra para um par

de moedas!

— E dos toupa branca! disse a S. Joanneira, er-

quando a lampa do bahu de lata.

O grupo das velhas curvou-se com admiração.

— A mim o que me consola é que elle seja um b-

tapaz novo, disse então a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assum-

ção, pichosamente.

— La isso tambem a mim, disse com auctoridade

a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Ganso. — Estar a gente a con-

teçar-se é a ver o pingo do tapete como era com o

Raposo, credo! até se perde a devoção! Não, lá isso

Deus me mate com gente nova.

A S. Joanneira tinha comecado a mostrar as ou-

tras maravilhas do parcho, o estajo da barba, um

Ao outro dia, na cidade, fallava-se muito da che-  
gada do parcho novo e todos sabiam já que tinha  
trazido um bahu de lata, que era magro e alto, e  
que chamava *Padre-Mestre* ao conego Dias.

As amigas da S. Joanneira — as íntimas, as suas  
velhas convivencias — a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assum-  
ção, as sr.<sup>as</sup> Gansos, tinham ido logo pela ma-  
nhã a casa d'ella *para se porem ao facto*. . . Eram  
nove horas e Amaro tinha saído com o conego. A  
S. Joanneira estava radiosa: arrumava, espanjava,  
com as mangas arregaçadas, fallando com vivaci-  
dade, contando a chegada do parcho, as suas boas  
maneiras, o que tinha dito, o que tinha ceiado.

— Mas venham vocês cá a baixo, sempre quero  
que vejam.

E foi-lhes mostrar o quarto do parcho, os ar-  
ranjos que tinha feito, a malla que elle trouxera.

— Está muito bem, está tudo muito bem, diziam  
as velhas e andavam pelo quarto, de vagar, com  
respeito, como n'uma igreja, bolindo no breviario,  
tocando no chapeu alto.

— Que rico capote, disse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gan-  
soso, apalpando o panno das largas bandas que pen-

diam ao comprido do cabide.— É obra para um par de moedas!

— E boa roupa branca! disse a S. Joanneira, erguendo a tampa do bahu de lata.

O grupo das velhas curvou-se com admiração.

— A mim o que me consola é que elle seja um rapaz novo, disse então a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, piedosamente.

— Lá isso tambem a mim, disse com auctoridade a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso. — Estar a gente a confessar-se e a ver o pingo do rapé, como era com o Raposo, credo! até se perde a devoção! Não, lá isso Deus me mate com gente nova.

A S. Joanneira tinha começado a mostrar as outras maravilhas do parochó, o estojo da barba, um album de retratos, onde havia no primeiro cartão uma photographia do Papa abençoando a christandade. Todas tinham admirado.

— É o mais que se póde, diziam, é o mais que se póde!

E ao sair, beijando a S. Joanneira, felicitavam-n'a porque adquirira, hospedando o parochó, uma auctoridade inesperada, quasi ecclesiastica!

— Vocês appareçam á noite, disse ella do alto da escada.

— Podéra!... gritou a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, já á porta da rua, traçando o seu mantelete.

— Podéra!... Para o vermos á vontade!

Ao meio-dia veio o sr. Libaninho, um devoto, o beato mais activo de Leiria, e subindo a correr os degraus, gritava com a sua voz fina:

— Ó S. Joanneira!

— Sobe, Libaninho, sobe.

Então o sr. parochó veio, hein? disse o Libaninho, mostrando á porta da sala de jantar o seu rosto gordinho, bem barbeado, a sua cabecinha calva e luzidia; e fallando com ademanos doces e gestos sacudidos de cintura:

— Então que tal, que tal? tem bom feitiço? —  
 A S. Joanneira recommçou a glorificação de Amaro: a sua mocidade, o seu zelo nos preceitos, o seu ar piedoso, a brancura dos seus dentes.

— Coitadinho! coitadinho! dizia com um pasmo beato o Libaninho. — Mas não se podia demorar, dizia elle, ia para a repartição. — Adeus, filhinha, adeus! — E batia com a sua mão amarellada e rochunchuda no hombro da S. Joanneira. — Estás cada vez mais gordinha! Olha que resei hontem a Salvê-Rainha que tu me pediste, ingrata!

A criada tinha entrado.

— Adeus, Russa! Estás magrinha: pega-te com a Senhora Mãe dos Homens. — E avistando Amelia pela porta do quarto entre-aberta: — Ai, que estás mesmo uma flor, Melinha. Quem se salvava na tua graça bem eu sei.

E apressado, buliçoso, saracoteando-se, com um pequeno pigarro, desceu a escada rapidamente, gritando:

— Adeusinho! adeusinho, pequenas!

— Libaninho, vens á noite? gritou-lhe a S. Joanneira.

— Ai, não posso, filha, não posso. — E a sua vozinha era quasi chorosa. — Olha que amanhã é Santa Barbara: tem seis Padre-Nossos de direito!

No entanto Amaro tinha ido ver o chantre com o conego Dias e tinha-lhe entregado uma carta de recommendação do sr. conde de Ribamar: o sr. chantre bateu-lhe affavelmente no hombro:

— Conheci muito o sr. conde de Ribamar, disse elle, em 46 no Porto. Somos amigos velhos. Era eu cura de Santo Ildefonso: ha que annos isso vae!

E fallando do seu seu tempo, contou aneddotas da Junta, appreciou os homens de então, imitando-lhes

a voz — era uma especialidade de sua excellencia — o andar, as caturrices, sobre tudo Manuel Passos, que elle descrevia passeiando na Praça Nova, com o seu comprido casaco pardo e o chapéu de grandes abas, dizendo:

— *Animo, patriotas! o Xavier aguenta-se!*

Todos tinham rido muito. Tinha havido uma grande cordialidade. Amaro saíu satisfeito, todo lisonjeado.

Depois jantou em casa do conego Dias e foram passeiar ambos pela estrada dos Marrases. A tarde estava sosegada. Uma luz fresca, doce e esbatida, alargava-se por todo o campo; a herva já tinha tons amarellados, outonaes, muito suaves; havia nos outeiros e no azul do ar um aspecto de répoiso, de meiga tranquillidade; fumos esbranquiçados saíam dos casaes; e sentiam-se os chocalhos melancolicos dos gados que recolhem. Amaro caminhava de vagar, respirando largamente, contente, e dizia olhando em redor:

— Pois senhores, parece-me que me hei de dar bem aqui.

— Ha de se dar regaladamente, affirmou o conego, sorvendo o seu rapé.

Eram oito horas quando recolheram para casa da S. Joanneira.

Todas as velhas amigas estavam já na sala do jantar. Ao pé do candieiro de petroleo, Amelia costurava.

A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção vestira-se, como nos domingos, de seda preta; o seu *chinó*, de um loiro avermelhado, estava coberto com as rendas de um *enseite* negro; as mãos descarnadas, calçadas de mitenes de seda preta, solemnemente poisadas no regaço, reluziam de anneis; do broche sobre o peçoço até ao cinto, um grosso grillhão de oiro caía com passadores lavrados. Estava direita, ceremoniosa, satisfeita, e quando sorria, arregalando os beiços, appareciam os seus enormes dentes esverdeados, cra-

vados nas gengivas como cunhas. Era viuva, rica e tinha um catarrho chronico.

Ora aqui tem o sr. párocho novo, sr.<sup>o</sup> D. Maria, disse-lhe a S. Joanneira.

Ella ergueu-se direita, e fez uma mesura com um movimento de quadris, commovida.

— Estas são as sr.<sup>as</sup> Gansosos, ha de ter ouvido... disse a S. Joanneira ao parocho.

Amaro comprimontou timidamente. Eram duas irmãs. Passavam por ter algum dinheiro, mas costumavam receber hospedes. A mais velha, a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso, era uma pessoa sêcca, com uma testa enorme, larga, abaulada, ondê se apartavam no alto os bandós chatos de um cabello preto; os olhos pequenos, vivos e encovados, o nariz arrebitado, a boca sêcca e espremida accumulavam-se quasi juntos, n'um pequeno espaço, no fim do rosto. Embulhada no seu chale, direita, com os braços cruzados, fallava perpetuamente, com uma voz dominante e aguda, cheia de opiniões. Dizia mal dos homens e dava-se toda á egreja.

A irmã, a sr.<sup>a</sup> D. Anna, era extremamente surda. Nunca fallava e com os dedos cruzados sobre o regaço, os olhos baixos, fazia girar tranquillamente os dois pollegares. Magra, com o seu perpetuo vestido preto de riscas amarellas, um rolo de arminho ao pescoco, as feições acarneiradas, dormitava com o beico descaido e só accentuava a sua presença de vez em quando por grandes suspiros agudos: dizia-se que tinha uma paixão funesta pelo recebedor do correio. Todos a lastimavam e admirava-se a sua habilidade em recortar papeis para caixas de doce.

Estava tambem a sr.<sup>a</sup> D. Josepha, a irmã do conego Dias. Chamavam-lhe a *castanha pillada*. Mirrada, engilhada, ossêa, adunca, livida, fallava sempre com uma voz sibilante. Vivia n'um perpetuo estado de irritação maligna. Azedada, assanhada, com olhinhos que reluziam, contracções nervosas,

saturada de fel — era temida. Era a *estação central* das intrigas de Leiria.

— Então passeiou muito, sr. parcho? perguntou ella empertigando-se.

— Fomos quasi até lá ao fim da estrada dos Marrases, disse o conego sentando-se pesadamente por traz da S. Joanneira.

— Não achou bonito, sr. parcho? disse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso.

— Muito bonito.

E então fallaram das paizagens de Leiria, das boas vistas: a sr.<sup>a</sup> D. Josepha gostava muito do passeio ao pé do rio, e até já ouvira dizer que nem em Lisboa havia coisa assim. A sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso preferia a igreja da Encarnação, no alto.

— Desfructa-se muito d'alli, disse ella pomposamente.

Amelia disse sorrindo:

— Eu por mim gosto d'aquelle bocado alli ao pé da ponte, debaixo dos chorões. — E partindo com os dentes o fio da sua costura: — É tão triste! disse.

Amaro olhou para ella então, pela primeira vez. Tinha um vestido azul que lhe modelava a fórma do seio; o seu pescoço branco e cheio, saía todo direito, todo firme, de um collarinho voltado; a luz tornava salientes os seus beiços vermelhos e frescos; com o respirar as suas narinas delgadas arfavam e um buçosinho punha no seu beijo uma sombra subtil e doce.

Houve um pequeno silencio.

— Que será feito do sr. padre Brito? disse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso.

— Está talvez com a enxaqueca, pobre de Christo! disse piedosamente a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção.

Então um rapaz que estava junto do aparador disse, fallando com uma voz um pouco timida:

— Eu vi-o hoje a cavallo, ia para os lados da Barrosa.

— Homem! exclamou logo com voz amarga a irmã do conego, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias, — é milagre ter o sr. reparado!

— Por quê, minha senhora? disse elle erguendo-se e chegando-se um pouco ao grupo das velhas. Era um moço alto, todo vestido de preto e sobre o rosto branco regular, um pouco fatigado, destacava bem um bigode pequeno e negro, caído aos cantos, que elle costumava morder com os dentes.

— Ainda elle o pergunta! exclamou a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias. O senhor, que nem lhe tira o chapéu!

— Eu? — Disse-m'o elle, afirmou ella com uma voz constante. E acrescentou: — Ai, sr. parócho, bem póde chamar este senhor, o sr. João Eduardo, para o bom caminho. — E teve um risinho sêcco.

— Mas eu parece-me que não ando no mau caminho, disse elle rindo, com as mãos nos bolsos e a cada momento os seus olhos se voltavam para Amelia.

— É uma graça! disse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso. Olhe com o que o senhor disse hoje lá em casa, de tarde, da Santa da Arregassa, não ha de ganhar o ceu, não!

— Ora essa! gritou a irmã do conego, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias, voltando-se para João Eduardo, que estava por traz. — E viam-se, entre a sua touca preta e o vestido de lã escuro, as cordas do pescoço esganado e sêcco. — Então o que tem o senhor a dizer da Santa? Acha talvez que é uma impostora?

— Credo, Jesus! disse a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, apertando as mãos contra o peito e fitando João Eduardo com espanto piedoso. — Pois elle havia de dizer isso? Credo!

— Não, o sr. João Eduardo, afirmou gravemente

o conego desdobrando o seu lenço vermelho, não era capaz de dizer uma d'essas.

Amaro disse então com a sua voz vagarosa:

— Mas quem é a Santa da Arregassa?

— Credo! Pois não tem ouvido falar? perguntou n'uma admiração a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção.

— Oh! senhores! exclamava a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias com auctoridade, pois diz que os jornaes de Lisboa vem cheios d'isso!

— É, com effeito, uma coisa bem extraordinaria, ponderou com um tom profundo o conego.

A S. Joanneira interrompeu a meia e tirando a luneta:

— Ai, não imagina, sr. parcho, é o milagre dos milagres!

— Se é! se é! disseram.

Houve um silencio.

— Mas então?... perguntou todo curioso o parcho.

— Olhe, sr. parcho, começou a contar a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso indreitandose no chale, fallando com solemnidade: — A santa é uma mulher que aqui ha n'uma freguezia perto, que está ha vinte annos na cama.

— Vinte e cinco, advertiu-lhe baixo a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, tocando-lhe com o leque no braço.

— Vinte e cinco? Pois olha, ao sr. chantre ouvi eu dizer vinte.

— Vinte e cinco, vinte e cinco, affirmou a S. Joanneira e o conego.

— Está entrevadinha de todo, sr. parcho! rompeu a irmã do conego, com grandes gestos. Parece uma alminha de Deus! Os brácinhos são isto! — E mostrava o dedo minimo.

— Para a gente a ouvir é necessario pôr-lhe a orelha ao pé da boca!

— Pois se ella se sustenta da graça de Deus! disse lamentosamente a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção. Coi-

tadinha! que até a gente lembrar-se! — E as suas palavras tinham uma piedade chorosa.

Houve entre as velhas um silencio commovido. Ouvia-se dentro ferver a chaleira do chá.

— Olhe, sr. parochó, a coisa é esta, disse então João Eduardo sorrindo; o que os medicos dizem é que aquillo é uma doença nervosa.

Foi um clamor entre as velhas devotas; estavam escandalisadas; a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção tinha-se persignado.

— Pelo amor del Deus! gritou a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias, o senhor diga isso diante de quem quizer, menos de mim.

— E de mim! sr. João Eduardo, disse D. Joaquina Gansoso, altivamente.

— Ora! ora! ora!... fazia absorta a sr.<sup>a</sup> D. Maria.

— Olhe, tambem lh'o digo, exclamou a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias, o senhor é um homem sem religião!

— E voltando-se para o lado de Amelia, com a voz acre, o corpo n'uma attitude hostile: — Olhe, filha minha é que eu lhe não dava! Saiba!

Amelia córou e João Eduardo, fazendo-se vermelho tambem, curvou-se sarcasticamente.

— Eu digo o que dizem os medicos. E de resto, olhe que não tenho pretenções a casar comsigo, sr.<sup>a</sup> D. Josepha! Saiba tambem!

Houveram algumas risadas.

— Arreda! Cruzes! gritou ella.

Estava colerica, rubra, tinha os beiços brancos.

— Mas que faz então essa Santa? perguntou o padre Amaro.

— Olhe, sr. parochó, disse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso, está sempre de cama, sabe resas para tudo; pessoa por quem ella peça tem a graça do Senhor; é a gente apegar-se com ella e cura-se de toda a molestia. E depois, quando communga, começa a erguer-se, e fica com o corpo todo no ar, com os

olhos erguidos para o ceu, que até chega a fazer terror.

Mas n'este momento uma voz disse á porta da sala:

— Ora viva a sociedade! Isto hoje está de truz!

Era um rapaz extremamente alto, amarello, com as faces cavadas, uma grenha irriçada; um bigode arqueado e torcido accentuava-lhe a magreza do rosto; quando ria tinha uma sombra na boca, porque lhe faltavam quasi todos os dentes de diante; os seus olhos encovados, de grandes olheiras, de uma ternura imbecil, fitavam sempre melancolicamente. Trázia uma guitarra na mão.

— Então como vae isso hoje? perguntaram-lhe.

— Mal, respondeu elle com a voz triste, sentando-se. Sempre as dores no peito, a tossesita.

Por que não experimentava elle o oleo de figados de bacalhau?

— Qual! disse elle desconsoladamente.

— Uma viagem á Madeira, isso é que era, isso é que era! disse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso.

Elle riu.

— Uma viagem á Madeira! Não está má! Um pobre amanuense de administração com dezoito vintens por dia, mulher e quatro filhos!

— E como vae ella, a Joannita?

— Coitadita, lá vae! Tem saude, graças a Deus! Gordada, forte, sempre com bom appetite. Os pequenos, os dois mais velhos, é que estão doentes; de mais a mais agora a criada tambem caiu de cama. É o diacho! Paciencia! Paciencia! — E encôlhia os hombros.

Mas voltando-se para a S. Joanneira, dando-lhe uma palmada no joelho:

— E como vae a nossa Madre-Abbadessa?

Todos riram e a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso contou ao parocho que aquelle rapaz, o Arthur Couceiro, era muito engraçado e tinha uma bella voz. Era a melhor da cidade para modinhas.

Mas a Russã tinha entrado com o chá. Arrastavam-se as cadeiras.

— Cheguem-se, cheguem-se, dizia a S. Joanneira, enchendo as chavenas de alto, com grande ruido.

Arthur começou logo a offerecer assucar com o seu antigo gracejo:

— Se está azedo, deite-lhe mais sal!

As velhas sorviam a pequenos golos pelos pires; escolhiam cuidadosamente as torradas; sentia-se o mastigar humedecido e ruminado dos queixos.

— Vae um docinho, sr. parochó? disse Amelia, apresentando-lhe o prato. São da Encarnação. Muito fresquinhos.

— Obrigado. — E como ella insistia: — Não, não!

— Aquelle alli, disse ella, apontando, sorrindo, toda graciosa. É toicinho do ceu.

— Ah! se é do ceu... disse elle todo risonho. E

olhou para ella, tomando o bolo com a ponta dos dedos.

O sr. Arthur, quando estava, costumava cantar depois do chá. Tinha-se aberto o velho piano; uma véla allumiava o caderno de musica, e Amelia corria os dedos sobre o teclado amarello.

— Então que ha de ser? perguntou Arthur.

— Os pedidos cruzaram-se:

— *O guerrilheiro! O noivado do sepulchro! O descrido! o Nunca mais!*

O conego Dias disse então rindo:

— O Couceiro, vá lá aquella do *Tio Cosme, meu brejeiro!*

As mulheres reprovaram:

— Credo! por quem é, sr. conego! Que lembrança!

E a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso resumiu:

— Nada: uma coisa de sentimento para o sr. parochó fazer idéa.

— Isso, isso, disseram, uma coisa de sentimento, o Arthur, uma coisa de sentimento!

E então Arthur, depois de ter conferenciado baixo com Amelia, trauteando o compasso, ergueu a sua voz arrastada, ligeiramente fanhosa, e cantou com grande ternura:

Adeus, meu anjo! vou partir sem ti!

Era uma canção dos tempos românticos de 51, o Adeus! Dizia as supremas despedidas, nos bosques, quando o outono empallidece e desfolha; cantava os homens solitários e precitos, que inspiram um amor funesto e erram desgrenhados á beira do mar; falava de sepulturas esquecidas em valles distantes e de brancas virgens que choram sob as claridades do luar!

— Muito bonito, muito bonito! diziam.

Arthur cantava convencido, o olhar vago; nos intervallos, durante o acompanhamento, sorria em redor; e na sua boca cheia de sombra viam-se os restos de dentes podres. O padre Amaro, ao pé da janella, via Amelia de lado e olhava-a instinctivamente, todo enlevado n'aquella melodia sentimental e antiquada: o seu perfil d'ella fino, de encontro á luz, tinha uma linha luminosa; destacava harmoniosamente a curva do seu peito; e elle via as suas palpebras de grandes pestanas, que do teclado para a musica se erguiam e se abaixavam com um movimento doce. João Eduardo, ao pé d'ella, voltava-lhe as folhas da musica.

Mas Arthur, com grande sentimento, a mão sobre o peito, a outra erguida no ar, n'um gesto doloroso e vehemente, soltou a ultima estrophe:

E um dia, em fim, d'este viver fatal

Reposarei na escuridão da campa!

— Bravo! bravo! exclamaram.

E o conego Dias commentou baixo ao parochó:

Ah! para coisas de sentimento não ha outro.—  
E bocejando enormemente:— Pois, menino, tenho  
tido toda a noite o jantar a conversar cá por dentro!

Mas chegára a hora do loto; cada um tomava os  
seus cartões; chegavam-se para a mesa com grande  
ruído de cadeiras; chocalhava-se o sacco dos numeros.

Olhe, aqui tem um lugar, sr. parcho, disse  
Amelia.

Era ao pé d'ella. Elle hesitou, mas tinham aberto  
espaço, e um pouco córado veio sentar-se ao pé de  
Amelia.

Fez-se logo um grande silencio e, com a voz  
dormente, o conego começou a tirar os numeros. A  
sr.<sup>a</sup> D. Anna Gansoso, que não jogava, dormitava  
a um canto e com a boca entre-aberta resonava li-  
geiramente.

Com o *abat-jour*, as cabeças estavam todas na  
sombra; uma luz crua caía sobre o chale escuro que  
cobria a mesa, fazia destacar os cartões todos en-  
negrecidos do uso e as mãos sêccas das velhas poi-  
sadas em attitudes aduncas, remexendo as marcas  
de vidro. Sobre o piano aberto a véla derretia-se  
com uma chamma viva e avermelhada.

O conego ia tirando os numeros com as pilherias  
veneraveis da tradição do loto: 1, cabeça de por-  
co! — 3, figura de entre-mez!

— Precisa-se o vinte e um, dizia uma voz. —  
Ternei, rosnavava outra.

E a irmã do conego, soffrega, dizia-lhe a cada  
momento: Chocalhe esses numeros, mano Placido!

— E traga-me esse quarenta e sete ainda que seja  
de rastos, gritava Arthur Couceiro, todo interessado  
no jogo.

Mas o conego *quinou* e Amelia olhando em redor  
pela sala:

— Então não joga, sr. João Eduardo? disse ella.  
Onde está?

— João Eduardo saiu da sombra da janella, por traz da cortina.

— Tome lá este cartão, ande, jogue.

— E receba as entradas já que está de pé, disse a S. Joanneira.

João Eduardo foi logo em roda com o pires de porcellana recebendo o dinheiro: no fim faltavam dez réis.

— Eu já dei, eu já dei! diziam todos.

João Eduardo vira que a irmã do conego não tocára no seu cobre acastellado:

— Parece-me que a sr.<sup>a</sup> D. Josepha não entrou.

A — Eu! gritou ella, já exaltada. Olha uma d'estas!

Até fui a primeira! Credo! Duas moedas de cinco réis, até por signal! Que tal está o homem!

— Ah! sim, disse elle então sorrindo e pagando, bem, fui eu que me esqueci!

E a irmã do conego dizia baixo á sua vizinha a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção:

— Quêria ver se escapava o melro! Bem diz o outro — quem não teme Deus, não teme a justiça!

— Só quem não está feliz é o sr. parochó, disseram.

Amaro sorriu-se. Tinha estado jogando um pouco distrahido e fatigado; ás vezes mesmó esquecia-se de marcar e Amelia dizia-lhe, sorrindo:

— Olhe que não marcou, sr. parochó.

Como a mesa era pequena, a manga do vestido azul de Amelia roçava o braço do parochó: tinham já apostado dois ternos: ella tinha ganho; tinham rido muito. E depois faltou a ambos para *quinarem* o numero trinta e seis.

Em roda tinham reparado.

— Ora vamos a ver se *quinam* ambos, disse a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, toda risonha para o parochó.

Mas o trinta e seis não saía; havia outras quadras nos cartões alheios; Amelia receiava que *qui-*

nasse a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso, a quem faltava o numero quarênta e oito. Amaro ria, involuntariamente interessado.

O conego tirava os numeros vagarosamente.

— Vá! vá! ande com isso, sr. conego, diziam-lhe.

Amelia, debruçada, com os olhos vivos, animados, córada, esperava.

— Dava tudo para que saísse o trinta e seis, disse ella.

— Trinta e seis! gritou o conego.

— *Quinãmos!* disse ella, triumphante, rindo, muito vermelha, e tomando o cartão do parochó e o seu mostrava-os ambos, para conferirem, toda orgulhosa.

— Ora Deus os abençoe, disse o conego, jovial, entornando-lhes diante o pires cheio de moedas de dez réis.

— Parece milagre! murmurou a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, piedosamente.

No entanto tinham dado onze horas. As velhas começaram a levantar-se. Amelia foi sentar-se ao piano, tocando ao de leve uma polka. João Eduardo aproximou-se d'ella e abaixando a voz:

— Muitos parabens por ter *quinado* com o sr. parochó. Que entusiasmo! — E como ella ia responder, — Boa noite! disse elle seccamente, embrulhando-se no seu chãle-mãnta.

Todos iam saindo. A Russa allumiava. O murmúrio de vozes enchia as escadas e ao descer os *adeuses* repetiam-se. O sr. Arthur harpejava na guitarra, cantarolando *O descrido*.

Amaro foi para o seu quarto, começou a resar o *Breviario*; mas estava fatigado, vinham-lhe distracções; lembravam-lhe as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur, sobre tudo o perill de Amelia: achava-a toda attrahente e boa rapariga. Sentado á beira da cama, com o *Breviario* aberto, fitando a luz, via o seu penteado, as suas mãos pequenas com os dedos um pouco trigueiros picados

da agulha, o seu bucosinho gracioso. Sentia a cabeça pesada do jantar do conego, do longo passeio e da monotonia do *quino*. Além disso tinha uma grande sede; o conego fizera-o tomar quatro calices de Porto. Quiz beber, mas viu que não tinha agua no quarto. A criada estava deitada de certo, porque não sentia rumor. Lembrou-se então que o cantaro da agua estava a um canto na sala do jantar com uma canequinha azul vidrada. Calçou as chinellás, tomou o castical e subiu devagarinho. Havia luz na sala e ainda estava o reposteiro corrido: ergueu-o, mas estacou assombrado! Vira n'um relance Amelia, que tinha tirado o corpete do vestido e desfazia o atacador do collete: estava junto do candieiro e as mangas curtas da camisa deixavam ver os seus braços brancos... Ella deu um pequeno grito e correu para o quarto.

Amaro ficou immovel, com um suor á raiz dos cabellos.

Poderiam suspeitar uma offensa! Seria expulso! Seria tido como um infame! Palavras indignadas iam sair de certo através do reposteiro da porta do quarto, que ainda se baloiçava agitado!

Mas a voz de Amelia, serena, perguntou de dentro: — Que quèria, sr. parochó?

— Vinha buscar agua, disse elle com a voz tremula.

Aquella Russa! aquella desleixada! Desculpe, sr. parochó, desculpe. Olhe ahi ao pé da mesa, o cantaro. Achou?

Achei! achei!

E desceu de vagar com o copo cheio: a mão tremia-lhe e pelas costas dos dedos escorria-lhe agua.

Deitou-se sem resar e quando adormeceu já cantavam os gallos.

no ao outro filho, um irmãozinho que viveu o  
 logo, e que morreu. E aquella recordação trouxe  
 lhe outras memórias! Tinha então vinte e cinco an-  
 nos; poucas coisas tinham passado! E sem poder  
 esquecer, deixada de costas, com as mãos cruz-  
 das por detrás da cabeça, poz-se a pensar n'esses  
 tempos passados!

Lembrava-se bem: moravam então n'outra casa  
 e a janella do seu quarto deixava para um quintal;  
 um innocente chegava até ao peãoil e a mãe as ve-  
 zes puzha na sua tampa, luzida os coelhos do

Joãozinho a secretarem ao sol. Não conhecia o pas-  
 A mãe tinha-lhe dito que fôr militar, morrerá.  
 novo e gabava-lhe a sua bella figura, saltada com  
 o uniforme de cavallaria. A 2.ª Leãozinha viveu en-

N'essa noite Amelia, em cima, deitada, não dor-  
 mia tambem. O quarto era pequeno; a mãe tinha  
 a sua cama ao pé d'ella n'um colção, sobre estei-  
 ras, no soalho. Em cima da commoda, dentro de uma  
 bacia, a lamparina extingua-se, dava um mau cheiro  
 de morrão de azeite; havia uma penumbra abafada  
 e espessa; brancuras de saias caidas no chão desta-  
 çavam; o espelho tinha um vago reflexo livido; e o  
 gato, que ficava no quarto ás vezes, caminhava com  
 as suas passadas molles e fofas, e na escuridão os  
 seus olhos luziam com uma claridade phosphorica e  
 esverdeada.

No entanto, na casa visinha, uma criança chorava  
 sem cessar e sentia-se a mãe embalar-lhe o berço,  
 cantar-lhe baixo, arrastadamente:

Dorme, dorme, meu menino,  
 Que a tua mãe foi á fonte,  
 e nos intervallos do canto o ranger compassado do  
 embalar do berço tinha uma grande tristeza. Amelia  
 conhecia aquella cantiga. Quando tinha sete annos  
 ouyia sua mãe cantal-a, nas longas noites de inver-

no, ao outro filho, um irmãozinho que tivera, o João, e que morrerá. E aquella recordação trouxe-lhe outras memorias! Tinha então vinte e cinco annos: quantas coisas tinham passado! E sem poder adormecer, deitada de costas, com as mãos cruzadas por detraz da cabeça, poz-se a pensar n'esses tempos passados!

Lembrava-se bem: moravam então n'outra casa e a janella do seu quarto deitava para um quintal; um limoeiro chegava até ao peitoril e a mãe ás vezes punha na sua ramagem luzidia os coeiros do Joãozinho a seccarem ao sol. Não conhecêra o paé. A mãe tinha-lhe dito que fôra militar, morrerá novo, e gabava-lhe a sua bella figura fardada com o uniforme de cavallaria. A S. Joanneira vivia então só com os dois filhos. Aos oito annos, Amelia foi para a mestra. Como se lembrava bem! A mestra era uma velhita roliça e branca, que fôra tacho das freiras de Santa Joanna de Aveiro; com os seus oculos redondos, junto á janella, empurrando a agulha, morria-se por descrever o convento; os seus terrores, as suas legendas e as suas pieguices; as perlices da escrivã, sempre a escabichar os dentes furados; a madre rodeira, preguiçosa e pacata, com uma pronuncia minhota; a mestra de canto-chão, admiradora de Bocage e que se dizia descendente dos Tavoras; a historia de uma freira que morrerá de amor e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e clamando: — Augusto! Augusto!

Amelia ouvia aquellas historias, encantada. Já então era afeiçãoada ás coisas da egreja. A casa da mãe era toda frequentada por padres. O sr. chantre Carvalhosa, um homem velho e robusto, que soprava de asthma ao subir a escada e tinha uma voz esgançada e fanhosa, vinha todos os dias. Era o amigo da casa. Amelia chamava-lhe *padrinho*. Quando ella voltava da escola, á tarde, encontrava-o sempre,

conversando com a mãe, com a sua vasta batina desabotoada, deixando ver o longo collete de velludo preto. Elle perguntava-lhe pelas lições, interrogava-a sobre o cathecismo, a taboada e os verbos.

Excellentemente homem! Parecia-lhe que o via ainda com a barba bem feita, a cara azulada, as suas grandes orelhas d'onde saíam cabellos grisalhos, o seu grosso nariz com pingos de rapé.

A noite havia reuniões: vinha o padre Valente; o conego Cruz; e um velhito calvo, de perfil aguçado e cortante, com oculos azues, que fôra frade franciscano e a quem chamavam Frei André! Vinham as amigas da mãe, que traziam as suas meias; e um capitão Couceiro, de caçadores, que tinha os dedos negros do cigarro e trazia sempre a sua viola. Mas ás nove horas mandavam-n'a deitar; pela frincha do quarto ella via a luz, ouvia as vozes, as risadas; depois fazia-se um silencio e o capitão, repicando a guitarra, cantava o *landum da Figueira*.

Sempre assim vivêra entre padres. Mas alguns eram-lhe antipaticos: sobre tudo o padre Valente; era extremamente gordo, com um barretinho de seda e umas mãos grossas, flaccidas, molles, trigueiras, com pequenas unhas. Que repugnancia quando elle lhe passava a mão pela cara, vagarosamente, com um contacto humido e oleoso! Gostava de a ter entre os joelhos, torcendo-lhe devagarinho a orelha, e ella sentia o seu halito impregnado de cigarro! O conego Cruz era-lhe mais sympathico, com a sua figura magra, o cabello todo branco, a volta sempre acciada, as fivellas luzidias; entrava devagarinho, comprimentando com a mão sobre o peito, e a sua voz suave era toda cheia de ss. Assim, vivêra sempre n'um elemento ecclesiastico. Tinham-lhe ensinado o cathecismo, a doutrina; fallavam-lhe sempre dos castigos do ceu; de tal sorte que Deus apparecia-lhe como um Ser que dá o soffrimento e a morte, e que é necessario abrandar resando e je-

quando, ouvindo novenas e amando os padres. Era por isso toda cuidadosa e se ás vezes ao deitar lhe esquecia uma Sylvê-Rainha, fazia penitência no outro dia, porque temia que Deus lhe mandasse sezões ou a fizesse cair na escada.

Mas o seu melhor tempo foi quando começou a tomar lições de piano. A mãe tinha na sala de jantar, ao canto, um velho piano antigo, coberto com um panno verde. Abandonado, desafinado, inutil, servia de aparador. No entanto Amelia costumava cantarolar pela casa; tinha uma voz fina e fresca, e as amigas da mãe diziam-lhe: — Tu tensahi um piano, por que não mandas ensinar a rapariga? Sempre é uma prenda! Olha que lhe póde servir de muito!

O chantre tinha approvado; conhecia um bom mestre, um antigo organista da Sé de Evora que tinha sido extremamente infeliz: uma filha unica fugira-lhe com um alferes para Lisboa e não soubera mais d'ella. O velho caíra em grande tristeza e grande miseria, e por piedade tinham-lhe dado um emprego no cartorio do convento da Encarnação. Amelia sympathisou com elle logo que viu aquella figura alta, sêcca e corcovada, com o cabello comprido e branco, apertada n'uma sobrecasaca esverdeada, com uma antiga gravata de seda de fivella atrás e um pequeno e curtô capote côr de vinho que lhe vinha á cintura, com um cabeção de velludillo velho. Chamavam-lhe o *Tio Cegonha*, pela sua alta estatura, a sua magreza e o seu ar melancólico e solitario. Amelia um dia tinha-lhe chamado *Tio Cegonha*, mas depois, caindo em si, ficou toda envergonhada.

O velho poz-se a sorrir: — Ai, chame, minha rica menina, chame. *Tio Cegonha?* . . . ora que tem? Cegonha sou eu, e bem cegonha!

Era então no inverno. Os dias eram cheios de

grandes chuvas; a aspera estação opprimia os pobres. Viam-se n'aquelle anno familias esfomeadas indo á Camará pedir pão. O *Tio Cegonha* vinha sempre ao meio-dia dar a lição; o seu guarda-chuva azul es-corria, deixando um ribeiro na escada; trazia o ca-pote todo molhado, tiritava; e quando se sentava escondia, na sua vergonha de velho, as botas en-charcadas com a sola aberta. Queixava-se sobre tudo do frio das mãos, que o impedia de dar a lição, de ferir com justeza o teclado; não o dei-xava escrever no cartorio:

— Prendem-se-me as mãos, dizia elle tristemente. Mas quando a S. Joanneira lhe pagou o primeiro mez das lições, logo no outro dia veio o velho todo contente, trazendo nas mãos umas grossas luvas de lã.

— Ah, *Tio Cegonha*, como vem quentinho, disse-lhe *Amelia*!

Foi o seu dinheiro, minha rica menida. Agora ando a juntar para umas meias de lã, Deus a aben-çoe, minha menina, Deus a abençoe!

E tinham-se-lhe arrasado os olhos de lagrimas. Porque já fazia a *Amelia* confidencias: contava-lhe as suas necessidades, as saudades da filha e as suas glorias na Sé de Evora, quando diante do sr. arce-bispo, todo vistoso na sua sobrepeliz escarlate, acom-panhava o *Lausperenne*.

*Amelia* não se esqueceu das meias de lã do *Tio Cegonha*. Pediu ao chantre que lhe desse umas meias de lã.

— Ora essa! para quê? para ti? disse elle com o seu riso grosso.

Para mim, sim senhor.

— Deixe fallar, sr. chantre, disse a S. Joanneira.

Olha a idéa!

— Não deixe fallar, não! dê, sim?!

E lançando-lhe os braços ao pescoço, começou a roçar-lhe o seu rostinho pela barba.

Ah, sereia! dizia o chantre, rindo: que esperanças! ha de ser o diabo!... Pois sim, ahi tens. —

E deu-lhe dois pintos para umas meias de lã. E no dia seguinte tinha-os ella embrulhado n'um papel, que dizia por fóra em letras garrafaes: *Ao meu rico amigo Tio Cegonha, a sua discipula.*

Um dia tinha-o visto mais amarello, mais chupado:

O *Tio Cegonha*, disse ella de repente, quanto lhe dão lá no cartorio?

O velho sorriu-se:

Ora, minha rica menina... que me hão de dar? uma bagatella. Quatro vintens por dia. Mas ás vezes dão-me assim alguma coisa... hortaliças, couves, frutas...

— E chegam-lhe quatro vintens?

Ora! como hão de chegar!

Mas sentiram-se os passos da mãe e Amelia retomando com toda a gravidade a attitudo da lição, começou a solfejar alto, com um ar profundo de attenção e de zelo.

E desde esse dia Amelia tanto pediu, tanto choramingou, que levou a mãe a dar de almoçar e de jantar ao *Tio Cegonha* nos dias de lição. Assim se estabeleceu entre ella e o velho uma grande intimidade. E o pobre *Tio Cegonha*, saindo da concentração do isolamento, estava todo retemperado com aquella amizade inesperada, em que elle se estabelecia como n'um conchego tepido. Encontrava n'ella o elemento feminino que amam os velhos, com as suas caricias, as suavidades da voz, as delicadezas de enfermeira; achava n'ella a unica admiradora da sua musica; encontrava-a sempre attenta ás historias do seu tempo, ás recordações da velha Sé de Evora que elle amava tanto e que lhe faziam dizer sempre a proposito de procissões, ou de festas de egreja:

Para isso Evora! em Evora é que é!

No entanto Amelia applicava-se ao piano: era a

coisa boa e delicada da sua vida: já tocava uma contradança e antigas arias de velhos compositores; a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção estranhava o mestre por não lhe ensinar o *Tronador*.

— Coisa mais linda! dizia ella.

— O *Tio Cegonha* só conhecia a musica classica, as velhas arias ingenuas e doces de Lully, os motivos de minuets, os motetos floridos, e piedosos dos doces tempos freiraticos, Sabia dizer tambem no piano, com grande recolhimento, as musicas religiosas. Amelia gostava de as aprender. Uma manhã o *Tio Cegonha*, quando veiu dar a sua lição, encontrou Amelia toda amarella e encolhida. Tinha estado doente na vespera. O dia estava nublado, um vento frio soprava. O velho queria ir-se embora.

— Não, não, *Tio Cegonha*, disse ella, toque alguma coisa para eu me entreter.

— Então elle tirou o seu capote, sentou-se e tocou uma melodia muito simples, mas extremamente triste.

— Que lindo! que lindo! dizia Amelia, de pé junto ao piano.

E quando o velho deu as ultimas notas:

— O que é? perguntou ella.

E então o *Tio Cegonha* contou-lhe que era uma *meditação* feita por um frade seu amigo.

— Coitado, disse elle, teve bem o seu tormento!

Amelia quiz saber a historia e sentando-se no mocho do piano, toda embrulhada no seu chale:

— Diga lá, *Tio Cegonha*, diga lá! — E batia-lhe docemente com a mão no joelho.

O *Tio Cegonha* contou-lhe então, que aquelle homem tivera em novo uma grande paixão por uma freira; ella morrêra no convento d'esse amor infeliz e elle de dor e de saudade fizera-se frade franciscano: ia muitas vezes visital-o quando elle era organista em Evora.

— Parece que o estou ainda a ver!

— Era bonito

Se era! Um rapaz na flor da vida, rico. Um dia veio ter commigo ao órgão: — Olha o que eu fiz, disse-me elle. — Era um papel de musica. Abria em ré menor. E poz-se a tocar, a tocar. . . Ai, minha rica menina, que musica!

E o velho, commovido, pondo-se ao piano, repetiu as notas plangentes da *meditação* em ré menor. Amelia, durante todo o dia, esteve pensando n'aquella historia, que tinha posto nos seus nervos doentes uma grande excitação. Deitou-se incommodada. De noite veio-lhe uma grande febre, tomou-a um sonho espesso e vivo, em que dominava a figura do frade franciscano destacando na sombra do órgão da Sé de Évora. Via os seus olhos profundos, luminosos, a sua face encavada. Tinha sido uma paixão que assim o arrastára para a amargura do convento! E parecia-lhe ver a freira pallida, nos seus habitos brancos, encostada ás grades negras do mosteiro, sacudida pelos prantos da amor! Depois, no longo claustro, a ala dos frades franciscanos caminhava para o escuro côro: elle ia no fim de todos, vagaroso, com o capuz sobre o rosto, arrastando as sandalias, em quanto um grande sino, no ar nublado, tocava o dobre dos finados. Depois via-o triste na cella, á luz da lampada suspensa de um varão de ferro, escrevendo miudamente n'um papel de musica. Depois o sonho alargava-se: era um vasto ceu negro, onde duas almas enlaçadas e amantes, com habitos de convento e um ruído ineffavel de beijos insasiaveis, giravam, volteavam, levadas por um vento incessante; mas desvaneciam-se como nevoas e na vasta escuridão ella via apparecer um grande coração escarlata, em carne viva, de uma côr affogueada, todo trespassado de espadas, — e as gotas de sangue que caíam d'elle enchiam o ceu com uma vasta chuva!

Ao outro dia a febre acalmou. O dr. Gregorio tranquillizou a S. Joanneira com uma simples palavra:

Nada de sustos, minha rica senhora; são os quinze annos da rapariga. Hão de lhe vir amanhã as vertigens e os enjões. Depois acabou-se.

A S. Joanneira tinha comprehendido.

— Esta rapariga tem o sangue vivo e ha de ter as paixões fortes! disse o velho pratico, sorrindo e sorvendo a sua pitada.

Ao outro dia, com effeito, estava quasi boa; mas sempre aquella allucinação sonhada lhe ficou na memoria, como uma boia nas vacillações da agua.

Por esse tempo o chantre morreu de repente de uma apoplexia. Foi uma consternação inesperada. Durante dois dias a S. Joanneira, esgadelhada, em saias brancas, chorou, gritou pelos quartos. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, as sr.<sup>as</sup> Gansosas vieram acalmar, damansar a sua dor com palavras triviaes, e a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Gansoso resumiu as consolações de todos dizendo:

— Deixa, filha, que te não ha de faltar quem te ampare!

Era então no começo de setembro e a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, que tinha uma casa na praia da Vieira, quiz levar a S. Joanneira e Amelia para a estação dos banhos, para ella espalhar, nos bons ares saudaveis e em logar differente, aquella dor accumulada.

— É uma esmola que me fazes, dissera a S. Joanneira. Sempre me lembra que era alli que elle punha o guarda-chuva, alli que elle se sentava a ver-me costurar!

— Está bom, está bom, deixa-te d'isso. Comê e bebe, toma os teus banhos e o que lá vae, lá vae. Olha que elle tinha bem os seus sessenta.

Ah! minha rica, a gente é pela amizade que lhes ganhá. Amelia tinha então quinze annos, mas era alta e tinha já um grande relevo de fôrmas. Foi uma bella aventura para ella a estação na Vieira. A presença

do mar deu-lhe uma sensação ineffável. Não se fartava de estar sentada na areia olhando a monotona cadencia da agua. Os dias então estavam serenos, cheios de sol, o mar manso. A areia polida reluzia batida da luz a perder de vista.

Como se lembrava bem! Logo pela manhã estava a pé: era á hora do banho: as barracas de lona estavam alinhadas ao comprido da praia; as senhoras, sentadas em pequenas cadeirinhas de pau, embrulhadas nas capas, com as sombrinhas abertas, olhavam o mar; os homens, de sapatos brancos, estendidos em esteiras, chupavam o cigarro. E o banho! que alegria! Ella saía da barraca com o seu vestido de lã azul, com a toalha no braço, tiritando um pouco de susto e de frio; tinha-se persignado ás escondidas e toda tremula, dando a mão ao banheiro, com passinhos assustados, escorregando na areia, entrava na agua, devagar, rompendo a custo a maresia esverdeada que fervia em redor. A onda vinha toda espumante; ella mergulhava e ficava aos saltos, toda suffocada, toda nervosa, cuspiendo a agua salgada. E quando saía do mar! como vinha satisfeita! arfava, com a toalha pela cabeça, arrastando-se para a barraca, com o vestido todo pesado e encharcado, vermelha, risonha, cheia de reacção, e em redor as vozes amigas perguntavam:

— Então que tal, que tal? Mais fresquinha, hein?

Depois, de tarde, eram os passeios á beira-mar, apanhando conchas: o recolher das redes; a sardinha toda viva ainda, fervendo aos milheiros, luzidia sobre a areia molhada; e as longas perspectivas dos occasos inflammados, ricamente doirados, sobre a vastidão do mar triste que escurece e geme!

D. Maria da Assumpção tinha sido visitada logo ao chegar por um rapaz, filho do sr. Brito de Alcobaca, que era seu parente. Chamava-se Agostinho e era estudante de direito na Universidade. Era um rapaz baixo, de bigode castanho, uma pequenina

pera, o cabello comprido deitado para traz e luneta. O sr. Agostinho recitava versos, sabia tocar guitarra, contava aneddotas de caloiros, fazia *partidas*, descrevia valentias e era famoso na Vieira, entre os outros homens, por saber conversar com senhoras.

— O Agostinho, patife! diziam. — É chalaça a esta, chalaça áquella. Lá para sociedade não ha outro!

Logo desde os primeiros dias Amelia reparou que os olhos do sr. Agostinho Brito se fitavam constantemente n'ella, com intenção sentimental. Amelia córava um pouco, fazia tregeitos na cadeira e terminava por olhar para elle. Agostinho torcia a pera radioso. Um dia em casa da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção tinham-lhe pedido para recitar.

— Oh, minhas senhoras, isto aqui não é forja de ferreiro, tinha elle dito.

— Ora vá! não se faça rogado, disseram, insistindo.

— Bem, bem, por isso não nos havemos de zangar.

— *A judia*, Brito, disse o recebedor de Alcobaça.

— Qual *Judia*, disse elle, ha de ser mas ha de ser a *Morena*. — E olhou para Amelia. — Foi uma poesia que fiz hontem.

— Valeu, valeu, disseram todos.

— E eu acompanho, disse um sargento do 6 de caçadores, tomando a guitarra.

Fez-se um silencio. O sr. Agostinho ergueu-se e com voz grave, deitando o cabello para traz, fitando a luneta e fitando Amelia:

— *A morena* de Leiria! disse.

Nascestes nos verdes campos  
Onde Leiria é famosa,  
Tens a frescura da rosa,  
E o teu nome sabe a mel.

— Perdão, disse o recebedor, a sr.<sup>a</sup> D. Juliana não está boa.

Era a filha do escrivão de direito de Alcobaça: tinha-se feito muito pallida e, lentamente, desmaiava ha cadeira com os braços pendentes, o rosto caído sobre o peito. Cercaram-n'a, borrifaram-n'a de agua, levaram-n'a para o quarto de Amelia; quando lhe desapertaram o vestido e lhe deram agua de Colonia a respirar, saíu do esvaimento, olhou em redor, começaram a tremer-lhe os braços e rompeu a chorar. Fôra, os homens, em grupo, commentavam:

— Foi o calor, diziam.

— O calor que ella tinha sei eu, disse o sargento de caçadores.

O sr. Agostinho, calado, torcia o bigode com aspecto contrariado. Por fim todos se despediram e algumas senhoras foram a casa acompanhar a sr.<sup>a</sup> D. Juliana. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção e a S. Joanneira, embrulhadas nos seus chales, tambem foram. A noite estava escura, cheia de vento. Um criado levava um lampeão e todos caminhavam na areia calados.

— Tudo isto é teu proveito, deixa lá, disse a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção baixo á S. Joanneira, demorando-se um pouco atraz do grupo.

— Meu?!

— Teu. Pois tu não percebeste? Esta Juliana, em Alcobaça, era namoro do Agostinho. Mas o rapaz aqui anda pelo beijo pela Amelia. A Juliana percebeu; viu-o recitar aquelles versos, olhar para ella, zás!

— Ora essa... disse a S. Joanneira.

— Deixa lá, o Agostinho tem um par de mil cruzados que lhe deixam as tias, que morrem por elle. É um partidão!

Ao outro dia, á hora do banho, a S. Joanneira vestia-se na sua barraca e Amelia, só, sentada na areia, esperava.

— Olá! sósinha? disse uma voz por detraz d'ella.

Amelia voltou-se sobresaltada. Era o sr. Agostinho. E ella, calada, começou a riscar a areia com a sua sombrinha. O sr. Agostinho passou o pé pela areia para a alisar e escreveu — Amelia. Ella quiz apagar com a mão.

— Então! disse elle. — E debruçando-se para ella: — É o nome da *Morena*, bem vê. *O seu nome sabe a mel!*

Ella sorriu:

— Ande, que fez hontem desmaiar aquella pobre Juliana, disse.

— Ora! importa-me a mim bem com ella! Estou farto d'aquelle estafermo. Então que quer? Eu sou assim. Tanto digo que me não importo com ella, como digo que ha uma pessoa por quem daria tudo... Eu sei...

— Quem é? É a sr.<sup>a</sup> D. Bernada?

Era uma velha hedionda, viuva de um coronel.

— É, disse elle rindo. E justamente por quem eu ando apaixonado é pela D. Bernada.

— Ah! o senhor anda apaixonado! disse ella devagar, com os olhos baixos, riscando sempre a areia.

— Diga-me uma coisa, está a mangar commigo? disse Agostinho puchando uma pequena cadeira e sentando-se ao pé d'ella.

Amelia poz-se de pé.

— Não quer que eu me sente ao pé de si? perguntou elle.

— Eu é que estava cansada de estar sentada.

Calaram-se um momento.

— Já tomou banho? disse ella.

— Já, disse Agostinho chupando o cigarro.

— Estava frio hoje?

— Estava.

As palavras de Brito eram sêccas e enfatiadas.

— Zangou-se? disse ella, aproximando-se d'elle, sorrindo, com a sua voz doce.

Agostinho ergueu os olhos e vendo o rosto de

Amelia fresco, appetitoso, envolvido na manta branca de lã, disse com grande vehemencia:

— Estou mesmo doido por si!

— Chut!... disse ella.

A mãe de Amelia, levantando o panno da barraca, saía embrulhada na capa, com o lenço amarrado na cabeça.

Agostinho ergueu-se e a S. Joanneira adiantou-se.

— Então vem mais fresquinha? perguntou elle, tomando um ar risonho.

— Estava por aqui? disse a S. Joanneira aconchegando a capa.

— Vim dar uma vista de olhos. E agora toca ao almocinho, hein? disse Agostinho.

— Se é servido, disse ella.

E as duas afastaram-se em direcção a casa.

Desde então Agostinho seguia sempre Amelia, de manhã no banho, de tarde á beira-mar. Apanhava-lhe conchas, buzios e tinha-lhe feito outros versos — *O sonho*. — Uma estrophe era significativa:

Senti-te contra o meu peito

Tremer, palpitar, ceder...

Ella guardára-os com grande commoção e repetia-os de noite, aconchegando-se á roupa da cama e suspirando.

No entanto outubro findava. As férias tinham acabado: Agostinho devia voltar a Coimbra. Uma noite o alegre rancho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção e das amigas tinham ido dar pela praia um passeio ao luar. A volta, porém, erguera-se vento, nuvens pesadas e escuras corriam melancolicamente, o ceu nublou-se, escureceu, caíram gotas de agua. Estavam então ao pé de um pequeno pinheiral escuro e cerrado, abrigaram-se alli um momento. Agostinho tinha tomado Amelia pelo braço, e, rindo, tinha-a levado para longe dos outros, na escuridão; e alli,

em quanto ella se encolhia contra um tronco de pinheiro:

— Estou doido por si! disse-lhe elle.

— Creio lá n'isso, respondeu ella baixinho.

Mas Agostinho tomando um tom grave:

— Sabe? talvez eu tenha de me ir amanhã embora.

— Vae-se? disse ella.

— Talvez; não sei ainda.

— Vae-se... murmurou Amelia.

Ficaram calados.

Elle tomou-lhe a mão, ella deixou, passivamente.

— Escreva-me, disse Agostinho.

— E a mim escreve-me? disse ella.

Agostinho lançou-lhe o braço á cinta e attrahindo-a fortemente, encheu-a de beijos pelo rosto, pelos hombros, pelo cabello.

— Deixe-me! deixe-me! dizia ella suffocada.

E desprendendo-se deitou a correr para junto da mãe.

Ao outro dia, com effeito, o sr. Agostinho partiu. Vieram as primeiras chuvas e dentro em pouco Amelia, a mãe, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção voltaram tambem para Leiria.

Passaram dois mezes, e um dia, em casa da S. Joanneira, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção deu parte que Agostinho Brito, segundo lhe escreviam de Alcobaca, tinha o casamento justo com a menina do Vimeiro.

— Caspité! tinha dito a sr. D. Joaquina Gansoso, apanha nada menos que os seus trinta contos! Olha o méco!

E mesmo alli diante de todos Amelia desatou a chorar.

Amelia amava Agostinho: achava-o bonito, admirava-o recitando á guitarra, conversando, e não podia esquecer aquelles beijos de noite no pinheiral cerrado; relia os versos que lhe fizera, recordava

as suas palavras, revivia aquelles mezes radiosos da Vieira, e as lagrimas voltavam com uma amargura vehemente.

Começou então a exaggerar com grande sensibilidade a sua desgraça. Decidiu que não tornaria a ter alegria. Veiu-lhe a lembrança d'aquelle frade de que lhe fallára o *Tio Cegonha*, que por amor se escondêra na desolação de um convento. Começou a pensar em ser freira, a comparar-se áquelle monge namorado. Deu-se a uma grande devoção: lia todo o dia livros de resas, encheu as paredes do quarto de lithographias coloridas de santos; passava longas horas na igreja, accumulando *Salve-Rainhas*, supplicando á Senhora da Encarnação que lhe valesse na sua tristeza. Ouvia todos os dias missa, commun-gava todas as semanas.

Lentamente, porém, com o tempo, a lembrança de Agostinho tinha-se desvanecido; já nem se recordava com nitidez da sua physionomia. Mas no seu espirito vasio a devoção tinha-se estabelecido, tornára-se a occupação, o fim da sua vida. Foi por esse tempo que o conego Dias e sua irmã, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias, começaram a frequentar a casa da S. Joanneira. Dentro em pouco o conego tornou-se habitual. Vinha jantar regularmente duas vezes por semana. Depois do almoço era certo com a sua cadellinha e tomava para si as antigas horas do chantre.

— Tenho-lhe muita amizade, faz-me muito bem, dizia a S. Joanneira. Mas o sr. chantre, não ha dia nenhum que me não lembre d'elle.

A irmã do conego, que vivia exclusivamente para a igreja, tornára-se a amiga intima da S. Joanneira; tinham organizado ambas a *Associação das servas da Senhora da Piedade*. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção e as Gansosós pertenciam tambem.

A casa da S. Joanneira tornára-se então um centro ecclesiastico. Parte dos conegos, o novo chantre, frequentavam-n'a. Havia imagens de santos na sala

do jantar e na cozinha. As criadas eram examinadas em doutrina antes de serem acceitas. Alli faziam-se as reputações. Se se dizia de uma mulher, de um homem: *não é temente a Deus*, todas aquellas beatas se julgavam no direito de desacreditar santamente. As nomeações de sineiros, coveiros, serventes de sacristia, faziam-se alli por intrigas subteis e palavras piedosas. Tinham tomado um certo vestuário entre o preto e o roxo e toda a casa cheirava a cera e a incenso.

A S. Joanneira, mesmo, monopolisára o commercio das hostias.

Assim passaram annos. Com esta educação a devoção de Amelia affirmava-se; tinha, porém, tomado um character mais exterior. Amelia tinha então vinte annos: era forte, de um sangue vivo e activo; tinha um temperamento voluptuoso e impressionavel. Tornára-se alegre; nos seus beiços rubros e cheios havia sempre uma risada prompta; os livros piedosos faziam-n'a bocejar; as longas resas, a devoção solitaria, interior, humilde fatigavam-n'a. Começou a amar na religião e na egreja o apparatus, a solemnidade, a festa; as bellas missas cantadas ao orgão, as capas recamadas de oiro reluzindo entre os tocheiros dourados, o altar-mór na gloria das flores cheirosas, o roçar das correntes dos incensadores de prata, os unisonos que rompem briosamente no côro na alegria das alleluias. Era esse o seu luxo, a sua voluptuosidade, a sua opera. Além d'isso a Sé apparecia-lhe pela convivencia e intimidade de tantos padres como uma casa sua. Sentia-se bem alli. Nos domingos de missa gostava de se vestir, de se enfeitar, de se perfumar de agua de Colonia e de se ir aninhar sobre o tapete do altar-mór, sorrindo ao padre Brito ou ao conego Saldanha. Mas não lhe agradavam menos as melancolias do culto: a triste devoção da Quaresma, os luctos da Paixão, o desolado e saudoso toque de finados excitavam-lhe a sen-

sibilidade nervosa, davam-lhe uma romanesca tristeza; em certos dias enevoados punha-se pela casa a cantar a velha melodia do Santissimo ou o toque da Agonia. E sentia-se feliz em estar triste, ter uma indefinida saudade, em que havia alguma coisa de amoroso. Mas o que mais a revolvía era o culto triumphante, sonoro, cantado, reluzente de bordados, todo palpitante de luzes. O que lamentava era que a Sé fosse construída n'uma ampla structura de pedra de um estylo frio e claustral: queria uma igreja pequenina, doirada, tapetada, forrada de papel, illuminada a gaz, com cortinas de seda. E uma coisa que a desgostava era que os padres ordinariamente fossem feios, porque para a belleza harmonica da religião os bellos paramentos deviam reluzir sobre esbeltas figuras pallidas.

Foi por esse tempo que ella conheceu João Eduardo, no dia da procissão de *Corpus-Christi*. Era em casa do tabellião Nunes Ferral, onde o sr. João Eduardo era escrevente. Amelia, a mãe, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias tinham ido ver d'alli a procissão. João Eduardo estava lá, correctamente vestido de preto, serio e calado. Havia muito que Amelia o conhecia, mas n'aquella tarde reparou na sua physionomia sympathica, na brancura da sua pelle, na gravidade com que ajoelhava, na frescura dos seus dentes.

A noite o tabellião deu um chá. A filha mais velha sentou-se ao piano e tocou com um brio estri-dente uma mazurca franceza. João Eduardo aproximou-se de Amelia:

—Ai, eu não danso! disse ella com ar secco.

João Eduardo não dansou tambem e foi encostar-se a uma hobreira com a mão na abertura do collete e com os olhos fitos em Amelia. Amelia via-o, sorria, desviava o rosto, mas estava contente. Por fim ao pé d'ella houve uma cadeira vasia. João Eduardo veio sentar-se. Ella fez-lhe o logar accom-

modando o vestido. O escrevente embaraçado torcia o bigode com uma das mãos no bolso. Por fim Amelia voltando-se para elle:

— Então o senhor não dança tambem?

— É a sr.<sup>a</sup> D. Amelia, di-se elle baixo?

Ella inclinou-se para traz e batendo nas pregas do vestido:

— Ai! eu estou velha para estes divertimentos, sou uma pessoa seria.

— Nunca se ri? perguntou elle, querendo pôr na voz uma intenção fina.

— Às vezes rio quando ha de quê, disse ella olhando para elle.

— De mim, por exemplo.

— De si?! ora essa! Está a caçar commigo? Por que me hei de eu rir do senhor? Boa!... Então o senhor que tem que faça rir? — E agitava o seu leque de seda preta.

Elle calou-se procurando as idéas, as delicadezas.

— Então serio, serio, não dança?

— Já lhe disse que não. Ai, que é tão perguntador, disse ella rindo.

— É porque me interesso por si.

— Ora, deixe lá! disse ella fazendo um indolente gesto de negativa.

— Palavra!

Mas a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias aproximou-se a fallar com Amelia. João Eduardo levantou-se.

A saida Amelia estava no corredor com as outras pondo os agasalhos. João Eduardo de chapéu na mão aproximou-se d'ella:

— Cubra-se bem, não apanhe frio.

— Então continúa a interessar-se por mim? disse ella apertando em redor do pescoço as pontas da sua manta de lã.

— O mais possível, creia.

Duas semanas depois veiu a Leiria uma companhia ambulante de zarzuela. Fallava-se muito da

contralto a *Gamacho*. Na segunda noite representavam *Marina*. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção tinha alugado um camarote, levou a S. Joanneira e Amelia — que duas noites antes estivera costurando, com uma pressa comovida, um vestido de cassa todo florido de laços de seda azul. João Eduardo não se fartou n'essa noite de a olhar, de a desejar — em quanto a Gamacho, empastada de pó de arroz, sob a sua mantilha valenciana, vibrando com uma graça decrepita o seu leque de lentejoilas, garganteava com uma voz aguda. A saída veiu comprimental-a, offereceu-lhe o braço até á rua da Misericordia; a S. Joanneira, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção vinham atraz com o tabellião Nunes.

— Então gostou da Gamacho, sr. João Eduardo?

— A fallar-lhe a verdade nem sequer reparei n'ella, respondeu elle com uma intenção.

— Então que fez?

— Olhei para si, respondeu elle resolutamente.

E então tinha-lhe dito a sua paixão, os seus pensamentos sempre poisados n'ella, o seu desejo de a ver todos os dias de perto e certas esperanças.

Ella interrompeu, a voz tremia-lhe um pouco:

— Onde vem a mamã? — E parada, olhava para traz.

— Deixe lá a mamã.

E João Eduardo, fallando-lhe baixo, todo inclinado para ella, tinha-lhe tomado a mão com uma pressão terna, sentimental. Amelia estava nervosa da musica, da noite de theatro; o ar estava quente, no ceu negro havia uma vasta scintillação de estrellas, o calor do verão punha no seu sangue uma agitação apaixonada. Abandonou a mão passivamente, e quando João Eduardo lhe perguntou baixinho:

— Não me detesta, não é verdade?

— Bem ao contrario, respondeu ella baixo, e apertou a mão de João Eduardo, pesando sobre o hombro d'elle com um languido sentimento.

Mas dias depois, quando conheceu mais João

Eduardo, quando pôde fallar livremente com elle, reconheceu que lhe não tinha amor. Ao pé d'elle sentia pouco. Estimava-o, achava-o *sympathico*, *bom rapaz*, poderia ser um bom marido; mas sentia dentro em si como um grande somno do coração.

No entanto o escrevente ia a casa da S. Joanneira quasi todas as noites. A S. Joanneira estimava-o pela sua seriedade, pelo seu amor ao trabalho, pela sua honradez. Mas Amelia começava a mostrar-se reservada. Esperava-o á janella pela manhã quando elle passava, sorria-lhe, bordára-lhe uma carteira, olhava para elle muitas vezes durante a noite, escrevêra-lhe dois bilhetes curtos; mas tudo friamente, sem exaltação, para o não descontentar, para ter uma occupação, um pequeno interessee amoroso.

João Eduardo fallou á mãe em casamento:

— Como a Amelia quizer, eu por mim...

Amelia tinha respondido:

— Mais tarde, por ora não me parece... — e outras palavras hesitantes.

Por ultimo decidiu-se tacitamente que aquella situação se definiria quando elle obtivesse o logar de amanuense do governo civil.

Tal fôra o passado de Amelia. Durante a noite estas recordações vieram-lhe por fragmentos como pedaços de nùvens que o vento invisível vae trazendo, fôrmando e desmanchando. Adormeceu tarde, já os gallos cantavam. Quando acordou o sol ia alto: e espreguiçava-se um pouco fatigada, quando ouviu dizer a Russa fôra na sala do jantar:

— É o sr. parochó que vae sair com o sr. coadjutor, vão á Sé.

Ella ergueu-se de um salto, e em camisa, com os pés nus, veio junto da janella, ergueu uma pontinha da cortina de cassa e ficou a olhar. A manhã estava clara, cheia de sol; o padre Amaro ia pela rua conversando com o coadjutor e a sua capa de lustrina enfunava-se com o vento.

Justina entornava-se com o vestido de casa e  
 tua conversando com o coadjuvante e sua capa de  
 estava clara, cheia de sol; o padre Amaro já pela  
 nha da cortina de casa e ficou a olhar. A manhã  
 pes nos, veis junto da janella, ergueu uma ponti-  
 Ella ergueu-se de um salto, e em caual, com os  
 furos, não é sem o vestido de casa.  
 E o sr. parochio que vive no com o sr. coad-  
 alizer a Russa fora da agua do banho.  
 e espirritualista e um pouco fatigado, quando ouviu  
 os gallos cantarem. Quando acordou o sol já alto;  
 del' tornando e desmanchando. A dormecen tarde já  
 pedacos de nuvens que o tempo invisivel vas'taxen-  
 estas recordações vicram-lhe por fragmentos como  
 Tal fora o passatempo de Amelia. Durante a noite  
 amannense do governo civil e republicano ali.  
 tução se definia, quando elle obvisse o logar de  
 Por ultimo decidiu-se tacitamente que aquella si-  
 tras palavras hesitantes a que elle achou o  
 — Mas tarde, por ora não me parece... e ou-  
 Amelia tinha respondido: — Não sei...  
 — Como a Amelia quizer, não pôde mim...  
 João Eduardo fallou-lhe mãe em casamento;  
 occupação, um pedeno interesse amoroso...  
 sem exaltação, para o não descontentar, para ter uma  
 treveira-lhe dois filletes cutes; mas tudo isto, em-  
 olhava para elle muitas vezes durante a noite, es-  
 elle passava, sorria-lhe, dordia-lhe uma careta,  
 servada, esperava-o a janella pela manhã, quando  
 honradex. Mas Amelia começava a mostrar-se re-  
 sus, recitadas, pelo seu amor ao trabalho, pela sua  
 quasi todas as noites. A S. Joannina esmava o pela  
 — No entanto o escrvente ia a casa da S. Joannina  
 que em si como um grande somno de torção...  
 vava, poderia ser um bom marido mas sentia de-  
 se sua pouca fortuna e o sympathico, bom  
 reconheceu que lhe não tinha amor. Ao pé d'elle  
 Eduardo, quando pôde fallar livremente com elle.

com embrilhado no seu grande capote, com as mãos  
numas luvas de castimbre, mãos de lá por baixo  
das botas de alto cano vermelho. As manhas estas  
viam fias; aquella hora a igreja estava quasi des-  
serta. Só algumas devotas, com o manto escuro,  
pela cabeça, se encolhiam no pe dos bancos conver-  
sados de branco.

Amaro entrava na sacristia, tressa-se depresso,  
passando, batido com os pés no lacedo, convér-  
sando com o sacristão. Trazia sempre um pouco  
apressado porque não colava e aquella hora, em se-  
jum, com a frescura cortante do ar, já sentia ap-  
petite.

Depois, com o calice na mão, entrava na igreja,  
e tendo dobrado o joelho rapidamente diante do

A S. Joanneira logo desde os primeiros dias co-  
meçou a envolver suavemente o parcho em com-  
modidades. Amaro sentia-se feliz: a S. Joanneira  
era toda attenciosa, cheia de condescendencias; tinha  
com elle um modo maternal, tomava um grande  
cuidado na sua roupa branca, perguntava-lhe as co-  
midas de que gostava, trazia-lhe sempre o quarto  
todo aciado. Amelia mostrava-se risonha, alegre,  
quasi familiar. O dias iam assim passando para Ama-  
ro, faceis, sem cuidados, com boa mesa, colções ma-  
cios e a convivencia meiga de mulheres. Não estava  
de ha muito habituado áquelles confortos. Depois das  
longas tristezas da casa do tio da Estrella, dos des-  
consolos do seminario e do aspero inverno na serra,  
n'um casebre desamparado—aquella vida em Leiria  
consolava-o, dilatava-o: era como um homem que  
depois de uma negra noite de jornada, nos escorre-  
gadiós trilhos da serra, sob os espessos chuveiros, se  
encontra em casa, sêcco e abrigado, n'um bom cham-  
bre estofado, os pés na consolação das chinelas,  
vendo o alegre lume estalar, a sopa cheirosa fume-  
gar, toda a sua felicidade sorrir em redor.

Levantava-se cedo para dizer a missa na Sé; já

bem embrulhado no seu grande capote, com as mãos n'umas luvas de casimira, meias de lã por baixo das botas de alto cano vermelho. As manhãs estavam frias; áquella hora a igreja estava quasi deserta. Só algumas devotas, com o manteu escuro pela cabeça, se encolhiam ao pé dos altares envernizados de branco.

Amaro entrava na sacristia, revestia-se depressa passeiando, batendo com os pés no lagedo, conversando com o sacristão. Estava sempre um pouco apressado porque não cejava, e áquella hora, em jejum, com a frescura cortante do ar, já sentia appetite.

Depois, com o calice na mão, entrava na igreja; e tendo dobrado o joelho rapidamente diante do Santissimo Sacramento, subia ao altar, onde as duas velas de cera esmoreciam com uma claridade pallida na larga luz da manhã, juntava as mãos, todo curvado, murmurava:

*Introibo ad altarem Dei.*  
*Ad Deum qui lætificat juventutem meam,* resmungava, n'um latim syllabado, o sacristão.

E a missa começava.  
 Amaro já a não celebrava, como nos primeiros tempos, com uma devoção quasi enternecida. «Estava habituado», como elle dizia. Murmurava as santas leituras do missal monotónamente, com uma recitação machinal. Por traz o sacristão, durante as leituras da Epistola e dos santos Evangelhos, com os braços cruzados, passava vagarosamente a mão pela sua espessa barba bem rapada, olhando de revez para as devotas. Largas resteeas de sol caíam das janellas lateraes. Um vago aroma de junquillos sêccos adocicava o ar.

Amaro, depois de recitar rapidamente o offertorio, limpava o calice com o purificador; o sacristão, apressando-se, ia buscar as galhetas, a da agua e a do vinho, que apresentava todo curvado—e Amaro

sentia o cheiro do oleo rançoso que lhe vinha do cabello. Era n'aquella parte da missa que, por um antigo habito de commoção mystica, Amaro tinha um recolhimento mais sentido: mas quantas vezes sorria, quando ao voltar-se para clamar o largo — *Orate, fratres!* — exhortação universal á oração, via apenas na vasta egreja algumas velhas encostadas aos pilares de pedra, com o aspecto idiota, a boca babosa e as mãos apertadas contra o peito, d'onde pendiam grandes rosarios negros! Mas então o sacristão ia ajoelhar-se por traz d'elle, sustentando ligeiramente com uma das mãos a capa, tendo na outra a sineta preparada. E tendo consagrado o vinho, Amaro levantava a hostia — *Hoc est enim corpus meum!* — elevando alto os braços para o Christo agonisante torcido sobre a sua cruz de pau preto; a campainha tocava lentamente; as mãos batiam concavamente nos peitos; e no silencio sentiam-se os carros de bois rolando, com solavancos, sobre o largo lageado da Sé, á volta do mercado.

— *Ite, missa est!* dizia Amaro em fim, já apressado, desejoso de terminar.

— *Deo gratias!* respondia o sacristão com a voz contente, com o allivio da obrigação finda.

E quando, depois de ter beijado o altar, Amaro vinha do alto dos degraus dar a bênção, era já pensando na boa alegria do almoço, na clara sala do jantar da S. Joanneira. Aquella hora já Amelia o esperava com o cabello caído sobre o penteador, a pelle fresca e em toda a sua pessoa um cheiro de bom sãbão e de roupas lavadas.

Pelo meio do dia ordinariamente Amaro subia á sala do jantar onde a S. Joanneira e Amelia costuravam. Estava aborrecido em baixo, vinha um bocado para o cavaco, dizia elle. A S. Joanneira

n'uma cadeira pequena, ao pé da janella, com os seus vestidos de chita espalhados ao redor aonde o gato dormia aninhado, cosia com uma luneta na ponta do nariz. Amelia, junto da mesa, trabalhava com o cesto da costura ao pé.

Amaro sentava-se n'um pequeno mocho. Era para elle uma hora de contentamento. Amelia com a cabeça inclinada sobre a costura, mostrava a sua risca fina, nitida, rosada, um pouco afogada na abundancia do cabello; os seus brincos grandes de ouro, em fórma de pingos de cera, oscillavam, faziam tremer e crescer sobre a finura da pelle uma pequenina sombra; as olheiras finas côr de *bistre* esbatiam-se delicadamente sobre a pelle de um trigueiro polido, que um sangue forte aviventava; e o seu peito cheio respirava devagar! As vezes suspendia a agulha ou cravando-a na fazenda espreguiçava-se devagarinho, sorria, como cançada. Então Amaro dizia-lhe, graça-jando:

— Ah! preguiçosa... preguiçosa...

Ella ria; começavam a conversar. A S. Joanneira sabia as coisas interessantes do dia: o major despedira a criada ou havia quem offerecesse dez moedas pelo porco do Carlos do correio. De vez em quando a Russa vinha ao armario buscar um prato ou uma colhér: então fallava-se do preço dos generos, do que havia para o jantar. A S. Joanneira tirava as lunetas, traçava a perna, o que erguia um pouco as saias e mostrava o pé calçado n'uma chinelá de ourelo, e punha-se a dizer os pratos:

— Hoje temos grão de bico. Não sei se o sr. parochro gostarâ, foi para variar.

Mas Amaro gostava de tudo e mesmo em certas comidas descobria afinidade de gostos com Amelia.

As vezes, animando-se, o padre bolia-lhe no cesto da costura. Um dia encontrára uma carta: riram muito; elle perguntou-lhe pelo *derricho*, ella respondeu picando vivamente o pesponto:

— Ai, a mim ninguém me quer, sr. parcho.  
 — Não é tanto assim, disse elle... — Mas suspen-  
 deu-se, tossiu, fez-se todo serio.

Amelia em certas occasiões estava familiar; até lhe pediu um dia para sustentar nas mãos uma meadi-  
 nha de retroz que ella queria dobar.

— Deixe fallar, sr. parcho! disse a S. Joanneira reprehensivamente. Isto, em se lhe dando confiança!

Mas Amaro tinha-se promptificado, rindo, todo contente. Eram para elle momentos superiormente doces. N'outra occasião ella tinha o gato no collo e Amaro, todo chegado, corria-lhe a mão pela espi-  
 nha; o gato, electrizado pelo contacto, arqueava-se, arredondava-se, rosnando.

— Gostas? dizia ella ao gato, um pouco córada, com os olhos baixos.

E a voz amorosa e profunda de Amaro dizia:

— Bichaninho gato! bichaninho gato!

A S. Joanneira muitas vezes erguia-se para dar o xarope á idiota, que tossia, ou conchegar-lhe a rou-  
 pa. Elles ficavam sós; mas não fallavam; e então para encher o silencio Amelia cantaralava baixo o *Adeus!* ou *O descrente*. Amaro accendia o seu ci-  
 garro e escutava.

— É tão bonito isso, dizia elle.

Amelia cantava mais accentuadamente, cosendo depressa; e a espaços, erguendo o busto, mirava o alinhavado ou o pesponto, correndo-lhe por cima para o assentar a sua unha polida e larga.

Amaro achava aquellas unhas admiraveis, porque tudo o que era *ella* ou vinha *d'ella* lhe parecia perfeito: gostava da côr dos seus vestidos, do seu andar, do seu modo, da delicadeza da sua voz, e olhava sempre com uma sensação terna para as saias brancas que ella punha a seccar á janella do seu quarto, enfiadas n'uma canna. Nunca estivera assim na intimidade de uma mulher. Quando a porta da sala do jantar, que dava para o quarto d'ella, es-

tava entre-aberta, Amaro olhava para dentro cheio de ambição, como para a revelação de um paraizo. Um saioite pendurado, uma meia estendida, uma liga que ficára sobre o bahu, todas estas coisas femininas lhe appareciam como maravilhas, como as minuciosidades deciliosas de uma vida superior. Não se saciava de a ver fallar, rir, sentar-se com a sua estatura firme, andar, arrastando as saias engomadas que batiam as umbreiras das portas estreitas. Diante d'ella, ao pé d'ella, quando a via, não lhe lembrava que elle era — o padre Amaro, parochó da Sé; o sacerdocio, Deus, a egreja, o peccado ficavam em baixo, longe, distantes; elle via-os do alto do seu enlevo, como de um monte se vêem as casas desaparecer e esbater-se no nevoeiro dos valles.

Com effeito, logo desde os primeiros dias que conhecêra Amelia, sentíra no fundo da sua natureza alguma coisa a palpitar, a querer fugir para ella; instinctivamente, a cada momento, lhe vinha ao pensamento a sua figura direita, a pesada massa do seu cabello, o seu pescoço branco e polido como o marfim. Mas eram sensações vagas que estavam no fundo do seu pensamento como uma semente enterrada: mal se atrevia a fallar-as baixo consigo mesmo. Julgava-as impuras, inimigas, absurdas. Elle era padre, ella ia casar! Tudo os separava: a educação, a lei, a moral, Deus, o egoismo! Mas ao mesmo tempo a sua existencia sedentaria e farta, as noites mollemente dormidas, a convivencia com Amelia, davam-lhe um certo quebranto do corpo, amoroso, quasi immoral. Vinham-lhe indefinidas preguiças, ficava largos espaços abstracto, perseguindo certas idéas, certas imagens ardentes; espreguiçava-se voluptuosamente; pensava na doçura infinita de lhe dar um beijo, um só, na lisa brancura do seu pescoço, ao

pé da orelha ou na covinha do queixo! Depois revoltava-se contra estes desfallecimentos languidos, retomava o domínio do seu pensamento, impunha-se uma serenidade superficial:

— Que diabo, dizia elle, é necessario ter juizo!  
Abria quasi contente o seu *Breviario*; mas a voz de Amelia fallava em cima, o *tic-tic* das suas botinas batia o soalho... Adeus! a devoção caía como uma véla a que falta o vento; as boas resoluções sãs e fortes fugiam cobardemente — e as tentações voltavam em bando a estabelecer-se no seu cerebro, frementes, arrulhando, roçando-se umas ás outras, como um bando de pombas que recolhe ao pombal. Ficava todo subjugado, soffria! Era então que lamentava a sua liberdade perdida! Como desejaria não ver Amelia, estar longe de Leiria, n'uma aldeia solitaria, n'um valle, entre gente pacifica, com uma criada velha cheia de proverbios e de economia, com uma horta onde as alfaces verdejam e os gallos cacarejam ao sol! Mas Amelia apparecia-lhe!  
— e o encanto recomeçava!

A hora do jantar sobre tudo era a mais penetrante, a sua hora perigosa e feliz, a melhor do dia. A S. Joanneira trinchava, em quanto Amaro, conversando, comia azeitonas cuspindo os caroços na palma da mão, enfileirando-os sobre a toalha. A Russa, doente, cheia de tosse, servia mal; e então voltavam as grandes lamentações da S. Joanneira sobre a falta de criadas. Amelia ás vezes erguia-se para ir buscar alguma coisa ao aparador. Amaro queria levantar-se tambem, apressado, attencioso.

— Deixe-se estar, deixe-se estar, sr. parócho! dizia Amelia. — E para o fazer ficar sentado pünhalhe a mão no hombro e os seus olhos encontravam-se.

Amaro comia bem; e com as pernas estendidas, o prato cheio, o copo meio de vinho com as bordas embaciadas do contacto dos beiços, sentia-se satisfeito, superiormente feliz: sorria, tinha um bom calor no corpo, bebia; e depois do segundo copo da Bairrada começava a sentir uma vaga ternura, a ter certas audacias. As vezes Amelia ensopava o miolo de pão no molho do guisado e a mãe dizia-lhe sempre:

— Embirro que faças isso diante do sr. parcho.

E elle então rindo:

— Pois olhe, tambem eu gosto.

E molhavam ambos e sem saber porquê davam grandes risadas. Mas o crepusculo crescia e a Russa trazia o candieiro. Á luz, o brilho dos copos, das loiças alegrava; Amaro, expansivo, dizia gracinhas: chamava a S. Joanneira *mamá*; Amelia sorria, olhava para o padre, trincando com a ponta dos dentes cascas de tangerina. D'ahi a pouco vinha o café e o padre Amaro ainda ficava por muito tempo partindo nozes com as costas da faca, fumando, quebrando a cinza do cigarro na borda do pires.

Aquella hora apparecia o conego Dias; sentiam-n'o subir pesadamente e gritar logo da escada:

— Licença para dois!

Era elle e a cadella, a *Trigueira*.

— Ora Nosso Senhor nos dê muito boas noites! dizia assomando á porta.

— Vae uma gotinha de café, sr. conego? perguntava a S. Joanneira.

Elle sentava-se, exhalava um profundo *ouff!* e batendo no hombro do parcho, olhando para a S. Joanneira:

— Então como vae cá o seu menino?

Gracejavam, riam, vinham ás historias do dia. A essa hora já tinha chegado o correio: o conego trazia no bolso o *Diario Popular*. Amelia interessava-se pelo romance; o conego lia á S. Joanneira as



correspondencias amorosas que vem nos annuncios.

— Ora vejam que pouca vergonha!... dizia ella.

Amaro então fallava dos escandalos de Lisboa, contava aneddotas, citava nomes de fidalgas: queria impôr-se á admiração de Amelia. Ella escutava com os cotovellos sobre a mesa, roendo vagarosamente a ponta do palito.

Depois do jantar a S. Joanneira e Amelia costumavam ir ao quarto da idiota entrevada. Amaro tambem ia ás vezes. A velha definhada, mirrada, com uma touca de rendas, a cabeça toda tremula, os olhos fixos, concavos e chorosos, fazendo debaixo da roupa uma saliencia quasi imperceptivel, branca como os lençoes — cuspinhava a cada momento na escarradeira.

— É o sr. parochó, tia Gertrudes, gritava-lhe Amelia ao ouvido. — Vem ver como está.

A velha affirmava-se, fazia um esforço, gemia e a sua voz saía afogada e rouca:

— Ah! é o menino?

— É o menino, é, diziam rindo.

E a velha ficava a murmurar toda espantada:

— É o menino, é o menino!

— Pobre de Christo! dizia Amaro. Pobre de Christo! Deus lhe dê uma boa morte!

E voltavam para a sala do jantar, onde o conego Dias fumava todo estirado na sua cadeira — uma velha poltrona de chita verde.

— Ora vá um bocadinho de musica, pequena, dizia elle.

Amelia ia sentar-se ao piano.

— Ó filha, toca o Adeus! recommendava a S. Joanneira começando a sua meia.

E Amelia, ferindo o teclado:

Ai! adeus! acabaram-se os dias

Que ditoso vivi a teu lado...

A sua voz arrastava-se com uma lenta melancolia e Amaro sentia-se perder n'uma ternura insondável!

E quando descia para o seu quarto, á noite, ia sempre todo exaltado das sensações que lhe dava a presença de Amelia. Punhá-se a ler. O chantre emprestára-lhe então um livro mystico, *Canticos a Jesus*. Era a traducção de um livro francez, saído da sociedade das *Escravas de Jesus*. Sentava-se á beira da cama e lia com o cotovello sobre o travesseiro. Era um livro beato, de propaganda, escripto com uma exaltação artificial e equívoca, em que o amor divino se exprimia na linguagem da paixão humana: «Oh! vem amado do meu coração, corpo adoravel, minha alma impaciente quer-te! Amo-te de toda a minha alma! Abraza-me! Queima-me! Vem! esmagame! Possue-me.» E um amor impaciente, ora piegas pela intenção, ora immoral pelo ardor, desenrolava-se assim em largos periodos inflammados e sonoros. As palavras *amor, goso, delicia, delirio, extasi*, voltavam o cada momento. Um desejo ansioso, soffrego, rugia, gemia, arrastava-se por todos os capitulos, cheios de exclamações carnaes: Vem! quero-to! E depois de monologos freneticos como as coleras amorosas de uma mulher hysterica, vinham então, com uma imbecilidade de sacristia, pequenas notas beatas ensinando a boa pratica dos jejuns e orações para as dores de parto! Um bispo approvára aquelle livrinho, bem impresso; as educandas lêem-n'o no convento; meninas, que tem o corar facil, guardam-n'o no seu cesto de costura. Estê volume, beato e excitante, cheio das eloquencias da sensualidade e dos requintes da devoção, encaderna-se em marroquim e dá-se ás confessadas!

O padre Amaro lia sofregamente, com os olhos fixos. Pouco habituado ás leituras mysticas, a exaltação do livro apoderava-se d'elle, a sua attenção mordia as paginas. Repetia alto: amo-te! amo-te! Esquecia-se que toda aquella paixão vae a Jesus e relia as palavras pondo-lhe o nome de Amelia! E eram aquellas as expressões que elle lhe quereria dizer! Era com aquelle amor que elle a quereria amar! Adormecia cansado; sonhos incoherentes sacudiam-n'o, revolviam-n'o. Acordava abraçado ao travesseiro, dizendo-lhe ternuras desordenadas, dando-lhe todos os beijos da sua paixão. E por cima do seu quarto era o quarto de Amelia! Tentação sempre presente! Sentia-lhe ás vezes ranger o leito de madeira! Todas as visões do amor o assaltavam: via-a na brancura da sua camisa de dormir! via-a desfazendo as tranças ou curvada desapertando as ligas! E sentia-se miseravel, tinha vontade de chorar.

Os peiores momentos para Amaro era quando João Eduardo vinha passar as noites. A S. Joanneira e Amelia costuravam junto á mesa. O escrevente sentava-se ao pé, embrulhado no seu chale-manta, fallando baixo e pondo sempre nas suas palavras alguma coisa das suas esperanças. A sua conversação recaía invariavelmente sobre o encanto das crianças, a intimidade da familia, a alegria de uma casinha pequena.

— Esteirada, já se sabe... Dá muito conchego, dizia elle sorrindo.

— E dá, respondia Amelia.

— Umas esteiras que ha no Alemtejo, de côres vivas...

— É verdade, dizia Amelia, é muito bonito.

E o escrevente tinha o aspecto feliz e honesto. As

noites eram então asperamente batidas do vento e da chuva.

— Olha quem andar agora no mar! dizia a S. Joanneira.

— E os pobres, coitadinhos! com este frio... acrescentava João Eduardo.

E mostrava a sua piedade pelos que soffrem, pelos que mendigam na estrada, pelos que batem á porta dos hospitaes.

— Muita miseria vae por esse mundo!

Amelia erguia os olhos para elle, ou poisando-os no seu trabalho, silenciosa, cosia devagar.

Amelia, quando o escrevente estava, não tinha a mesma familiaridade alegre com o parochio; estava mais calada, mais recolhida; e a intímidade entre ella e João Eduardo parecia então crescer. Elle sorria-lhe, ella abaixava os olhos, havia longos silencios sympathicos.

Amaro sentia-se n'aquella familia pacífica como um estranho, um isolado, um solitario.

Ia n'essas noites para o quarto infeliz, irritado: quasi detestava Amelia; achava-a feia e *casmurra*. A intímidade com o escrevente parecia-lhe escandalosa. Uma noite surprehendera-se a dizer alto: «que casem e que os leve o diabo!» Outras vezes, porém, raciocinava com serenidade a sua situação. Via então os factos na crua realidade. Ella era honesta, amada por um rapaz trabalhador e sympathico; seria feliz por certo n'aquelle casamento, teria filhos, os contentamentos purificantes da familia, a tranquilla posse do dever. Para que havia de pensar n'ella, deixar-se afundar n'aquelle sentimento esteril? Resolvía então esquecel-a, lembrava-lhe mesmo sair d'aquella casa, da parochia até. Mas no dia seguinte via Amelia só, risonha, fresca e desejavel, e ficava de novo domado, vencido, sem força sob a paixão d'aquelle encanto. A sua fraca rasão acobardava-se diante do seu violento amor. Assim, nas antigas es-

tampas dos livros de cavallaria, se vê um pobre pagem debil e sensível agarrado pelos vastos pulsos de um gigante estúpido e teimoso!

Um dia Amaro, porém, teve um caso inesperado.

Jantára cedo em casa da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, tinha ido passeiar depois pela estrada dos Marraes, e na volta, ao fim da tarde, encontrou ao entrar em casa a porta da rua escancarada; ao pé do capacho, no patamar, estavam os chinelos de ourelo da Russa.

— Naturalmente, pensou Amaro, a rapariga foi á fonte e esqueceu-se de fechar a porta.

A escada estava já escura e havia em toda a casa um grande silencio crepuscular. Amelia tinha ido passar aquella tarde com a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso, n'uma fazenda ao pé da Piedade. Amaro lembrou-se que talvez a S. Joanneira tivesse saído tambem e veiu-lhe um receio: a porta estava aberta, podia alguem ter entrado, ter roubado as roupas e os vestidos! Subiu á sala de entrada: ninguem. Como as ruas estavam ainda molhadas da chuva da manhã, trazia galochas de borracha; os seus passos eram imperceptiveis. Subiu á sala do jantar. A porta do quarto de S. Joanneira estava aberta e o reposteiro de chita de ramagens corrido. Amaro, intrigado já, entre-abriu-o; mas deixou-o immediatamente cair, surprehendido, suffocado, todo envergonhado! O quarto estava na penumbra, mas víra a S. Joanneira em pé, em saia branca, um tanto curvada, com as mãos atraz das costas, enfiando pelas ilhós o atacador do collete! E ao pé da S. Joanneira, na intimidade do desalinho, um homem grosso em mangas de camisa; era o conego Dias! Amaro desceu, cosido com o corrimão, comprimindo o ruido dos

passos. Já na escada ainda ouviu a voz do conego dizer.

— Quem anda ahí?

Não respondeu e quando se achou na rua fechou brandamente a porta e caminhou ao acaso, tomando para o lado da Sé. O ceu começava a enevoar-se, um crepusculo triste e chuvoso descia.

Amaro estava assombrado.

— Quem diria, pensava elle!

Nunca suspeitára aquella intimidade do conego na casa da S. Joanneira! A S. Joanneira, ella, toda pachorrenta, com as gordas roscas do seu pescoço!... E o conego, que fôra seu mestre moral! E era um conego respeitado pelo cabido! E era um velho, sem os impetos do sangue novo, já na paz que lhe deveriam ter dado a idade, as dignidades ecclesiasticas! Que faria elle então, novo, forte, sentindo um sangue abundante impacientiar-se no fundo das suas veias, reclamar, urgir!... E o seu desejo, o amor por Amelia, apparecia-lhe menos excepcional, quasi natural. Como em todos os mais padres, actuavam n'elle as forças inilludiveis da natureza! Por que não seria como outros, que sobem em dignidades, entram nos cabidos, regem os seminarios, dirigem as consciencias, envoltos em Deus como n'uma absolvição permanente — e tem no entanto, n'uma rua afastada, uma mulher pacata e gorda, em casa de quem vão repousar das suas attitudes devotas e da austeridade do officio, fumando cigarros de estanco e beijando uma face rochunchuda? Por que não?

Comprehendia agora tudo e vinham-lhe então outras inesperadas reflexões: Que gente era aquella, a S. Joanneira e a filha, que viviam assim sustentadas pela sensualidade pachorrenta de um velho conego? A S. Joanneira fôra de certo bonita, bem feita, desejavel — outr'ora! Por quantos braços teria passado até chegar, pelos declives da idade, áquel-

les amores senis e mal pagos? Como teria sido educada Amelia?... Aquellas duas mulheres de certo não eram honestas. Recebiam hospedes, viviam da concubinagem. Amelia ia sózinha á egreja, ás compras. O seu temperamento parecia exaltado. Talvez já tivesse tido um amante! Resumia então, filiava certas recordações: um dia em que ella lhe estivera mostrando na janella da cozinha um vaso de rainunculos, achavam-se sós, e ella, toda córada, puzera-lhe a mão sobre o braço e os seus olhos reluziam e pediam; outra occasião ella roçára-lhe com o pé... Vinham-lhe então certas esperanças e caminhava depressa, sob o impulso da agitação interior. Os seus pés chapinhavam as poças lamacentas; a noite caíra quasi, com uma chuva fina e melancolica. Amaro não a sentia; estava cheio de uma só idéa, deliciosa, que o fazia tremer: ser o amante de Amelia, como o conego era o amante da mãe! Parecia-lhe facil: imaginava já a boa vida satisfeita que passaria; ella desceria, de noite, ao seu quarto, pé ante pé, apanhando as suas saias brancas, com um chale sobre os hombros nus... Com quantas devoções, humilhações elle amaria aquella fresca rapariga!

Entrou em casa cheio d'estas imaginações. A chuva fina continuava a cair. Amelia voltára e havia já luz na sala do jantar. Subiu.

— Ih! como vem frio! disse-lhe Amelia, sentindo, ao apertar-lhe a mão, a humidade da nevoa chuvosa.

Estava sentada á mesa, costurando, com um chale-manta pelos hombros. João Eduardo, ao pé, jogava a bisca com a S. Joanneira.

Amaro sentou-se um pouco embaraçado; a presença do escrevente chamava-o á realidade, e todas as esperanças que tinha creado e levantado caíam grotescamente, de repente, como um castello de cartas, — vendo-a allí ao pé do noivo, curvada sobre

uma costura honesta, com o seu escuro vestido afogado, sob o largo candieiro de familia!

E tudo em redor tambem apparecia a Amaro recatado e honrado: as paredes com o seu papel de ramagens verdes; o armario com a sua loiça luzidia da Vista-Alegre; o sympathico e bojudo pote de agua; o velho piano mal firme nos seus tres pés torneados, solemne, sob a sua colcha de setim desbotado; o paliteiro, tão querido de todos — um cupido rochunchudo com um guarda-chuva aberto erriçado de palitos; e aquella tranquillã bisca jogada com os dichotes classicos; tudo era decente, sedentario, caturra e suave!

Como elle se enganára! Pensar que Amelia poderia ter as condescendencias de concubina — ella que estava alli, toda armada dos recatos da esposa! Não, era de certo uma rapariga honrada; ignorava seguramente as velhas libertinagens da mãe...

— Então não diz nada, sr. parcho? disse a S. Joanneira. — E voltando-se para João Eduardo: — Trumpho, faz favor, seu cabeça no ar.

O escrevente ria-se.  
— É o senhor a jogar, dizia-lhe a S. Joanneira a cada momento.

João Eduardo destrahia-se, esquecia-se de *comprar cartas*, a S. Joanneira ralhava:

— Ah! menino! menino! dizia ella com a sua voz preguiçosa, que lhe puxo as orelhas!

Amelia cosia com a cabeça baixa. Tinha um pequeno casabeque preto com botões de vidro. A sua expressão era honesta, toda reflectida.

O escrevente começou a fallar de uma casa que queria alugar, a conversa caíu sobre arranjos domesticos. Amaro sentiu-se enfasiado.

— Traz-me a luz, gritou elle á Russa.

E desceu para o seu quarto. Ia desesperado. Poz a vela sobre a commoda; o espelho estava defronte e a sua imagem apparecia-lhe: reparou, sentiu-se

feito, insignificante, ridiculo com a sua cara rapada, o cabello curto, a volta hirta como uma colleira, e por traz a coroa devia fazer uma mancha branca hedionda. Comparou-se instinctivamente com o escrevente: o outro tinha um bigode, o seu cabello todo, como a sua liberdade; era um homem! — É inutil, pensou elle. Para que havia de viver nas impaciencias da paixão, cheio do desejo d'aquella mulher até ás profundidades do seu ser? Ella ia casar, estabelecer-se. O outro era um homem, um esposo; elle era um padre, um ser fóra da natureza. O outro podia dar-lhe o destino bom e serio, o conforto, a doce expansão da maternidade; elle só poderia dar-lhe os terrores do peccado, as sensibilidades criminosas. Ella sympathisava talvez com elle, apesar de padre; mas antes de tudo, acima de tudo, o que queria era casar-se. Nada mais natural. Via-se pobre, bonita, só: queria apoiar-se n'uma situação legitima, confortavel e duradoira.

E Amaro sentia-se desgraçado. Irritava-o aquella creatura simples, com o seu vestido afogado, familiar com elle, sim, quasi carinhosa ás vezes, era certo — mas seria, casta, insensivel, sem perceber que ao pé d'ella, sob uma negra batina, uma paixão a espreitava, a seguia, tremia e morria de impaciencia. Quasi a preferiria ver, toda livre, com vestidos garridos, uma cuia impudente, os olhos libertinos, traçando a perna e fitando os homens — uma femea facil como uma porta aberta... Mas recaiu em si, envergonhou-se d'estas idéas desregradas:

— Sim senhor, bonito! murmurava elle passeiando pela saleta. A que eu cheguei! Não estou a desejar que a rapariga fosse uma desavergonhada!... Aqui está o que é ser padre, bom Deus! Não podemos pensar nas mulheres decentes, temos logicamente que reclamar prostitutas! Bonita religião! Bonito dogma! Podem limpar as mãos á parede!

Abafava. Abriu a janella; a chuva cessára, grandes nuvens soltas corriam e nos espaços azues a lua dava uma claridade fria. O piar das corujas na Misericordia cortava o silencio.

— Que bonita vida! pensou elle fechando a janella. E ha de ser sempre assim, só como um cão!

portar um almude de vinho, pegar ligeiramente a  
 fadiga do arado, servir de trocha nos aratões de  
 um alpendre, e nas sessas puentes de junho arar  
 finalmente as taboas para cima das meadas de mi-  
 lho. O sr. chantre, sempre exacto nas suas compara-  
 ções mythologicas, chamava-lhe — o leão de Vénus.  
 Quando iam sentar-se à mesa chegou o ultimo  
 convidado, o beato Labaninho. Entrou todo axala-  
 mado, sacotocando-se bofando sempre com a sua  
 capcinha calva e deprimida, tossindo o seu pigarro  
 chronico:

VII

Altilhos! desculpe-me, comecou elle logo,  
 demostrei-me mais um bocadinho. Passei pela igreja  
 de Nossa Senhora da Lmida, estava o padre Nu-  
 nes a dizer uma missa de intenção. Altilhos da-

Dias depois o padre Amaro e o conego Dias ti-  
 nham ido jantar com o abbade de C. — Era um ve-  
 lho nedio e jovial, que vivia ha trinta annos n'aquelle  
 freguezia e passava por ser o melhor cosinheiro da  
 diocese. Todo o clero das visinhanças conhecia a sua  
 cabidela de caça. O abbade fazia annos, havia ou-  
 tres convites. Tinham ido tambem o padre Natario  
 e o padre Brito: o padre Natario era um homem  
 magrito, sêcco, escuro, chupado, com uns olhos lu-  
 zidios, inquietos, cheios de irritabilidade. Chamavam-  
 lhe o *Furão*. Era extremamente esperto e questio-  
 nador, passava por um intrigante astuto; diziam d'elle  
 geralmente: *é uma lingua de vibora*. Vivia com duas  
 sobrinhas orphãs, dizia-se extremoso por ellas, ga-  
 bava-lhes sempre a virtude e costumava chamar-lhes  
 as *duas rosas do seu canteiro*. O padre Brito era o  
 padre mais estúpido e mais forte da diocese. Era um  
 toiro: tinha uma enorme cabeça, coberta de um ca-  
 bello preto e lanigero, que lhe descia quasi até ás  
 sobrançellas; a cara cheia, trigueira, quasi azulada  
 pela navalha de barba; beiços grossos, risadas bes-  
 tiaes; tinha o aspecto, os modos, a forte vida de  
 um robusto beirão, que sabe manejar o cajado, em-

borcar um almude de vinho, pegar alegremente á rabiça do arado, servir de trolha nos arranjos de um alpendre, e nas sextas quentes de junho atirar brutalmente as raparigas para cima das medas de milho. O sr. chantre, sempre exacto nas suas comparações mythologicas, chamava-lhe — o *leão de Nemêa*.

Quando iam sentar-se á mesa chegou o ultimo convidado, o beato Libaninho. Entrou todo azafamado, saracoteando-se, bolindo sempre com a sua cabecinha calva e deprimida, tossindo o seu pigarro chronico:

— Ai, filhos! desculpem-me, começou elle logo, demorei-me mais um bocadinho. Passei pela egreja de Nossa Senhora da Ermida, estava o padre Nunes a dizer uma missa de intenção. Ai, filhos! papêi-a logo, venho mesmo consoládinho.

Mas a Gertrudes, a velha e possante ama do abbade, entrou com a vasta terrina do caldo de galinha e o Libaninho, saltitando em redor d'ella, começou os seus gracejos:

— Ai, Gertrudinhas, quem tu fazias feliz, bem eu sei!

A velha aldeã ria com um grande riso bondoso, que lhe sacudia a massa do seio.

— Olha que arranjo que me apparece agora pela tarde... dizia ella.

— Ora filha! as mulheres querem-se como as peras, maduras e de sete cotovellos. Então é que é chupal-as!

Todos riram e sentaram-se alegremente á mesa.

O jantar fôra quasi todo cozinhado pelo abbade e logo desde a sopa as exclamações começaram;

— Sim senhor, famoso! D'isto nem no ceu! Bella coisa!

Mas quando veiu o capão recheado houve uma aclamação. O excellentê abbade estava rubro de gloria. Era um padre bondoso e simples, que tinha uma paixão absoluta a cozinha. Lêra todos os co-

zinheiros completos, sabia todas as receitas, vivia em cima do lume absorvido nas cassarolas; acontecia-lhe, nos sermões do domingo, distrahir-se e dar aos fieis, ajoelhados pela egreja para receber a palavra de Deus, conselhos sobre o bacalhau guisado e sobre os condimentos do sarrabulho. Era feliz e tinha uma só ambição — ter um dia a jantar o bispo!

— Oh! sr. parochó, dizia elle a Amaro, por quem é! mais um bocadinho de cabidela, faça favor. Essas codeasinhas de pão ensopadas no molho! Isso! isso! Que tal, hein? — E com um aspecto modesto: — Não é lá por dizer, mas a cabidela hoje saú-me boa!

Estava, com effeito, excellente e todos se serviram com abundancia. Sentiam-se n'uma hora alegre e feliz; tinham tirado as capas e só com as batinas, as voltas um pouco alargadas, comiam devagar, fallando pouco. O aspecto da mesa alegrava com a sua loiça lustrosa, as bojudas canecas azues com vinho da Bairrada, os pires de pimentões de um verde acre, o fresco prato de azeitonas molhadas, e aos dois lados as duas boas peças — o capão com as suas redondezas de um loiro tostado e a perna de vitella, já partida, deixando ver as fatias brancas e tenras.

As janellas da sala, largas, de peitoril, abriam para o quintal; viam-se as arvores um pouco despidas ainda e o vasto ar azul, frio, cheio de um sol alegre. Dois largos pés de camelias vermelhas cresciam ao pé da janella. Sentia-se o chiar de uma nora e ao longe as lâvadeiras que batiam a roupa. A sala era alta, caiada, com um antigo tecto de carvalho escuro; sobre uma commoda, entre grossos *in-folios*, uma peanha doirada sustentava um Christo de marfim, torcendo o seu corpo tosco cheio de chagas de vermelhão. Aos lados, os sympathicos santos da christandade expunham-se nas suas attitudes legendarias sob redomas de vidro: o bom gigante S. Christovão atravessando o rio com o divino pequerrucho que sorri e faz saltar o mundo sobre a sua mãosinha

como uma pella; o doce pastor S. Joãosinho coberto com uma pelle de ovelha e guardando os seus rebanhos, não com um cajado, mas com uma cruz; o bom porteiro S. Pedro, tendo na sua mão de barro as duas santas chaves que servem nas fechaduras do ceu! E tantos outros! Nas paredes, amaveis lithographias de santas dolorosas sorriam, oravam, abençoavam, empastadas de coloridos cruceis. Toda aquella sala era simples, devota e patriarchal. O *tlintlin* dos copos, o ruido das facas animava-a de uma alegria desusada. O velho gato miava em redor da mesa, todo arqueado e cheio de mimo. E Libaninho dizia pilherias! Todos riam; mas as gargalhadas da Gertrudes atroavam.

— Gertrudinhas, flor do caniço, dizia elle revirando os olhos, passa-me as bages. Não me olhes assim, magana, que me fazes revolver os intestinos!

— O diabo é o homem! dizia a velha. Olha para o que lhe deu! Fallasse-me aqui ha trinta annos, seu perdido!

— Ai, filha, nem me digas isso, que sinto coisas pela espinha acima!

Todos os padres se engasgavam de riso: aquelles equivocos sensuaes pareciam-lhes deliciosos. Já se iam excitando, bebiam bem: o padre Brito desabotoára a batina, deixando ver a sua grossa camisola de lã da Covilhã, onde a marca da fabrica, feita de linha azul, era uma cruz sobre um coração.

Mas um pobre veio pôr-se á porta a choramingar os seus Padre-Nossos; e em quanto Gertrudes lhe mettia no alforge metade de uma bróa, os padres começaram a fallar da pobreza das freguezias.

— Muita pobreza por aqui, muita pobreza! dizia o bom abbadé. O Dias, mais um bocadinho de vitella.

— Muita pobreza, mas muita preguiça, considerou duramente o padre Natario.— E citava factos que víra nas fazendas.— Sucia de mariolas! resumia elle.

— Deixe lá, padre Natario, deixe lá! dizia o abbado. Olhe que ha pobreza deveras. Por aquí ha familias — homem, mulheres e cinco filhos que dormem no chão como porcos e não comem senão hervas.

— Então que diabo querias tu que elles comessem? exclamou o conego Dias lambendo os dedos depois de ter esburgado uma aza de capão. Querias que comessem peru? Cada um como quem é!

Mas o padre Natario insistia em que a causa da miseria era ainda a immoralidade. Todos concordavam.

— Ah! lá isso não fallemos! disse o abbade. — E contou que n'aquelle momento havia na freguezia mais de doze raparigas solteiras gravidas. — Pois senhores, acrescentou, se as chamo, se as reprehendo, põem-se-me a fungar de riso!

— Lá nos meus sitios, disse o padre Brito, quando foi pela apanha da azeitona, como ha falta de braços, vieram as *maltas* trabalhar. Pois agora o verás! Foi um desaforo! — E descrevia os costumes da *malla*, trabalhadores errantes, homens e mulheres, que andam offerecendo os braços pelas fazendas, vivem na promiscuidade e morrem na miseria. — Era um escandalo! acrescentava o Brito. Era necessario andar sempre com o cajado em cima d'elles!

E cada um citava exemplos, aneddotas, miserias.

O conego Dias contava que na freguezia de Santa Catharina as mulheres casadas tinham perdido todo o escrúpulo:

— Peiores que as cabras, dizia elle bebendo amplamente.

E o padre Brito fallou de um caso na freguezia de Amor: raparigas de dezesis e dezoito annos, que costumavam reunir-se n'um palheiro — o palheiro do Silverio — e passavam lá a noite...

— Com um bando de marmanjos, acrescentou elle rindo muito.

Então o padre Natario, que tinha os olhos já luzidios, a lingua solta, disse impudentemente, repontreando-se na cadeira, espaçando as palavras:

— Eu não sei o que se passa lá na tua freguezia, Brito; mas se ha alguma coisa o exemplo vem de alto. — E anediando o queixo: — A mim tem-me dito que tu e a mulher do regedor...

— É mentira! disse Brito rubro.

— Muito bem, amigo Brito, muito bem! disseram em redor, comprimentando-o.

— É mentira! gritou o Brito.

— E aqui para nós, meus ricos, disse o conego Dias baixando a voz, com uma malicia confidencial, sempre lhes digo que é uma mulher de mão cheia!

— É mentira! clamou o Brito resfolgando. — E fallando de um jacto: — Quem anda a espalhar isso é o morgado da Cumiada, porque o regedor não votou com elle na eleição... Mas tão certo como eu estar aqui, quebró-lhe os ossos! — Tinha os olhos injectados e estendendo sobre a mesa o seu enorme punho: — Quebro-lhe os ossos!

— O caso não é para tanto, homem, disse Natario.

— Quebro-lhe os ossos! — e resfolgava. — Quebro-lhe os ossos!

Mas então, recordando a eleição do morgado da Cumiada, começaram a fallar das eleições e dos seus episodios. Todos alli, a não ser o padre Amaro, tinham trabalhado em eleições, tinham intrigado, tinham forçado votos. Vieram as aneddotas, as recordações. Cada um contou as suas façanhas.

O padre Natario na ultima eleição tinha arranjado oitenta votos.

— Caspité! disseram.

— Imaginam vocês como? Com um milagre!

— Com um milagre! repetiram espantados.

— Sim, senhores.

E Natario contou que se tinha entendido com um

missionario e que na vespera da eleição se tinham recebido na freguezia algumas cartas vindas do ceu e assignadas pela Virgem Maria, pedindo, com promessas de salvação e ameaças do inferno, votos para o seu candidato!

— É boa! É de mão cheia! disseram todos.

Só Amaro ficára muito surprehendido.

— Homem! disse o abbade com uma grande ingenuidade, d'isso é que eu cá precisava. Eu então tenho de andar ahi a estafar-me de porta em porta. — E sorrindo bondosamente: — Com o que se faz ainda alguma coisa é com o relaxe da congrua!

— E com a confissão, disse o padre Natario com auctoridade; com a confissão é que é!

O padre Amaro, que tinha estado calado, disse gravemente:

— Mas em fim a confissão é uma coisa muito se-  
sua, e servir assim para eleições...

Então o padre Natario, que o vinho exaltava, deixou sair uma palavra expontanea:

— Pois o senhor toma a confissão a serio?

Houve uma grande surpresa.

— Se tomo a confissão a serio? gritou o padre Amaro recuando a cadeira.

— Ora essa! disseram.

O padre Natario queria explicar, attenuar:

— Mas escutem, creaturas de Deus! Eu não quero dizer que a confissão seja uma brincadeira. O que eu quero dizer é que é um meio como outro qual-  
quer. — E como arrastado por uma logica interior:  
— o que eu digo é que a absolvição é uma arma.

— Uma arma! exclamaram.

O abbade protestava. O conego citava textos. O Libaninho tinha-se benzido, E na exaltação iam bebendo, sem discernimento.

— Então talvez me queiram dizer, gritou Natario irritado, que qualquer de nós, pelo facto de ser padre, porque o bispo lhe impoz tres vezes as mãos,

e porque lhe disse o *accipe*, tem missão directa de Deus, é Deus mesmo para absolver?!

— De certo! exclamaram, de certo!

E o conego Dias disse meneando uma garfada de bages:

— *Quorum remiseris peccata, remittuntur eis.* É a fórmula. A fórmula é tudo, menino.

— A confissão é a essência mesma do sacerdocio, argumentava o padre Amaro, com gestos escolares, fulminando Natario. — Leia Santo Ignacio! Leia S. Thomaz!

— Anda-me com elle, gritava o Libaninho, pulando na cadeira, apoiando Amaro. — Anda-me com elle, amigo parochó!

— Oh! senhores! gritou Natario, exasperado com a contradicção, o que eu quero é que me respondam a isto: — E voltando-se para Amaro: — O senhor, por exemplo, que acaba de almoçar, que comeu o seu pão torrado, que tomou o seu café, que fumou o seu cigarro e que depois se vae sentar no confissionario, ás vezes preocupado com negocios de familia ou com faltas de dinheiro, ás vezes com dores de cabeça, ás vezes com dores de barriga, imagina o senhor que está alli como um Deus para absolver?

O argumento tinha surprehendido.

O conego Dias, poisando o talher, ergueu os braços e com uma solemnidade comica exclamou:

— *Hereticus est!* É hereje!

— *Hereticus est!* tambem eu digo, exclamou o padre Amaro.

Mas n'este momento Gertrudes entrou com a larga travessa do arroz doce.

— Não fallemos n'essas coisas, não fallemos n'essas coisas, disse prudentemente o abba. Vamos ao arrozinho. Gertrudes dá cá a garrafinha do Porto!

Todos estavam cheios de uma grande animação. A travessa do arroz doce foi golosamente festejada.

O abbafe servia o vinho do Porto enchendo os copos devagar, com as precauções classicas:

— Mil oitocedtos e quinze! dizia elle. D'isto não se bebe todos os dias.

Para o saborear, depois de o fazer reluzir á luz na transparencia dos copos, repoltreavam-se nas velhas cadeiras de coiro e começaram as *saudes*! A primeira foi ao abbafe.

A excitação crescia; os rostos avermelhados diziam a enfartação dos estômagos; as palavras abundantes, as risadas espessas tinham já a exaggeração do vinho.

— A sua santidade Pio IX! gritou o Libaninho brandindo o calice. — Ao martyr!

Todos beberam compungidos. E Libaninho entou em voz de falsete o hymno de Pio IX.

A sobremesa alargava-se; Natario citava Virgilio, molhando as castanhas em vinho; Amaro, todo deitado para traz na cadeira, as mãos nos bolsos, olhava machinalmente as arvores do jardim; e o padre Brito, todo rubro, queria convencer os republicanos a *marmeleiro*.

— Viva o marmeleiro do padre Brito! gritou entusiasmado o Libaninho.

Natario tinha então começado uma resenha dos santos:

— A canonisação é uma coisa excellente, dizia elle, lava tudo!

Saiam-lhe palavras impias, tinha dichotes *voltairianos*, fallava de santos que tinham sido escandalosos, outros que pela sua profissão deviam ter conhecido, praticado, amado o vicio.

— Santo Ignacio foi militar, affirmava elle.

— Militar? gritou o Libaninho. — E erguendo-se e correndo a Natario, lançando-lhe um braço ao pescoço, com uma ternura pueril e avinhada: — Militar? E que era elle? Que era elle, o meu devoto Santo Ignacio?

Natario repelliu-o:

— Deixa-me, homem. Era sargento de caçadores. Houve uma enorme risada.

O Libaninho tinha ficado extatico.

— Sargento de caçadores! dizia elle erguendo as mãos n'um impeto beato. Meu rico Santo Ignacio! Bemdito e louvado seja elle por toda a eternidade.

E d'ahi a pouco levantaram-se para o café. Eram tres horas. Todos cambaleavam um pouco, vermelhos, exaltados, arrotando formidavelmente; só Amaro estava na posse de si mesmo. Sentia-se bem, satisfeito, com tendencias ternas, uma necessidade de vida e de acção, — mas com a cabeça lucida e as pernas firmes.

Tinha-se combinado um passeio á fazenda do abbade, que era ao fim da aldeia. Sairam alegremente e metteram pelo atalho da Barroca, um caminho estreito de carros. O dia estava extremamente fino e claro, ao sol havia uma temperatura dilatadora. O solo estava secco. A vereda seguia entre vallados, erriçados de silvas; para além a terras lisas estendiam-se cobertas de restolho; a espaços as oliveiras destacavam com grande nitidez, na sua folhagem fina e fria; para o horisonte arredondavam-se collinas cobertas de rama verde-negra dos pinheiros. Havia um grande silencio recolhido; só ás vezes, ao longe, u'um caminho, um carro chiava. E n'aquella serenidade, n'aquella paz da paizagem e da luz, os padres iam caminhando devagar, tropeçando, chaco-teando, n'uma grande jovialidade.

O conego Dias e o abbade, de braço dado, faziam confidencias, riam como dois caturras. O Brito ia pelo braço de Amaro. O Libaninho atraz, só, cantarolava:

Passarinho trigueiro

Salta cá fóra.

E adiante de todos ia o padre Natario; levava a

capa no braço, um pouco descaída, arrastando pelo chão; o seu corpo parecia mais magro e mais deprimido; tinha a batina desabotoada por traz e pela abertura via-se o forro sujo do collete; as suas pernas escanifradas, com as meias pretas de lã, todas enrugadas, caminhavam depressa, aos bordos, oscilando.

E no entanto Brito, com grandes bafos de vinho, dizia a Amaro:

— Eu só me contentava em agarrar n'um cajado e correr tudo! tudo! — E gesticulava com um gesto immenso que abrangia o mundo!

Tem as azas quebradas,  
Não pôde agora...  
cantava em falsete o Libaninho.

Mas pararam de repente. Natario adiante tinha começado a gritar com voz colérica:

— Seu burro, você não vê? Sua besta!  
Era á volta do atalho. Natario tinha tropeçado com um velho, alto, curvado, que conduzia uma ovelha. Ia caindo e estava exasperado.

— Queira vossa senhoria perdoar, dizia humildemente o homem.

— Sua besta! dizia Natario com os olhos chammejantes. Que o racho!

O homem balbuciava, tinha tirado o chapéu; viam-se os seus cabellos brancos; parecia ser um antigo criado de lavoira envelhecido no trabalho: era talvez avô — é curvado, vermelho de vergonha, encolhia-se com as sebes para deixar passar no estreito caminho os senhores padres joviaes e excitados do vinho!

Amaro não os acompanhou até á fazenda. Ao fim da aldeia, no cruzeiro, tomou pelo caminho de Sobros, que vae para Leiria.

D'alli á cidade é quasi meia legua. Mas o dia estava extremamente lindo; o sol fraco, invernall; a terra sêcca. Amaro sentia-se n'uma disposição feliz. Caminhava depressa, com a capa traçada, cantando baixo.

Ao pé da Cortegassa o caminho de Sobros começa a alargar-se e ha um muro grande de quinta coberto de musgos, todo erriçado no alto de luzidios fundos de garrafas. Quando Amaro ia a passar diante do portão de carros, baixo e pintado de vermelho, parou todo surprehendido. Sentada n'um dos largos poiaes de pedra que ha ao pé do portão, estava Amelia. Ao lado uma rapariga, com o chapéu preto desabado, curvada, acamava couves dentro de uma canastra.

— Olá, por aqui! disse Amaro sorrindo.

Ella fez-se um pouco vermelha:

— É verdade. Vim á quinta com a D. Maria da Assumpção.

Ficaram calados um momento.

— Então esta é que é a quinta da D. Maria?

E Amaro adiantou-se para o portão, olhando.

Uma rua larga de velhos sobreiros, cheia de frescura e de uma sombra tranquilla, estendia-se nobremente até á casa que se entrevia no fundo, branquejando ao sol.

— É. A nossa fazenda fica do outro lado, mas entra-se tambem por aqui. Vá, Joanna, avia-te!

A rapariga poz a canastra á cabeça, deu as boas-tardes e mettu pelo caminho de Sobros.

Amelia e Amaro ficaram sós.

— Sim, senhor! sim senhor! É uma boa propriedade, considerava o parochó.

— Venha ver a nossa fazenda, disse Amelia. É uma migalhinha de terra. Vae-se por aqui mesmo. Vamos ter lá baixo com a D. Maria.

— Valeu. Está a calhar, disse Amaro.

E foram subindo a rua dos Sobreiros, calados. O chão estava cheio de folhas sêccas e entre os troncos, soberbos e espaçados, moitas de hortensias pendiam, definhadas, abatidas, amarelladas dos chuveiros; ao fundo uma casa baixa, velha, de um andar só, assentava pesadamente. Ao longo da parede grandes aboboras amadureciam ao sol e no telhado, todo negro dos tempos chuvosos, esvoaçavam pombos. Por traz o laranjal formava uma massa de folhagens de um verde metallico; uma nora chiava monotonamente.

Um rapazito pequeno, todo sujo, com umas velhas calças largas que lhe escondiam os pés, roia, sentado nos degraus da porta, a sua codea de broa.

— Para onde anda a senhora, João? perguntou-lhe Amelia.

— Está lá para baixo, para o olival, disse o rapaz com a sua vozinha arrastada.

Mas o olival era longe, no fundo da quinta. Como tinha chovido havia grandes lamas, não se podia ir lá sem tamancos.

— Vae-se a gente sujar toda, disse Amelia. — E tomando uma resolução: — É o mesmo, deixal-a lá. Vamos nós por aqui, sr. parochó.

Tinha aberto uma porta verde; desceram uns degraus de pedra desconjuntados e entraram por uma pequena rua encostada a um muro, coberta com uma larga parreira. Junto do muro cresciam rosas de todo o anno; do outro lado, por entre os pilares de pedra que sustentavam a latada e os pés torcidos das cepas, via-se, batido de luz, com tons ama-

rellados, um grande campo de herva. Ao fundo do campo os tectos baixos do curral coberto de colmo destacavam em escuro, e d'esse lado um fumosinho leve, branco, perdia-se no fino azul do ar.

Amelia tinha arrancado uma rosa e caminhava devagar, explicando a quinta: — Alli semeava-se cevada, acolá os pecegueiros não tinham pegado, além o cebolinho estava muito bonito.

— Ah! a D. Maria da Assumpção traz isto muito bem tratado!

Amaro ouvia-a fallar, sorrindo. O sol batia-lhe nas costas através dos ramos sêccos da vide. Sentia uma vaga ternura; a voz d'ella surprehendia-o como se a ouvisse pela primeira vez, tão doce, tão extensa, tão metálica, tão rica! Para saltar umas lamas ella tinha apanhado o vestido: elle vira uma brancura de meia. E aquillo fizera-o tremer como se fosse um começo da sua nudez.

Ao fim da parreira alargava-se um campo de sementeira. De um lado havia um alto vallado, coberto de silvas, de uma vegetação espinhosa, n'uma grande extensão.

— Aquí está, sr. parcho. Para lá d'este vallado é a nossa fazenda. Entra-se aquí adiante por uma cancella. Mas veja lá se está caçado. Que o sr. parece-me que não é grande caminhador.

E ria-se; estava contente, o grande ar alegrava-a, fazia-a, expansiva, accessivel. Fallava na *sua fazenda* com uma vaidade, satisfeita de se mostrar entendida de lavoira, de ser proprietaria.

— Vamos lá ver, vamos lá ver, dizia Amaro.

Mas a cancella por onde se entrava para a fazenda estava fechada pelo outro lado! Era uma alta cancella de grades estreitas, entre duas umbreiras de madeira, enterradas no chão, encravadas na espessura do silvado.

— Ora esta! exclamou ella toda desconsolada. — E através da grade, curvando-se, gritava para o la-

do do campo, arrastando a voz: — Antonio! Antonio!

Ninguém respondeu.

— Anda lá para o fundo da quinta. — E abalava a cancella, toda impaciente. — Que sécca! É o mesmo, acrescentou rindo. Se o sr. parcho não tem duvida aqui adiante póde-se passar. Ha uma abertura no vallado: chamam-lhe o *salto da cabra*. Póde a gente saltar para o outro lado.

E contava então que costumava saltar por allí quando era criança. Iam caminhando rente do silvado, ella adiante, chapinhando a lama, toda alegre; Amaro seguia, calado, vendo-a andar, com a sua figura forte, a cinta toda quebradiça, os hombros cheios e a espessa massa do seu cabello, que tinha á luz tons luzidios. Ella ia fallando, muito risonha:

— Quando eu era pequena, nunca passava pela cancella, nunca! Saltava sempre por allí. Que trampulhões! quando o chão estava resvaladiço com a chuva, isso então!... Era um viyo demonjo, eu, aqui onde me vê! Ninguém ha de dizer, sr. parcho, hein? Ai! vou-me a fazer velha! — E voltando-se para elle com um riso onde luzia o esmalte dos dentes; — Não é verdade, sr. parcho? Estou-me a fazer velha!

Elle sorria, embaraçado. Custava-lhe a fallar. E o grande azul, a temperatura tepida davam-lhe uma molleza, tinha vontade de se espreguiçar.

— Ora aqui está o *salto da cabra*, disse Amelia parando.

Era, com effeito, uma abertura no vallado. Via-se d'alli parte da fazenda da S. Joanneira: a terra plana estendia-se até um campo cercado de oliveiras; a herva fina estava toda estrellada de pequenos malmequeres brancos; uma vacca preta com grandes malhas pastava; para além eram os olivae e viam-se os tectos escuros e aguçados dos casaes.

— E agora? perguntou Amaro.

— Agora salta-se, disse ella rindo.

Mas como o solo, do outro lado, era muito mais baixo, era necessario dar um salto firme, porque a terra estava enlameada e toda escorregadia.

Amaro traçou a capa, saltou primeiro: com o impulso, porém, escorregou, ia caindo naservas humidas. Amelia ria de cima com uma grande alegria.

— Estou com medo! dizia ella, querendo saltar. estou com medo! — E tinha risinhos finos, modosinhos assustados.

Amaro via-a de baixo, rodeada de silvas, com o seu pé pequeno grosseiramente calçado, o queixo redondo e liso, o pescoço lacteo e cheio.

— Ih! que medrosa, disse elle debaixo, rindo.

— Ah! sim! gritou ella apanhando os vestidos...

E com um gesto decidido saltou. Amaro tinha aberto os braços para a amparar, ella veiu cair-lhe sobre o peito com um pequeno grito. Amaro escorregou e ao firmar-se apertou-a a si estreitamente; e estonteado, esquecido, perdido, deu-lhe um beijo rápido, ao de leve, quasi ao pé da boca.

Amelia desprendeuse rapidamente e ficou diante d'elle, calada, toda escarlata, compondo na cabeça e em roda do pescoço as pregas da manta. Amaro tremia, ia a dizer:

— Perdoe-me!

Mas Amelia começou a andar depressa, quasi correndo, com um ruido secco de saias engommadas, ao longo do vallado. Amaro seguia-a, aterrado, machinalmente, sem pensar.

Chegaram assim outra vez á cancella, que tinha a chave por dentro. Ella abriu-a rapidamente, empurrou-a, atravessou quasi a correr o campo de sementeira e tornaram a entrar, calados, na rua coberta com a larga parreira secca. Ao pé da casa estava um criado da quinta com a enxada ao hombro.

— Ó Antonio, disse ella, ensine o portão ao sr. parocho. Avie-se!

Amaro ia fallar-lhe, humilhar-se; mas veiu-lhe uma timidez e foi seguindo o criado devagar.

Amelia, sem erguer os vestidos, através das terras humidas, deitou a correr para o fundo da quinta, para o sitio do olival.

A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção ainda lá estava, sentada n'uma pedra, seguindo o trabalho de um bando de mulheres, que, com grandes varas, batiam a ramagem das oliveiras.

— Que é isso, tonta? D'onde vens tu a correr, rapariga? Credo! que doida!

— Vim a correr, disse ella, vermelha, offegante. Sentou-se no chão, ao pé da velha, com as mãos caídas no regaço. Respirava fortemente, com os beiços antre-abertos, os olhos todos vivos, humidos. Tinha uma só idéa, uma só sensação:

— Gosta de mim! Gosta de mim! pensava ella. E sentia um alvoroço e um encanto inesperado.

Logo desde os primeiros dias depois de Amaro chegar, quando o via, quando o comprimentava pela manhã, quando lhe ouvia a voz, Amelia sentia-se contente, parecia-lhe a vida alegre. Achava-o sympathico, attrahente, bem feito, com um lindo olhar. Via-o sempre um pouco triste. Por quê? Não conhecia o seu passado e começou a suppor que elle se fizera padre por um grande desgosto de amor. Idealisava-o um pouco, então; suppunha-lhe uma natureza terna, prendendo-se facilmente:

— Deve ser meigo, imaginava ella.

Pensára logo em o escolher para confessor: as suas palavras deviam ser persuasivas e doces. Como seria bom estar ajoelhada aos pés d'elle, no confis-

sionário, fallando-lhe baixo, vendo de perto os seus grandes olhos tristes, sentindo a sua voz tranquillá fallar do paraiso, da gloria, dos anjos, de todas as coisas amorosas, finas e cheias do ceu! Muitas vezes reparára-lhe na brancura dos dentes. Achava que a batina lhe ficava bem. Era tão airoso, com uma cinta tão bem feita! Quando Amaro saía, ia ao quarto d'elle, compunha-lhe a travesseirinha, alisava o cabello com o seu pente. Palpitava quando o ouvia tocar a campainha. Se Amaro jantava fóra com o conego Dias, ella estava impertinente, ralhava com a Russa e ás vezes dizia um pouco mal do parcho. Quando elle fallava de alguma nova confessada, tinha um despeito, amuava. A sua antiga devoção renascia, cheia de um fervor estranho. Ia mais á egreja, ajoelhava mais tempo na exposiçáo do Santissimo. Mas na sua maneira de resar, de praticar, havia um vago sentimentalismo. Sentia, sem comprehender bem, um certo amor physico pelos altares, pelos santos, pelos paramentos. Tinha vagamente vontade de abraçar, com pequeninos beijos demorados, a egreja, o órgão, o missal, todo o ceu! Tinha um desejo de se encostar á cruz, como ao corpo de um homem amado. Lia o seu livro de missã com uma indefinida voluptuosidade que a fazia espreguiçar. Entrava na religiáo como n'uma paixão! — E' de repente n'aquella tarde elle tinha-lhe dado um beijo!

A tarde caía quando D. Maria e Amelia voltaram para a cidade. Grandes côres inflammadas coloriam o ceu no poente; no alto o azul era baço; erguia-se um vento frio; já tocava a Ave-Marias. Amelia começou a resar baixo, e ao passar pela S.<sup>a</sup> a egreja pareceu-lhe alta, nobre, profunda como um tumulo;

mas gloriosa como o ceu. Nunca a igreja lhe apparecêra assim tão bella, de tão mysteriosa impressão. Era alli que elle celebrava, baptisava, casava, encommendava os mortos. Elle era um padre, um homem de Deus. D'elle caía a penitencia e a absolvição; as suas palavras davam o paraizo; da sua jurisdicção vinha a santidade. E era tão novo, tão interessante, tão meigo! Os seus olhos eram tão bonitos!

No adro lageado da igreja alguns conegos passejavam, conversando. A botica defronte já tinha luz; os vidros e os bocaes reluziam; e por detraz da balança e das altas redomas, a figura do pharmaceutico Carlos movia-se magestosamente.

O padre Arraio voltou para casa a uma hora de tarde. Fez o jantar em seu quarto e logo depois a noite chegou. Era a noite de S. Antonio. Dias Santos estava a fazer o jantar. A sua primeira idea foi sair immediatamente da casa de S. Joannetta. Não podia estar alli, na mesma familiaridade, tendo mostrado claramente a Amelia o seu amor, o seu erro, a sua esperança.

Ella não parecia muito scandalizada com o que elle lhe tinha dito; mas logo talvez o mesmo circumstancias que a convicção, ou talvez a dor que ella sentia com o hospede, a attenção para com o conego do conego. Mas poderia contar ao estamento, saber-se aquillo na cidade; e via-se se apaixonado se não, escarnecido, reprehendido pelo clero, talvez suspenso!

Depois se propozse em vel-a na intimidade, e talvez as suggestões da paixão, poderia vir contra o momento, uma tempestade mais viva. Ella não tinha certamente indifferença por elle. Mas era quasi morta, quasi esposa, não abandonaria a segurança de aquelle destino pelas incertezas de um sentimento qualquer!



Revolvia estes pensamentos no caminho para casa do conego, quando se achou com elle, aconselhar-se, pedir que lhe ensinasse uma casa e uma cidade, receber fôcos, ser chamado a terra por uma voz velha e prudente, e se achou nos braços de O conego estava se na sala de jantar. Sobre a mesa um candieiro embotado com um meião avermelhado. Os alices da bruxella, cobertos de uma pulverização de cinza, rebrancavam vagamente. A sala tinha uma penura de luz, e a sombra de uma cadeira de braços, com o capote pelos hombros, e as pés empalladas n'um capote acobreado amolhado no tepido caldo do lume, com o barbeario sobre os joelhos dormi-

VIII

O padre Amaro voltou para casa n'uma grande agitação. Fechou-se no seu quarto e logo que a noite escureceu foi a casa do conego Dias. Sentia-se n'uma situação difficil. A sua primeira idéa foi sair immediatamente da casa da S. Joanneira. Não podia continuar alli, na mesma familiaridade, tendo mostrado claramente a Amelia o seu amor, o seu erro, a sua esperança.

Ella não parecêra muito escandalisada; tinha ficado apenas calada e espantada; mas fôra talvez o respeito ecclesiastico que a contivera, ou talvez a delicadeza para com o hospede, a attenção para com o amigo do conego. Mas poderia contar ao escrevente, saber-se aquillo na cidade; e via-se já apontado ao dedo, escarnecido, reprehendido pelo chantre, talvez suspenso!

Depois, se presistisse em vel-a na intimidade, entregue ás suggestões da paixão, poderia vir outro momento, uma tentação mais viva. . . Ella não tinha, certamente, indifferença por elle. Mas era quasi noiva, quasi esposa; não abandonaria a segurança d'aquelle destino pelas incertezas de um sentimento equivoco!

Revolvia estes pensamentos no caminho para casa do conego; queria-se abrir com elle, aconselhar-se, pedir que lhe arranjasse uma casa e uma criada, receber forças, ser chamado á rasão por uma voz velha e prudente.

O conego estava só na sala do jantar. Sobre a mesa um candieiro esmorecia com um morrão avermelhado. Os tições da brazeira, cobertos de uma pulverisação de cinza, revermelhavam vagamente. A sala tinha uma penumbra somnolenta.

O conego, sentado n'uma cadeira de braços, com o capote pelos hombros, os pés embrulhados n'um cobertor, aconchegado, amollentado no tepido calor do lume, com o *Breviario* sobre os joelhos, dormitava. E na dobra do cobertor, a *Trigueira* estirada ressonava.

Aos passos de Amaro o conego mecheu-se e, com um bocejo, espreguiçou-se:

— Então! Já adormecendo, hein!

— É cedo, disse o padre Amaro. Ainda não tocôu a recolher.

— Ah! é você, disse o conego bocejando mais. Cheguei tarde de casa do abbade, depois tomei chá, veio o quebrantô... Então o que é feito?

— Vim por aqui... começou o padre Amaro. — E calou-se.

— Pois o abbade deu-nos um rico jantar. A cabidela estava de mão cheia! Eu carreguei-me um bocado, acrescentou o conego rufando com os dedos na capa do *Breviario*.

Houve um silencio. Os bocejos do conego escancaravam-se. Amaro decidiu-se e sentando-se ao pé d'elle, começando a remexer o brazido:

— Sabe você, Padre-Mestre? Ando triste... — E depois de um momento: — Esta cabecinha não regula...

Ia para dizer: — Aconteceu-me um caso! — Mas reteve-se:

- Não estou bem! Não vae bem isto!
- Você, com effeito, anda amarello, disse o conego aconchegando-se no capote. Purgue-se, homem! Amaro esteve um momento calado, olhando o lume.
- Sabê? estou com idéa de mudar de casa.
- O conego endireitou-se:
- Mudar de casa! Ora essa! Por quê?
- O padre Amaro começou a fallar baixo:
- Você percebe... tenho estado a pensar... é assim exquisito estar em casa de duas mulheres, com uma rapariga...
- Ora, historias! Você é hospede. Deixe-se d'isso, homem!
- Não, não, Padre-Mestre, eu cá me entendo...
- E suspirou. Amaro desejava que o conego interrogasse, attrahisse as confidencias.
- Então só hoje é que pensa n'isso, creatura?!
- É verdade, tenho estado a pensar hoje n'isto. Tenho minhas razões.
- Ia a dizer: — Fiz uma tolice, — mas acanhou-se, hesitou.
- O conego olhou para elle um momento:
- Homem! seja franco!
- Sou.
- Você acha aquillo caro?
- Não! disse o outro, com uma negação impaciente.
- Bem, então é outra coisa...
- É. Você que quer? — E com um sorriso, em voz mais baixa, pensando que o conego comprehendêra: — A gente tambem gosta do que é bom...
- Bem, bem, disse o conego rindo, percebe. Você, como eu sou amigo da casa, quer-me dizer por bons modos que tem nojo de tudo aquillo!
- Tolicie! disse Amaro, erguendo-se, irritado, d'aquella falta de perspicacia.
- Oh! homem! dizia o conego abrindo os braços n'uma surpresa: Você quer sair da casa? Por

alguma coisa é! Ora a mim parece-me que melhor...

— É verdade, é verdade, dizia Amaro espertando machinalmente o morrão do candieiro. Mas estou com esta ferrada. Veja você se me arranja alguma coisa, uma casita barata com alguma mobilia...

O conego tinha ficado calado.

— Eu sei lá, homem! isso é o diabo... — E depois de um momento: — Em fim, veremos! veremos!

Mas a irmã do conego entrou e Amaro saíu sem se ter revelado.

O conego ficou ainda ao pé do lume, ruminando. Não tinha insistido com Amaro, porque aquella resolução de deixar a casa da S. Joanneira convinhalhe. Elle dava, havia annos, uma mezada á S. Joanneira; mas desde que lhe arranjava, como hospede, o padre Amaro, diminuira-lhe a mezada. Tinha mesmo feito com ella essa combinação. Poucos dias depois, porém, já estava arrependido. A S. Joanneira, quando estava só, dormia no primeiro andar; o conego podia entrar livremente, ficar, se quizesse, até mais tarde, socegado, saboreando os lentos carinhos da sua *velhota*. Amelia, com o seu quarto em cima, era alheia a estas frequencias sentimentaes. Mas quando veiu o padre Amaro, a S. Joanneira cedêra-lhe o quarto d'ella e dormia em cima no quarto da filha. O conego principiou então a ter difficuldades e a monotona pontualidade do seu amor começou a encher-se de embaraços. Precisa-va de esperar, de espreitar, de estar á escuta como um collegial namorado; era necessario que Amelia jantasse fóra de casa, que a Russa estivesse na fonte, toda a sorte de combinações importunas. E elle, conego tranquillo, na egoista velhice, via-se obrigado a ter nos seus prazeres regulares recatos romanescos. Ora se Amaro sáísse, a S. Joanneira voltava para o seu antigo quarto! Estava independente! Vinham as antigas commodidades, as tranquillias

sestas! É verdade que tinha de dar a antiga meçada! Daria a meçada!

— Que diabo! ao menos está um homem á sua vontade, resumiu elle erguendo-se.

E d'ahi a dois dias foi a casa de Amaro, pela manhã, antes de ir ao côro. O parcho fazia a barba á janella:

— Então, Padre-Mestre? disse elle voltando-se todo ensaboado.

— Parece-me que se arranja tudo. — E sentando-se pesadamente: — Há uma casita lá para os meus lados, que é um achado. Era do major Nunes que vae mudado para o 5.

— Tem mobilia? perguntou Amaro, de pé diante d'elle, em mangas de camisa, dando o fio á navalha.

— Tem mobilia, tem loiças, tem roupas. Tem tudo.

— Então...

— Então é entrar e começar a gosar.

Aquella hora Amelia levantava-se. Sentiam-se por cima as suas botinas e um sacudir de saias.

Amaro esteve um momento calado, escutando:

— Obrigado, Padre-Mestre, obrigado, disse elle por fim, com a voz commóvida.

E logo em seguida foram ver a casa. Era na rua das Soisas. Era de um andar, já velha; a madeira estava carunchosa, alguns vidros quebrados, os tectos ennegrecidos; tinha pouca luz, nenhum sol; uma mobilia pobre perfilava-se junto das paredes caiadas. Algumas lithographias desbotadas pendiam lugubremmente de grandes pregos negros. Sobre um poial da janella alguem deixára uma velha piuga suja.

Amaro accitou a casa. Logo no dia seguinte o conego ajustou-lhe uma criada, a sr.<sup>a</sup> Maria Vicencia, pessoa triste, cheia de tosse, beata, amarella, toda propensa a sesões. Diziam que cozinha bem

e era fiel. Era irmã de uma mulher muito popular em Leiria, a tia Dyonisia. A tia Dyonisia era uma creatura gorda, baixa, reboluda, que fôra bonita e representára no theatro de curiosos: engommava para fóra, encarregava-se de empenhar objectos, entendia de partos, protegia certos arranjos e sabia toda a historia amorosa do districto. Todos conheciam a Dyonisia, com o seu chale traçado, o pesado seio tremendo dentro de um chambre sujo, o seu andar azafamado e discreto, o seu tom mellifluo com um sorriso a que faltavam os dois dentes da frente.

Ao entrar, n'esse dia, em casa pelas duas horas, Amaro encontrou na escada Amelia que descia:

— Esteja descansada, disse-lhe elle baixo, está tudo arranjado, vou-me hoje embora.

Ella não respondeu, fez-se toda vermelha.

Desde o beijo, ao pé do yallado, na quinta, não tinham tornado a estar sós. Apenas se tinham visto ao jantar diante da S. Joanneira: Amelia tinha tido uma attitude seria, um pouco reservada e silenciosa: sómente ás vezes, de repente, fazia-se toda corada e nos seus olhos vivos e accesos, nos beiços sêccos, havia uma vaga febre.

— Que tens tu, rapariga? tinha-lhe dito a mãe. Estás uma mona!

— Não me sinto bem do estomago, respondêra ella.

Em fim, ao outro dia, Amaro começou a emmalhar a roupa no bahu. Sentia uma oppressão, uma saudade, um grande desalentó. Olhava em redor, via o quarto, a sua cama fôfa, a mesa com a sua toalha branca, a larga cadeira forrada de chita, onde elle lia o *Breviario*, ouvindo, por cima, cantarolar Amelia.

— Nunca mais! pensava elle. Nunca mais!

Não voltariam as boas manhãs passadas ao pé d'ella vendô-a costurâr e respirar! Não voltariam as alegres sobremesas, que se prolongavam á luz do candieiro, e comendo castanhas, conversando baixo,

bem aconchegados na sala quente, sentiam a fria chuva cair das goteiras! Tudo tinha acabado! Tornaria, como d'antes, a viver só, a fallar só! E sentado, com a cabeça entre as mãos, perdia-se n'uma tristeza insondavel.

A S. Joanneira veiu ter com elle ao quarto. — Já sabia pelo conego que Amaro se ia embora: estava toda desconsolada; mas, em fim, não queria insistir. Bem sabia que a gente na sua casa sempre está melhor. — E fazia-lhe grandes recommendações sobre a lavadeira, e que viesse passar as noites, e que mandasse buscar o que quizesse, loiças, lençoes...

— Veja lá, não lhe esqueça alguma coisa, sr. parochinho!

— Muito obrigado, minha senhora, muitissimo obrigado.

A S. Joanneira estava, com effeito, affectada; não sabia nada: o conego dissera-lhe que Amaro resolveria viver só e a pobre mulher lamentava-se de perder o hospede e o amigo.

O jantar foi triste. Amelia, calada e pallida, os beiços brancos, queixava-se de uma dor de cabeça. A sobremesa o conego appareceu com um rapaz para levar o bahu. Amaro quiz dizer adeus á idiota, mas depois de um forte accesso de tosse, a velha dormia com um somno fraco, cortado de gemidos.

Deixal-a socegada, disse Amaro. — E apertando a mão á S. Joanneira: — Muito obrigado por tudo, minha senhora, muito obrigado.

Amaro calou-se, sentia subirem-lhe as lagrimas.

A S. Joanneira tinha levado aos olhos a ponta do seu avental branco.

— Oh! senhora, disse o conego rindo-se, o homem não vae para as Indias!

— A gente é pela amizade que lhes ganha, choramingou a S. Joanneira.

Amaro tentou sorrir, gracejar. Amelia estava toda branca, tremiam-lhe os beiços.

Em fim Amaro desceu, saíu, com os olhos arrastados de lagrimas.

E quando, n'essa noite, se viu só na sua casa nova, sentiu um tédio de tudo, uma inteira indiferença da vida.

— Que existencia! pensava elle.

Olhava em redor; via a cama de ferro pequena, dura, com uma coberta vermelha e curta; por baixo appareciam as chinelas de ourelo; um pequeno espelho luzia sobre a mesa; e como ainda não tinha lavatorio, a bacia e o jarro, com um bocadinho de sabonete, estavam sobre o poial da janella.

Havia muito que alli se não accendêra luz e sentia-se uma grande sensação de frio. A Vicência, na cozinha, escaldava a loiça nova. A rua fóra estava negra, caía uma chuva triste; um sino tocava lugubremmente ás nove horas. Então Amaro sentiu-se cair n'uma saudade, n'uma infelicidade illimitada, como se estivesse só, perdido na nocturna vastidão do mar.

E seria assim sempre! Porque estava resolvido a não voltar a casa da S. Joanneira. Já que a não podia amar e possuir, não a veria — arranca-a-hia da sua idéa, como uma coisa bella, mas venenosa e inutil. E já que a não tinha a ella, tão linda, tão bem feita, tão cheia de graça na sua voz e de força nos seus olhos — não teria outras. Por ella poderia descer do altar, trahir Deus e ir alegremente ao encontro do inferno. Mas por outras... não! Já que não podia viver, morrer d'aquella paixão — então dar-se-hia todo, voz, força, idéa, amor á sua religião e ao seu culto! Fechar-se-hia todo em Deus, no serviço da parochia, na consolação dos que peccam e na leitura dos livros piedosos. A sensibilidade em que andava vibrando o seu ser, retiral-a-hia d'aquella mulher e dal-a-hia á Egteja.

E começou a arranjar os seus livros de oração, a sua roupa branca, fazendo planos.

Estudaria, leria os theologos, seria austero, tornar-se-hia ambicioso! Que alegrias, que amplos orgulhos encontraria — no trabalho, na sciencia, mais tarde nas dignidades! O que pensaria ella quando o visse um dia bispo, pallido e interessante na sua mitra toda doirada, passando, seguido dos incensadores, entre um povo ajoelhado e penitente, sob os roucos cantos do orgão! E ella o que seria então? Uma magra creatura, murcha, embrulhada n'um chale barato. E elle, o escolhido de agora, o noivo, o esposo? Seria um pobre amanuense mal pago, com uma quinzena roçada, os dedos queimados do cigarro, curvado sobre o seu papel almasso, inutil e imperceptivel na terra, adulando alto e invejando baixo! E elle, elle bispo, na vasta escadaria hierarchica que sobe até ao ceu — estaria já muito para cima dos homens, perto de Christo, na zona da luz que faz a face de Deus Padre!

Perdia-se n'estas exaltações: a melancolia, a saudade, a paixão tinham-lhe dado uma elevação de espirito e de pensamento, um grande idealismo! Pensava com eloquencia, com talento. — Mas o ruído sêcco da loiça que a Vicencia lavava vinha subitamente desconsolal-o; o candieiro dava má luz, as paredes do quarto, caídas e rachadas, tinham a phisionomia mendiga.

E estava só. Que faria ella áquella hora? pensava. Eram dez horas: — Costurava, de certo, na sala do jantar: talvez estivesse o escrevente: ella sorria-lhe, roçava-lhe talvez com o pé, no escuro, debaixo da mesa. E recordava o seu pé, o bocadinho da meia que víra quando ella saltava as lamas na quinta e outras bellezas das suas fórmas. Os seus braços sobre tudo! Víra-os nus e brancos, mimosos, redondos! Como seria ineffavel, sublime, beijal-os devagarinho, devagarinho, desde o pulso até ao hombro! Oh! amava-a! amava-a! — Deitou-se sobre a cama de bruços e rompeu a chorar!

de bracos e rompesse a choro! quando tuos  
 Oh! amava-a! amava-a! — Deitou-se sobre a cama  
 rinho, devagarinho, desde o pulso até ao hombro!  
 dos! Como seria ineffavel, sublime, bellos os devaga-  
 sobre tudo! Viras os nus e bracos, mimosos, redon-  
 et outras bellezas das suas formas. Os seus bracos  
 mais por vier quando ella saltava as lamas na punta  
 da mesa. E recordava o seu pé, o doceadinho da  
 the, tocava the tallex com o pé, no escuro, deixava  
 do jantar: tallex estivesse o estardente: ella sorria-  
 va. Bem, das horas: — Costava, de certo, ta saia  
 — E estava só. Que tanta ella aquella hora, pensa-  
 sionomia machuca, em an scara de alho, etc, etc,  
 paches do quarto, cunhas e rachadas, tinham a phy-  
 niente desconsoal-o-foi o canchico dava má lux, as  
 secco da loica que a Vicencia lavava vinha subia-  
 asva com espóndia, com talento. — Mas o ruído  
 espirito e do pensamento, um grande idealismo! Pen-  
 dado, a paixão tinham-lhe dado uma elevação de  
 — Perdise-se n'estas exaltações: a melancolia, a sau-  
 que fax a face de Deus. Fardes, etc, etc, etc,  
 cima dos honnens, perto de Christo, na zona da lux  
 elica que sobe até ao céu — estava já muito para  
 baixou. Bócher, elle bispo, na vasta estadaria hierar-  
 e imperceptivel na terra, abulando alto e invejando  
 gator, curvado sobre o seu papel amassado, inutil-  
 uma pinxena tocada, os dedos queimados do ci-  
 posos. Bacia um pobre, amannusc mal pago, com  
 raro. Ecollido escolhido de agora, o novo, o es-  
 gra e creatura, manutinha, emprehada n'um chale pa-  
 tos do orgão. E ella o que assita então. Uma ma-  
 um novo abollhada e penitente, sob os rancos can-  
 doirada, passando, seguido dos necessadores, entre  
 um dia bispo, pallido e interessante na sua mira toda  
 nas dignidades! O que pensaria ella quando o visse  
 encontrar — no trabalho, na sciencia, mais tarde  
 se-hia ambicioso! Que alegras, que angulos orgulhos  
 — Estudaria, leria os theologos, seria austero, tostar-

chuva entre os joelhos, calado e lúbrico. Era sem-  
pre e mesmo homem, magro, acvilh, amarello, com  
o aspecto doente e sujo. Ficavam calados ou tí-  
candos, a largos espaços, farras palavrás trivias: um  
pajisardo que se fixava; o que dissera o conego Cam-  
pos; um frontal de altar que era necessario limpar  
— O venho esta sulli perguntava Amaro, bocejando.  
— Sempre! respondia o coadjutor, bocejando.  
A chuva caía miuda, silenciosa na grande miseria  
da rua.

**IX**

As nove horas o coadjutor ergua-se e sala a prin-  
do o seu guarda-chuva, pimentando gravemente  
Vicencia.

Era aquella a peor hora, a da noite, quando fi-  
cava só. O caminhar de peocho dava uma hu-  
- A vida de Amaro tornou-se então horrivelmente  
monotona. Depois da missa, dos deveres da igreja,  
do serviço parochial, voltava para casa. O inverno  
ia muito molhado e frio; uma chuva fina, miuda,  
molle caía constantemente. Não se podia passeiar  
e depois de tirar as botas enlameadas e humidas,  
Amaro ficava em chinelas, a aborrecer-se em casa.  
Jantava ás tres horas. A mesa era de pinho, azul,  
e como ainda não havia toalhas, estendia-se a um  
lado um pequenino guardanapo onde ficava o prato.  
O resto da mesa, escura e nua, dava-lhe uma sensa-  
ção inexplicavel de miseria, de abandono e de viu-  
vez. De pé, a Vicencia servia tossindo e de vez  
em quando, tomando o avental como um lenço, as-  
soava-se com grande ruido. Era uma velha extre-  
mamente suja. Amaro muitas vezes, ao tomar o garfo  
e a faca, sentia o cabo humido da agua gordorosa  
das lavagens. Comia mal, á pressa; mandava vir o  
café e ficava horas esquecidas sentado á mesa, que-  
brando a cinza do cigarro na borda do prato, per-  
dido n'um grande tedio.

As vezes o coadjutor vinha visital-o ao fim do  
jantar: sentava-se ao pé da mesa com o guarda-

chuva entre os joelhos, calado e lugubre. Era sempre o mesmo homem, magro, servil, amarello, com o aspecto doente e sujo. Ficavam calados ou trocando, a largos espaços, raras palavras triviaes: um baptisado que se fizera; o que dissera o conego Campos; um frontal de altar que era necessario limpar.

— O vento está sul? perguntava Amaro, bocejando.

— Sempre! respondia o coadjutor.

A chuva caía miuda, silenciosa na grande tristeza da rua.

As nove horas o coadjutor erguia-se e saía abrindo o seu guarda-chuva, cumprimentando gravemente Vicencia.

Era aquella a peor hora, a da noite, quando ficava só. O candieiro de petroleo dava uma luz melancolica. Amaro procurava ler, mas a todo o momento se erguia, passeiava no quarto, accendia o cigarro, ia á janella. A rua estava tenebrosa e o lagado molhado reluzia vagamente.

Os livros enfasiavam-n'o; estava deshabituaado do estudo e da leitura; não comprehendia bem o que lia. Vinham-lhe somnolencias; as idéas de estudar, de se applicar, tinham-se dissipado depressa. Mas as grandes devoções, a adoração de Deus, em que ao principio resolvêra asylar-se como n'uma fortaleza, sepultar-se como n'um tumulo, — não o prendiam tambem. Andava mesmo distrahido das coisas da igreja. E não se affligia, não tinha remorsos, porque julgava que o ter-se afastado de Amelia era já bastante uma penitencia e um sacrificio. Não necessitava acrescentar as orações dos livros ou os rituaes do culto. Sentia-se vagamente quite com o ceu!

No entanto afundava-se no seu tedio. Assim passaram tres semanas.

Um dia que tinha saído cedo encontrou na Praça, pelo toque do meio-dia, o conego Dias.

— Você recebeu lá o ramo? perguntou-lhe o conego.

— Que ramo? disse Amaro surprehendido.

— O ramo que lhe mandou a Amelia.

Amaro fez-se branco de surpresa e commoção.

— A rapariga diz que você é um ingrato, que se tem portado muito mal, continuou o conego. A fallar a verdade tambem acho. Por que diabo não tem você apparecido lá, homem? Que faz você á noite? Appareça, homem! Appareça! Que diabo!

Amaro separou-se logo do conego e dirigiu-se a casa, n'um alvoroço, contendo-se para não correr pelas ruas, de batina. A Vicencia estava á porta:

— Trouxeram ahi um ramo? perguntou-lhe elle quasi sem respiração.

— Trouxeram, sim, senhor.

Amaro trepou os degraus, raspando o corrimão com as unhas, febril, sofrego. Atirou a porta do quarto com um impeto, olhou anciosamente. O ramo lá estava, dentro da bacia, n'uma pouca de agua. Eram grandes rosas escarlates e brancas, vivas, frescas, cheias, com uma forte folhagem verde, pequenos botões cerrados, todo um aroma em redor.

Foi como a erupção de uma grande luz:

— Gosta de mim! dizia elle. Gosta de mim!

Estava tão nervoso que não pôde jantar. Tinha decidido logo ir vê-la essa noite — e passeiava pelo quarto impaciente, agitado, esperando que escurecesse.

— Custa a anoitecer hoje! dizia elle.

E *queria* a noite, *puchava-a para baixo* com a força do seu desejo. Por fim deram sete horas; escovou a batina, poz banha no cabello, saú! Quando bateu á campainha da porta de Amelia, tremia, sentia palpitar alto o coração.

Foi uma admiração quando elle entrou.

— Ditosos olhos que o vêem!

— Pensavamos que tinha morrido!

Era sabbado. Estava a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assum-

ção e as sr.<sup>as</sup> Gansosos. Arredaram as cadeiras para lhe dar logar.

— Ora! ora! então que tem feito?

E a S. Joanneira reprehendia-o brandamente:

— Seu ingrato! dizia ella, seu ingrato!

Amelia estava pallida e costurava com a cabeça baixa.

Mas logo depois das primeiras surpresas, dos comprimentos, Amaro começou a estar descontente. Amelia não lhe fallava: curvada sobre a sua costura, picava febrilmente a agulha; não olhava para elle. Ao chá sentou-se ao pé do conego Dias, poz-se a conversar, a rir, com o gato no collo, quasi alheia á presença de Amaro. Amaro estava todo desilludido, começou a impacientar-se, a estar desattento á conversação, a encher-se de despeito. E quando a irmã do conego se ergueu e se embrulhou no seu chale para sair, Amaro ergueu-se tambem, sêccamente.

— Já? disse então Amelia, voltando-se para elle, fixando-o com uma ternura franca.

Os seus olhos encontraram-se, penetraram-se, possuiram-se. E Amelia, baixando lentamente as palpebras, coçando com as mãos as costas do gato, disse com a voz baixa, reprehensiva e meiga:

— É cedo!

Mas a irmã do conego agasalhava-se, com os seus exaggeros senis.

— Nada! nada! Ha uma aberta! Antes que venha alguma pancada de agua!

Amaro hesitou um momento, mas como já se tinha embrulhado na capa, teve de descer com o conego e com a irmã, que se queixava do mau tempo, toda quisilada, entrouxada em mantas, com os saiotes apanhados, os pés calçados n'umas vastas galochas.

Logo que Amaro saíu, Amelia fechou-se no seu quarto.

— Vou-me deitar, disse, estou com umas dores de cabeça que não paro!

Sentou-se ao pé da cama, ficou alli muito tempo immovel, fixando o soalho:

— É certo, pensava ella, é certo! Estou doida por elle!

Tinha-o tornado a ver; achára-o mais pallido, mais triste. Mas tão symphatico! tão irresistivel! E punha-se a recordar toda a sua pessoa, os seus olhos, a sua voz, a sua estatura, o seu sorriso!

— Como eu gosto d'elle!... Adoro-o!

Nos primeiros dias, quando elle se foi embora, tinha passado horas de uma tristeza amarga. Como toda a casa lhe parecia escura, vasia e monotona! Quando tinha visto o quarto d'elle deshabitado, os cabides sem a sua roupa, a commoda sem os seus livros, começára a chorar. Tinha beijado a travesseirinha ondê elle dormia, tinha esfregado as mãos, com força e amorosamente, á toalha a que elle se limpára! Como tinha padecido, suspirado e sonhado com elle! Mas lentamente, pouco a pouco, a reflexão veio aconselhal-a e acalmal-a. Elle era um padre! Aquelle amor, irreflectido e equivoco, só lhe podia dar a vergonha e o escandalo. Seria a *amiga do parochó!* Via-se apontada ao dedo, com risadinhas, na egreja, no mercado, debaixo da arcada. E vinha-lhe com terror a lembrança de uma amiga d'ella que se perdêra com um padre, a Joanninha. Como a víra desgraçada, apupada, saindo só de nóite, mirrando-se, entisicando! O padre fôra suspenso, deixára-a: ella tinha andado então, de miseria em miseria, pelas viellas lugubres de ao pé do quartel!

Vira-a um dia na rua, descomposta, com a cuiá á banda, horrivel, gritando contra um soldado que lhe atirára á cara com um rato morto! E tinha tido fome, tinha sido espancada, gasta por todo um regimento, morrêra por fim no hospital! Esta historia vinha-lhe á lembrança a cada momento, aterrava-a. Começou a considerár mais tranquillamente que fôra uma felicidade sair o padre Amaro de sua casa e findar aquella convivencia. Desejou esquecer-o; lembrou-se mesmo de apressar o seu casamento com João Eduardo para se fortificar, para se tornar invencivel; tornou-se até meiga com João Eduardo, procurou interessar-se mais por elle, começou a bordar-lhe umas chinelas...

Mas a *idéa má* que, atacada, se agachára e se fingira morta, — começou lentamente a mexer-se, a desenroscar-se, a subir, a invadil-a! De dia, de noite, costurando, sobre tudo resando, a idéa do padre Amaro, a sua figura, a sua voz appareciam-lhe, tentações teimosas! com um encanto crescente. Que faria elle? Por que não tinha voltado? Tel-a-hia esquecido? Gostaria d'outra? Vieram-lhe ciumes indefinidos, sem objecto, mas mordentes, que a queimavam. E aquella paixão, por fim, tornou-se para ella contínua, presente, envolvendo-a como uma atmosphera d'onde não podia sair, que a seguia-se ella fugia e que a fazia viver. Tinha uma idéa permanente — vê-lo, fallar-lhe, sentil-o subir a escada!

Começou a impacientar-se com o modesto amor de João Eduardo. Achava-o insipido e piegas:

— Que mássada! pensava ella quando lhe sentia os passos na escada, á noite.

Não o supportava com os seus olhos voltados sempre para ella, a sua quinzena preta e as suas conversas sobre o governo civil.

E idealisava Amaro, desejava-o! As suas noites eram todas sacudidas de sonhos amorosos; os seus dias atravessados de desejos e impaciencias. Come-

çou a fazer-se amarella e a perder o appetite. Aquella excitação contínua deu-lhe uma febre. Esteve alguns dias de cama. O dr. Gouveia veio vel-a. Estava toda pallida, com grandes olheiras. O velho pratico saíu do quarto, com um pequeno sorriso cynico.

— Então, sr. doutor? disse a S. Joanneira.

— Case-me esta rapariga, S. Joanneira, case-me esta rapariga. Tenho-lh'o dito tantas vezes, creatura!

— Mas sr. doutor...

— Mas case-a por uma vez, S. Joanneira, case-a por uma vez!

— E saíu, arrastando um pouco a perna, como costumava e rindo baixo.

Mas no outro dia Amelia estava melhor; e na manhã em que se levantou tinha mandado a Amaro o ramo de rosas.

No domingo seguinte, á missa das nove horas, na Sé, a igreja estava cheia.

Ao subir para o altar, atravessando entre as devotas que se arredavam aconchegando os seus vestidos, Amaro, com o calice na mão, grave, viu de relance Amelia ajoelhada ao pé da mãe, com o seu vestido de seda preta de largos folhos. Durante toda a missa o padre Amaro distraído, nervoso, resmungando as leituras do missal, apressando as ceremonias, encurtando as genuflexões, tremulo, sentiu por um instincto, magneticamente, que o olhar de Amelia o seguia, o abraçava, o chamava. As mãos tremiam-lhe quando ergueu a hostia!

Mal findou a missa entrou na sacristia, despiu os paramentos n'um momento. Queria encontral-a ainda na igreja ou á saída vel-a, fallar-lhe se podesse.

A manhã estivera nublada e fria e durante a missa tinha começado a chover. Amaro desceu ra-

pidamente pela nave e com effeito encontrou á porta Amelia e a mãe que estavam, com outras senhoras, esperando uma *aberta*.

— Olá! por aqui? disse Amaro chegando-se.

— Estamos á espera que passe a chuva, sr. parochó, disse a S. Joanneira.

Amelia tinha-se feito toda córada. Amaro offereceu logo o seu guarda-chuva. Aceitaram; e em quanto a S. Joanneira o abria, já fóra da porta, apanhando o seu vestido de seda, Amelia disse baixo a Amaro:

— Até á noite, sim? — E mais baixo, com uma voz apaixonada, olhando em redor, com medo: — Tenho estado tão triste! Vá, peço-lh'o eu.

Amaro foi e todas as noites voltou, regularmente.

Amara jogava mal de comprimento-se sempre; Amara que estava sentada-se por trás d'ella, vendo-lhe as cartas por cima do hombro, ensinava-lhe o jogo grande. Amara não voltava o rosto para ella, ficavam todos chegados um ao outro, os seus hábitos tocavam-se, os seus olhos subiam para ella perguntava elle indicando a carta d'ella. Não! não! espere. Deixe verem, opeadas: não! Aquellas era cheio de contactos. Amara sentia o cheio de agua de Colonia que ella usava, exalava.

## X

E assim recommçou a intimidade de Amaro na casa da S. Joanneira. Tinha então regularizado os seus habitos. Jantava cedo, depois lia o seu *Breviario*, fazia as orações do dia. As sete horas ia.

Logo ao começo da rua da Misericordia, ordinariamente, via a janella da sala do jantar allumiada; e ao toque agudo e retinido da campainha sentia uma anciedade, um vago receio. Se já tivessem desconfiado! Se ella tivesse saído! Vinham-lhe então superstições; entrava sempre com o pé direito!

Aquellas horas estavam já a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso e a irmã do conego. João Eduardo entrava mais tarde, pondo ao canto sobre uma cadeira o seu chale-manta e o seu guarda-chuva. Passavam a noite na sala do jantar. Sobre a mesa estendia-se uma manta de xadrez para jogarem. N'aquelle inverno o luxo nas partidas da S. Joanneira era a *manilha*.

A partida era feita pela sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso, a irmã do conego e o padre Amaro. Logo desde as primeiras vasas as altercações começavam. As duas velhas ralhavam constantemente, irritadas, cheias de desconfiança. Amaro sorria, acalmava-as.



Mas as velhas reclamavam-o para continuar a partida e elle ia sentar-se, todo distrahido, cantarolando as ultimas notas, o cigarro na boca, os olhos humidos, felizes!

As sextas-feiras era a grande partida. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção entrava, solememente, toda espartilhada no seu rico vestido de seda preta. O Arthur Couceiro trazia a guitarra: estava cada dia mais chupado, mais amarello, mais tísico. Tinha estudado um *fado* novo que cantava, repicando a viola, com a melodia plangente do *fado de Coimbra*. Chamava-se o *fado da confissão*: eram quadras apropriadas áquella piedosa reunião de saias e de batinas, que enchia de risinhos maliciosos os padres e as beatas:

Na capellinha do amor,  
No fundo da sacristia,  
Ao senhor padre Cupido  
Confessei-me n'outro dia...

Vinha depois a historia equivooca da confissão, a serie de peccadinhos doces, um acto de contricção de amor e a imposição de uma penitencia terna; e aquillo era galante, devoto, cheio de sensualidadesinhas beatas e de allusões a Jesus e ao peccado de amar. Tinha sido muito apreciada em toda a sociedade ecclesiastica de Leiria. O sr. chantre pedira uma cópia e perguntára, referindo-se ao poeta:

— Quem é o habil Anacreonte?

Aquellas reuniões nunca faltava o Libaninho: uma das suas ultimas pilherias era furtar beijos á sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção; a velha escandalisava-se muito alto, atirando-lhe de revez um olhar meigo. O padre Brito, o Natario tambem vinham: formava-se então um grande *quino*. Amaro e Amelia ficavam sempre juntos e durante toda a noite os seus pés, os seus joelhos tinham toda a sorte de contactos suaves; estavam ambos calados, distrahidos, um pouco emba-

raçados, curvados sob a forte pressão da mesma idéa, do mesmo agudo desejo.

Amaro saía sempre da casa da S. Joannêira perdido de amor por Amelia. (Como ella era attenta com elle, meiga, quasi devota! Pertencia-lhe, amava-o. Elle conhecia-o pela intenção dos seus olhos e pelo contacto dos seus dedos. Estava todo na alegria da sua victoria; não sentia as solicitações estreitas do egoismo nem os espantos da consciencia catholica! Pensava só que ella era uma das mais lindas raparigas da cidade e escolhêra-o a elle, a elle padre, o eterno excluido dos sonhos femininos, o ser duvidoso e equivoco, melancolico e neutro, que ronda como um ser suspeito e hostile á beira do sentimento! Olhava-se ao espelho, sentia-se vaidoso como um plebeu que é fitado por uma princeza.

Mas a sua paixão começava a sentir impaciências. Havia tres semanas que ia a casa d'ella: encontrava sempre o seu bom sorriso, o querido contacto da sua mão, o seu olhar humilde. Mais nada. Não podia fallar-lhe só, não queria escrever-lhe, não tinha meio de a encontrar e irritava-se. Queria que ella fosse a primeira a fallar, a dizer-lhe — vem! E accusava-a a ella da timidez que elle tinha.

Em casa, só, de noite, tinha horas dolorosas. Contava vinte e oito annos: era forte, sanguineo e as agudas solicitações do seu sangue novo torturavam-n'o; queria-a ás vezes alli, de repente, palpitante, sob o calor do seu desejo! Os frios aspectos celibatarios do seu quarto indignavam-o. E voltava então a grande amargura: não ser livre, não poder entrar claramente n'aquella casa, esposal-a, possuil-a sem peccado, commodamente, com orgulho! Por que era elle padre? Por que o tinham feito padre? E accusava sua mãe,

*aquella velha pêga* da marquezia de Alegros, debatia-se no seu sacerdocio como na estreiteza de um carcere. Não fôra elle que abdicára voluntariamente a virilidade do seu peito. Fôra educado no seminario, sem vontade, sem espontaneidade. Tinha sido subjugado áquelle destino. Tinham-o impellido para a egreja como um boi para o curral!

É a egreja, a sábia egreja, pensava elle, por que prohibia ella assim aos seus sacerdotes, homens vivendo entre homens, o grande contentamento humano — o amor? Que fabuloso orgulho o de uma seita, de um systema, que pretende pela sua auctoridade parar as forças do sol, as forças da seiva, as forças do sangue! Quem imagina que desde que um velho bispo diz — *serás casto* — a um homem novo, forte, vivo e sensível, os seus nervos vão immobilisar-se, o seu sangue esfriar-se? e que uma velha palavra latina — *accedo* — dita a tremer pelo seminarista assustado, será o bastante para conter a rebellião formidavel e incessante do Corpo e do Desejo? E quem inventou isto? Quem o decretou? Um velho concilio de bispos decrepitos, vindos do fundo dos seus claustros, da paz das suas escôlas, tropegos e tremulos, mirrados como pergaminhos, inuteis como eunucos! O que sabiam elles da Natureza e das suas tentações? E que importa á Natureza? Ella continúa sublime, forçando o homem ao amor, quer elle seja padre, quer elle seja escravo — tão indifferente á egreja, que se errica e ralha, como um leão é indifferente a uma cadellinha que ladra. Não sabiam os Santos Padres, elles que mais que ninguem no mundo estudaram a Carne e os seus mysterios, não sabiam elles que tudo se illude, se evita, menos o amor? E se elle é fatal, por que impediram então que o padre o sentisse, o realisasse com pureza, com dignidade, com respeito? É melhor talvez que o vão procurar, de noite, pelas viellas obscenas!

Não comprehendia isto! Mas todos os livros santos fallam de amor! A Biblia está cheia de nupcias! Quantos quadros épicos de noivados! As rainhas amorosas adiantam-se nos seus espessos vestidos recamados de pedras; o noivo radioso vem-lhe ao encontro, a cabeça coberta de faxas de linho puro, arrastando pelas pontas um cordeiro branco; os levitas batem em discos de prata, gritam o nome de Deus; abrem-se as portas de ferro da cidade para deixar passar a caravana que leva os bem-esposados; queimam-se aromas barbaros; e as arcas de sandalo onde vão os thesoiros do dote rangem, amarradas com cordas de purpura, sobre o dorso dos camelos! Os martyres no circo casam-se n'um beijo, sob o bafo dos leões, ante as aclamações da plebe! Jesus mesmo não vivêra sempre na sua santidade inhumana; era inacessivel, frio e abstracto nas ruas de Jerusalem, nos mercados do Bairro de David; mas lá tinha o seu logar de ternura e de abandono em Bethania, sob os sycomoros do Jardim de Lazaro: alli, em quanto as pombas voam e os magros nazarenos seus amigos bebem o leite e conspiram á parte — elle olha defronte os tectos doirados do Templo batidos de luz, os soldados romanos que jogam o disco ao pé da Porta de oiro, os pares amorosos que passam enlaçados sob os arvoredos de Gettesemani — e poisa a sua mão sobre os cabellos loiros de Martha, que ama e fia a seus pés!

+ Pensava assim vagamente.

As vezes lembrava-se de se fazer protestante; mas tremia diante do escandalo da apostasia; não queria perder a sua parochia, a sua posição catholica.

Quantas vezes queria resar, afundar-se em devoções! mas então sentia uma coisa terrivel, inexplicavel. Quanto mais resava e mais se dava ás praticas rituaes, mais se exaltava e mais lhe vinham idéas amorosas. O seu espirito sobreexcitado idealisava-a, desejava-a mais. E o seu impulso para Deus termi-

nava sempre por uma excitação para o seu intenso amor!

Ficava ás vezes assim n'estas perturbações até ás tres, quatro horas da manhã.

Quantas vezes João Eduardo, passando alta noite pela rua das Soisas, tinha visto no quarto do parócho uma luz amortecida! Porque ultimamente João Eduardo, como todos os que tem um desgosto de amor, tinha tomado o habito de andar de noite até tarde pelas ruas.

João Eduardo, logo desde os primeiros tempos, percebêra a sympathia de Amelia pelo parócho e começára a detestar Amaro. Não desconfiava de Amelia, sabía que ella seria honesta, que cumpriria a sua palavra; conhecia a sua educação devota e tinha a conyicção de que ella era toda cheia de attenções, quasi humilde com Amaro por elle ser o padre, o confessor, o que absolve, o que dá o paraizo. Receiava, porém, aquelle valimento beato: era inimigo dos padres, detestava a confissão, temia a sua influencia meiga e tyrannica nas mulheres; e com fragmentos de leituras e com os seus instinctos honrados, formára para si mesmo uma vaga religião platonica — hostile ao clero, ao culto, ás praticas e toda cheia de admiração pelo Jesus poetico, perdoador, revolucionario, loiro e amigo dos pobres! Só desde que amava Amelia é que ouvia missa, para não a descontentar e para agradar á S. Joanneira.

Desde que sentira a lenta influencia do parócho n'aquella casa e na vida de Amelia, começára a impacientar-se. Desejava apressar o casamento, tirar-a d'aquella sociedade de beatas e de padres, mas não podia; só teria meios de casar quando obtivesse, em fim, o logar tanto tempo desejado e espreitado de amanuense do governo civil. E começava a sentir que a sua felicidade tardava a chegar!

Ultimamente saía sempre da casa da S. Joanneira desconsolado e infeliz. Tinha mil pequenas amargu-

ras: Amelia não fallára quasi com elle! Vira-a a sorrir-se toda enlevada para o parochó! Chegava-se tanto para elle que os seus hombros roçavam-se! Começava a ter desconfianças dolorosas. Se ella gostasse do padre!...

Já por vezes lhe quizera dizer: — Menina Amelia, está-me a dar um grande desgosto com esses modos com que trata o sr. padre Amaro! — Mas ácanhava-se diante d'ella. Sempre assim fôra com Amelia, timido, assustado, encolhido, cheio dè escravidão: receiava sempre offendel-a!

E cada dia se sentia mais desgraçado! Quando saía da casa da S. Joanneira e Amelia lhe apertava frouxamente a mão, punha-se a passeiar, só, pelas ruas ao acaso; entrava um momento na sombra nocturna da alameda á beira do rio; mas a fria escuidão da agua vagarosa, o ramalhar soturno da forragem negra enchiam-n'o de terror e de pensamentos de morte.

Ia então ao bilhar, ao pé do Terreiro, que ás vezes estava aberto até tarde: dois homens jogavam, batendo monotonamente as bolas; ao redor, nos bancos de palhinha, figuras immoveis embrulhadas nos chales-mantas, com os guarda-chuvas entre os joelhos, olhavam bocejando; o chão estava todo cuspidó, cheio da lama das solas e de pontas de cigarros. Um cheiro de petroleo suffocava. O marcador, encostado á parede, cabeceava de somno, dizendo os numeros com uma voz dormente.

Safa do bilhar e até quasi de madrugada errava pelas ruas.

...tinha em eduyoco e nunca se mostrava com elle de dia nas ruas; mas gostava de ir para a redacção alla noite fumar cigaros e conversar com Agostinho; sobre tudo quando elle começava a fallar de Lisboa e do tempo que lá vivia empregado na redacção de jornaes, no theatro da rua dos Cordes e n'uma casa de perhores.

Aquella hora da noite João Eduardo encontrava sempre Agostinho abançado, com uma velha jaca de póles que tinha as mangas excessivamente curtas e cujos colchetes de prata tinham sido empunhados — terminando, a luz de um candeeiro de perthois, sobre longas tiras de papel; estava lendo o jornal; João Eduardo estava se sobre um canapé de palhinha ou indo buscar a um

## IX

Foi então que João Eduardo começou a frequentar a redacção da *Voç do Districto*. O redactor principal, o Agostinho Pinheiro, era seu amigo. Eram ainda parentes. O Agostinho era um rapaz macilento, um pouco ethico, com um aspecto de noites mal dormidas, de roupa suada e de vicios antigos.

A *Voç do Districto* fôra creada por alguns homens, a quem chamavam em Leiria o *grupo da Maia*, particularmente inimigos do governador civil. O dr. Godinho que era o advogado, o chefe, o candidato do *grupo*, tinha encontrado em Agostinho, como elle dizia, o *homem que se precisa*: o que o *grupo* precisava era um homem miseravel e dependente, com alguma orthographia e sem escrupulos, — que redigisse, pontuasse, coordenasse em linguagem sonora as accusações, os insultos, as calumnias, as maledicencias, as allusões que elles traziam informemente á redacção, em apontamentos vagos. Agostinho era o *stylista* d'aquellas villezas. Davam-lhe por isto quinze mil réis por mez e casa de habitação na redacção — um terceiro andar, sujo e desmantelado, n'uma viella ao pé da Praça.

João Eduardo reconhecia que o caracter de Agos-

tinho era equívoco e nunca se mostrava com elle, de dia, nas ruas; mas gostava de ir para a redacção, alta noite, fumar cigarros e conversar com Agostinho; sobre tudo quando elle começava a fallar de Lisboa e do tempo que lá vivêra empregado na redacção de jornaes, no theatro da rua dos Condes e n'uma casa de penhores.

Aquella hora da noite João Eduardo encontrava sempre Agostinho abancado, com uma velha jaqueta de pelles que tinha as mangas excessivamente curtas e cujos colchetes de prata tinham sido empenhados — ruminando, todo curvado, á luz de um candieiro de petroleo, sobre longas tiras de papel: estava fazendo o jornal! João Eduardo estirava-se sobre um canapé de palhinha ou indo buscar a um canto a velha guitarra de Agostinho repenicava o *fado corrido*. Agostinho então, erguendo a cabeça do seu trabalho infeliz, espreguiçava-se escancaradamente, accendia o cigarro e com a sua voz um pouco rouca:

Ora foi o fado tyranno

Que me levou á má vida,

E a guitarra: derlin, din, din, dir-lin, din, don:

Na vida do negro fado

Que me traz assim perdida...

Isto trazia-lhe sempre as recordações de Lisboa; não se podia consolar de viver em Leiria, *n'aquella possilga*, como elle dizia; e voltavam então as reminiscencias saudosas, sobre tudo das noites de Lisboa, das ceias de bacalhau, de madrugada, na taverna do tio João, á Mouraria, com a Anna Alfaiata ou com o Bigodinho, ouvindo o João das Biscas de cigarro ao canto da boca, o olho choroso, meio fechado pelo fumo do tabaco, a perna traçada, fazer chorar a guitarra dizendo a morte da Sophia!

Depois Agostinho lia a João Eduardo os artigos do jornal que estava escrevendo. Discutiam então e muitas vezes Agostinho dizia-lhe:

— Por que não escreves tu alguma coisa, homem?

Um dia tinha-lhe mostrado um artigo sobre uma questão que agitava Leiria: o dr. Godinho tinha sido excluído da administração da Misericórdia. Attribuía-se geralmente aquella violencia ás influencias do cabido: o dr. Godinho era, com effeito, conhecido pela sua hostilidade ás *solainas*, como elle dizia.

O artigo de Agostinho, portanto, inspirado pelo despeito do doutor, era uma longa declamação contra o clero e o seu «*peruicioso dominio*». Depois de celebrar as virtudes do dr. Godinho, «*respeitavel chefe de familia*» e a sua eloquencia no tribunal que «*arrancára tantos desventurados ao cutelo da lei*», o artigo, tomando um tom roncante, apostrophava Christo:—«Quem te diria a ti, escrevia Agostinho, oh! immortal Crucificado, quem te diria, quando do alto do Golgotha expiravas exangue, quem te diria que um dia, em teu nome, á tua sombra, seria expulso de um estabelecimento de caridade o dr. Godinho, a alma mais pura, o talento mais robusto...»—E as virtudes do dr. Godinho desfilavam diante dos leitores, gloriosas, extraordinarias, apoiadas a adjectivos nobres.

Depois, deixando por um momento de contemplar o dr. Godinho, Agostinho dirigia-se directamente a Roma:—«É no seculo XIX que vindes atirar á face de Leiria liberal os dictames do *Syllabus*? Pois bem. Quereis a guerra? Tel-a-heis.»

— Hein, João?!

— É forte! dizia elle. Está forte que tem diabo! E retomando a leitura:—«Quereis a guerra? Tel-a-heis! Levantaremos bem alto o nosso estandarte, que não é o da demagogia, comprehendei-o bem! e arvorando-o, com braço firme, no mais alto baluarte das liberdades publicas, gritaremos á face da

Europa: Filhos do seculo XIX! ás armas! Ás armas pelo progresso!»

Com este grito de guerra Agostinho terminava.

João Eduardo tinha ficado calado, preocupado; e de repente levantando-se e meneando a cabeça:

— Eu se quizesse, Agostinho, eu é que te escrevia um dia uma desanda aos padrés... Eu é que os conheço.

Agostinho começou logo a instar com elle para que escrevesse a *desanda*.

— Vem a calhar! dizia elle.

O dr. Godinho tinha-lhe recommendado:— «D'aquí por diante, em tudo que cheirar a padre, para baixo! Havendo escandalo conta-se, não havendo inventa-se!»

Mas n'essa noite João Eduardo fez apenas promessas vagas.

Nos dias seguintes Agostinho perguntava-lhe:

— E o artigo, homem? Traz-me o artigo.

João Eduardo hesitava, receiava. Se se viesse a saber?

— Qual! affirmava Agostinho. A coisa publica-se como um *communicado* e assignada — *Um liberal*. Quem diabo vae saber?

Em fim, uma noite, João Eduardo entrou na redacção com cinco largas tiras de papel, miudamente escriptas com uma letra de cartorio. Era o artigo e intitulava-se: *Os modernos phariseus!* — Depois de algumas considerações, cheias de flores, sobre Jesus e o Golgotha, o artigo de João Eduardo era, sob allusões diaphanas, um vingativo ataque ao conego Dias, ao padre Brito, ao padre Amaro e ao padre Natario. Todos tinham a sua *dóse*, como disse, cheio de jubilo, o Agostinho.

O artigo parecia-lhe excellente; sómente João Eduardo terminava-o exclamando:— «*Álerta! mães de familia!*». E o Agostinho suggeriu que este final — *álerta!* — podia dar logar á réplica jocosa — *álerta*

*está!* — E depois de largas combinações decidiram-se por este fecho: — *Cuidado, sotainas negras!*

E no domingo seguinte appareceu o artigo, assignado: — *Um liberal.*

Quando n'essa mesma noite de domingo o padre Amaro entrou em casa da S. Joanneira encontrou a sala do jantar, de ordinario tão pacata e tão dormentemente, cheia de barulho e de consternação. Estavam todos: o padre Natario, o padre Brito, o conego Dias e as velhas amigas. A causa d'aquella excitação era, naturalmente, o artigo do jornal. E quando o padre Amaro confessou que o não tinha lido ainda, foi um espanto:

— Pois não leu, sr. parcho? Pois não leu?

E explicavam-lhe, citavam phrases destacadas.

— Mas leia, faz favor de ler!

— O sr. conego que leia! Leia, sr. conego!

— É um desaforo, sr. parcho! É um escandalo!

O conego Dias, que tinha trazido o jornal, teve de fazer uma leitura solemne.

Rodearam a mesa, a S. Joanneira deu mais luz ao candieiro, e no silencio o conego Dias, desdobrando o jornal, pondo os oculos cuidadosamente, com o lenço do rapé nos joelhos, começou a leitura com a sua voz pachorrenta.

Mas o principio do artigo não interessava: eram periodos enternecidos e adjectivados em que o *liberal*, que assignava, exprobrava mais uma vez aos phariseus a crucificação de Jesus: — «Por que o matasteis? exclamava elle, respondei!» — E os phariseus respondiam: — «Matamol-o porque elle era a liberdade, a emancipação, a aurora de uma nova era, etc.» — E o *liberal* então esboçava, a largos traços, a noite romanesca do Calvario: — «Eil-o pendente da cruz, traspassado de lanças, a sua tunica jogada

aos dados, a plebe infrene, etc.» — E então, voltando a dirigir-se aos phariseus infelizes, o *liberal* gritava-lhes com uma ironia épica: — «Contemple a vossa bella obra!» — E logo, por uma gradação habil, o *liberal* descia de Jerusalem a Leiria: — «Mas pensam os leitores que os phariseus morreram? Como se enganam! Vivem! conhecemol-os nós; Leiria está cheia d'elles...»

— Agora é que ellas começam, disse o conego, olhando para todos em redor por cima dos oculos.

Com effeito, as allusões começavam, diaphanas, francas, parecidas como photographias: era uma galeria de retratos ecclesiasticos: o primeiro era o do forte padre Brito: — «Vêde-o, exclamava o *liberal*, grossó como um toiro, montado na sua egua castanha...»

— Até a côr da egua! exclamou com uma indignação piedosa a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção.

«... Estupido como um melão, sem sequer saber latim!...»

O padre Amaro fazia oh! oh! assombrado; o padre Brito mexia-se na cadeira e soprava.

«... Especie de caceteiro, continuava o conego que lia aquellas phrases crueis com uma tranquillidade doce, — desabrido de maneiras, mas que não desgosta de se dar á ternura, e, segundo dizem os bem informados, escolheu para Dulcinéa a propria e legitima esposa do seu regedor...»

O padre Brito não se pôde dominar:

— Eu racho-o de meio a meio, exclamou elle, levantando-se, rubro.

— Escute, homem, disse Natario severamente.

— Qual escute! O que é, é que o racho!

Mas se elle não podia saber quem era o *liberal*, observaram-lhe os outros.

— Qual liberal! Quem eu racho é o dr. Godinho. O dr. Godinho é que é o dono do jornal. O dr. Godinho é que eu racho!

— Estava apoplectico, com a voz trovejante e dava  
enormes punhadas nos joelhos.

Queriam socegal-o: lembravam-lhe o dever christão de perdoar as injurias! A S. Joanneira então citou a bofetada que Jesus Christo tinha suportado.

— Qual Christo! qual cabaça! gritou Brito desorientado, esquecendo-se inteiramente.

A esta impiedade houve um terror na sala.  
— Credo! sr. padre Brito, credo! exclamou a irmã do conego recuando a cadeira.

O Libaninho tinha levado as mãos á cabeça, como sob um desastre.  
— Nossa Senhora das Dores, que até pôde cair um raio!

Amelia estava indignada; e então o padre Amaro disse gravemente:

— Brito, realmente você excedeu-se.  
— Pois se estão a puxar por mim!

— Homem, ninguem puxou por você, disse severamente Amaro. — E com um tom sacerdotal e pedagogo: — Apenas lhe lembrarei, como devo, que em taes casos quando se diz a *blasphemia má*, o rev. padre Scomelli recommenda confissão geral e dois dias de recolhimento a pão e agua.

O padre Brito resmungava ainda como uma trovoadá que se afasta roncando. Todos estavam um pouco *embatucados*, como disse depois o conego Dias.

— Bem, bem, resumiu Natario. O Brito commetteu uma grande falta, mas saberá pedir perdão a Deus — e a misericordia de Deus é infinita!

Houve um silencio commovido; e o conego, que durante a catastrophe tinha poisado os seus oculos sobre os joelhos, retomou-os e continuou serenamente a leitura:

— Conheceis um outro com cara de furão?  
Todos olharam para o padre Natario.

«...Desconfiae d'elle: se poder trahir-vos não hesita; se poder prejudicar-vos folga: as suas intrigas trazem o cabido n'uma confusão porque é a vibora mais daninha da diocese; mas com tudo isso muito dado á jardinagem, porque cultiva com cuidado *duas rosas do seu canteiro*».

— Homem, essa! disse Amaro indignado.

— É para que você veja, disse Natario, erguendo-se livido. Que lhe parece? Você sabe que eu, quando fallo das minhas sobrinhas, costumo dizer *as duas rosas do meu canteiro*. É um gracejo. Pois senhores, até vem com isto! — E tremiam-lhe os beiços: e com um sorriso macilento, de fel: — Mas amanhã hei de saber quem é. Olaré! olaré! Eu hei de saber quem é!

— Deite ao desprezo, sr. padre Natario, deite ao desprezo, dizia a S. Joanneira, sempre pacificadora.

— Obrigado, minha senhora, disse Natario curvando-se, arrastando as syllabas com uma ironia rancorosa, — obrigado!

E começou a cantarolar rufando com os dedos na mesa.

Mas a voz imperturbavel do conego retomou a leitura. Agora era o retrato d'elle, vingativamente traçado:

«...Conego bojudo e glutão, que foi caceteiro do sr. D. Miguel, que foi expulso da freguezia de Ourem, antigo mestre de moral n'um seminario e hoje mestre de immoralidade em Leiria...»

— Isso é infame! disse Amaro exaltado.

O conego poisou o jornal e com a voz muito pa-chorrenta:

— Você pensa que me dá isto cuidado? disse elle. Boa! Tenho que comer e que beber, graças a Deus! Deixar rosnar quem rosna!

— Não, mano, interrompeu a irmã, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias; mas a gente sempre tem o seu bocadinho de brio.

— Ora mana! disse o conego Dias, a quem uma raiva domada e disfarçada por dentro afogava — ora mana! ninguem lhe pede a sua opinião!

— Nem preciso que m'a peçam, gritou ella empertigando-se toda. Sei-a dar muito bem quando quero e como quero. Se não tem vergonha, tenho-a eu!

E a sua voz sibilava.

— Então! então... disseram em roda, acalmando-a.

— Menos lingua, mana, menos lingua! disse o conego fechando os seus olhos. Olhe não lhe cáiam os dentes postiços!

— Seu mal criado!

E ia a fallar, bradar... mas suffocou-se, começou a dar ais agudos e soluçados.

Receiaram logo que lhe desse o *flato*: a S. Joaneira e a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso levaram-n'a para dentro, para o quarto, com palavras brandas:

— Estás doida! Por quem és, filha! Olha que escandalo! Nossa Senhora te valha!

Amelia queria mandar buscar agua de flor de laranja, ether.

— Deixe-a lá, disse o conego rindo, deixe-a lá! Aquillo passa-lhe. São calores! — E voltando-se para o padre Amaro: — Oiça agora você que é a sua vez, disse elle retomando o jornal:

«...Mas o perigo são certos padres novos e ajanotados, parochos por influencias de certos condes da capital, vivendo na intimidade das familias de bem onde ha donzellas inexperientes e aproveitando-se da influencia do seu sagrado ministerio...»

Amelia fez-se muito escarlate.

— Perdão, disse Amaro, eu não quero ouvir mais, Padre-Mestre. Estou satisfeito.

— Homem, escute...

— Desculpe, Padre-Mestre, mas não me interessa.

— Estava livido, tremiam-lhe os beiços: — Issó é uma serie de calumnias sem motivo, sem base, sem coisa

nenhuma. Não tem importancia. — E depois de uma pequena pausa: — Em todo o caso, a mim parece-me... sim, é a minha opinião, que se deve avisar a auctoridade.

— Isso é que é! gritou Natario. Isso é que é uma boa idéa!

— É necessario fallar ao secretario geral, fazer suspender o jornal, pôr o clero ao abrigo dos insultos.

— Mas quem lhe ha de fallar?

— Eu é que lhe vou fallar, disse promptamente Natario.

Ao outro dia Natario voltou exasperado da sua longa visita ao secretario geral, o sr. Gouveia Ledesma, antigo jornalista e, em annos mais inexperientes, autor do livro sentimental *Devaneios de um sonhador*. Estava então dirigindo o districto na ausencia do governador civil.

Recebeu Natario, familiarmente, almoçando, offereceu-lhe uma *gota de chá* e declarou-lhe, passando voluptuosamente os dedos pelas suas suissas aloiradas, que a liberdade de imprensa era uma *coisa sagrada!*

— Suspender um jornal porque elle diz duas ou tres pilherias a respeito do cabido! Mas sr. cura — insistia em chamar cura ao padre Natario — seria uma refinada arbitrariedade! As leis de imprensa não o permitem! Mas então, meu caro sr. cura, tinhamos de suspender toda a imprensa de Portugal com excepção da *Nação* e do *Bem Publico*. Onde iria parar então a liberdade de pensamento, a civilização, vinte annos de um progresso incontestavel, os felizes resultados do estabelecimento da Carta, em fim — e sorvia o seu chá ás colhéres — digamol-o sem rebuço, a própria idéa governamental! Mas nós não somos os Cabraes, meu caro senhor! Não so-

mós os Cabraes! Nós queremos luz! muitissima luz! Justamente o que nós queremos é luz! Tome uma gota de chá! Que diabo!

— Mas o dr. Godinho, que é a alma do jornal, é opposição, tinha objectado Natario; proteger-lhe o jornal é implicitamente proteger-lhe as manobras eleitoraes.

O secretario geral teve um pequeno riso ufano: — Lá, lá, lá! meu caro sr. cura. Bem se vê que vossa senhoria não está no segredo da politica. — E inclinando-se com bonhomia: — Então pensa que é uma boa tactica azedar um inimigo, fazel-o *mais* inimigo! Lá, lá, lá! A tactica, meu caro sr. cura, é amacial-o, passar-lhe a mão pelo lombo e em lugar de lhe supprimir o jornal — o que lhe não faz nada — prometter-lhe um bom emprego — o que lhe faz muito. — Ora ahi tem sr. cura! A politica é isto!

— É um asno! resumiu o padre Natario contando esta conversação ao padre Amaro, no largo da Sé. — E parando, batendo fortemente com a ponteira do guarda-chuva no lagedo: — Mas descance você, que eu hei de saber quem é o *liberal*; hei de sabel-o e hoje. Quem o esmaga não é o governo civil, sou eu!

Mas no dia seguinte Amaro encontrou-o todo contrariado e sombrio. Estava mais trigueiro, de uma cõr terrea de bilis e esfregava febrilmente o nariz com a palma da mão — o que n'aquelle excellente sacerdote indicava invariavelmente uma saturação de raiva.

— Não pôde saber nada, disse elle a Amaro. Nem posso saber nada por todo este mez.

— A respeito do *liberal*?

— A respeito do *liberal*. Havia uma creatura que

m'ò dizia logo, sem rebuço, com todas as syllabas. . . .

— O dr. Godinho?

— Não, homem! — E fallando-lhe quasi ao ouvido: — O Agostinho, o redactor do jornal. Tenho-o aqui. — E mostrava a mão fechada.

— E então?

— Foi para Lisboa! Veja você que fatalidade! Não lhe sabem a morada lá, nem aquillo naturalmente mora em parte nenhuma. Demora-se um mez. — E com um sorriso livido: — Foi comprar typo novo para o jornal!

— Typo novo? perguntou Amaro, como assustado.

— Typo novo. A corja prospéra!

No entanto João Eduardo triumphava. O seu artigo fôra lido e espalhado. Tinham-se vendido a mais oitenta numeros do jornal. Relia-o todos os dias com uma deleitação paternal, só, no seu quarto. Achava-o eloquente, ironico, admiravel! Tinha ás vezes vontade de ir pelas lojas e pelas boticas dizer bem alto: — *fui eu! eu é que o escrevi!* — E já ruminava outro, mais explicito, mais incisivo, cheio de garras, que se deveria intitular: — *O diabo feito ermita, ou O sacerdocio de Leiria perante o seculo XIX!*

Mas a sua grande alegria era outra: o dr. Godinho, que sempre o protegera, tinha-lhe dito na vespera:

— O seu negocio arranja-se. Lá para o fim do mez tem você o seu logar de amanuense no governo civil.

Que boa palavra! Era o fim das necessidades e das duvidas, a posse de Amelia, todo um futuro certo, terno e abundante!

Mandára logo fazer camisas, dois pares de botas novas: ria-se só, comsigo, pelas ruas.

Além d'isso, depois do artigo, parecia a João Eduardo que as maneiras de Amelia começavam a mudar.

O artigo, com effeito, fôra para Amelia uma revelação inesperada; não podia esquecer, fazendo-se pallida, aquella phrase: — «...padres ajanotados vivendo na intimidade de familias honestas, onde ha uma donzella inexperiente, que se aproveitam da influencia do seu sagrado ministerio...»

Mas aquella phrase disgnava-a claramente a ella! pensava. O parochó não tinha outras visitas, outras intimidades senão alli. Então o seu amor era uma coisa tão clara que andava já nos artigos dos jornaes! E na realidade o que havia era tão pouco... E se era assim por um simples olhar, por um brando aperto de mão, — o que seria mais tarde... E tremia, via-se já perdida, escarnecida, com o seu nome dito entre risadas na botica da Praça, nas lojas da Arcada e impresso no jornal! Que desgraça! E não era tambem a desgraça de Amaro? Elle tinha inimigos de certo; alguém implacavel, vigilante, avido de o ver cair, seguia-o espreitando-lhe os passos e as pancadas do coração! Poderia ser suspenso, preso! Santo Deus! E exaltando-se, via-o já n'uma enxovia, como um criado do campo que ella um dia fôra visitar, por compaixão, á cadeia de S. Francisco, e que estava embrulhado n'uma manta, ignobil, coçando os piolhos e com a cara livida encostada ás grades pedia esmola, com voz lamentavel! Devia casar, casar depressa, esquecer, fugir áquelle encanto que a perdia, que a estonteava como um vinho muito forte. E não podia deixar de casar! Como havia de romper com João Eduardo agora que elle tinha o seu emprego, o futuro fixo! Depois de o ter recebido como namorado, como noivo, havia de lhe dizer bruscamente, quasi á porta da egreja: — Vae-te! não te quero! O que diriam! Teria de dar uma explicação, uma rasão; e poderia dizer

mesmo baixo á sua consciencia: — eu não quero este homem, porque gosto de um padre; eu não quero ser esposa, porque estou para ser concubina?

Um dia que estes pensamentos a torturavam, a mãe, que cosia calada ao pé d'ella, disse-lhe bruscamente:

— Sabes o que me veio dizer esta manhã o João Eduardo?

Amelia fez-se muito vermelha. Então a S. Joanneira, poisando a costura, começou a contar-lhe as palavras de João Eduardo: que se fallava muito na cidade do artigo do *Districto*; que se perguntava a quem alludia o periodico quando se fallava de *donzellas inexperientes*, e que a resposta era: quem ha de ser? a Amelia da S. Joanneira, da rua da Misericordia. Que João Eduardo estava desgostoso, afflicto e que não se atrevia, por delicadeza, a fallar a Amelia...

— Mas que hei de eu fazer, minha mãe? perguntou Amelia com os olhos cheios de lagrimas.

— Eu digo-te isto para teu governo. Faze o que quizeres, filha. Eu bem sei que são calumnias! Mas tu sabes o que são linguas do mundo... Eu por mim o que eu fazia para obrigar a calar toda essa gente, era casar-me já. Eu bem sei que tu não morres por elle, bem sei. Deixa lá! Isso vem depois. O João é um bom rapaz, tem um emprego, é trabalhador... Em fim, tu farás o que entenderes.

E a S. Joanneira não fallou nem sequer no nome do padre Amaro.

Amelia passou essa noite quasi toda em claro, reflectindo, choramingando. Mas no dia seguinte estava na sala do jantar só com João Eduardo, ao cair da noite, e disse-lhe sem transições:

— Por que é que me não disse que estava zangado commigo?

— Mas eu não estou zangado comsigo, disse João Eduardo.

— Está, está! A mãe disse-me tudo.  
 — Mas não estou zangado, menina Amelia. Eu o que disse foi...

— Escute. Sabe qual é a maneira de fazer calar o mundo?...

E ficou silenciosa, encostada á janella, de pé: O crepusculo caía e por cima dos telhados ella via além grandes nuvens inflammadas que arroxavam sobre o poente. João Eduardo chegou-se para ella e baixo:

— Diga-me: e quer que as façamos calar? É calarmos. Mas já, n'uma semana. — E fallando-lhe junto do rosto: — Quer?

— Quero, disse ella quasi n'um murmúrio.

Elle tomou-lhe as mãos:

— Olhe para mim! Seja boa para mim!

Ella ergueu os olhos para João Eduardo e elle, attrahindo-a a si, deu-lhe um beijo, ao de leve, todo tremulo, ao canto da boca — e admirado, sobresaltado com a sua victoria inesperada, sentia aquelle forte corpo de rapariga, pesado e firme, que se abandonava, desfallecer e cair-lhe sobre o peito.

Mas a voz da S. Joanneira fallou na escada. Amelia desprendeou-se e foi para junto do aparador arranjar o candieiro, tossindo devagarinho.

No dia seguinte Amaro estava na saleta, em baixo, com o conego. A S. Joanneira entrou com o aspecto muito alegre:

— Ah! estava aqui, sr. parochó! Sabe? O João Eduardo ha de ir amanhã fallar comsigo á Sé. É por causa dos papeis.

Amaro teve um sobresalto:

— Que papeis? Do casamento?

— Os papeis do casamento, disse a S. Joanneira. Um dia havia de ser, acrescentou ella rindo.

Houve um silencio.  
 — Estimo, estimo, disse Amaro. — E depois de um intervalo: — Elle é bom rapaz!

— E leva uma mocetona, acrescentou o conego.  
 — E rindo pesadamente: — Deus os faça felizes e lhes dê pouco filhos, que a carne está cara!

E não disseram mais nada.  
 Que noite aquella para Amaro!

— Ella casa-se! casa-se!  
 Esta idéa tinha-se-lhe fixado no cerebro com a insistencia de uma dôr. Via-a já no seu vestido branco, sob as flores de lorangeira; depois ao jantar da boda, entre os fortes gracejos dos amigos da casa, palpitando ao ver descer a noite; e mais tarde, n'uma penumbra da alcova, córar, empallidecer, deixando cair em redor fofas brancuras de saias...

Queria então consolar-se, estabelecer a rasão das coisas:

— Melhor assim! melhor assim, pensava!

Onde o poderia levar aquella paixão? Ao escandalo, ao crime. E aquelle casamento, ao contrario, era para elle o socego, o fim das agitações impuras, a vida tranquilla e sincera! Era melhor assim! Cada um no seu destino. Ella na sua familia, elle na sua Igreja! — Mas em quanto a sua rasão se regosijava alto, a sua paixão chorava baixo... E a cada momento as visões da felicidade de João Eduardo voltavam como brazas. Via-os em todas as attitudes do amor — sentimentaes ou lascivas; passeiando pelas alamedas aromaticas com os braços enlaçados; debruçando-se na mesma janella, todos chegados, vendo a parda tarde alargar-se no ar; possuindo-se e murmurando nas expirantes balbuciações do amor o nome de Deus! E odiava-o, imaginava vinganças, queria vel-os pobres, cheios de filhos, sem pão na prateleira, com o ultimo cobertor empenhado, ralhando, injuriando-se, com as crianças embrulhadás

em trapos, chorando a sua necessidade e a sua miséria!

E cada dia que se seguia era uma amargura crescente. O conego contava-lhe os progressos dos arranjos para o casamento; João Eduardo ajustára uma casa; a S. Joanneira comprára uma peça de algodão para lençoes...

— E eu cá estou para a benção, dizia Amaro livido, sorrindo.

— Amen! dizia o conego.

E o coração do parcho ennegrecia, ennegrecia, como um ceu que se tolda e enche de chuva.

em tapos, chorando a sua necessidade e a sua mi-

seria. — E cada dia que se seguia era uma amargura cres-

cente. O conego contava-lhe os progressos dos ar-

tapos para o casamento; João Eduardo ajustava

uma casa; a Sr. Joannetta comprava uma peça de

algodão para lençóis... Assim iam passando os dias.

— E eu cá estou para a benção, dizia Amaro li-

vido, sorrindo.

— Amém, dizia o conego.

E o coração do parcho enfiava-se, enfiava-se

como um cun que se tola e enche de chuva.

Queris então consolat-se, estabelecer e não dar

conta?

Melhor assim! melhor assim, pensava.

Quando o padre... Ao escan-

dalo, ao ouvir... E aquele casamento, ao contrario,

era para elle o socorro, o fim dos affeições impuras,

a vida tranquilla e sincera! Era o fim, assim! Causa

um no seu destino. Elle na sua familia, elle na sua

Egreja! — Mas em quanto a sua razão se regosijava

alto, a sua paixão chorava baixo... E a cada mo-

mento as visões da felicidade de João Eduardo vol-

tavam como brisas. Via-os em todas as attitudes do

amor: em todas as posições; beijando-se, abraçando-se,

— Foi elle! quasi gritou Natario. Elle é que é o liberal. Foi elle que escreveu o artigo.  
— Oh! que paizel! exclamou Amaro, batendo com as mãos uma na outra com assombro.  
— Tenho provas, meu amigo, tenho provas. Vi-o eu o original, escripto pela letra d'elle. O que se se chama ver. Cinco tiras de papel!  
Amaro estava calado, com os olhos fitos em Natario, mordendo os beiços.

## XII

Passaram duas semanas. Amaro não voltára a casa da S. Joanneira: tinha pretextado affazeres, registros atrasados, incommodos de cabeça. . . Um dia tinha tido um responso na Sé por um negociante que morrerá, o Moraes, e só, no quarto das vestimentas, ao pé da sacristia, escrevia, á luz de um candieiro, o assento do obito. A porta estava cerrada e havia um silencio murtuario.  
— O Amaro, disse por traz d'elle de repente uma voz sobresaltada.

O parócho voltou-se, com um susto nervoso.  
— Que é?

Era o padre Natario, n'um alvorço, com a capá no braço, a volta desarranjada. Fechou a porta, veio a Amaro com grandes passos e agitando os punhos fechados:

— É o escrevente, gritou elle abafadamente.  
— Que escrevente? perguntou Amaro sem comprehender.

— O João Eduardo. É elle!  
Amaro teve um palpito.  
— Foi elle que escreveu o artigo? exclamou com voz ansiosa.

— Foi elle! quasi gritou Natario. Elle é que é o *liberal*. Foi elle que escreveu o artigo.

— Oh! que patife! exclamou Amaro, batendo com as mãos uma na outra com assombro.

— Tenho provas, meu amigo, tenho provas. Vi-o eu, o original, escripto pela letra d'elle. O que se se chama *ver*. Cinco tiras de papel!

Amaro estava calado, com os olhos fitos em Natario, mordendo os beiços.

— Custou! disse Natario, com o rosto radioso, os olhos reluzentes. — Custou! Mas soube-se tudo! Cinco tiras de papel! E quer escrever outro! É o sr. João Eduardo! dizia elle passeiando a largos passos, arrastando as palavras. É o nosso rico amigo sr. João Eduardo! — E ria sarcasticamente.

— Você está certo d'isso? disse, em fim, Amaro.

— Se estou certo? gritou Natario, estacando. Se estou certo? Certissimo! Estou a dizer-lhe que vi!

E todo chegado a Amaro, contava-lhe a *campanha*: Agostinho voltára de Lisboa, elle fôra logo fallar-lhe, procurar tirar-lhe o segredo. Agostinho ao principio resistira...

— Mas eu tenho-o aqui, meu amigo, exclamava Natario. — E mostrava a mão fechada. — Percebe você? Tenho-o aqui!

E explicava porquê: o Agostinho falsificára outr'ora em Lisboa a assignatura de um amigo d'elle Natario; Natario tinha as provas; Agostinho desde esse momento pertencia-lhe, era seu; podia deixal-o andar livre pelas ruas ou atiral-o para uma enxovia.

— Percebe você? Por consequencia, já se vê, disse-me logo tudo, mostrou-me as provas emendadas por elle, o original... tudo!

— Isso é extraordinario! dizia Amaro.

— A mim não me admira nada, nada! O tal sr. João Eduardo é um maroto antigo!

E passeiando, com a batina desabotoada, as mãos nas largas algibeiras de uns calções, pardos, cheios

de nodosas, ia contando a Amaro que o escrevente era um homem sem religião, nunca ia á missa, es-carnecia os padres, era um calumniador, um pedreiro livre e amontoava accusações, datas, nomes...

— Ha quatro annos que não se confessa!

E contava as relações de João Eduardo com o dr. Godinho: apresentava-o como um intrigante, um invejoso, perdido de dividas!

— Tenho provas, exclamava elle, batendo na mesa com os nós dos dedos. Tenho provas!

— Mas agora?... perguntou o padre Amaro.

— Agora? exclamou Natario. Ainda você m'o pergunta! Agora é esmagal-o!

Amaro tinha ficado com a cabeça baixa, fitando o chão.

— Em primeiro lugar, disse Natario, é necessario desmanchar-lhe o casamento.

— Você acha? perguntou sofregamente Amaro, com os olhos dilatados para Natario.

— Se acho? Pois ha de se deixar casar uma pobre rapariga com um brejeiro, um desbocado, um pedreiro livre, uma alma perdida?

— Com effeito! com effeito! apoiava Amaro. — E os olhos riam-lhe quasi marejados de lagrimas.

— É desmanchar-lhe o casamento; mas já, amanhã. Não estar lá com coisas! É já!

Amaro estava estonteado; vinham-lhe risos nervosos de alegria; coçava a cabeça febrilmente.

— Você acha, hein? você acha? dizia tomando-o pelos braços, fitando-o alegremente. Este Natario! este Natario! Mas como você soube tudo!

E voltavam-lhe os risos nervosos; tinha vontade de beijar Natario, de o servir, de lhe limpar o pó dos sapatos!

— Você é o diabo, homem! Dê cá um abraço. Mas como você descobriu! Que diabo de homem! Isto é que é! isto é que é! — Passava-lhe a mão pela cintura. — Este Natario! que diabo de homem!

Mas o sacristão entrou: vinha perguntar se suas senhorias queriam alguma coisa; eram horas de fechar a igreja.

Os dois padres atravessaram a sacristia e entraram na nave. O sacristão, que se adiantára com o seu pesado mólho de chaves, esperava á porta, encostado á pia de agua benta.

Os dois padres fallavam baixo.

— Você vae ter com a S. Joanneira, dizia Natario. Não... escute. É melhor que lhe falle o Dias; o Dias é que deve fallar á S. Joanneira. Vamos pelo seguro. Você falla á pequena e diga-lhe isto: que o despeça, que rompa com elle, que o ponha fóra de casa. — E depois de um silencio, quasi ao ouvido de Amaro: — Diga á rapariga que elle vive ahi de casa e pucarinho com uma desavergonhada.

— Homem! disse Amaro retrahindo-se, mas eu não sei se isso é verdade.

— Ha de ser, disse Natario; elle é capaz de tudo. E depois é um meio de levar a pequena.

E iam descendo a igreja, fallando baixo. A noite enchia a nave. As capellas lateraes, sem luz, estavam tenebrosas. Uma lampada bruxoleava diante do Santissimo, dando reflexos ensanguentados á cortina es-carlate toda corrida. Ao meio da igreja sobre o catafalco, com uma tocha a cada canto, estava o caixão do morto; e sobre o panno preto os galões doirados reluziam vagamente.

No alto silencio os passos dos dois padres tinham um echo lugubre.

Iam devagar, parando a cada momento, discutindo baixo. Chegaram ao pé do catafalco. O padre Natario parou:

— E depois, meu caro amigo, dizia elle, tenho-lhe outra preparada.

— O quê? perguntou Amaro.

Natario tomou-lhe o braço e baixo, com uma satisfação medonha:

— Cortar-lhe os viveres! exclamou.

— Cortar-lhe os viveres! disse Amaro assombrado.

— Oíça. Elle estava para ser empregado no governo civil, primeiro amanuense, não é assim? Pois bem, não ha de ser! Mas nunca ha de ser!

Vendo então um tão grande odio, Amaro teve um vago horror d'aquella intriga:

— Deus me perdoe, Natario, mas isso é perder o homem!

O padre Natario baixou a voz e espaçando rancorosamente as syllabas:

— Em quanto o não vir por essas ruas a pedir um bocado de pão não o largo, padre Amaro, não o largo!

— Cale-se homem! disse Amaro aterrado. Nem diga isso aqui, que Deus está a ouvil-o.

Natario teve um sorriso mau.

— Não lhe dê isso cuidado, meu caro amigo. — E depois de um silencio, dando uma gravidade lugubre á sua voz: — Que, de mais a mais, penso eu, o que faço é para bem de Deus. Deus serve-se assim, não é á resmungar Padre-Nossos.

Iam a sair; mas Natario deitou a olhar para o caixão do morto e apontando para elle com a ponteira do guarda-chuva:

— Quem está alli?

— O Moraes, disse Amaro.

— Um gordo, picado de bexigas, com um bonet de missanga?

— Isso.

— Boa besta!

Os dois padres saíram. Davam nove horas. O largo da Sé estava escuro. A botica do Carlos fechava-se com grande ruido de ferrolhos.

Estiveram ainda conversando algum tempo parados.

— Resumindo, dizia Natario. O Dias falla á S. Joanneira, você falla á pequena. Eu por mim me

entenderei com a gente do governo civil. Encarreguem-se vocês do casamento que eu me encarrego do emprego. — E batendo no hombro do parochó com uma expansão jovial: — É o que se póde dizer ataca-o pelo coração e pelo estomago! E adeusinho, que as pequenas estão á espera para a ceia, não as quero fazer esperar. Coitadas! A Rosita tem estado com défluxo! com um défluxo! — E a sua voz tinha inflexões paternaes. — Até amanhã.

— Até amanhã.

E os dois padres separaram-se.

Caminhando para casa, Amaro ia reflectindo: aquella perseguição a João Eduardo parecia-lhe cruel e Natario odioso:

— Que fera! pensava elle.

Deveria accetar a cumplicidade d'aquella intriga? fallar a Amelia? romper o casamento? Mas se o não fizesse, se fosse escrupuloso, tímorato e piegas, ella casava! casava! Seria do outro, pertencer-lhe-hia toda, os seus braços, as ondas do seu cabello, a frescura e a brancura do seu peito... Impossivel! Impossivel! Não podia supportar aquella idéa! Que lhe importava? Desfaria o casamento por todos os modos! Calumniaria se fosse necessario! Mas que ella não casasse, que o outro a não podesse beijar, livre, na gloria de marido! E depois, não era justo que a avisasse? Que lhe revelasse as más qualidades do noivo, que ella conhecia mal, que era um atheu?

E Amaro quasi deu um grito. Tinha achado um motivo supremo, imperioso, inilludivel — para intervir, tomar parte na intriga e annular João Eduardo... É que elle era um atheu, devasso, pedreiro livre, inimigo dos padres. É que educaria no mal a pobre alma da esposa, impedir-lhe-hia a vida devota e perfeita. É que não a deixaria ir á missa, nem

orar! É que a lançaria no orgulho profano e no peccado irreparavel! É que a perderia! Mas elle era o parocho, o salvador, o pastor. Subtrahil-a-hia áquelle destino heretico.— E accumulava estas idéas como se estivesse a justificar-se diante de um confessor.

Ah! de certo! devia impedir aquelle casamento! Era um dever afastal-a do escrevente que lhe daria a impureza, o peccado, a perdição, o inferno! Era um dever evitar que aquella alma catholica e devota fosse pertencer a um espirito atheu e diabolico!

Fôra uma revelação inesperada, agradecia-a a Deus. Tinha uma alegria beata. O interesse da sua paixão coincidia com o dever do seu sacerdocio. Tornar-se o confessor de Amelia, o seu amigo, o seu confidente platonico, envolvel-a-hia em orações, penitencias, contricções! Salvaria a sua alma, ganhar-lhe-hia o paraíso! Que felicidade!

Toda a noite sonhou com estas idéas n'uma especie de allucinação mystica, — sonhos incoherentes, cheios de devoção e de sensualidade. Via-se n'um grande espaço celeste, fugindo com Amelia, levando-a toda assustada para as profundidades do ceu! O diabo perseguia-o; elle via-o com as feições de João Eduardo, soprando e rasgando com os cornos os delicados seios das nuvens! E elle apertava Amelia no seu capote de padre, escondendo-a, cobrindo-a de orações, devorando-a de beijos! Mas a estrada do ceu alargava-se, não findava. — Onde é a porta do ceu? perguntava elle a anjos luminosos que passavam cheios de auréolas e de rumor de azas. E todos lhe respondiam: — Na rua da Misericordia! na rua da Misericordia, n.º 9! — E Amaro sentia-se afflicto; tinha-se perdido no vasto ceu; não sabia o caminho e procurava debalde ao longe, no infinito claro de uma vaga côr de leite, uma taboleta de hospedaria! Amelia tinha fome, tinha frio. — Paciencia! paciencia! meu amor! dizia elle. — Um

homem passou, grave, com uma barba que varria o chão, lendo um *in-folio* enorme, cujas folhas ao voltar-se faziam vento medonho:—Onde está Deus? perguntou-lhe Amaro, tendo Amelia toda conchegada ao peito.—O homem olhou-os desdenhosamente:—Não conheço, disse elle.—E as folhas do livro, voltando-se, faziam um vendaval.—Durmamos, meu amor!—E deitados de costas viam de perto as estrellas, quasi lhes tocavam com os dedos! Mas as nuvens começaram a condensar-se em volta d'elles, tapavam-lhes o ceu! Eram brancas como cortinados, quentes como seios, perfumadas como *sachets*: Amaro sentia-se desfallecer; a sua mão errante encontrava a de Amelia, os seus dedos tremiam, apertavam-se; um desmaio, doce como um banho tepido, tomava-os, dissolvia-lhes a rasão; os seus braços enlaçaram-se; Amaro tremia, tremia; os seus labios erravam pelos labios, pelo collo de Amelia:—Vem! amo-te! dizia-lhe elle.—Amo-te! Amaro, quero-te! murmurava ella.—Mas de repente as nuvens afastaram-se como dois cortinados e então Amaro viu de pé, diante, o diabo, que os tinha alcançado e que estava com outro personagem, vasto, velho como a terra, com uma barba branca que não findava nunca:—Aqui estão os dois sujeitos, dizia-lhe o diabo retorcendo a cauda com uma alegria impudente.—E por traz Amaro via que uma multidão de anjos espreitava! E por traz dos anjos iam chegando, iam-se agglomerando legiões de santos e de santas! Amaro reconheceu S. Sebastião com as suas settas cravadas, Santa Cecilia trazendo na mão o seu órgão! E todos espreitavam! E aquella multidão não findava, acotovelava-se para ver melhor! E Amaro não se podia desenlaçar de Amelia, que chorava baixo; os seus braços estavam collados; e Amaro notava afflicto que os vestidos de Amelia estavam todos desmanchados e que se viam os seus joelhos brancos:—Aqui estão os dois sujeitos, dizia o diabo ao velho

personagem. E o personagem, cofiando a sua barba com a mão ainda cheia de barro, respondeu:— Fico inteirado, meu caro amigo, fico inteirado.— E voltando-se para os dois anjos immoveis e apoiados a espadas, disse-lhes:— Mandem lavar o auto.— Mas então o sol que vinha nascendo bateu no rosto do personagem e Amaro com um grito reconheceu o Padre Eterno!

Acordou banhado em suor. Um raio de sol entrava pela janella.

N'esse mesmo dia á tardinha o parochó recebeu um recado afflicto da S. Joanneira: a idiota estava a morrer, era necessaria a Extrema-Unção!

Já estavam os candieiros accesos quando o parochó saíu da Sé, sob o pallio, levando a custodia. O sino tinha repicado, tinha-se reunido gente formando procissão. As tochas faziam destacar com reflexos ensanguentados as opas de panninho escarlate; atraz homens descobertos, velhas com o manteu pela cabeça e garotos cantavam arrastadamente o Bemdito. Punham-se vélas accesas por traz das vidraças. Sob o pallio tremeluziam vagamente os doirados bacos da estola do parochó. Uma campainha tocava adiante, a espaços, monotonamente. Aquillo enchia as ruas de claridade, do rumor do Bemdito e do terror da morte. E o sino repicava sem descontinuar. Perguntava-se com curiosidade *para quem era*; e por traz das vidraças, entre as luzes, começavam a apparecer vultos.

A escada da S. Joanneira estava illuminada com um candieiro de petroleo sobre uma cadeira. Muita gente tinha-se agglomerado á porta; os homens que levavam o pallio, quando o parochó entrou, dobraram-o, encostando-o á parede, accenderam os seus cigarros e começaram a conversar baixo.

Fallava-se da idiota e um velho contava que a conhecêra bonita, leviana e com amantes; e até se lembrava de uma paixão que ella tivera por um alferes de cavallaria!

O quarto da idiota era junto da cozinha; a cama era no chão. Tinham posto ao pé uma mesa com toalha de folhos e em cima um prato onde estavam cinco bolinhas de algodão, um copo com agua e duas vélas de cera. Sob a claridade que caía, a sua cabeça, com um lenço branco em redor d'onde saíam mechças de cabellos brancos, mal se distinguia dos travesseiros. Os olhos cavados, orlados de uma larga sombra côr de *bistre*, estavam cerrados e a boca tinha uma espuma aos cantos. Arquejava um pouco, tinha os braços estendidos fóra da roupa ao comprido do corpo e as mãos, com um gesto vago e errante, apanhavam incessantemente a drobra do lençol. Encostadas á parede estavam grandes arcas pretas; das traves do tecto pendiam resteas de cebolas; e no fecho da janella uma saia engommada, tufada, hirta, arqueava a sua roda encanudada.

Havia dez annos que ella vivia alli, só, tossindo, cachetica, fóra da vida. A sua enxerga era uma sepultura provisória.

A S. Joanneira chorava, dizendo entre soluços tremulos que a morte era para a *sua pobre irmã uma felicidade*. Amelia, commovida pelos aspectos da agonia, estava calada e pallida. As amigas da S. Joanneira, na sala do jantar, fallavam baixo, funerariamente.

O padre Amaro entrou e o quarto da moribunda encheu-se de gente; e em quanto elle, curvado, lhe punha os santos oleos no peito, na boca, nas mãos e nos pés, todos tinham ajoelhado calados, um pouco aterrados.

O padre Amaro ao sair demorou-se um momento na sala e prometteu voltar para as acompanhar n'aquelle transe; e as suas maneiras eram graves, cheias

de ceremonial. Desceu, os homens das opas escarlates desdobraram o pallio, a campainha recomeçou a tocar, as vozes entoaram o Bemdito e a procissão afastou-se para os lados da Sé. D'ahi a momentos a rua estava silenciosa. Só na casa visinha um cão uivava incessantemente.

As onze horas Amaro voltou, como promettêra. As amigas da S. Joanneira tinham-se já retirado. A Russa, sentada no quarto da idiota, a um canto, sobre uma trouxa de roupa, acompanhava-a na agonia, transida de frio e de medo. Quando Amaro entrou e se chegou ao leito da velha a respiração era já arquejada, com vagos arrancos; quasi não tinha pulso.

— Coitadinha, pensou elle, está por momentos!

Amelia, aterrada, surprehendida com aquelles ceremonias da morte, andava n'uma inquietação febril da cozinha para a sala do jantar, espreitando a cada momento para dentro do quarto onde a velha expirava. A S. Joanneira sentira-se doente, deitára-se um instante sobre a roupa, choramingando e resando baixo. E quando Amelia lhe disse para dentro: — Minha mãe, está aqui o sr. parcho, — Ella respondeu com a voz gemente:

— Faze-lhe companhia, minha filha; eu já vou. Desculpe, sr. parcho, desculpe. Eu estou com umas dores de cabeça que não me tenho.

Dava-lhe ás vezes aquella enxaqueca e era necessario deitar-se alguns momentos n'uma immobilidade absoluta, com a cabeça amarrada em lenços enso- pados de agua camphorada.

— Deixal-a socegar, coitada, disse Amaro.

Amelia e o padre ficaram sós na sala do jantar. A luz esmorecia. Um silencio pesava em toda a casa.

— Tenho tido tanto medo, disse Amelia aconchegando-se no chale.

— Ora! disse Amaro.

— Não! não! É que nunca vi gente morta, sr.

parcho. — E suspirando: — Coitada! para ella até é melhor.

Estava sentada ao pé da mesa, a cabeça apoiada á mão; a manga do seu casabeque que era larga escorregava um pouco, deixando ver o começo do braço branco, torneado e mimoso.

Estiveram um pouco calados e de repente sentiram dentro resonar a S. Joanneira:

— Querem ver que a mamã adormeceu, disse Amelia levantando-se.

E ergueu o reposteiro de chita, espreitou.

— Não a acorde, disse Amaro.

Amelia hesitava; mas Amaro insistindo:

— Não a acorde; para quê? Se houver alguma novidade chama-se.

Amelia tornou a sentar-se e começaram a fallar da idiota, do medico e de doenças.

Mas Amelia começou a queixar-se de frio, batendo com os pés no chão devagarinho, encolhendo-se toda no chale. A noite fóra estava extremamente agreste e chuvosa.

— Parece-me que é melhor irmos para a cozinha, para o pé da brazeira, sr. parcho, disse ella.

— Parece-me que sim, disse o parcho.

Foram. Amelia deitou mais carvão na brazeira, arrastou-a para o meio da casa. Tinha-se levantado vento; sentiam-se as suas rajadas lugubrememente assobiadas; nas janellas da vizinhança uma portada batia e o cão não cessára de uivar.

Amelia tinha trazido duas cadeiras pequenas de pinho para o pé do lume e um cobertor para o parcho pôr os pés. Accommodaram-se e ficaram calados.

— Por que está assim a olhar tão fito para mim? disse Amelia sorrindo.

— Nada, disse Amaro. — E depois de um curto silencio: — Sabe? Tenho uma coisa muito seria que lhe dizer.

Ella olhou para elle um pouco córada.

— A respeito do seu casamento.

— Ah!

Amelia encolheu os hombros com um sorriso de desdem e de tristeza; e abaixando os olhos para o lume poz-se a remexer as brazas com as grossas tenazes de ferro.

— Faz mal em se casar, disse Amaro sem transicção, com uma voz grave.

Amelia ficou calada, com os olhos dilatados, fixos no lume, um rubor no rosto.

— Faz mal, continuou Amaro, baixo. Digo-lh'ò como padre e como amigo. Esse homem vae fazer a sua desgraça.

Ella ia a fallar...

— Oiça, interrompeu elle. — E chegando mais para junto d'ella a cadeira: — A menina não sabe nada. Esse homem é um desavergonhado, um calumniador, um mau homem!

— O que está a dizer? disse ella assombrada, quasi offendida.

— Digo-lhe isto. A menina não o conhece. É um mau homem.

— Oh! sr. parochó...

— Escute, menina Amelia. Oiça. Eu não lh'ò queria dizer. Lembra-se d'aquelle artigo da *Voz do Districto* em que eu, nós todos eramos insultados, calumniados, escarnecidos? Em que a menina, mesma, a sua honra era offendida? Lembra-se?

— Então? perguntou Amelia, com os olhos muito abertos, aterrada.

— Foi elle que o escreveu!

— Não póde ser!

Tinha-se erguido de pé, direita, escandalisada, fitando Amaro.

A voz do parochó continuou calma, baixa, paciente e suave:

— Oiça. Sente-se. Foi elle; tenho provas, minha

amiga. O Natario viu o original escripto pela letra d'elle. Oíça. A menina não o conhece...

E então accumulando os factos, baixo, começou a contar-lhe o que Natario lhe dissera de João Eduardo, os seus vícios, a sua irreligião e as suas intrigas. Lamentava-a, chamava-lhe *santa, sua pobre filha*. E os seus olhos negros e grandes cobriam-a, dominavam-a. Estava pallido, fallava devagar com gestos lentos que acariciavam.

— Fica em peccado mortal. Liga a sua alma a um heretico. Ha quatro annos que elle não se confessa!

Ella só dizia com espanto, com os braços caídos no regaço, succumbida:

— Jesus! Jesus!

— E de resto — e a voz de Amaro era baixa, lugubre e pungente — veja que destino se casar com elle. Teria de abandonar as suas praticas, as suas devoções, não voltar á egreja. Se se quizesse confessar, o que elle faria, que discussões, que desavenças! Tinha de romper com todas as amigas de sua mãe, com as suas relações. A gente de bem voltava-lhe as costas. Não imagina que inimigos tem esse homem! Não ha ninguem que elle não tenha escandalisado...

Ella escutava abstracta, com os olhos fitos no lume.

— E depois lembre-se que perdição para a sua alma. Se tivesse filhos como elles seriam educados! Por tudo uma questão, por ir á missa, por jejuar. Ou tinha de se fazer, como elle, uma hereje, uma perdida, ou a sua casa seria um inferno.

Amelia começava a fazer-se pallida; os olhos enchiam-se-lhe de lagrimas. Amaro tinha-lhe tomado uma das mãos:

— E pensa que um homem assim pôde ter bom coração, continuava elle, estimal-a, ser-lhe fiel? Sem religião não ha character. O homem que não crê, que

não pratica — é um animal. Nada lhe repugna, nem a calúnia, nem o roubo, nem a traição. Veja o que elle fez. Escrever aquelle artigo! E depois repare, quasi que a ia desacreditando a si. É capaz de tudo. E á hora da morte que remorsos! Quando visse chegado o ultimo momento! Sabe que esses impios nem a Extrema-Unção recebem? Que destino, morrer sem Sacramentos, sem confissão, sem consolação, como um cão...

— Não! não! gritou ella, toda nervosa, allucinada, agarrando-lhe fortemente no braço.

— E depois o inferno, os tormentos, a agonia eterna...

— Pelo amor de Deus! pelo amor de Deus! dizia ella.

E começou a chorar baixo, com soluços e grandes lagrimas que lhe corriam entre os dedos.

Amaro tinha-se chegado para ella, quasi lhe tocava os vestidos.

— Não chore, minha filha. Vê? É porque gosta d'elle que está a chorar. É porque gosta d'elle, não é verdade?

Ella fez uma negação com a cabeça, soluçando.

— Escute, olhe, fie-se em mim. Abra-se commigo! — E afastava-lhe as mãos do rosto, tremulo, todo ardente.

— Mas que hei de eu fazer? Que hei de eu fazer?

— Não case. Não ha banhos publicados, não ha nada. Diga-lhe que não quer casar, que sabe tudo, que o detesta. Eu a guiarei, eu a aconselharei. Sim?

— E como ella não respondia: — Sim? repetia-lhe, com o olhar absorvente, apertando-lhe as mãos ambas.

Amelia estava como n'um fundo de um sonho. Sentia a voz de Amaro, o calor das suas mãos, a força da sua presença, sem comprehender bem e vendo que ia a desfallecer. A brazeira esmorecia.

Amaro então tinha-lhe passado um braço sobre

o hombro, attrahia-lhe docemente a cabeça e a sua voz tremula murmurava:

— Estarei sempre ao pé de si. Oiça. Serei tão seu amigo! Deixe-se estar! Magôo-a? É como se fosse seu irmão... Está a tremer. — E mais baixo, junto ao rosto d'ella, com uma voz que a beijava: — Sou tão seu amigo! Quero ser o seu guia, o seu confessor. Deixe-se estar! Faça-lhe mal? Oiça: perdê um marido, mas ganha um irmão. Não imagina. Desde o principio tenho tido por si uma amizade... mais que isso. Desejava estar assim toda a vida, ficar aqui, ao pé de si, como agora.

E ia attrahindo-a devagar, tonto de paixão e de desejo.

— Olhe para mim, continuou elle, diga-me: é minha amiga?...

Ella não respondeu, deixou-lhe cair a cabeça sobre o peito, abandonada, os olhos humidos e quasi em branco, os labios entre-abertos, pallida, vencida, a garganta tumida de suspiros.

Mas então de repente a voz da Russa dentro gritou:

— Senhora! senhora!

Amaro ergueu-se, correu á porta que dava para o quarto da idiota. Estava fechada. Foi de volta, pelo quarto da S. Joanneira, e Amelia, atrás, tremendo, dizia:

— Deus da minha alma! Deus da minha alma!

Entraram no quarto. A idiota dava arrancos soturnos, arqueava-se; o lenço tinha-se-lhe desmanchado, os cabellos estavam todos espalhados em redor; na boca torcida um liquido espumava. Os seus dois braços, estendidos em cruz, pendiam como já mortos e os seus dedos agitavam-se convulsamente. Por fim teve uma vibração e ficou immovel, com a boca revirada, os olhos abertos, fixos, horriveis. Amaro cerrou-lh'os e ajoelhou ao pé do leito.

A S. Joanneira tinha acudido, em saia branca,

chorando, aos gritos. A Russa estava de pé encostada á parede, com os olhos arregalados, immovel de medo. E Amelia atirára-se de bruços sobre uma arca, com um choro afflicto e nervoso.

Amaro começou a fallar-lhes, a acalmal-as: tinha tomado as mãos da S. Joanneira e socegava-a:

— Então! É resignarem-se! A pobre creatura deve estar no ceu, dizia elle gravemente. Acabaram-lhe os tormentos! É melhor irem para o seu quarto. Eu fico aqui. Vão. Então, não chorem! Vamos! coragem!

E com outras palavras brandas foi-as levando para o quarto da S. Joanneira, em baixo.

Tornou a subir, esteve a olhar um momento o cadaver; depois tomou o lençol e cobriu-lhe o rosto livido; espertou as vélas e tirando do bolso da batinha o *Breviario* abriu-o, sentou-se ao pé da cama e começou a ler baixo o officio dos mortos. Ainda ouviu algum tempo em baixo as duas mulheres soluçarem; depois ficou tudo em silencio. Só no pateo visinho o cão uivava sem cessar!



Logo ao outro dia, pela manhã cedo, Amaro foi a casa do conego fallar com a irmã. Encontrou-na na sala do jantar, arranjando, n'uma grande travessa azul, ladrilhos de marmelada: estava com um vestido de vareja curto, já roto, arqueado em redor dos tornozelos, como um arco de pipa, por uma *crinoline*; os pés chatos e largos, n'umas grandes botinas de duraque velho, arrastavam-se devagar em redor da mesa; tinha na cabeça um lenço de seda preta, todo puxado para diante e trazia uns olhos azues.

— Viva! disse ella, isso é que foi madruguar! Pois olhe, já cá tenho a primeira missinha. Fui alli á capella de Nossa Senhora do Rosario. Disse-a o padre Vicente. Fez-me hoje muita virtude.

Fallaram então da morte da idiota: Amaro contou a agonia da velha, a afflicção da S. Joanneira; e de repente, chegando-se mais para D. Josepha, sem transição:

— E que me diz á do sr. João Eduardo?... Já sabe que foi elle quem escreveu o artigo?

A velha interrompeu, erguendo as mãos ao ceu:

— Ai! nem me falle n'isso, sr. parochó, nem me falle n'isso, que até tenho estado doente!

— Então já sabe?... .

— E mais que sei, sr. parochó. O sr. padre Natarío, devo-lhe esse favor, esteve aqui e contou-me tudo! Ai! aquelle maroto! Ai! aquella alma perdida! Escrever similhante desaforo!

— E ainda a senhora não sabe o melhor.

E então Amaro contou á sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias a biographia moral de João Eduardo, segundo Natarío — a sua impiedade, o seu desleixo pelos deveres catholicos, o seu odio ao clero, a irregularidade dos seus costumes...

— Que me está a dizer, sr. parochó! Que me está a dizer! exclamava a sr.<sup>a</sup> D. Josepha assombrada.

— É isto que lhe digo, minha rica senhora.

— Pois sr. parochó, disse a sr.<sup>a</sup> D. Josepha, a mim queria-me parecer isso mesmo. Eu nunca o disse! nunca o disse! Que lá isso esta boquinha nunca se poz em vidas alheias. Mas tinha cá um palpite. Elle ia á missa, fallava sempre com muito respeito... Mas eu cá tinha uma desconfiança: aquillo era para enganar a S. Joanneira e a pequena. Agora bem se vê tudo pelo claro. Uma coisa assim! Eu foi creatura que nunca me caíu em graça, o tal sr. João Eduardo. Nunca, sr. parochó! — É depois de um momento, com os olhos luzidios, um sorriso desdentado, inclinando-se toda para Amaro, baixando a voz, com uma alegria feroz de velha celibataria irritada: — Mas então agora, sr. parochó, o casamento desmancha-se, hein?

— Pois ahi é que está a difficuldade, minha rica senhora, disse Amaro. O casamento é impossivel, isso está claro. Não se póde deixar uma pobre rapariga ir unir-se por toda a vida a um maroto, um pedreiro livre, um hereje, um homem que não se confessa ha quatro annos!

— Credo! sr. parochó, nem diga isso!

— Não se confessa ha quatro annos, digo-lhe isto!

— Mas é necessario fallar á S. Joanneira, avisar a pequena! exclamou a sr.<sup>a</sup> D. Josepha.

— Pois minha senhora, foi justamente para isso mesmo que eu a vim procurar. Eu hontem já fallei com a rapariga. Disse-lhe tudo. Aconselhei-a, por bons modos, já se vê; expuz-lhe que ia perder a sua alma, ter uma vida desgraçada... Em fim fiz o que pôde, minha senhora, como amigo e como parochó. E disse-lhe claramente que rompesse com o João Eduardo.

— E ella, já se sabe, concordou?

— Pois ahi é que está. Não disse que *sim*, nem que *não*. Poz-se a fazer biquinho, a choramingar, a soluçar. Em fim a rapariga não sabe o que quer! Ella não gosta d'elle, isso é claro; mas quer casar, tem medo que a mãe morra, que se veja só... Em fim sabe o que são raparigas. Ora eu pensei que o melhor era a senhora fallar-lhe. A senhora é uma amiga da casa, é madrinha, conheceu-a de pequena...

— Ai, isso fica por minha conta, sr. parochó, fica por minha conta.

— Oiça. A rapariga o que precisa é quem a dirija... Aqui para nós, precisa quem a confesse. Ella confessa-se ao padre Silverio, mas, sem querer dizer mal, o padre Silverio não vale nada. Muito boa pessoa, muita virtude, mas o que se chama *geito* não tem nenhum. É um acanhado, qualquer coisa o assusta: o que ella precisa é um confessor *teso*, que lhe diga — *para alli!* e sem replica. A rapariga é uma alma fraca; precisa um homem que a dirija com uma vara de ferro.

— O sr. parochó é que a devia confessar.

Amaro fez-se vermelho e sorrindo, modestamente:

— Não digo que não. Havia de aconselhal-a bem; sou amigo da mãe, acho que ella é boa rapariga e digna da graça de Deus. Mas em fim eu não posso

ir dizer-lhe — a menina agora ha de confessar-se a mim! Eu n'isso sou muito escrupuloso. . .

— Mas digo-lh'o eu, sr. parochó, mas digo-lh'o eu. . .

— Ora isso é que era um grande favor; era um bem que fazia aquella alma. — E erguendo-se com gravidade: — Porque em fim, minha senhora, o que nós queremos é salvar aquella alma!

E então Amaro explicou á velha a maneira de convencer Amelia: que lhe fallasse das penas do inferno, que a atherasse, que lhe citasse os exemplos d'esta e d'aquella que tinham tido destinos miseraveis e fins desastrosos por desobedecer á egreja, ligarem-se a homens sem religião e não terem um confessor severo.

— Fique descansado, sr. parochó, fique descansado.

— Mas falle-lhe, falle-lhe teso, dizia o parochó, baixo, com grandes gestos; diga-lhe o peccado que é, represente-lhe a hora da morte. . .

— Deixe-a commigo, deixe-a commigo!

— Minha senhora, acredite no que lhe digo, é um serviço que faz á religião.

E ia a sair apressado, radioso.

— Então não quer provar da minha marmelada? disse a beata.

— Não! não!

E já nos degraus da escada, voltou a traz para lembrar á velha que mandasse chamar Amelia para a desviar d'aquelles aspectos da morte e dos preparativos do enterro.

— E para lhe dar os bons conselhos, acrescentou.

— Vá descansado, sr. parochó. Vou mandar já um recado!

Amelia veio, com effeito, era meio-dia na Sé, para casa de D. Josepha Dias. Vinha de luto e estava tão nervosa que ao desabotoar o casaco de panno preto as mãos tremiam-lhe, não podia acertar com os colchetes; uma vermelhidão irritava-lhe a pelle da face, os olhos negros destacavam encovados no fundo baticado das olheiras. A irmã do conego veio abraçal-a, beijal-a com grandes lamentações sobre a *pobre alminha de Deus* (fallava da idiota) e considerações sobre a morte.

— A mamã, coitada, sempre está com uma pena! disse Amelia. Sempre era irmã. Eu não preguei olho toda a noite. Um desgosto assim!

E como estava sobreexcitada poz-se a conversar com grande melancolia, dizendo a tristeza do seu destino, a pouca fortuna que tinham, que a mãe tambem lhe podia faltar de um momento para o outro; e a cada instante suspirando levava aos olhos a ponta do seu avental de seda preta.

A irmã do conego então principiou a fallar-lhe do escrevente.

— Foi o sr. parcho que lhe disse? perguntou Amelia.— E depois de um silencio, com um grande soluço:— Custa-me a acreditar tanta coisa!

Mas a sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias encetou logo a historia dos erros de João Eduardo, as suas irregularidades, as suas irreligiões; e n'um impeto piedoso, julgando servir o ceu, inventava.

— Mas que hei de fazer? perguntava Amelia.

E contava a sua situação; porque em fim, depois de ter dito a João Eduardo que *sim*, de começar o enxoval, de estar nas vespervas de casar— não podia ir agora romper com elle, só porque elle tinha escripto um artigo n'um jornal!

— Cala-te, rapariga, cala-te, que estás a metter a

tua alma no inferno, gritou a velha. Pois casa-se lá com um homem que se não confessá ha quatro annos, que é um herege, que desacredita os padres e que escreve nos periodicos contra a religião!

— Mas talvez elle depois mūdasse! disse timidamente Amelia.

— Defende-o! defende-o! Bem se vê que estás pelo beijo, minha rica.

É como se de repente á sua memoria celibataria viessem idéas de felicidades que não tivera e de gosos de que fôra privada, teve uma colera e atirou-lhe as mais duras palavras:

— Ahi está o que vocês são todas! Sem os homens não ha coisa nenhuma! Nos homens é em que pensam! E a tua alma, creatura! E a salvação da tua alma! Isso sim!

Amelia choramingava e dizia que *não* com a cabeça.

— Qual! tu és como as outras! Bem te importa a ti com Deus, com as chagas de Christo e com as dores de Nossa Senhora! O que tu queres é um marido!

Amelia soluçava.

— Ai! filha, — e a sua voz affectando de repente uma indifferença tinha quasi tons joviaes — olha que eu digo-te isto para teu bem! A mim bem se me dá! Casa! casa!

Houve um silencio.

— Mas se a mamã me falta! disse Amelia enxugando os olhos e com a face toda cheia de nodoas rosadas, os beiços tremulos.

— Olha, sabes o que eu te digo, é que quem mais soffre, mais agrada ao Senhor! Não te hão de faltar maridos. E no ultimo caso tinhas o recolhimento de Jesus! Não te havia de faltar o pão!

Amelia chorava mais então: a perspectiva do recolhimento aterrava-a; via-se já na fria cella de Jesus, nos estreitos corredores, em quanto a sineta

toca melancolicamente e as figuras abatidas e desoladas caminham para o côro.

A sr.<sup>a</sup> D. Josepha insistia; repetia os seus conselhos, ora com uma seccura de beata irritada, ora com uma caridade trivial, chamando-lhe *filha, minha pequena...*

— Mas, dizia Amelia, depois de lhe ter dito que *sim*, hei de ir agora...

— Olha, sabes que mais? confessa-te.

— A quem?

— Ao sr. parochó, disse a velha baixo.

E começou então a dizer-lhe que se guiasse pelo parochó, que lhe contasse a sua situação, que lhe pedisse os bons conselhos, a santa direcção, que se abandonasse a elle. E fazia o elogio do parochó; a sua virtude, a sua sciencia, as suas palavras persuasivas, e até a sua economia e os seus bons costumes.

— É um santo! Confessa-te a elle!

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! dizia Amelia com um grande abatimento.

A velha então erguendo-se de pé diante d'ella, com um ar frio:

— Ai, se te custa muito é outro caso. Deixa. Casa, casa com o homem! Eu digo-te isto para te levar no bom caminho, assim Nosso Senhor me alumie e me tenha na sua guarda. Mas bem, se não podes... O sr. parochó tinha-me fallado n'isto. Eu lhe direi que tu queres a todo o custo... que estás apaixonada pelo homem.

— Mas não estou, exclamou Amelia, não lhe diga isso! Jesus! que hei de eu fazer!

E nervosa, irritada, começou a fallar de si, a contar á velha as suas torturas secretas, que andava como louca, que não dormia, que tinha sonhos maus, que não lhe saíam certas idéas da cabeça.

Então a beata olhou-a muito e disse-lhe baixo n'um tom lugubre:

— Castiga esse corpo, filha! Castiga esse corpo!  
Amelia não respondeu.

— Bem sei! bem sei! dizia-lhe a beata. Tive isso em nova. As vozes parece que a gente tem brazas cá por dentro. É preciso a gente penitenciar-se e dizer: *Pelas chagas do Senhor que padeceu por mim, padeço eu por elle!*... Confessa-te, rapariga. — E baixó ensinava-lhe certas resas, fallava-lhe de disciplinas, aconselhava que resasse o terço com os joelhos nus em cima de uma pedra, que trouxesse um cilicio na cinta. — E a cada momento repetia novas injurias contra os homens!

Mas então sentiram na egreja, que era perto, o dobre de finados: era pela morte da idiota. Amelia começou a chorar baixo e a velha, sentada á janella, fazia meia em silencio, depressa, com os oculos na ponta do nariz, em quanto o sino deixava cair as badaladas espaçadas e lamentosas como tristes lagrimas que rolam no ar.

Mas abriu-se a porta e o conego entrou n'uma grande excitação. Vinha da fazenda. Tinham-lhe roubado uma porção de cebolinho e clamava contra o regedor, contra o governo, dizia pragas medonhas:

— Então! então mano! gritou D. Josepha escandalisada.

— Ora, mana, deixemos essas pieguices para a egreja. Digo *com seiscentos mil diabos!* e repito *com seiscentos mil diabos!!*...

O sino continuava.

— Inda mais esta! Tenho de ir ao enterro da velha! Mande-me lá dentro uma volta lavada e os sapatos de fivela.

E saíu furioso.

Ao outro dia muito cedo a irmã do conego foi levar Amelia á Sé para se confessar. Ella tinha cedido, em fim, mas não tinha querido ir só. O padre Amaro estava prevenido e desde as sete horas esperava na sacristia. O dia enublado estava pesado de electricidade e a uma grande distancia arrastava-se uma trovoadá. Havia chuveiros. A igreja estava deserta.

A sr.<sup>a</sup> D. Josepha Dias foi bater á porta da sacristia com aspecto discreto, fazendo genuflexões, persignando-se.

— Então? disse o padre Amaro.

Estava muito pallido e com a barba escrupulosamente feita.

— Ficou a resar ao pé do altar de Nossa Senhora, disse a velha baixinho. Não imagina, sr. parochó! Está de todo! Ora quer casar com o escrevente, ora não quer; não lhe quer dizer que não! depois diz que o detesta! Tem coisa má! Bem pôde socegar aquella alminha, sr. parochó.

Sairam ambos da sacristia. Amelia toda vestida de preto, com uma mantilha de renda na cabeça, as mãos postas, resava, curvada n'uma grande prostração, diante do altar de Nossa Senhora. Uma luz parda entristecia a igreja.

— Pst! disse a velha.

Amelia voltou a cabeça, ergueu-se e veiu, toda córada, ter com o parochó.

— Aqui lh'a deixo, sr. parochó. Eu vou fazer aqui uma visita á Amparo da botica e á volta, quando vier resar ao Santissimo, venho-a buscar. — Ora vae! Deus te allumie essa alma, filha!

E saíu, ajoelhando diante de cada altar.

O padre Amaro, calado, dirigiu-se para o confis-

sionario. Amelia, atraz, com a cabeça baixa, foi-o seguindo devagar.

O confissionario era na ala lateral á direita, quasi escondido n'um vão da parede, largo, de pau preto; ao pé, na capella, havia um altar elevado com velhas decorações de pau doirado. Os castiçoes tinham as vélas meias gastas, todas grossas de cera derretida e suja. Ramos artificiaes engilhavam-se em vasos azues. Por cima uma janella com cortina verde corrida dava uma luz funebre. E exposta á adoração e ao sacrificio das almas, uma Nossa Senhora de rosto envernizado, com o seu manto azul de pregas tristes, abria os braços mostrando o seio crivado de espadas: as moscas tinham sujado a sua tunica branca e o verniz das mãos estalára. Em toda a capella havia um cheiro de fenô sêcco.

O padre Amaro tinha-se sentado no confissionario e fóra, encostada ao ralo, Amelia resava a Confissão. O padre Amaro sentia o murmurio triste da sua voz. Estava tremulo e como na entrada de um destino desejado e temido.

Quando ella acabou o *confiteor* houve um grande silencio. Amaro hesitava e ella de vez em quando dava um suspiro. Amaro não a podia ver; e então abrindo resolutamente a porta do confissionario, com a voz baixa e mal segura:

— É melhor vir para aqui, disse elle.

Amelia veiu ajoelhar, toda córada, aos pés do padre; o seu vestido quasi tocava a capa de Amaro.

— Aqui está melhor, disse elle. Não é uma confissão, são conselhos que lhe quero dar. É para contar o que tem, o que sente...

E fallando reparava no seu cabello preto, um pouco annelado, forte, contornando harmoniosamente a firme brancura da testa, sob os recortes franjados da mantilha negra.

— Diga-me então. Tem estado muito triste?

Ella disse que sim com um gesto de cabeça.

— E pensou no que eu lhe disse? Diga!  
 Amelia abaixou mais a cabeça, toda corada.

— Falle! disse Amaro todo curvado para ella.  
 Tem receio, de quê? Sou seu amigo, é como se fosse seu irmão.

— Que lhe hei de dizer? perguntou Amelia erguendo para elle os olhos meigos, supplicantes, rasos de lagrimas.

Amaro sentiu tomal-o uma piedade infinita, uma adoração e quasi tinha o desejo de ajoelhar diante d'ella, santamente. Amelia baixou os olhos e com voz sumida:

— Pergunte; eu lhe direi, disse ella.

Amaro estava embaraçado e passava com um gesto errante os dedos tremulos pela testa.

— Gosta muito d'esse homem? perguntou elle em fim.

Ella não respondeu.

— Vê! disse Amaro. — E tinha-lhe vindo uma certa impaciencia, o desejo de a dominar, de arrancar João Eduardo de uma vez da idéa d'aquella mulher. — Vê! é que gosta d'elle! É que anda doida por elle! É que ha alguma coisa!

— Não! não! disse ella rapidamente com uma voz que implorava.

— Gosta! gosta! bem conheço! Pensa em tudo, menos em romper com elle! É um feitiço! é um encanto! — E depois de um momento: — Que culpada que é!

Amaro queria dizer-lhe uma palavra profunda que a convencesse; mas não lhe acudia nada e com a voz lenta:

— E não se lembra do que Christo padeceu por si?

— Mas que quer então? disse Amelia.

— Que quero? exclamou Amaro. — E ia a dizer: Que me ame! mas reteve-se e continuou com voz grave: — Quero que salve a sua alma, que esqueça esse homem, que é para si o inimigo, o tentador,

como se fosse o demonio! Quero que se deixe guiar por mim... Sabe o que quero? Não sou eu que o quero. Eu não fallo aqui pela minha boca. É Deus que lhe falla, é esta igreja, esses santos que vê, a Virgem que tanto soffreu, Christo que agonizou por si! É toda a religião que lhe pede que seja boa, caridosa, temente ao Senhor, pontual nos seus deveres christãos. Ora com esse homem não seria senão uma herege, uma mulher fóra da igreja, uma ovelha má!

A sua voz era ora unctuosa, ora colerica. Amelia sentia-lhe a doçura penetrante e o dominio victorioso. Começou a chorar.

— Por que chora?

— Não sei o que tenho. Tenho soffrido, disse ella. Nem eu sei explicar. Aconselhe-me, diga-me o que hei de fazer? Eu obedeço-lhe; mas não me ralhe. Que hei de eu fazer?

— Esqueça-o, rompa com elle.

Amelia disse com voz sumida:

— Estou resolvida a fazel-o.

Amaro teve um sobresalto de alegria; mas contendo-se;

— Oh! minha querida filha! disse com voz piedosa. Creia que Deus está comsigo! Pertence toda a Deus!

Tinha-o tomado uma perturbação extrema, faltavam-lhe as palavras; sentia os soluços de Amelia, baixos, brandos. Tomou-lhe a mão:

— Amelia, diga-me...

Mas não terminou. Ficou um momento com as mãos d'ella entre as suas e tomado de uma curiosidade repentina:

— E outra coisa: elle fallava-lhe muito de amor?

— Pouco, disse ella com um grande rubor.

— E já esteve só com elle alguma vez?

Ella hesitou.

— Uma só! respondeu.

— E diga-me... elle deu-lhe um beijo, por exemplo?

Ella não respondeu.

— Deu? insistiu Amaro.

— Para que me faz tanta pergunta?

— Percebo. — E depois de um silencio: — Sabe uma coisa? — e a sua voz era sêcca, gutural: — Devia mandal-a sair d'aqui sem absolvição! — Mas retomando um tom grave: — E tem cartas d'elle?

— Duas.

— E que dizem?

— Que quer casar commigo, só; são coisas sem maldade; até diz *minha senhora*.

— É necessario mandar-lh'as immediatamente. — E com uma pausa, mais baixo: — Pensava n'elle com paixão desejando o dia do casamento...

Ella não respondeu; tinha a cabeça baixa e elle via o seu corpete arfar agitado.

— Não. Mas para que me faz tantas perguntas? disse supplicante.

E os seus olhos erguidos para o padre, pretos, destacando na pallidez da pelle, tinham uma imploração infinita.

Amaro teve uma commoção violenta.

— Bem! disse seccamente. Faça o acto de contricção.

Ella começou: — Senhor Deus todo poderoso...

— Não! interrompeu elle. Escute. Ainda não! — E hesitando: — E diga-me, gosta d'outro?

E calou-se.

— Gosta? Mas diga-m'o! diga-m'o!

E a sua voz era supplicante, fazia desfallecer Amelia.

— Bem sabe que sim, respondeu ella deixando-se cair sentada, as mãos abandonadas no regaço, os olhos erguidos para elle.

Elle levantou-a um pouco pelo braço, attrahiu-a brandamente para si, sem resistencia.

— E eu! se soubesse! Estou louco por si! adoro-a! Não se assuste. É um amor puro, é uma adoração, nem eu sei! É como se fosse uma santa! Tenho ás vezes vontade de lhe resar! De dia, de noite, não penso senão em si! Ao dizer a missa tenho-a tão presente... nem eu sei! E tu?

— Eu! — e sorria-se amargamente. — Bem sabe como eu ando!

Estiveram um instante calados. Amaro estava livido, tinha os beiços tremulos. Tirou do bolso da batina uma pequena medalha que reluzia, com um cordão:

— Olhe. Tome esta medalha. Deite-a ao pescoço. É para se lembrar de mim. Beije-a, rese-lhe todas as noites. É como se estivesse ao pé de si!

Amelia deitou o cordão ao pescoço; as suas mãos tremiam como folhas que o vento agita.

Havia um silencio absoluto, pesado; uma ligeira chuva fustigava em cima os vidros. Amaro começou a olhar Amelia. Ella então de repente tomou a medalha entre as mãos, beijou-a febrilmente e ia levantar-se, fugir...

— Não! não! disse Amaro prendendo-lhe as mãos.

Ella caíu de novo de joelhos. Os seus olhos fitavam-se, absorviam-se. Amaro aproximou o rosto e estendendo os labios a tremer beijou-lhe a boca longamente, longamente, profundamente, de um só beijo. Ella cerrára os olhos, quasi desmaiada; mas erguendo-se de repente:

— Oh! fazes-me doida! murmurou.

— Escuta! disse elle.

— Não! não!

Mas então Amaro ergueu-se de repente aterrado. Tinha sentido ao fundo da igreja a muleta do sineiro, que era coxo.

— Vae-te! disse elle. Depressa!

— Adeus! murmurou ella.

E fitando-o um momento, poz-lhe rapidamente as

mãos sobre os hombros e deu-lhe outro beijo nos lábios; deixou cair sobre o rosto a mantilha, atravessou a nave rapidamente e saíu da igreja.

O dia aclarára e entre nuvens, como flocos de algodão, havia grandes espaços azues, humidos, lavados, que luziam alegremente.

Amaro ficou immovel no confissionario; estava entorpecido de sensações; tinha uma fadiga como um homem que emerge da immobilidade de um sonho. Saíu da capella devagar, extremamente pallido, com as mãos nos bolsos da batina.

— Nosso Senhor nos dê muitos bons dias, disse o sineiro, vindo para elle com os bruscos movimentos da sua mula.

— Adeus! tio Antonio.

— O sr. parcho — e o sineiro hesitou, coçando a perna com o bonet de pala de verniz — morreu ahi uma pobre de Christo lá na minha rua. Coitada! E então o filho tinha assim a modo repugnancia que ella fosse atirada á valla.

— E que quer que eu lhe faça? disse o parcho encolhendo os hombros.

— Sim: mas é que quando o sr. chantre quer póde conceder uma migalhita de terreno. Se vossa senhoria fallasse ao sr. chantre: a gente não gosta lá muito da valla: como diz lá a cantiga:

A vida dá-nos tristeza

P'ra morte nos dar a valla.

O padre Amaro sentiu a necessidade de ser bom:

— Pois está bem. Eu fallarei ao sr. chantre.

—Beijo-lhe as mãos, sr. parcho. Seja pelo amor de Deus!

E saía atraz do parcho batendo rijamente com a sua muleta e cantarolando pelo adro:

A vida dá-nos tristeza  
P'ra morte nos dar a valla...

O sineiro era um homem jovial e cheio de cantigas.

Mas ao entrar em casa, d'ahi a pouco, Amaro teve uma contrariedade. A criada que havia dois dias se queixava e andava pelos cantos tremendo de febre, tinha repentinamente peiorado n'essa manhã. Estava com uma sessão terrível; a irmã d'ella, a tia Dyonisia, tinha vindo á pressa e tinham chamado o doutor. O doutor declarou que era uma escarlatina e mandou-lhe dar entrada no hospital: deviam-n'a levar n'essa mesma noite n'uma maca:

—E quem me ha de servir agora? perguntou Amaro todo contrariado.

—Se vossa senhoria quizer, disse a Dyonisia, eu não sirvo para muito. Mas lá para o que é fazer a cozinha e os arranjos da casa, em quanto não arranjar coisa melhor, estou ás ordens.

Amaro hesitava. A Dyonisia tinha em Leiria uma popularidade equívoca. Nos ultimos dez annos não houvera na cidade adulterio, parto occulto, intriga amorosa em que ella não tivesse tido uma cumplicidade. Era sobre tudo conhecida por fornecer aos velhos recatados e divertidos lavradeirinhas frescas ou criadas enfastiadas da vassoira. Mas como era serviçal, subtil, discreta e calada como uma sphinge, cheia de expediente, boa pessoa, risonha, prodiga de *excellencias* e de cortezias—todos a desculpavam, sorrindo, e dizia-se geralmente:—No fundo é uma pobre de Christo!—Amaro sabia isto e real-

mente, repugnava-lhe introduzir em casa, n'uma intimidade equivoca, aquella velha remexedora das ignominias da cidade.

La recusar seccamente quando lhe veiu uma certa idéa:

— Quem sabe se eu precisarei d'ella?

E voltando-se para a Dyonisia:

— Pois está dito, fique, Dyonisia, em quanto não arranjo criada; venha por ahí fazer o serviço. Mas é escusado dar á lingua a este respeito, hein?

E foi assim que a Dyonisia, que ostensivamente continuou a viver em sua casa que era ao pé, desde a manhã seguinte estabeleceu-se realmente na casa do padre Amaro.

+

Amelia saiu da igreja; depois da confissão, como  
lógica; entrou em casa; fechou-se no seu quarto, an-  
rou a mantilha para cima da cabeça e foi-se ao  
espelho. Os seus olhos pareceram-lhe mais vivos e  
com uma outra expressão. Uma coisa superior, im-  
prevista, entrara na sua vida e sentada ao pé da  
cama, encostada a parede, parecia-lhe um  
pensamento iluminado. Amava o padre Amaro! Não  
sabia máis. E semia-se absterver, não queria desap-  
parecer nos ardores d'aquelle sentimento.

Via os seus olhos negros, amorosos, vehementes;  
a sua estatura magra; a comprida batina preta. Re-  
cordava o timbre da sua voz, o contexto humido  
dos seus beijos quentes! E parecia-lhe que elle era  
o seu universo, o seu destino, a sua alegria, o seu  
fim.

Queria penetrar profundamente no vida d'elle;  
estruvia-lhe, vê-lo rezar, servir; ou quereria fugir com  
elle para bem longe, para um país desconhecido; ali  
elle não seria um padre, seriam amantes, seriam es-  
posos; seriam uma família baixa, com um quintal e  
cravenes para regar; seriam ambos no mesmo nível  
de orações, passeariam pelas longas allamedas, ou só



entalçados, sentados no banco do seu quintal veriam  
 luzir as estrelas: ella tomara-lhe a cabeça e dei-  
 xal-o-luz sobre os labios, sempre, inmitamente, seu  
 cessar, ate morreram.  
 Esteve todo o dia com letargia.  
 Durante o jantar, calada, diante da mãe, comia  
 devagar, desistindo-se, esparçando com a ponta  
 dos dedos o miolo do pão; e a cada momento  
 com a pontinha vermelha da lingua humedeava os  
 labios.  
 De repente a sobremesa disse a mãe:  
 — Minha mãe, parece-me que é melhor dizer ao  
 sr. João Eduardo que não volte aqui.  
 — Não, disse a mãe.  
 Houve um silencio...

Amelia saíu da igreja, depois da confissão, como  
 louca; entrou em casa, fechou-se no seu quarto, ati-  
 rou a mantilha para cima da cama e foi-se ver ao  
 espelho. Os seus olhos pareceram-lhe mais vivos e  
 com uma outra expressão. Uma coisa suprema, im-  
 prevista, entrára na sua vida; e sentada aos pés da  
 cama, encostada á barra de ferro, perdia-se n'um  
 pensamento illimitado. Amava o padre Amaro! Não  
 sabia mais. E sentia-se absorver, afundar-se, desap-  
 parecer nos ardores d'aquelle sentimento.

Via os seus olhos negros, amorosos, vehementes;  
 a sua estatura magra; a comprida batina preta. Re-  
 cordava o timbre da sua voz, o contacto humido  
 dos seus beijos quentes! E parecia-lhe que elle era  
 o seu universo, o seu destino, a sua alegria, o seu  
 fim!

Queria penetrar profundamente na vida d'elle,  
 escrever-lhe, vê-lo resar, servir-o; queria fugir com  
 elle para bem longe, para um paiz desconhecido; alli  
 elle não seria um padre, seriam amantes, seriam es-  
 posos; teriam uma casinha baixa, com um quintal e  
 craveiros para regar; leriam ambos no mesmo livro  
 de orações, passeiariam pelas longas alamedas, ou sós,

enlaçados, sentados no banco do seu quintal veriam luzir as estrellas; ella tomar-lhe-hia a cabeça e beijal-o-hia sobre os labios, sempre, infinitamente, sem cessar, até morrerem.

Esteve todo o dia com febre.

Durante o jantar, calada, diante da mãe, comia devagar, distrahindo-se, esburacando com a ponta dos dedos o miolo do pão; e a cada momento com a pontinha vermelha da lingua humedecia os labios.

De repente á sobremesa disse á mãe:

— Minha mãe, parece-me que é melhor dizer ao sr. João Eduardo que não volte aqui.

— Faze o que quizeres, disse a mãe.

Houve um silencio..

— Parece que a mãe não está muito por isto.

— Eu não estou por isto nem por aquillo, filha. Faze o que quizeres. Cuidados de mais tenho eu.

Amelia exasperou-se com a tranquillã indifferença da mãe.

— Mas, minha mãe, parece-me que isto lhe deve interessar...

E a sua voz tremia, quasi chorava.

A S. Joanneira disse então com um tom piedoso:

— Oh! filha, mas que queres tu que eu te diga? Eu bem sei, o sr. conego disse-me tudo. Foi o João Eduardo que escreveu o artigo; lá isso, portou-se como um mau homem. Tem-me feito uma impressão! Eu cá por mim penso que elle é um ingrato, uma creatura sem coração, um desencaminhado. Mas tu talvez penses outra coisa, filha. Eu o que não quero é ser chamada ou ouvida n'esse negocio. Lá se elle é o que dizem, um perdido, um desbocado, um caloteiro, isso não sei. A mim sempre me pareceu um rapaz de bem e tenho esta ferrada, que é um moço muito honrado. Não se confessar... é mau, é uma desgraça; mas quem sabe? Talvez

elle se emendasse. Lá o artigo do periodico, a fallar a verdade, é uma velhacada; mas sempre direi, eu não o vi escrever. Tu tambem não. Depois, rapaziadas todos as fazem. Em fim faze o que quizeres.

Amelia encostada á janella não respondia nada.

A S. Joanneira desceu para o seu quarto, eram as horas de ir resar a sua coroa. Amelia só na sala do jantar via a tarde descorar, encher-se de crepusculo.

D'ahi a pouco o escrevente entrou.

Amelia sem fallar accendeu uma véla, pol-a sobre a mesa, sentou-se, tomou a costura, sem o olhar, sem lhe estender a mão.

— Que é? disse-lhe o escrevente, que tem? —

Amelia ficou calada.

— Fiz-lhe alguma coisa? Está zangada? Oíça. Olhe que não lh'o mereço!

— Que hei de eu ter! disse-lhe ella encolhendo os hombros.

E depondo a costura abriu um livro de orações, o *Mez de Maria*.

O escrevente olhou-a um momento e tomado de uma colera, dando desdenhosamente com a ponta dos dedos no livro devoto:

— São as resas? É o beaterio?

Ella egueu-se com impeto:

— O que é, é que o senhor é um homem sem religião e anda por ahi a desacreditar todo o mundo.

— Eu?! disse elle abrindo os braços.

— O senhor. Pois quem? Quem é que escreveu aquelle desaforo no *Districto*?

— Quem lh'o disse? gritou João Eduardo fazendo-se livido.

— Todo o mundo o sabe, disse ella. O sr. padre Amaro é que o conhece bem.

João Eduardo esteve um momento calado.

— Ah! é o sr. padre Amaro! disse em fim lenta-

mente. — E procurando as palavras: — E é por causa do sr. padre Amaro que...

Ella ergueu-se rapidamente e foi encostar-se á vidraça com as costas voltadas para elle.

A noite caíra.

João Eduardo esteve um momento olhando para ella e com uma voz grave:

— Oíça, menina Amelia...

Ella teve um movimento de hombros impaciente e sacudido.

— Oíça-me pelo amor de Deus, continuou elle com a voz toda tremula.

Amelia ia voltar-se e escutal-o; mas de repente veiu-lhe á idéa Amaro, a medalha, toda a confissão, — e a exaltação da paixão tornou-a cruel.

— Não tenho que ouvir, sr. João Eduardo. O que lhe peço é que não torne a voltar aqui. Está tudo acabado!

A voz embarçou-se-lhe e calou-se.

O escrevente esteve um momento immovel, com o beíço a tremer, como para chorar; mas de repente voltou-se e desceu a escada rapidamente.

Amelia fez-se muito pallida; ia chamal-o, quando sentiu a porta da rua bater com força. E sentando-se com a cabeça entre as mãos desatou a chorar.

João Eduardo foi caminhando pelas ruas ao acaso. Sentia-se de repente só, n'uma desgraça infinita como a negrura de um mar. Entrou em casa, queimando os dedos ao accender os phosphoros, tropeçando nos degraus. Tinha accumulado uma grande colera e como lhe tremesse a mão e não acertasse a desabotoar o collete, fez saltar os botões, amarrotou, mordeu o panno; e nervoso, miseravel, cheio de lagrimas, deitou-se de bruços sobre o leito e esteve alli muito tempo n'um grande entorpecimento.

Depois ergueu-se e começou a passeiar no quarto como um animal n'uma jaula.

Revolvia toda a sorte de planos. Lembrava-lhe ir accusar o parochó ao chantre:

— Ora! tudo são padres, dizia.

Mas devia de certo haver uma lei! Um padre não podia aniquilar assim os casamentos, a paixão, a familia. Porque tudo tinha acabado de certo. Nunca mais lhe fallaria! nunca mais a veria! E voltavam-lhe as lagrimas. Vinham-lhe então desejos de se vingar de tudo, dos padres, do governo, dos homens ricos de Leiria, dos moyéis que o cercavam. Queria escrever na *Voz do Districto* toda aquella historia infeliz; preparava mesmo phrases; desejava uma revolução! Era madrugada quando adormeceu.

Nó outro dia o tempo estava nublado e chuvoso; um sino tocava a finados. E a velha que lhe vinha trazer o almoço disse-lhe que tinha morrido o Bento Ferreira, o negociante. Sem saber porquê aquillo entristeceu-o:

— Pobre homem! dizia.

Lembrava-se bem d'elle, com o seu bonet de casimira de mescla, suissas brancas, carregando nos rr com uma voz fina. E o mundo apparecia-lhe com uma dissolução infinita em que tudo finda e acaba—a vida, as alegrias e os amores das mulheres.

Mas ao mesmo tempo com o dia viera-lhe uma esperanza. A S. Joanneira estimava-o, tudo se arranjaría talvez: lembrava-se agora que deveria ter fallado á S. Joanneira, ter-se explicado mais dignamente com Amelia; vinham-lhe mesmo á idéa phrases convincentes e commoventes que lhe deveria ter dito! Ao lavar-se viu dentro da bacia um pequeno ramo de violetas que arranjárá na vespera e que era para Amelia. Pol-o com cuidado n'um copo com agua. Talvez n'aquella mesma tarde lh'o dêsse na alegria da reconciliação.

Bateram então á porta. Foi abrir. Era a Russa! Que alvoroço! Trazia uma carta! Era a letra de Amelia! Tudo estava harmonisado talvez!

Ai! dentro do sobrescripto vinham as duas cartas d'elle, as duas unicas cartas que lhe tinha escripto, mais nada! Ficou a olhar como idiota, dizendo á Russa — obrigado! obrigado! — machinalmente, até que ella fechou a porta. E com a carta na mão, no alto da escada, sentia-lhe ainda na calçada o ruido dos tamancos.

Então n'um desespero saú quasi correndo e foi a casa do dr. Godinho. Ia consultal-o; se havia um meio de castigar o padre Amaro, de recuperar Amelia. E fallava, queixava-se confusamente, de um folego. O dr. Godinho com o seu chale-manta pelos hombros, um barrete de veludo bordado, um grande *cache-nez*, escutava folheando uns autos; e ao lado um lavrador sentado, com o cajado entre os joelhos, limpava o chapéu com a manga da jaqueta, devagar, monotonamente.

O dr. Godinho teve um certo sorriso.

— Que quer você que se faça? Sabe o que eu fazia no seu caso? Quebrava-lhe a cabeça. Com pa-dres só cajado!

Mas João Eduardo revoltava-se; não podia ficar assim sem reagir, sem tentar alguma coisa! Era uma infamia!

O advogado accendia vagarosamente o seu cigarro.

— Para que diabo se foi você metter com beatas?

Mas o escrevente poz-se a defender Amelia; a culpa, a intriga, a desgraça era o padre!

— É uma corja! disse o doutor resumindo.

E preparou-se para escrever o requerimento do homem do campo, voltando-se para elle, interrogando-o.

João Eduardo saú. Deu uma volta na Praça. Mas de repente quasi deu um grito: tinha-lhe lembrado Agostinho, a redacção do *Districto*, o artigo, toda

a origem das suas desgraças. Foi logo á viella da Escusa, á redacção. Agostinho escrevia, com o almoço ao pé, e ás vezes poisando a penna barrava de manteiga grandes fatias de pão.

João Eduardo entrou empurrando furiosamente a porta:

— És um canalha, tu! gritou elle a Agostinho.

E deixando-se cair no velho canapé de palhinha exhalou a sua colera, insultando Agostinho, chamando-lhe traidor, que tinha revelado o segredo do artigo, e atirava-lhe as palavras á cara como escarros.

Agostinho tinha-se feito muito amarello. Levantou-se, deu duas voltas na sala e veio estacar diante de João Eduardo com as mãos nos bolsos.

— É verdade. Fui eu que disse ao padre Natario tudo, mostrei-lhe até o original escripto pela tua mão. É verdade. Mas se eu tivesse guardado o segredo estava a estas horas na enxovia de S. Francisco. O padre Natario tem um segredo meu, sabes tu? Para que elle o não revele tenho de lhe descobrir todos os que sei, comprehendes agora? Tenho de lhe contar tudo, de espreitar ás portas para lhe ir dizer o que vejo, de ser uma especie de seu beleguim e de seu cão. Uma desgraça! meu amigo. Um inferno, um horror! Mas que queres tu, com os diabos, é necessario comer!

João Eduardo saíu assombrado, succumbido, sem esperanza. Pensava em ir para o Brasil, mas faltava-lhe o dinheiro. Foi ao acaso até junto do rio; o chão estava molhado, um vento frio cortava. João Eduardo não o sentia e pela estrada de Lisboa chegou até aos Açudes. O rio engrossado pela chuva corria n'uma grande largura de agua lisa, um pouco escura. Do outro lado, na margem coberta de hervas e de juncos, ha velhos moinhos de agua abandonados já, com as portadas das janellas fechadas, destelhados, e vêem-se ainda rodas carcomidas, quasi podres, negras e todas musgosas: um monte alto, pel-

lado, escuro e triste, ergue a sua corpulencia por traz, tendo no alto a igreja da Encarnação e as suas longas arcarias.

João Eduardo olhava abstractamente.

— Olá! fez alguém por traz d'elle.

Era um rapaz pallido, com um buço escuro; estava sentado n'uma pedra debaixo de uma oliveira, fumando tranquillamente.

— Que estás tu aqui a fazer? disse-lhe o escrevente.

— Estou a fazer horas para jantar.

E bateu na algibeira fazendo sentir o tinir de dinheiro.

João Eduardo conhecia-o ha muito, sabia a sua historia: era um typographo da *Voz do Districto*: ultimamente uma mulher, criada do delegado do procurador regio, apaixonára-se por elle. Era uma mulher de meia idade, trigueira, de fórmas pesadas; vestia-o, dava-lhe dinheiro, camisas que roubava ao amo e importunava-o com um amor ciumento e fogoso. O typographo desleixava o trabalho, andava pelas tavernas, fizera-se immoral, mas emmagrecia e andava taciturno.

— Queres tu vir jantar commigo? disse elle. Anda d'ahi. Estou hoje seccado.

— Tambem eu não estou lá muito contente, não! disse João Eduardo.

Resolveram ir á taverna do Osorio, que fica do outro lado da ponte, ao pé do quartel. E caminhando, com as mãos nos bolsos, olhavam a Balseira — uma casa no meio de arvoredos de quinta, que fica na baixa do monte e que é do morgado Basilio. Tinha-se ouvido um tiro para esse lado.

— Andam á caça dos patos bravos na lagoa, disse o typographo. Parece que tem hospedes de Lisboa. Aquillo é que é vida, meu rico!

O escrevente apoiou com uma affirmação de cabeça.

E o typographo continuava:

— A gente então para ganhar oito vintens trabalha desde madrugada! Corja! — E parando, voltando-se para o escrevente: — Tu conheces a mulher do morgado, uma loira, bonita?

O escrevente deu signal que sim, distrahidamente. — Hein?! continuava o typographo. — E luziam-lhe os olhos. — Hein?! A gente então é para ahí a ralé das mulheres!

Ficaram um momento calados.

— Como vão os amores? disse João Eduardo, para fallar, para romper o silencio.

— Vão um diabo! respondeu o outro. Estou farto da creatura, mas o que se chama farto! — E parando, com uma colera na physionomia: — Mas que queres tu?... Que diabo havia de eu fazer a ganhar lá no *Districto* oito vintens por dia, com mãe velha, renda de casa e o diabo? Arranjei este emprego, acrescentou com um mau sorriso.

— Mas ella gosta de ti, disse o escrevente.

— Que vá gostar para o inferno! Tu imaginas lá a sécca! Um mostrengo de cincoenta annos! — E depois de um silencio: — Mas meu rico é necessario comer!

João Eduardo ergueu a cabeça; era a segunda vez n'esse dia que ouvia aquella phrase amarga.

— É verdade, é necessario comer! disse elle como um echo.

— Lá se fosse como aquelles senhores! continuou o typographo. — E voltando-se para a Balseira que apparecia, na sua fachada principal, com uma escadaria cercada de vasos e um balcão largo de pedra de aspecto senhorial e tosco: — Canalhas! murmurou. — E parando, com voz rancorosa: — Isto ha um dia uma revolução que vae tudo pelos ares!

E até á taverna foram calados.

O jantar foi demorado. Era n'uma mesa oblonga, n'um cubiculo encostado ao muro, formado por tabiques até meia altura: a toalha estava cheia de no-

doas; havia um cheiro abafado e não cessava o frir do peixe.

Conversaram e beberam. O escrevente, ao fim do jantar, fez ao typographo as suas confidencias com grande colera e juramentos terriveis; o typographo enchia-lhe o copo, que elle bebia de um trago, na effervescencia das palavras, poisando-o de rijo sobre a mesa.

Então recorrendo a sua vida e vendo as suas desgraças, excitado pelo vinho, fazia planos, queria ir para o Brasil, para Lisboa, queria-se vingar em alguém; e o typographo fallava de novo na esperanza de uma revolução, na injustiça das riquezas, no que soffrem os pobres, dando grandes murros na mesa.

O escrevente queria matar um padre e dizia blasphemias. Excitavam-se. O typographo ao pagar ao taverneiro mostrou o seu dinheiro — prata e duas libras — e disse lugubrememente ao escrevente:

— Suor do meu rosto, filho!

Accenderam os cigarros. João Eduardo oscillava um pouco.

— Para onde vaes tu? disse elle vendo o typographo tomar por uma rua estreita para o bairro do quartel.

— Vou á vida. É a hora em que lá o sujeito vae á assembléa tomar café. O estafermo está á minha espera.

E vendo aquelle homem que era amado por uma mulher, sustentado por uma mulher, que a possuia, que a ia encontrar, João Eduardo, na perturbação do vinho, teve por Amelia um desejo pungente, frenetico, grosseiro. Sentia-se violento, musculoso; um grande desejo de luctas impellia-o e toda uma natureza animal e rude vibrava n'elle. Estava na rua Direita e entrou no café.

— Cognac! gritou.

Dois homens que tomavam café e liam o jornal,

ergueram os olhos e vendo-o fallaram baixo, admirados.

— Então? gritou elle ao criado.

— Prompto!

E tendo deitado o cognac com a mão que tremia, bebeu de um trago, atirou o chapéu, e, com os cotovelos fincados na mesa e a cabeça entre os punhos cerrados, olhava vagamente em redor com uma physionomia hostil. Bebeu mais quatro calices de cognac e de repente, dando uma punhada, disse uma praga e fitou os outros com aspecto de desafio. O dono do café com o seu bonet de pala de verniz, as mãos nos bolsos, espreitava-o, hesitando, mordendo o bigode; mas o escrevente atirou uma placa de cinco tostões sobre a mesa e entrou no bilhar.

Um homem alto e trigueiro, de barbas negras, jogava com o marcador; outros, sentados no estreito banco de palhinha, olhavam, com o palito na boca. Uma luz escassa entristecia. O escrevente atirou violentamente com a porta de vidraças e estacou; e o homem trigueiro que ia jogar parou olhando, pasmado com o braço estendido e o taco em posição.

— Que tem você que olhar para mim, seu negreiro? gritou de repente João Eduardo.

O homem endireitou-se e arremettendo para elle com o taco erguido:

— Ah! seu bebado! você chama-me negreiro?

— Olá! olá! exclamaram os outros.

E agarraram João Eduardo que se debatia n'um phrenesi, arquejando, os olhos extremamente dilatados, os cabellos confusos. Atiraram-o para cima do banco, domaram-n'o, seguraram-n'o pelos braços.

— Que bebedeira! diziam.

As pessoas do café tinham corrido; alguns curiosos entraram.

— Parece incrível!

— Pois elle não costuma!

— Ora! ora!

João Eduardo começava a impallidecer. Atiraram-lhe a agua, desfizeram-lhe a gravata e alguns aconselharam o ammoniaco. Elle, encostado á parede, estava immovel, os cabellos caídos, os olhos pisados, a face livida e aspera, os cantos da boca descaídos e negros do vinho, o nariz afilado, com um arquejar sêcco. Esteve assim um momento. Tinham fallado mesmo em o levar a casa. Mas de repente ergueu-se e começou a procurar o chapéu. Deram-lh'o amassado, cheio do pó do chão. João Eduardo limpou-o com a manga e deitando a gola para cima, abotoou o casaco e saíu devagar.

— É melhor ir alguém com elle, não vá fazer alguma, disse um velho de chapéu desabado e com uma capa á hespanhola.

— Nada, disse o dono do café, elle é soçegado! Isto para mim é novidade. Vae para casa.

Com effeito, viram-o tomar para a rua do Esteves, onde elle vivia ao fundo, n'uma casa amarelhada, de uma janella só.

— Safa! disse o velho da capa entrando para dentro do café. Aquella era de mestre!

Então fallou-se em bebedeiras e cada um se gabou de as ter tomado maiores.

O homem das barbas negras viera ouvir a conversação e dando giz no taco:

— Em Africa é que ellas se apanham! dizia elle. E lá é com aguardente!

E começaram a discutir licores em quanto as bolas batiam com um ruido sêcco, e a voz monotona e arrastada do marcador dizia os pontos.

No entanto João Eduardo não entrára em casa e fôra caminhando ao acaso, cambaleando ligeiramente. Passou a Praça, penetrou nas ruas estreitas até

ao largo da Sé. Algumas pessoas olhavam-o pasmadas, riam. Subiu os degraus da igreja e pelo terceiro chegou ao pé do adro que ha defronte do cemiterio. A grade estava aberta, entrou no cemiterio. A tarde ia caindo; entre a folhagem escura branquejavam os tumulos. João Eduardo lembrou-se vagamente que aquella hora era o enterro do Bento Ferreira. O enterro com effeito acabára; pessoas de casaca saíam; um sacristão passou com o hyssope e e caldeira, rindo com outro que levava uma porção de tochas apagadas; os convidados vestiam o paletot que traziam no braço, erguiam a gola, accendiam o cigarro, formavam grupos; os velhos guardavam cuidadosamente as suas luvas pretas; um parente dava em redor apertos de mão lugubres. Um coxo pedia esmola, resmungando Padre-Nossos.

E o escrevente sem saber porquê esperava, passeiando, com as mãos atraz das costas e o chapéu carregado. De repente affirmou-se, viu passar um padre com a sobrepeliz sobre a batina negra e pelas costas conheceu-o. Era Amaro. Ia só.

— Pst! olá! gritou-lhe João Eduardo.

O padre Amaro voltou-se e outras pessoas tambem.

O escrevente foi direito a elle.

— Ah! seu maroto! disse elle e deu-lhe um violento murro no hombro.

Mas agarraram-o logo, cercaram-n'o, empurraram-o, n'um grande alarido.

Todos tinham corrido, perguntando:

— Que foi? que foi?

Um homem novo, de bigode loiro, penetrou no grupo todo azafamado e tomando o escrevente pela manga gritou-lhe:

— Está preso!

Era o administrador do concelho.

Havia uma grande indignação.

— Que mariola! Que desavergonhado! diziam.

E já havia versões, fallava-se mesmo de um punhal. O padre Amaro tinha-se afastado, todo excitado, acompanhado por algumas pessoas. Um official de diligencias appareceu logo e levou o escrevente para casa do administrador. Muita gente seguia atraz, enchendo as ruas de rumor; pessoas chegavam ás janellas; os caixeiros vinham ás portas das lojas, os garotos corriam. Ao pé do official de diligencias, o escrevente, pallido e desfigurado, caminhava com um movimento febril.

Em casa do administrador accenderam-se luzes e o escrivão, que chegára correndo, começou a lavar o auto. Alguns individuos tinham subido para depôr; a escada estava cheia de gente e de vozes. A porta os curiosos estacionavam. Dizia-se que um homem quizera matar o parochó.

De repente houve um murmurio:

— É o parochó! é o parochó! disseram.

Todos se arredaram com respeito, com curiosidade.

E o padre Amaro appareceu á porta da sala, de batina, pallido, o seu barrete na mão, comprimentando.

As pessoas que estavam ergueram-se. Houve um silencio sympathico. E então, dirigindo-se ao administrador:

— Eu vinha pedir um obsequio muito especial a vossa senhoria, disse elle.

O administrador curvou-se.

— Aquelle homem — e indicava o escrevente, immovel, n'uma grande prostração, com o rosto baixo — não estava no seu juizo. Estava embriagado. Eu não posso ser parte. — E com um sorriso resignado: — A religião manda-nos perdoar. Elle não me offendeu com intenção. Até, a fallar a verdade, mal me tocou; foi apenas um gesto de ameaça.

O administrador ia interromper, dar rasões policiaes.

- Ah! sim, bem sei, disse o parcho, é verdade. A auctoridade tem de proceder. Mas eu sou o unico offendido e como sou eu que peço, parece-me... Em fim vossa senhoria fará o que entender; mas se o meu pedido vale alguma coisa, eu desejaria por tudo que aquelle pobre rapaz fosse solto. Quanto mais que, repetiu elle, quasi me não tocou.

Houve uma approvação vagamente murmurada. O administrador e o escrivão consultaram-se baixo. O parcho tinha ficado de pé, pallido e tranquillo.

O administrador disse então:

- Bem, parece-me que não póde haver duvida. Era necessario um exemplo, mas em fim attendendo ao pedido de vossa senhoria...

- Que eu faço com o maior empenho. É para mim um caso de consciencia.

- Bem, bem... - E voltou-se para o escrivão.

O escrivão encolheu os hombros e dirigindo-se a João Eduardo com um modo aspero:

- Está bom, póde-se ir! Agradeça aqui ao sr. parcho. Tinha para peras.

O escrevente ergueu-se; quasi não podia andar. O official de diligencias foi-o levando pelo braco, brandamente, dizendo-lhe baixo, com bonhomia:

- Vá! vá! safe-se!

No entanto o padre Amaro tinha saído contente, comprimentando; e durante algum tempo os grupos, que conheciam a solução do caso, celebraram a brandura do seu genio, toda a sua pessoa exemplar e compassiva. Alguns censuravam-o:

- Devia ter deixado a auctoridade proceder.

O dr. Godinho que tinha passado alli e estava entre os grupos disse:

- Elle lá se entende! Olha quem!

E contou então as queixas que lhe fizera João Eduardo.

Mas sob a impressão do movimento generoso do padre ninguem acreditou, porque demais conheciam-

se os habitos diffamadores do dr. Godinho e a sua hostilidade aos padres. E n'essa noite por toda a parte o padre Amaro foi popular e ganhou juizos sympathicos. O chantre ao outro dia foi abraçal-o.

— Isso, disse-lhe elle sempre affecto ás suas comparações classicas, isso, meu amigo, é alliar a mocidade de Telemaco á prudencia de Mentor. Padre Amaro, você era digno de ser sacerdote de Minerva na cidade de Salento!

E saíu, rindo muito.

Na noite seguinte o padre Amaro foi a casa da S. Joanneira; teve de contar miudamente o caso do cemiterio; as velhas, o conego estavam cheios de indignação.

— Mariola! diziam.

— Em minha casa não me torna elle a pôr os pés, exclamou a sr.<sup>a</sup> Gansoso.

— Eu é que o conhecia bem, disse a irmã do conego. A mim não me enganava elle.

As nove horas o sr. Arthur entrou e disse que João Eduardo n'essa manhã fôra despedido de casa do tabellião.

— Bem feito! exclamaram.

Mas a S. Joanneira lamentava-o:

— Pobre rapaz! fica sem ter que comer!

— Que beba! que beba! disse a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção com um risinho aspero.

Todos riram tambem. Amelia, calada, cosia com a cabeça baixa.

O padre Natario appareceu d'ahi a pouco. Vinha radioso. Deu grandes apertos de mão, dizendo:

— Então já sabem? o patife está escurraçado como um cão.

Todos sabiam e gabaram a habilidade de Nata-

rio. Fôra elle que descobrira a perfidia de João Eduardo e revelando-o, perseguindo-o, fizera um serviço a todo o clero. Natario repetiu então a sua costumada verrina contra João Eduardo. As velhas estavam horrorisadas.

— Coisa assim! coisa assim!

Natario exaltava-se e, querendo estender a sua vingança a toda a vida de João Eduardo, exclamava:

— Em tudo o que tentar, em tudo o que pretender ha de me encontrar pela frente!

A sua indole de intrigante resplandecia com as esperanças d'aquella lucha vil. Estava tão alegre que propoz que o cartão do *quino* fosse a vintem — coisa extraordinaria nos seus habitos avaros. E voltando-se para Amelia disse-lhe muito serio:

— E agora o que lá vae, lá vae! Livrou-se de uma féra, é o que lhe posso dizer.

Todos sabiam já que ella rompêra com João Eduardo. Tinham-lhe feito um côro beato de louvores:

— Deus t'ò levará em conta!

— Noivos não te hão de faltar!

— Foi a graça do Senhor que te tocou!

— Estás em graça, filha!

A noite passou-se alegremente. O sr. Arthur improvisou á viola cantigas em louvor de Amaro. O parrocho sentia uma hora de contentamento tranquillo, seguro, victorioso e doce. Amelia ao fim da noite estava de uma alegria ruidosa: tocou walsas, propoz jogos de prendas, cantou a *Chiquita*. — Era a hora em que João Eduardo só, no seu quarto, sentado aos pés da cama, vendo-se desamparado de tudo, expulso por Amelia, despedido do seu emprego, odiado na cidade, só na vida, chorava, soluçava e olhava em redor para ver o que havia de empenhar para comer ao outro dia!



Mas via a impossibilidade d'aquelle amor. Não lhe  
 poderia parecer nunca. Vinha-lhe então um grande  
 No domingo seguinte havia uma grande festa.

XXV

Era a festa da Senhora da Piedade, mandada ce-  
 lebrar pela sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção: a beata  
 tinha feito aquella promessa no ultimo anno, no in-  
 verno, quando estivera mal com uma pneumonia.  
 Dizia-se que sería magnifica. Sob a influencia do pa-  
 dre Amaro, seu confessor, a velha avara tivera ge-  
 nerosidades inesperadas. Era aquella a grande pre-  
 occupação em casa da S. Joanneira: as velhas e os  
 padres passavam horas discutindo a decoração da  
 igreja, a ornamentação dos altares, a orchestra, as  
 vozes, o velludilho das bambinellas. Examinavam-se  
 amostras, liam-se cartas das sociedades philarmoni-  
 cas, o padre Silverio viera ler mesmo alguns trechos  
 do sermão.

Só Amelia não tomava interesse por aquelles pre-  
 parativos. Andava triste; a sua paixão por Amaro  
 tomára raizes até ás profundidades do seu tempera-  
 mento. Só, em cima no seu quarto, passava as noi-  
 tes lendo livros piedosos que lhe dera o padre Ama-  
 ro. Saía d'aquellas leituras exaltada, deitava-se ves-  
 tida sobre o leito e ficava de bruços, esquecida,  
 n'uma sentimentalidade anciosa, o halito quente, o

peito cheio de um desejo. O que desejava era o amor de Amaro; suppunha que elle devia ser melhor do que o dos outros homens, com ternuras doces como orações e extasis mais profundos que os que dá o contacto da hostia. Não se fartava assim de o desejar, de o chamar com o pensamento, de idealisar situações amorosas; queria envolvê-lo nos seus braços quando elle viesse de commungar na missa; queria aquecê-lo com o calor do seu peito quando elle voltasse pelas noites frias de levar a Extrema-Unção; queria beijar aquellas mãos que tocam o calice, abençoam os noivos, baptisam e invocam sob a luz dos altares!

Mas via a impossibilidade d'aquelle amor. Não lhe poderia pertencer nunca. Vinha-lhe então um grande tédio da vida; passava dias que não se penteava e não se lavava; triste, amarella, arrastava-se pela casa, com os pés n'umas grandes chinelas. Outras vezes tinha alegrias fortes, febris, sem motivo: ria, cantava, enchia a casa do rumor das suas saias, correndo, bolindo em tudo; outros dias tomava uma susceptibilidade nervosa, estava aspera com a mãe, gritava com a Russa, despedia rudemente os pobres. Depois vinham-lhe horas de fadiga, de uma preguiça de crioula; sentada n'uma cadeira, embrulhada n'um chale, a cabeça deitada para traz, e na roseta de febre nas faces, ficava muitas a olhar o tecto, a ruminar toda a sorte de pensamentos incoherentes. Tinha vertigens e as mãos escaldavam-lhe.

No domingo, porém, dia da festa, tinha acordado alegre. A manhã estava clara e cheia de sol. Era dia de mercado e viera muita gente das freguezias que ficára para a festa. A Praça estava cheia; via-se, toda endomingada, a forte população dos campos;

— os velhos encanecidos e solidos, os robustos moço-  
tões, as physionomias bestialisadas dos trabalhado-  
res a jornal, a pesada corpulencia dos contratado-  
res de gado, com as suas jaquetas de pelles; todos  
tinham as barbas bem feitas, as camisas brancas ar-  
roxando os pulsos, e, entre a larga calça de sara-  
goça e o sapato grosso e ferrado, o tornozelo des-  
tacava rugoso e escuro. As mulheres cruzavam  
apressadas, com o seu andar sacudido e quebrado,  
ostentando a grande saliencia dos peitos, os largos  
chapeus desabados, os grillhões de oiro. Alguns ra-  
pazes tinham trazido violas e tocavam aos bandos,  
dando ás ruas estreitas um vago aspecto de arraial.  
As lojas estavam cheias e vendiam sem cessar; as  
largas saias das mulheres apertavam-se junto do bal-  
cão; os caixeiros corriam com os braços cheios de  
fazendas, de lenços, de chitas desdobradas; alter-  
cavam-se os preços com um borborinho de vozes.  
As tavernas estavam atulhadas; os homens tinham  
amarrado á porta, ás argolas, as cavalgaduras e be-  
biam dentro em *saudes* reciprocas, interpellando-se  
e batendo com o dinheiro no balcão. Tinham acu-  
dido pobres pelas ruas, patenteando a sua miseria,  
ganindo Padre-Nossos. A burguezia saíra com os  
seus vestidos novos; chapeus lustrosos reluziam; cor-  
rentes de relógios apparatusas brilhavam sobre col-  
letes de velludo; os pés caminhavam cuidadosamente  
apertados no verniz; fumavam-se charutos caros,  
com as mãos em attitudes salientes para mostrar a  
côr das luvas. Os soldados passavam aos pares, me-  
neando-se, galhofando; os officiaes do regimento,  
com os cabellos lustrosos, apertados nas suas fardas,  
a banda á cinta, iam mirando ás janellas onde ap-  
pareciam senhoras nos seus vestidos de gala, com  
um lenço sobre o peitoril das varandas para não ro-  
çar os cotovelos. Padres atravessavam rapidamente  
embrulhados nas suas batinas; irmãos do Santissi-  
mo pavoneavam-se nas suas opas escarlates, bem

penteados. Tinha já havido desordens e os beleguins rondavam á entrada das tavernas.

Desde as onze horas a igreja estava cheia. Cada capella tinha, em bambinella, uma decoração de veludillo vermelho com galões de oiro. Os altares, com as suas toalhas brancas rendadas, estavam cobertos de vasos azues onde grandes ramos se desfolhavam de leve. No altar-mór os castiçaes accessos estavam dispostos em throno e a imagem de Nossa Senhora da Piedade, bem envernizada, com um manto de seda azul recamado de bordados, immobilisava-se na sua attitude hirta e tosca entre os festões das flores, a scintillação das luzes, as doiraduras desbotadas, as franjas, as lentejoillas, toda a riqueza do artificio.

No tapete do altar-mór apinhavam-se as senhoras, amarrotando os seus vestidos de seda, cochichando com risinhos abafados, folheando os livros, namorando; ás duas entradas lateraes, entre os reposteiros escarlates, destacava a massa negra dos casacos escuros dos homens que riam, olhavam as raparigas, faziam observações libertinas. A grande nave estava cheia de mulheres do povo sentadas, os lenços da cabeça de côres vivas faziam uma matização mesclada e alegre: ao fundo, de pé, os homens do campo amontoavam-se, com os seus cajados encostados ao corpo, serios, direitos, olhando de longe, com aspecto pasmado e fatigado, a scintillação dos altares.

Por cima, no côro, por traz dos braços dos rabeções e das estantes, moviam-se vagamente as figuras dos musicos.

Havia uma exhalação e um cheiro abafado da amontoação dos corpos; uma nevoa estava suspensa em torno das luzes; um grande murmurio lento, como de uma colmêa, susurrava; ás vezes uma criança chorava; aqui e allí tossia-se; o aroma do incenso, do junquillo e do feno soffocava, e no altar a voz

de um padre arrastada, acre, monotona, cantada, ia psalmodiando.

A S. Joanneira e Amelia tinham ficado no altarmór, na frente. Viam de perto os padres sentados nos bancos estofados de velho damasco e no meio, n'uma alta estante, os livros do canto-chão com enormes signaes de musica.

O padre Amaro reluzia, todo paramentado de estofos bordados. Amelia estava n'um enlevo; nunca elle lhe apparecêra tão bello e tão irresistivel. Que mysterioso encanto vê-lo assim na magestade do culto, celebrando á multidão ajoelhada—e saber que elle viria depois fallar-lhe baixo, em confidencia, amoroso e humilde! Elle tambem cantára e a sua voz parecia-lhe melhor que o gemer das rabecas, enchia-a de maior piedade divina do que o clamor do orgão. Via-o entre o resplendor das luzes, os incensos, as decorações das flores e ás vezes quasi não o distinguia bem—parecia-lhe sobrehumano como no fundo de uma gloria e como envolto em Deus!

Teve um momento de orgulho exaltado e de paixão anciosa, quando, n'uma das ceremonias, como parochos da Sé, elle se adiantou para o altar cercado dos padres que lhe amparavam as pontas da sua capa; ella via por baixo a alva toda bordada de rendas; um sacerdote tinha tomado o rico incensador e balanceando-o devagar, com um rugir de correntes de prata, incensava Amaro,—e um fumo branco elevava-se, perdia-se pela cúpula. Ella não despregava os olhos d'elle e parecia-lhe que Amaro se transfigurava, se erguia ao paraiso; tremia, arfava, sentia-se sob uma commoção extatica como se fosse amada por um Deus; as vozes então tinham-se erguido n'um canto de triumpho, as rabecas arrastavam os seus sons dolorosos, os rabeções solemnisavam, finas agudezas de flautas atravessavam a orchestra, o orgão clamava o seu canto metallico, a symphonia subia—e Amelia pallida,

com arripios, sentia-se tremer, desmaiar, fundir-se n'uma sensação que era doce como o contacto do setim e absorvente como as forças do sol. Amava-o! amava-o! resava-lhe! Queria ir atirar-se aos pés d'elle, beijal-o, tortural-o de paixão e amarrotar na violencia do seu delirio a sua capa de celebrante. Vinham-lhe estranhos orgulhos de ser amada por elle, servida como uma virgem do ceu; quasi tinha vontade de dizer alto que era a sua namorada, a sua amante; agitava-se, fazia a cada momento rugir o seu vestido de seda azul e tilintar os seus dois braceletes; e cada vez que imaginava que elle olhava para ella Amelia volvia os olhos em redor, vaidosa, sorrindo soberbamente. E mesmo dera logar a uma visinha, fizera uma pergunta a um sacristão que passava, porque se achava no templo como no dominio da sua casa!

Aquella exaltação fatigára-a tanto que durante o sermão do padre Silverio esteve constantemente dormitando; era necessario a cada momento a mãe tocar-lhe com o cotovelo para a despertar, para a fazer *estar decente*. Quando a festa acabou estava prostrada como uma noiva depois de uma noite feliz; tinha a cabeça confusa e entorpecida; desejava deitar-se, dormir n'um repouso largo que não findasse nunca. Mas a irmã do conego veio pedir á mãe que a deixasse ir jantar com ella: tinham pato com macarrão e aletria.

— E tu apparece á noite para a ir buscar. Talvez vá lá o sr. parcho.

E Amelia foi.

Estavam no fim do jantar, em casa do conego, quando appareceu o padre Amaro.

— Vae um copinho de vinho, sr. parcho? disse D. Josepha.

Vá lá um copinho de vinho, disse elle.

E sentou-se á mesa entre D. Josepha e Amelia.

Um grande candelieiro com *abat-jour* fazia cair a luz sobre a loiça branca e os vidros. O conego tinha ao pé uma garrafa preta com vinho maduro. E com uma jaqueta de flanela escura, um *cache-nez* ao pescoço, o rosto rubro, servia-se abundantemente, mastigando e arrotando.

— Você hoje, disse elle a Amaro, estava um bello mocetão no altar! Cáspite! Olha as moças!

— Credo, mano! disse a beata com a boca cheia de aletria.

E alguns fios que não apanhava bem com os queixos desdentados caíam-lhe pelos cantos da boca.

Amelia tinha coração e Amaro, bebendo o seu calice aos golos, olhava-a de revez.

Tinha crecido o frio e tinham mandado vir uma brazeira. Já anoitecia e sentiam-se na rua ainda os rumores de tamancos, descantes de guitarra e ao longe foguetes tardios.

— É beber, é beber, dizia o conego. E depois saltá o cafésinho bem quente, mana Josepha!

Mas bateram á campainha.

— Quem será? disse a velha.

Thereza, a criada, entrou com um chale e uma manta de lã:

Aqui está isto que vem de casa da menina Amelia. A senhora manda muitos recados, que não pôde vir, que se achou incommodada.

— Então com quem hei de eu ir? disse Amelia.

O conego inclinou-se para ella e dando-lhe uma palmadinha na mão:

— Em ultimo caso com este seu criado. E pôdia ir socegada!

— Tem coisas, mano! disse a velha repellensivamente.

— Deixe lá maná, disse elle com o olho luzidio, o que passa pela boca de um santo, santifica.

O parochó ergueu o copo e sorrindo-se disse pausadamente:

— Tem muita rasão, sr. conego Dias! O que passa pela boca de um santo fica! Para que viva!

— A sua! disse o conego bebendo e fazendo estalar a lingua.

Mas Amelia tinha ficado um pouco preocupada.

— Jesus! que terá a mamã?

— Ora o que ha de ter? preguiça! disse o parochó rindo para ella.

Amelia olhou-o e, córando um pouco, baixou os olhos.

Continuaram conversando sobre a festa, as armações, o sermão do Silverio...

Mas de repente o conego, que descascava uma pera, poisou a faca:

— Pois olhem, disse elle com a voz alterada, não me estou a sentir bem.

E passou a mão pelo estomago.

— Que é? disseram.

— Parece-me que me vae dar a dor.

Era uma dor cardialgica que ás vezes lhe dava subitamente no estomago.

Tinha-se calado e impallidecêra um pouco.

— Está bom, está bom, passou, disse elle de repente enterrando os dentes na pera.

Mas tornou a levar a mão ao estomago e afastando a cadeira:

— Não estou bem, não estou bem, disse elle empallidecendo mais. — E cavavam-se-lhe as olheiras.

Levaram-o para o quarto. A criada foi logo calçar os tamancos para ir a casa do medico. D. Josepha foi aquecer uma flanella para lhe assentar sobre o estomago.

Amelia e Amaro ficaram sós na sala do jantar. Estiveram um momento calados. Amelia foi á janella e levantou a pequena cortina de cassa:

— Olha, disse ella, está a chover!

— Está a chover? disse Amaro indo tambem á janella.

O ceu, com effeito, fizera-se negro, as ruas molhadas já luziam á luz dos candieiros, sentiam-se os telhados gotejar.

— Vamos ter muita agua, disse Amaro.

— Jesus! E agora quem me ha de levar a casa? fez Amelia.

— Se eu pudesse, disse-lhe baixo Amaro cobrindo-a com o olhar.— E mais baixo:— Estava tão linda hoje...

— Pelo muito que olhou para mim, murmurou ella examinando sempre a rua.

— Não podia, bem vê. Diante de todo o mundo.

Mas D. Josepha entrou; o mano ia melhor, disse, tinha ficado n'uma somnolencia; ella tinha accendido uma vela a Santo Antonio e outra a S. Joaquim.

O relógio da parede bateu oito horas.

— Já oito! disse Amelia. Estou com cuidado na mamã.

— Oh! filha! exclamou D. Josephá, mas agora quem te ha de acompanhar? O mano está com a dor, a criada foi chamar o medico...

— A mim parece-me, interrompeu o parochó, que o melhor é mandar acompanhar a menina Amelia por aquella mulher que me serve, a Dyonisia.

Amelia hesitou um pouco; mas estava fatigada, a chuva crescia, receiava pela mãe,— acceitou.

Amaro, que morava ao fim da rua, desceu e voltou d'ahi a pouco com a Dyonisia. A irmã do conego emprestou um guarda-chuva a Amelia.

— Tambem vae, sr. parochó? disse a velha.

— Tambem, minha senhora. Vou acompanhar a menina Amelia até ao fim da rua e ao mesmo tempo dar um bilhete á Dyonisia para ella de caminho levar ao sr. chantre.

Sairam. Amelia, encolhida sob o guarda-chuva,

caminhava com passo miúdo, em bicos de pés, sobre a calçada molhada.

— Que tempo! dizia a Dyonisia, ao lado, toda embrulhada no seu chale.

Quando passaram defronte da casa de Amaro, elle parou;

— Então dá licença, menina Amelia? Eu vou buscar a cartinha para dar á Dyonisia, sim? É um instante. Está já feita. Para não estar á chuva é melhor entrar aqui no portal.

E subiu. A escada estava escura e o padre tropeçava um pouco nos degraus. Amelia, no portal, esperando, sentia em cima no soalho rangerem as botas de Amaro.

— O Dyonisia, disse o parochó de cima depois de um instante, vindo ao patamar, não acho os phosphoros.

— Na prateleira ao pé da chaminé, respondeu a Dyonisia de baixo.

Mas d'ahi a pouco Amaro gritou outra vez: O — Não acho. Venha você cá acima. Como quer você que eu ache a carta sem luz?

Dyonisia subiu e Amaro fallando para baixo, para Amelia:

— É melhor subir tambem um instantinho, minha senhora, disse. Está o chão molhado ahi no pateo, está a arrefecer. Suba!

Amelia não respondeu, hesitou; mas instinctivamente, por uma vaga curiosidade, por um impulso irresistivel, quasi sem saber, foi subindo devagar, amparando-se ao corrimão; e Amaro em cima, no patamar, todo tremulo, sentia-a subir, subir e o seu vestido de seda roçar vagarosamente a parede.

— Vê? disse elle, é melhor estar aqui. Entre. É o meu quarto. É um instante. Em baixo está tudo molhado.

Amelia entrou no quarto do padre que estava ás escuras; mas a Dyonisia veiu logo da cozinha com o candieiro acesos.

— Parece-me que entornei a almotolia, vinha elle dizendo. Ora os meus peccados! Então não querem ver?

E poisando o candieiro sobre a mesa, voltou á cozinha. Mas Amaro seguiu logo atraz d'ella e agarrando-a por um braço, tremulo, tonto, pallido, fallando-lhe ao ouvido:

— Dyonisia, minha Dyonisia, disse elle, fiquei de confessar hoje aqui a Âmelia; volte d'aqui a meia hora. Tome. — E mettu-lhe na mão uma libra.

Ella olhou para elle, descalçou os sapatos, desceu pé ante pé e mettu-se na loja do carvão.

Amaro tornou a entrar no quarto e, calado, fêchou a porta que dava para o corredor da cozinha e a porta que dava para o patamar. Depois vindo a Âmelia com os braços abertos:

— Estamos sós!

Ella recuou, toda escarlate, para o pé da mesa.

— Que é? A Dyonisia? Onde está a Dyonisia?

Estava de pé, com o corpo encostado á mesa, toda tremula. Amaro veiu, deixou-se-lhe cair aos pés e passando-lhe os braços pela cinta, com o olhos humidos e meio cerrados, um sorriso vago, as mãos cheias de caricias errantes sobre as pregas do vestido, dizia-lhe:

— Adoro-te! meu amor! Vem...

Ella ergueu-o devagar pelas mãos, fascinada, os labios seccos, os olhos cravados n'elle com a insistentia da loucura; poisou-lhe as mãos nos hombros e com os braços estendidos conservou-o afastado d'ella um momento, fitando-o — até que de repente, com um suspiro, quasi um arranco, deixou-se-lhe cair sobre o peito com um grande soluço hysterico!

Meia hora depois Dyonisia cantarolou na escada. Amelia com o rosto embrulhado na manta desceu rapidamente. Mas ao abrirem a porta da rua passava um grupo onde se tocava guitarra e se cantava o fado. Amelia recuou rapidamente para o recanto escuro, por traz da porta: o ruido dos tamancos e das vozes foi-se perdendo na rua. Dyonisia então saiu de mansinho, espreitou cautelosamente, viu a rua deserta e disse para dentro do portal:

— Pst!

Amelia embrulhou mais o rosto e afastaram-se. Já não chuvia. O ceu desennevoára-se; havia estrelas; um vento frio annunciava o norte e o bom tempo.

— Mas valha-o Deus, homem... Que creature!  
Ora eu, tudo se faz com modos. A gente falla  
talla, mas se vem um dia em que se atende. As  
coisas fazem-se pelo caindo.

— Mas elle então, de Dyonisia, attinge isso...  
O que diabo! voce deve saber!

XLVX

— Mas elle então, de Dyonisia, attinge isso...  
O que diabo! voce deve saber!

Ao outro dia a manhã estava limpa, cheia de sol. Amaro acordou com uma felicidade exuberante. Só uma coisa o preocupava: era ter introduzido Dyonisia n'aquelle segredo. Elle sabia-a fiel, discreta como um tumulo, engenhosa, cheia de expedientes; mas estava vagamente assustado e quando ella pela manhã veio, com os seus modos meigos e mysteriosos, nas pontas dos pés, trazer-lhe agua para a barba, Amaro olhava-a de revez e esperava que ella fallasse. Mas Dyonisia parou no meio do quarto e com o seu sorriso doce:

— Oh! meu rico filho, disse, olhe que isto assim não tem geito. Hontem iam vendo sair d'aqui a pequena!

O padre Amaro ficou córado, embaraçado e disse vagamente:

— Viram?

— Iam vendo, não viram. Era uma malta com uma guitarra. Isto não póde ser, menino!

— É verdade, é! disse o padre.

Mas de repente encheu-se de coragem e de resolução, abriu-se com a Dyonisia e pediu-lhe conselhos: queria ver Amelia todos os dias, porque es-

tava doído por ella! E dizia a sua paixão a Dyonisia, exaltava-se; não receiava o escandalo: que o suspendessem! fugiria com ella! E passeiava pelo quarto em mangas de camisa, com grandes gestos e a toalha na mão.

— Mas valha-o Deus, homem... Que creatura! Oíça cá. Tudo se faz com modos. A gente falla, falla, mas lá vem um dia em que se arrepende. As coisas fazem-se pelo calado.

E citava exemplos, datas, nomes, fallando nas suas desgraças e a todo o momento tocava no braço do padre, chamava-lhe *meinho!*

— Mas olhe então, tia Dyonisia, arranje isso... Que diabo! você deve saber!

E Amaro, indo á gaveta, rebuscou e metteu-lhe meia libra na mão:

— É para umas botas para a sua pequena. Seja pelo amor de Deus, filho... murmurou Dyonisia levando o avental aos olhos gesto pathético que fazia sempre que lhe davam dinheiro. Mas sorrindo logo, baixo, com olhos maliciosos: A mim lembrava-me uma coisa, não sei se digo alguma tolice.

— Então? Podia ser em casa do sineiro.

— Ah! disse o padre Amaro batendo na testa, tem rasão! É verdade!

E recordavam, combinando, a disposição dos logares: o quarto das vestimentas, ao pé da sacristia, tinha uma porta que dava para uma especie de pateo onde havia madeiras, pedras e um barracão em construcção; e do outro lado eram justamente as trazeiras da casa do sineiro. A porta da cozinha d'elle abria tambem para esse pateo.

— O menino, dizia a Dyonisia, entra para a sacristia, passa pelo quarto das vestimentas, atravessa o pateo, abre a porta da cozinha do sineiro e zás. Está no ninho!

— Mas ella, tia Dyonisia?

— Ella vae resar á Sé, entrando pela porta principal, está um momento, sae pela porta do côro em cima e vae de volta pelo adro, entrar em casa do sineiro. Alli não ha casas, não passa ninguem, é um ermo.

A casa do sineiro, com effeito, era encostada ás construcções da Sé e a porta abria sobre uns terrenos vagos onde havia alguns olmeiros.

Amaro hesitava:

— Mas o sineiro?

— Quem? o tio Esguelhas? disse a Dyonisia. Póde confiar-lhe o maior segredo. É um poço!

Logo n'essa tarde, com effeito, Amaro encontrou o sineiro no adro e fallou-lhe.

O tio Esguelhas tinha quasi cincoenta annos; uma bala levára-lhe uma perna andando á caça, em novo. Era extremamente folgasão e frequentava las tavernas. Todos se riam com os seus gracejos, as suas cantigas, a gesticulação violenta da sua muleta. Mas não se riam a mal, porque o tio Esguelhas era um homem de palavras violentas e de pancadas promptas. No entanto era sensivel e condoído; ás vezes recolhia crianças miseraveis que pediam; um dia chegou a ter trez em casa. Chamava-lhes *os seus ratos*. Quasi nunca tinha dinheiró e quando não podia beber repicava os sinos. — O tio Esguelhas está em jejum — dizia-se então no bairro, quando nos dias alegres e claros do inverno se ouviam os sinos lançarem grandes *tlins-tlins* joviaes e sacudidos. O seu amigo intimo era o coveiro. As vezes ia ao casebre d'elle, á beira do cemiterio, fazer merendas. A noite, á candeia, lia as *Aventuras de Carlos Magno* e dos *Doze pares de França*. Tinha tomado uma grande affeição a Amaro e dizia sempre: — Por elle era capaz de perder a outra perna!

O padre Amaro viéra ter com elle, sorrindo, com aspecto affavel.

— Cobre-te, cobre-te. Vinha aqui fallar cõtigo para uma coisa.

— Prompto, meu senhor!

E o tio Esguelha agitava-se sobre a muleta.

— Ouve. Ha ahi uma pessoa que quer ir para freira, lá para o estrangeiro.

— Bem tola! murmurou o sineiro.

— Ouve lá!

E então Amaro, baixo, explicava-lhe que aquillo era prohibido; que os padres que attrahiam as mulheres áquella profissão tinham um crime.

— Caspité! disse o tio Esguelhas.

E Amaro ajuntou que andava a educar uma menina para ella professar em França; que o não podia fazer em casa d'ella porque os paes oppunham-se; que o não queria fazer na egréja, onde havia publicidade.

— Está visto, disse o sineiro.

— Ora se tu deixasses eu levava-a lá para a tua casa, ninguem a via. Percebes?

— Oh! sr. parõcho, eu, a casa, está tudo ás suas ordens.

— Bem vês, é no interesse da religiãõ!

— Já se deixa ver!

— A rapariga tem vocaçãõ. Parece que é Deus que...

— Está claro, é andar!

E tinham então combinado: o sineiro sairia; deixaria a porta da cozinha cerrada e a porta que abria para os terrenos vagos na aldruva.

— Ha de se fazer a coisa bem, disse o sineiro.

— E d'isto... murmurou o padre fechando os labios com os dedos!

— Mau! exclamou o sineiro com um grande gesto de fidelidade. Isso nem se recommenda, sr. parõcho!

E foi assim que o padre Amaro e Amelia se viveram livremente.

Encontravam-se duas, tres vezes por semana, pela manhã. Na vespera o padre Amaro prevenia o sineiro. E ás nove horas ordinariamente Amelia saía de casa; ás vezes levantava-se logo ás sete para engommar uma saia branca, dar uma passagem; e bem penteada, alegre, palpitando de desejos, cantarolava pela casa. Tinha dito á mãe em segredo que o parocho lhe dera por penitencia da sua antiga affeição ao escrevente a obrigação de ir, em certos dias da semana, resar tres estações a Nossa Senhora das Dores. E como a casa era nas visinhanças da Sé ia só.

Ia devagar, assustada, contendo-se para não correr; se encontrava algum pobre dava-lhe sempre esmola; entrava na egreja com o pé direito e ia ajoelhar junto do altar de Nossa Senhora das Dores. Quasi sempre áquella hora a egreja estava deserta. Começava então a querer resar, mas vinham-lhe distracções; a cada momento se voltava para a porta para ver entrar Amaro; queria afastar certas idéas; recitava Padre-Nossos, Salvê-Rainhas, mas era machinalmente, á flor dos labios. As vezes Amaro tardava. Amelia então pedia a Nossa Senhora que elle viesse depressa e que a amasse muito!

E quando o via entrar devagar, fe'c'ando o seu guarda-sol, o sangue vivo inflammava-lhe a pelle. Amaro atravessava a nave pausadamente, curvava-se um momento diante do Santissimo persignando-se, e entrava na sacristia com a cabeça baixa, a sua comprida capa pendente. Amelia então, fazendo um signal da cruz apressado sobre o peito com as pontas dos dedos, erguia-se, subia a egreja, saía pela porta do côro e, dando volta á Sé, ia entrar, ao fundo do adro, pela pequena porta verde com uma chapa de ferro, n'um recinto impercebível, que

era a porta do sineiro. Ia logo abrir a porta da cozinha e via o padre Amaro sair defronte, da sacristia, que fechava sobre si pesadamente. Encontravam-se no pateo que era cercado de altos muros; ninguem os podia ver; e logo alli abraçavam-se, calados, pallidos, ardentemente.

Os dias então estavam claros e seccos; vinha março; alguns passaros voavam chilreando e entre as velhas pedras do pateo, ao som dos passos, os lagartos que estavam ao sol fugiam.

Entravam quasi a correr na cozinha do sineiro. Era um espaço baixo, escuro, com um borrarho ao canto debaixo da chaminé fuliginosa e negra; sobre os tições apagados, cobertos de cinza, havia sempre uma panella de ferro. As paredes sujas tinham prateleiras vasias onde a espaços destacava um prato de loiça ou uma malga vidrada; troços de hortaliça, carqueja, cascas juncavam o chão; do tecto pendiam de ganchos resteas de alhos e de cebolas; velhos farrapos pardos arrastavam. Havia sempre um cheiro de caldo requentado e de ossos esburgados. Amelia tapava logo o nariz com a manta.

Amaro subia adiante para o quarto do sineiro fazendo ranger a escada. O quarto tinha uma janella sem vidraça, com um pequeno parapeito de pedra onde, n'uma panella rachada cheia de terra, florescia um pé de salsa. O tecto era de traves chegadas ao telhado. Ao pé da cama que era uma enxerga de palha, com velhas mantas esburacadas e ennegrecidas, uma candeia pendia de um prego e por cima pela parede estendia-se, como um penacho escuro e direito, um longo sulco de fumo. O grande desgosto d'aquelles momentos era encontrarem ordinariamente alli um porco que o sineiro tinha de criação havia um anno. Amaro enxotava-o e o animal, grunhindo, pesado, com a cauda enroscada n'um s, fugia, mettia-se debaixo da cama, tropeçava, focava, ia de encontro ás paredes. Amelia

ria e o padre desesperado atirava-lhe pontapés; até que o porco aos gritos rolava pela escada. O padre então fechava a porta que era perra, firmando o joelho na hobreira, e vinha para Amelia com um sorriso soffrego e ardente, os braços abertos. Amelia ia fechar a portada da janella, o quarto ficava todo escuro e os seus dedos, desapertando o atacadador do collete, tinham impaciencias febris.

Assim passavam uma hora, hora e meia. E depois cançados, os braços frouxos, n'um torpor, ficavam todos chegados um ao outro, n'uma immobilidade feliz.

O tecto era baixo e através das traves separadas e das telhas mal juntas viam finas fendas de luz; ás vezes sentiam um gato, com as suas passadas fôfas, passar miando, fazendo bolir alguma telha solta; ou um passaro poisando chilreava e sentiam-lhe o fremito das azas. Fallavam pouco. Sentiam-se n'um socego, n'uma frescura de sentidos que lhes parecia doce como o contacto do linho fresco, somnolenta como um banho quente.

— Que horas serão? perguntava em fim Amelia.

Amaro não sabia. Ella então erguia-se, ia abrir um pouco a portada da janella, via-se ao bocado de espelho do tio Esguelhas, sorria á sua figura fatigada; vinha sentar-se á beira da cama outra vez, ao pé de Amaro, espreguiçava-se — e tomando o queixo do padre sacudia-lh'o, dizendo-lhe a sorrir, com os olhos cheios de amor:

— Feiô, mau homem...

Amaro saía sempre primeiro. Amelia ainda ficava arranjando-se, penteando o cabello com um pente que trazia na algibeira. Depois descia, abria a porta verde, espreitava e, ligeira, cosida com o alto muro da Sé, ia entrar pela porta do côro, descia a larga egreja cheia de luz e de echo, ia ajoelhar um momento diante do altar de Nossa Senhora — e com a manta pela cabeça, os olhos baixos, a attitude

pedosa, o corpo um pouco curvado, ia em fim para casa.

A botica do Carlos era defronte da Sé. Elle ás vezes chamava-a.

— Vem das suas resas, hein? dizia com o busto direito e imponente, as mãos nas algibeiras, o barrete sobre a orelha e o seu casaco do laboratorio todo cheio de nodoas.

— Fui alli ao Santissimo. Como está cá a familia?

— Menos mal. E lá por casa?

— Vamos andando, graças a Deus.

— Ora vá, minha flor, vá! recados á mãe! — E voltando-se para os praticantes: — Isto é a joia da terra! Quem a levar leva mulher de juizo!

E vinha para a porta, assobiando, esperar os freguezes, aquecer-se ao sol.

E Amaro gostava de lhe apparecer assim superior e perito; necessitava aquella alma administradora, como um espelho, em que elle pequeno, humilde e obscuro, se visse forte, activo e glorioso. Mas muitas vezes desconfava de si, tinha vagoz ciumes; vinha-lhe á idea que ella não podia amar um homem sempre vestido com uma barba escura e com uma coroa aberta na cabeça; e odiava todos os homens que na cidade eram felizes com os seus casacos de côr, com o **XVII** penteado. Dizia á Amelia que os desprezasse, que eram fúteis, estúpidos, voltados aos castigos de Deus. Se Amelia fallava de algum rapaz de cidade, vinha-lhe uma coiza ridicula, um cromo irascivel.

Viviam no egoismo d'aquella paixão.

Amaro estava tão absorvido que não dera mesmo grande attenção á desgraça de que tanto se fallava succedida ao padre Natario: o excellente homem caíra da egua e quebrára uma perna. Amaro fôra vêl-o apenas uma vez e depois esquecera-o, não voltára.

Eram novos e desde os primeiros tempos o padre começára a dominar absolutamente Amelia. Ella achava-o cada dia mais bello e mais irresistivel. Dizia-lh'o, gostava de se humilhar, de se mostrar bem apaixonada, bem presa, toda d'elle, toda escrava.

Amaro sentia-se orgulhoso; elle, padre, sempre dependente e prostrado — na vida diante das hierarchias ecclesiasticas, na religião diante das impassiveis imagens — tinha alli junto d'ella o seu momento de gloria e de tyrannia. Tinha então pequenas vaidades piegas de seminarista: perguntava-lhe se já yíra algum padre que dissesse a missa melhor.

— Não, não, só tu!

Quando Amaro sorria os seus dentes brancos, pequenos, tinham um esmalte luzidio.

— Tens os dentes tão bonitos! dizia-lhe ella sempre.

E Amaro gostava de lhe apparecer assim superior e perfeito; necessitava aquella alma admiradora, como um espelho, em que elle pequeno, humilde e obscuro, se visse forte, ativo e glorioso.

Mas muitas vezes desconfiava de si, tinha vagos ciumes; vinha-lhe á idéa que ella não podia amar um homem sempre vestido com uma batina escura e com uma coroa aberta na cabeça; e odiava todos os homens que na cidade eram felizes com os seus casacos de côr, com os cabellos compridos, a barba penteada. Dizia a Amelia que os desprezasse, que eram futeis, estupidos, votados aos castigos de Deus. Se Amelia fallava de algum rapaz da cidade, vinha-lhe uma colera ridicula, um ciume irascivel.

— Gostas d'elle, gostas? dizia agarrando-lhe os pulsos, fitando-a.

— Gosto lá d'elle! Mal o conheço!

Mas elle exaltava-se; não queria que ella reparasse em ninguem, que fallasse nos outros. Não a deixava ter opinião, individualidade. *Ella* devia ser *elle*. pensar, sentir, soffrer ou alegrar-se com elle — o mais era uma revolta, uma traição ao amor! Gostava assim de dominar e fazer vergar a independencia da sua pequenina alma feminina, como dobrava e enlacava a sua estatura.

Amelia ás vezes contava-lhe uma coisa que lera por acaso no jornal ou n'algum livro dos que a mãe tinha, a *Bibliotheca das damas* ou o *Panorama*. Mas Amaro censurava-a. Para que lia ella?

— Queres fazer-te agora doutora? dizia-lhe.

Não devia ler mais que os livros que elle lhe dava, nem ter outras curiosidades alheias ao seu amor.

Não queria quasi que ella tivesse communicação com a cidade, com tudo que não era a igreja. O seu desejo seria tel-a fechada, como n'um cárcere, no fundo de uma capella. Tinha um ciume pungente de todo o vago mundo civil, leigo, secular — que para além da igreja a poderia attrahir, seduzir e levar.

Ao principio gostava de a ver vestida com o vestido de lã verde claro ou, em certos domingos, com o vestido novo de seda azul. Mas depois impozera-lhe as côres escuras, o preto. Porque não lhe perdoava ser ella uma mulher sem votos, podendo vestir-se de côr, entrar nos theatros, rir, casar, dançar e fazer alegres *pic-nics*. Se ella fallava de um theatro, de uma *soirée* que houvera em casa do morgado Basilio, eram coleras sem fim. E sem motivo ás vezes carregava o rosto, repellia-a.

— Mas por quê? por quê? dizia Amelia supplicante.

Amaro então fazia-lhe toda a sorte de accusações que era vaidosa, garrida, tinha desejos de agradecer para os homens.

— Mas mato-te! Percebes?

Ella começava a soluçar, caíam-lhe lagrimas vagarosas. E então vinham as effusões de amor, os beijos soffregos, os suspiros soluçados.

Amaro ás vezes ia a casa d'ella pela manhã. Encontrava-a só, cosendo e cantarolando.

— Sempre a cantar! dizia elle com um tom amargo;

— Oh! filho, querias que estivesse para ahí amuada?

Amaro então lembrava-lhe a obrigação de se recolher, de se humilhar a Deus, sempre, sempre.

Até que um dia ella tinha-lhe dito:

— Parece-me que gostavas mais de mim se eu fosse freira.

— Tens razão, disse o padre, adorava-te! Ah! se fosses freira, n'um convento, tão separada do mundo como eu. . . Tens razão, então é que eu te adorava!

Acostumava-a em tudo, sempre, a confundir a religião com o amor. Um dia que a Sé estava deserta tinham entrado no quarto das vestimentas; ella quiz ver certos paramentos, as alfaias dos andores e admirou muito uma capa grande de Nossa Senhora, de setim azul, todá recamada de oiro.

Havia de te ficar bem, disse Amaro sorrindo. Ella riu e o padre poz-lh'a aos hombros! Amelia ficou um pouco assustada como por uma profanação, mas commoída como n'uma gloria; timida e radiosa, conserva-se immovel, com um sorriso vago e a capa envolvia-a, toda doirada, scintillando, magnifica. Ia tiral-a com respeito, mas Amaro deteve-a, extatico.

— Que linda! murmurava. És mais linda que Nossa Senhora! Deixa-te estar assim!

E admirava-a, andando em torno d'ella; ajoelhou, abraçou-a pela cinta; e o sentir o contacto aspero dos bordados n'aquelle manto sagrado dava-lhe uma voluptuosidade estranha. Ella sorria enlevada, com as narinas palpitantes; parecia-lhe ser uma santa, estar n'um andor, ou mais alto, no ceu.

— Dá-me um beijo, disse Amaro.

Os seus labios collaram-se. A profanação dava-lhes um singular delirio. Amaro tomara-lhe a cabeça entre as mãos, os seus labios erravam convulsos por todo o rosto d'ella: parecia-lhe que estava morto, no paraiso, e que uma santa o amava e lhe abria os braços e o seio para uma eternidade de Graça e de Amor!

— Vem! disse de repente Amaro e ia-a arrastando para casa do sineiro.

Mas veiu-lhes um terror, ficaram calados, a olharem-se.

E então rapidamente ella tirou a capa, ajudou-o a dobral-a e a mettel-a no lençol branco na gaveta, dizendo baixo:

— Deus me perdoe! Deus me perdoe!

Amelia cada dia o adorava mais. Desejava-o pela sua bonita figura, pelo esplendor dos seus paramentos nas festas, pelo mysterioso pittoresco d'aquelles encontros, porque era padre e pelos seus olhos negros. No entanto ás vezes desejava que elle tivesse uma profissão civil, não fosse padre, porque

lhe devia ficar bem o bigode. Fatigava-a aquella attitudé sacerdotal, as longas pregas da batina, e detestava sobre tudo o seu grande capote de cabeçaõ e fechos de metal que lhe dava um aspecto paternal e caturra.

Mas no fundo amava-o mais como padre. Quantas superioridades! Elle dirigia as almas pela confissão, remia pela absolvição, purificava baptizando; e por vezes parecia-lhe que o ser escolhida e eleita de um padre devia chamar sobre ella as attensões do ceu. Elle, de resto, dissera-lhe que os anjos a tomariam pela mão, que as santas lhe dariam logar na hierarchia do paraizo. E acreditava, quasi desejava então morrer.

Pensava assim quando estava só, no seu quarto; e aquellas idéas mais excitavam a sua paixão; recordava então as suas palavras, os seus beijos, farta-se do encanto de o desejar!

Algumas vezes sentia que pudesse haver um peccado n'aquellas relações e então amava-o mais; o sacrificar o ceu por elle exaltava-a. Tinha um orgulho estranho, julgava-se heroica e superior ás outras mulheres em soffrer, penar e gemer por elle; e ao mesmo tempo o sacrilegio, o horror, o crime d'aquelles encontros davam-lhe um sabor delicioso e pungente, sublime e irritante.

Assim aquella paixão envolvia-a estreitamente como um vestido de malha. Dera-lhe quasi uma outra natureza; tinha certas audacias de pensamento; muitas vezes na profundidade do seu sentir lamentava raparigas que conhecia que se conservavam brancas e castas na sua fria virgindade, que ignoravam as alegrias da paixão; e rindo chamava-lhes *imbecis*. Tornára-se preguiçosa e toda dada ao cuidado da sua pessoa. Fizera-se golosa de doces e copinhos de vinho. Se havia luar ia para a janella, tomava attitudes sentimentaes. Ficava ás vezes longo tempo a olhar vagamente, n'uma immobilidade

feliz! E sem saber porquê tomavam-a grandes tristezas e como um desejo de prazeres maiores, de delirios mais profundos. Tinha engordado. Estava de uma belleza ampla e toda egual.

Amaro sentia-se bem n'aquelle amor. Tinha-lhe vindo um grande enthusiasmo pela sua profissão de padre. Gostava de confessar e de torturar as confessadas, de as fazer chorar; olhava-as de certo modo; tinha-se feito vaidoso, suppunha que as mulheres deviam gostar da sua voz, de toda a sua pessoa. Mas não procurava outras relações: todo o seu encanto, a sua felicidade, o fim da sua vida era a posse d'aquella bella rapariga viva e nova, que tinha vehemencias de plebêa e humildades de gata.

Não pensava nunca, como padre, no peccado d'aquella ligação; além d'isso não temia o inferno e o que se diz das suas chammas: não acreditava. E como era homem todo de sensibilidade carnal, não o aterravam os castigos da outra vida que só se dirigissem á alma. Depois arrepende-se-hia! Abrandaria Deus mais tarde com a força das suas penitencias! E para se tranquillisar lembrava o que se conta da vida dos padres, dos que vivem nas aldeias ignoradas e dos que vivem nas aristocracias de Roma!

Estava socegado, seguio. Abandonava-se abundantemente á vida dos appetites. Comia bem, começava a engordar. Em casa fumava charuto. Tinha começado a ler um romance e mandára fazer roupa branca. Tivera mesmo algumas despezas excessivas e difficuldades de dinheiro. Mas tinha o seu recurso que era a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção; Elle confessava-a todas as semanas e impunha-lhe como penitencia grande numero de missas, com intenções mysteriosas. Ella pagava-lh'as bem; tornára-se generosa

para elle, fazia-lhe presentes valiosos. E até por certos olhares, certos suspiros, Amaro desconfiava que a velha o amava em segredo. Tinha mesmo contado a Amelia. Ella fingira-se ciosa e amuada. Tinham rido muito.

A força d'aquella paixão isolava-os de tudo. Além d'isso succedia que os amigos da S. Joanneira e as suas relações habituaes estavam um pouco dispersas. Natario continuava de cama, com um apparelho na perna, praguejando, fumando immenso, todo animado pelas sobrinhas. As sr.<sup>as</sup> Gansosos tinham ido desde o começo do verão para a quinta de uma tia velhissima, com quem iam passar alguns mezes, que detestavam, mas que acarinhavam, serviam, adulavam na esperança vaga de uma vaga herança. O padre Brito fôra mudado para uma freguezia ao pé de Ourem: a accusação do artigo de João Eduardo apontando-o como o *Adonis da esposa do sr. regedor*, segundo a graciosa expressão do chantre, fôra muito directa, muito publica e muito exacta, para que o vigario geral o conservasse na mesma freguezia, tranquillo e imperturbado no seu escandalo. Libaninho, sempre tão assiduo, desapparecêra das reuniões da S. Joanneira e as poucas vezes que o tinham visto na cidade era na singular companhia de um tenente do regimento, chamado, ninguem sabia porquê, o *Pilha Eirozes*. Aquella inexplicavel intimidade surprehendêra. Um dia que o padre Amaro falava com o conego a este respeito diante da Dyonisia, ella disse sorrindo:

— Ai! não admira que andem agora sempre juntos, estão na lua de mel.

Os dois padres não tinham comprehendido, a Dyonisia não se quizera explicar — e o incidente foi esquecido.

Assim a casa da S. Joanneira estava deserta. Amelia e o parochio achavam-se bem assim; todos aquelles amigos ausentes eram curiosidades afastadas. O isolamento dava-lhes uma grande segurança. E viviam tão tranquillos, tão confiados no seu segredo, tão certos do mysterio — como se aquella paixão se passasse n'uma caverna desconhecida, fóra do alcance dos homens e das suspeitas da imaginação!

quarto, chorando sobre a cama. Tinha-a interior-  
gado, assustada:

— É nervoso, minha mãe; não é nada.  
Noutra occasião tinha voltado da igreja, tremula.  
— Amaro tinha fallado — com o rosto ardente, com  
o genio excitado, e logo desde a escaza entrou com  
a criada, entrou com a porta, não quiz jantar e a  
noite appareceu com os olhos todos vermelhos de  
lagrimas escondidas.

— Tu que tens, rapariga; disse-lhe a mãe quasi  
xangada.

## XVIII

— Nervoso, minha mãe; não é nada.  
A S. Joanneira ia então para o conego contar-lhe  
as suas desconhecidas. Via-a indifferente, com um olhar  
expressivo, sempre cheia de cheiros muito aborticida  
nos dias em que não ia a S.

Todavia a S. Joanneira começava a estrahhar a  
filha, a achar o *quer que fosse* na sua physiõnomia.  
Quando ella voltava da igreja via-a sempre um pou-  
co pallida, com um ligeiro rosado sanguineo nas ma-  
cãs do rosto, o olhar languido.

— Tens alguma coisa?  
— Não, mamã, fraqueza! Vou tomar um caldo.  
Há?

A S. Joanneira reparava nas suas distracções. No-  
tava certos suspiros quando costurava, rubores rep-  
entinios. Fallára n'estas particularidades ao conego:

— Parece-me que a rapariga está apaixonada por  
não casar com o João Eduardo.

— Ora! deixé lá! disse o conego sorrindo.

— Digo-lhe isto.

— Eu vejo-a sempre contente como um cuco, ob-  
servava o conego.

— Lá contente anda ella. Mas parece-me assim a  
modo estonteada. Tem olhos de doida. Tem-se feito  
preguiçosa. Em fim, eu não sei, mas alli ha coisa!

— Deixe-se d'isso, senhora! isso é scisma!

Um dia a S. Joanneira tinha-a encontrado no

quarto, chorando sobre a cama. Tinha-a interrogado, assustada:

— É nervoso, minha mãe; não é nada.

N'outra occasião tinha voltado da egreja, tremula, — Amaro tinha faltado — com o rosto ardente, com o genio excitado, e logo desde a escada gritou com a criada, atirou com a porta, não quiz jantar e á noite appareceu com os olhos todos vermelhos de lagrimas escondidas.

— Tu que tens, rapariga? disse-lhe a mãe quasi zangada.

— Nervoso, minha mãe; não é nada.

A S. Joanneira ia então para o conego contar-lhe as suas desconfianças. Via-a inquieta, com um olhar *exquisito*, sempre cheia de cheiros, muito aborrecida nos dias em que não ia á Sé.

A rapariga está pelo beico, digo-lh'o eu!

Oh! senhora! exclamava o conego, mas então quem a mandou romper com o homem?! Foi por vontade d'ella, creio eu.

— É verdade. Mas então que quer? A rapariga, assim no primeiro momento, ouviu taes coisas do rapaz... e depois os conselhos que lhe defam e aquelle escandalo do cemiterio... Tudo isso. Mas lá no fundo a rapariga morre por elle. Pois olhe, nunca tal suppuz!

Chegava mesmo a desconfiar que elles se entendessem occultamente. Mas como? Ella não saía, não apparecia á janella; só certos dias na semana ia resar á Sé meia hora, tres quartos de hora. E a S. Joanneira contou em segredo ao conego as penitencias que Amaro impozera a Amelia.

— Que me está a senhora a dizer? Ir tres vezes por semana resar tres estações a Nossa Senhora! O Amaro impoz-lhe essa penitencia? E indefinidamente?

— Ella assim o diz é a rapariga lá isso não mente. Em penitencia de ter tido amizade com João Eduardo.

— A senhora está certa d'isso?

— Ora essa, sr. conego!

— Pois senhores, acho exquisito! rosnou elle.

— Pois não lhe parece? A rapariga vem sempre amarella, cheia de fraqueza, ás vezes precisa logo tomar um caldo. Coisa assim!

E o conego Dias começou a ter certas suspeitas: — *havia coisa.* — E se era algum segredo amoroso, deveria ser n'aquella hora que ia á igreja com o pretexto da penitencia. Começou logo a vigial-a. Um dia soube que ella estava na Sé resando. Entrou e não a viu.

— Bom, d'isse elle, temos obra!

Procurou-a no altar-mór, na sacristia, interrogou uma velha quasi tonta que murmurava e dormitava á esquina de um altar; não averiguou. Saíu, foi conversar para defronte para a botica do Carlos, leu o jornal que estava no balcão, palestrou e d'ahi a pouco viu-a descer da Sé, toda seria. Calou-se, não revelou nada á irmã nem á S. Joanneira. Tornou a espregueitar, a rondar e um dia viu-a entrar de novo na Sé. Seguiu logo atraz d'ella devagarinho e ainda a pôde avistar dirigindo-se para a ala direita para sair pela porta do côro. Esperou um momentô, deu-lhe tempo, saíu tambem pela porta do côro e viu-a dobrar, toda rente com o muro, para o casebre do sineiro.

Oh! que velhaca! murmurava elle. Que diabo vae ella fazer á casa do sineiro?

Entrou na sacristia, sentou-se e esperou. Uma hora depois o padre Amaro abriu a porta, vindo do pateo que communicava com a cozinha do tio Esguelhas.

— Fui ver se achava alli o sineiro, disse elle corando muito, todo surprehendido de encontrar alli o conego.

O conego estava tão assombrado que não respondeu logo; e d'ahi a pouco fallou do tempo com pa-

lavras vagas e saías. Tinha percebido que o parochinho também ia a casa do sineiro!

No dia seguinte encontrou na Sé o padre Amaro que descia a nave. Era á hora do côro. — Pois — Olhe cá, quero-lhe fallar. Vamos para a sacristia.

Amaro ficou surprehendido. — Então que é? disse elle fechando a porta.

— Homem! disse o conego, eu não sou de meias palavras, você sabe. Você anda a fazer uma grande maroteira.

O padre Amaro teve um movimento, empallideceu, ia fallar. . .

Você desencaminhou aquella pobre rapariga. Ora isso é uma canalhice!

O padre Amaro que se viu descoberto quiz dizer naturalmente:

— Mas que rapariga? Que é isso?

Mas a sua voz era tremula e tinha os beiços brancos!

Homem! eu vi! disse o conego resumindo. Escusa de estar a negar.

Mas . . .

Oíça homem de Deus! continuou o conego com um tom impaciente. Eu já andava desconfiado. A S. Joanneira fallou-me na tal penitencia. Fiquei de pé atraz. Duas vezes que eu soube que a rapariga estava na igreja não a vi cá. Puz-me á espreita.

D'ahi a pouco vejo-a entrar em casa do sineiro e uma hora depois você sain de lá. Ora ahi tem! Pois meu amigo, isto é a maroteira das maroteiras!

O padre Amaro estava calado, mordida os labios e por fim:

— Diga-me uma coisa! O que é que o senhor tem com isso?

O conego teve um gesto indignado.

— O que tenho? O que tenho? Então o senhor ainda me falla n'esse tom? O que tenho?! O que

tenho é que vou d'aqui immediatamente dar parte d'isto ao sr. vigario geral.

O padre Amaro fez-se livido e com voz cerrada, baixo:

— Ah! seu... — E fitou-o.

— Que é lá? que é lá? exclamou o conego com o aspecto indignado, a face afogueada, fechando os punhos.

O padre Amaro tinha-se dominado.

— Oíça lá, sr. conego. Olhe que eu vi-o ao senhor uma vez em casa da S. Joanneira.

— Mente! exclamou o conego.

— Vi, vi e vi! disse o outro com a voz crescida.

— E atirando a capa para cima do armario, com gestos irritados: — Vi-o no quarto d'ella. O senhor estava em mangas de camisa e ella estava a vestir-se, a apertar o atacador, por signal. E até o senhor me perguntou «quem está ali?» Ora ahi tem! Vi eu como estou a vê-lo. O senhor a dizer ao chantre e eu a provar-lhe que o senhor... Portanto, bico!

O conego tinha-o fitado:

— Que grande traste que você é!

Mas o padre Amaro que se possuia inteiramente e não queria provocar escandalos:

— Traste por quê? — E a sua voz era branda, quasi amiga: — Sim, diga-me lá! Traste por quê? Temos ambos culpas no cartorio, meu caro. E olhe que eu não andei a espreitar, foi por acaso. — E chegando-se mais para elle, baixo: — Porque se me vem lá com coisas de moral, isso não péga. Eu faço isto, o senhor faz aquillo, os outros fazem o que podem. Por consequencia, é fazermos costas, é o que é.

O conego, com o seu caracter fraco, passivo, estava abrandado e vencido. Poz-se a olhar para Amaro e mesmo com um certo sorriso:

— Mas você, homem, no começo da carreira!

— E você, Padre-Mestre, no fim da carreira!

Pozeram-se ambos a rir. A harmonia reapare-

ceu. Conversaram demoradamente. Amaro contou particularidades. Passejavam ambos ao comprido da sacristia; e ás vezes Amaro encostava-se a uma commoda que havia no fundo, onde estava um Christo de marfim.

— Que maganão! que maganão! dizia o conego.  
 — E d'isto á mãe, bico! Porque se disser á mãe alguma coisa, você commigo se ha de haver, Padre-Mestre. Tão certo como estar aqui, pelas chagas de Christo, que alli está n'aquella cruz, — ponho-me ahi pela cidade a dizer a torto e a direito que o vi com a S. Joanneira.

Mas começou a tocar para o côro. Eram tres horas. E o conego ao sair, batendo nas costas de Amaro:

— Pois seu velhaco, tem dedo!

— Que quer você! Que diabo! A gente vae, vae...

— Homem! disse o conego sentenciosamente, é o que a gente leva de melhor d'este mundo!

— É verdade, Padre-Mestre, é verdade! É o que a gente leva de melhor d'este mundo, disse Amaro.

Amaro ficou inteiramente tranquillo. De certo modo estimou aquella explicação. O conego era um auxilio, um amigo, uma força, um obstaculo ás iras da mãe, uma garantia de impunidade. E ao outro dia disse a Amelia que o conego sabia tudo e a espreitára. Ella ficou aterrada.

— Mas vae dizer tudo a minha mãe!

— Qual! não diz nada. — E sorrindo, batendo-lhe no hombro: — É que elle não é um santo! — E depois de um instante: — Nem tua mãe!

Amelia tinha ficado um momento calada, as mãos caidas no regaço.

— É que ás vezes tenho um medo! Nem tu imaginas. Ha dias em que tenho o coração negro como a morte. Parece que adivinho desgraça.

—Tolices! —  
 Ella teve um olhar de melancolia; suspirou e cheia de idéas de catastrophe e de morte:

—Tinhas muita pena se eu morresse?

—Que tolice! Estás lugubre. Deixa lá a morte, disse-lhe Amaro. — E consolava-a com grandes beijos.

Amelia, com effeito, havia duas semanas sentia-se *exquisita* e extremamente nervosa; ás vezes o mais pequeno rumor a assustava, outras vezes o silencio da casa dava-lhe uma impaciencia e sentia um medo vago. Tinha uma especie de tremor nos dedos, uma sede constante. Ora espaçava voluntariamente os encontros com Amaro, ora vinha-lhe um desejo agudo de o ver de repente, de o devorar de beijos.

Um dia ao almoço, de repente, depois de beber um copo de leite, teve um enjôo e uma ancia; foi para o quarto afflicta, com vomitos que a sacudiam e desmaiou. No dia seguinte se bebia leite, se bebia chá verde, voltavam as afflicções. A S. Joanneira quiz mandar chamar o doutor. Amelia recusou, disse que não era nada, que era do estomago. E desde esse momento começou a esperar o dia *vinte e oito* do mez.

—Mas que tens tu com o dia vinte e oito? perguntou-lhe Amaro, a quem ella dera a perceber esta preocupação.

—É cá uma coisa.

O dia *vinte e oito* chegou e nos oito dias seguintes Amelia não voltou a Sé. O padre Amaro foi a casa da S. Joanneira, receiando encontral-a doente. Viu-a a pé, muito amarella, toda despenteada, os olhos pisados, costurando ao pé da mãe.

Logo que elle saíu Amelia fechou-se no seu quarto, n'um choro hysterico que não pôdia dominar. E a cada momento ia ao espelho, sofregamente, examinar umas vagas manchas imperceptiveis que lhe tinham vindo ao rosto.

No dia seguinte devia encontrar-se com Amaro em casa do sinciro. Amaro esperava-a um pouco impaciente, quando ella entrou quasi correndo, fechou a porta e com o rosto descomposto, os olhos estonteados:

— Estou grávida! Sabes? Estou grávida!

Elle sentiu como uma pancada brutal no peito.

— Oh! com os diabos! exclamou: — Mas, sorrindo:

— Estás a mangar.

— Estou! disse ella com um tom sêcco e cavo:

Estou mesmo a mangar!

E deu-lhe todas as provas: era certo, tinha já fal-

lado com a Dyonisia.

— Não xês? dizia mostrando-lhe as pequenas ma-

llhas do rosto. E aqui! — E mostrava-lhe no peito

uma digeira nodosa. — Estou grávida!

Amaro tinha ficado sentado á beira da enxerga,

hinto, fulminado. Ella contava-lhe o que sentia, di-

zia os seus terrores. Estava perdida! Queria mor-

rer!

— Que hei de eu fazer? Que hei de eu fazer?

dizia.

Mas o padre Amaro estava sem resolução, sem

idéa, sem coragem.

— Que desgraça! que desgraça! murmurava.

E então Amelia começou a fallar do escandalo, da

vergonha...

Amaro empallidecia; a verdade terrivel aperta-

va-o; tinha os musculos contrahidos, sentia-se toíto.

— Eu fujo, vou-me, não quero saber d'isso!

gritou.

Ella ergueu-se, agarrou-o violentamente, com uma

força febril, pelos hombros, com os dedos crispados

e fitando-o, baixo.

— Vaes-te? E eu?

— Queres que eu seja suspenso? que fique para-

ahi a morrer de fome? que vá parar a uma cadeia?

Ella olhou-o um momento e atirando-se de bru-

ços sobre a enxerga rompeu n'um choro violento, com ais agudos e grandes soluços que a sacudiam.

— Calá-te! mulher, podem ouvir da rua! dizia Amaro.

— Mas cala-te, com os diabos!

E ergueu-a por debaixo dos braços rudemente. Ella ficou a gemer com palavras miseraveis e desoladas.

— Eu morro! Nossa senhora me valha! morro! morro!

Amaro tinha-se apiedado e tomando-a pela cintura:

— Não! ouve. Não te deixo, não! ouve. Estou tonto, não sei o que digo! Socega! ouve.

Mas ella não respondia, soluçava baixo.

— E tua mãe percebeu alguma coisa?

— Não! disse ella limpando os olhos, com grandes soluços. Não! por ora não se conhece!

Ficaram ambos calados, um defronte do outro, longo tempo.

— Mas estás tu certa?

Ella sorriu, encolheu os hombros.

— Se estou certa!

Tornaram a ficar calados, ella com o lenço na mão, os olhos rubros, fitos no chão; elle passeiando febrilmente pelo pequeno quarto do sineiro, com as mãos nos bolsos.

— Adeus! disse ella, a mãe está á minha espera.

— Adeus!

E separarãram-se, lugubrememente, sem um beijo, sem se darem a mão.

Mas Amelia tornou a subir.

— Venho amanhã ás oito horas.

— Pois sim.

Amaro saiu da Sé e correu a casa do conego Dias.

— Sabe você uma coisa? disse elle abruptamente, fechando a porta, com a respiração offegante. A rapariga está gravida!

O conego ergueu-se de salto com o rosto esbugalhado.

— Gravida!

— Veja você que desgraça!

E passeiava a largos passos pelo quarto.

— Está meia doida, não faz senão chorar! Que hei de eu fazer, Padre-Mestre?

— Olha que espiga! ponderou o conego.

— Imagine você o escandalo, Padre-Mestre! Eu nem sei. Eu fujo, mato-me! Eu faço alguma coisa, diga.

O conego estava calado.

— Mas que imagina você? Diga alguma coisa! Eu não tenho idéa nenhuma, estou idiota, estou de todo.

O conego oscillava pesadamente com a cabeça.

— Ah! estão os resultados, meu amigo.

— Vá para o inferno, homem! não se trata agora de moral. Está claro que foi uma asneira. Mas adeus, está feita.

O conego pensou um momento.

— Pois menino, disse elle sentenciosamente, não ha outro remedio, é casal-a com o João Eduardo.

O padre Amaro estacou, absorto.

— Casal-a com o escrevente!

— E já! disse o conego. — E com a voz solemne: — Antes de tudo salve-se esta coisa! — e apontava para a batina de padre.

— Mas que faz ellas onde esta ellas pergunto tranquillamente Amelia.

— Não sei. Parece que vive lá para os lados do quarto.

Ficaram calados um momento. Amelia tinha os olhos no chão, estava como longa, muito longe d'elli.

Então que diz? perguntou Amaro.

— Que sim! Que remedio! disse ella com a voz

Ao outro dia havia grande chuva. Amelia tinha chegado á Sé, molhada, com as suas botinas de du-  
raque todas enlameadas. Amaro esperava-a n'uma grande agitação. Como accitaria ella a idéa de casar com João Eduardo? De certo recusaria, choraria, preferiria a vergonha; e Amaro sentia um indefinido orgulho em a ver já, de joelhos, apaixonada e sacrificando-se, preferir a perdição *com elle* á reabilitação com o *outro*. Mas então reconhecia a inexoravel necessidade; e ruminava as palavras que lhe diria, as consolações, as supplicas com que a impelliria áquellè sacrificio infeliz.

Quando ella entrou tomou-lhe as mãos, olhando-a com uma ternura piedosa, como se já se estivesse compadecendo das lagrimas afflictas que ella ia chorar, sentou-a carinhosamente na cama e fallando devagar, baixo, triste.

— Escuta, minha filha. Não te afflijas com o que te vou dizer. Mas é necessario. É a nossa salvação!

E disse então a idéa do conego, o casamento com João Eduardo; explicou-lhe que era a unica solução; que elle de certo accitaria logo; que tudo se limitaria a um parto prematuro. E Amaro, admirando-se

um pouco de ver os seus olhos seccos e os seus labios mudos, insistia: que acabariam para elles os tormentos; que de mais a mais poderiam ver-se depois, estimarem-se... o conego encarregava-se de arranjar a João Eduardo o emprego no governo civil...

— Mas que faz elle? onde está elle? perguntou tranquillamente Amelia.

Amaro mordeu os beiços.

— Não sei. Parece que vive lá para os lados do quartel.

Ficaram calados um momento. Amelia tinha os olhos no chão, estava como longe, muito longe d'alli.

— Então que dizes? perguntou Amaro.

— Que sim! Que remedio! disse ella com a voz calma.

Amaro sentiu como um raio na alma e com uma voz em que a colera sibilava:

— Até te agrada, hein?

— Pois que hei de eu fazer?

Amaro riu-se nervosamente.

— Não. Achas bom até? Sempre é outro!

Ella fez um gesto de desdem áquellas palavras.

E o padre Amaro repetiu:

— Sempre é outro! Sempre é outro!

— Pelo menos, disse ella, sempre é um marido!

Amaro ergueu a mão e com uma colera bruta

deu-lhe uma bofetada! Ella caíu sobre a cama.

— Não me batas! gritou toda encolhida, com as

mãos diante da cabeça, quasi desmaiada.

Amaro susteve-se e, todo tremulo, disse-lhe com a

voz abafada:

— És uma... — E pronunciou a palavra.

Ella ergueu-se devagar, abateu as saias um pouco

desmanchadas, vestiu o casabeque, calada, hirta,

conchegou a manta em redor da cabeça e já sair.

Amaro olhava-a, sentado aos pés da cama.

Amelia! disse-lhe elle simplesmente:—  
Ella tinha a mão no fecho da porta, mas voltou-se rapidamente como um cão que senté a voz do dono; e, de um impetó, correu, atirou-se ao peito d'elle, com os braços convulsivos e beijos phreneticos. E as suas palavras saíam como borbotões de agua, soluçadas, sacudidas, impetuosas:—

— Não adoro-te! O que pensavas tu? Estás doido! Mas eu posso lá viver sem ti! Nem tu sabes. Isto é um feitiço! Tu não podes saber. Beijar-te, abraçar-te, qual! Queria mais, não sei o quê! Comer-te aos bocadinhos, matar-te! Tu imaginas lá! Ouve-me. Abraça-me!

Tinha-se deixado escorrêgar aos pés d'elle e beijava-lhe as mãos, a batina, abraçava-o pelos joelhos, louca.

— Ouve, Amaro. Bate-me! mata-me!

E fazendo-se muito pallida começou a rolar docemente com a cabeça, os olhos cerrados, os labios lividos—e caíu para o lado pesadamente, desmaiada.

Amaro ergueu-a impetuosamente, atirou-a para cima da cama, deitou-lhe agua pela cabeça, chamando-a, implorando-a.

Ella abriu os olhos e com uma voz expirante, mortal:

— Vem! aqui! ao pé de mim!

E procurava-lhe a mão, attrahia-o, erguendo-se devagarinho, olhando-o com uma fixidez hystérica.

— Vem!

O E cingiu-lhe o pescoco subitamente, puxou-o para si com uma violencia em que havia a febre e todos os delirios da loucura!

E durante as semanas seguintes do seu amor por Amaro teve uma exaggeração insensata. Desprezou as cautelas. Entrava brutalmente para casa do sineiro, com uma simplicidade impudente. Eicava a esperal-o arfando, com os olhos fixos, sentada aos

pés da cama, fitando a porta, roendo vagamente as unhas. E quando elle entrava, era um grito, uma explosão de beijos, uma ancia! As vezes afastava-se d'elle, levava as mãos á cabeça, passando violentamente os dedos entré os seus cabellos espessos e dizia:

— Sinto uma coisa aqui dentro, Amaro!

A bofetada que lhe dera o padre augmentára-lhe o amor até á monomania!

Amaro andava assustado. Tinha medo que n'um d'aquelles momentos ella, de repente, endoidecesse. Tinha ganho tambem um pouco do seu delirio. As vezes, só ao lembrar-se d'ella, parava-lhe o coração. A vida ardia-lhe. Nos dias que a não via caía n'um idiotismo vago, adormecido. Mas que abraçada vitalidade — quando ella chegava com as suas precipitações de loba amorosa!

A paixão dava a Amelia uma audacia, uma coragem como a que a aguardente dá aos covardes. Não receiava mostrar-se, passar pela Arcada, entrar na botica do Carlos. Só ás vezes temia encontrar de repente, ao voltar de alguma rua, João Eduardó.

— Que será feito d'elle? pensava.

Ninguém sabia: a S. Joanneira ouvira dizer que depois do caso do cemiterio deixára Leiria e fora para Ourem.

Além d'isso a gravidez não era ainda visível; estava apenas mais cheia, mais ampla de fórmãs! O conego, porém, affirmava *que se percebia a uma legua*. Amaro achava *que não*. Amelia terminára por usar um casabeque largo, de cintura solta, á cautela.

Mas ia fazer visitas á irmã do conego, que saía pouco ultimamente, por causa de um catarrho persistente, e á sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção.

Tinha mesmo um dia ficado muito alegre quando

a sr.<sup>a</sup> D. Maria a convidou para uma merenda na quinta do Olival — sobre tudo quando soube que iria também Amaro. A quinta do Olival era a que tinha communicação com a propriedade da S. Joaneira, onde um dia, no inverno, Amaro lhe tinha dado o primeiro beijo — beijo roubado, assustado, pequenino beijo, que em tão pouco tempo se tornára Amor, Paixão, Posse, Martyrio — como uma semente imperceptível que mal se sente entre os dedos e que se torna, com um pouco de sol e uma pouca de humidade, arvore enorme onde os passaros cantam e os ventos rugem.

Amélia e o parochó muitas vezes tinham pensado em voltar áquella quinta, como n'uma peregrinação grata, ver o lugar onde o seu amor dera o primeiro grito.

— Como eu fiquei quando tu me beijaste! dizia-lhe ella ás vezes. Tremia como varas verdes.

— E eu! Imaginei que te tinhas scandalisado e queias contar tudo!

— Doidice! Se eu já andava tonta por ti!

— Eu podia lá saber! Tu olhavas para mim, e verdade! Mas eu duvidava. Que noites eu passei!

— E eu!

Encontraram-se ás três horas na quinta com a D. Maria da Assumpção e d'ahi a pouco ficaram surprehendidos vendo chegar o Libaninho.

Havia muito que o não viam. Estava gordo e nedio; a sua calva reluzia e os seus encontrós saídos como os de uma mulher pareciam ainda mais salientes com o casaco preto abotoado, muito justo na cintura; na sua cara molle, barbeada, os olhos pequeninos tinham uma malicia turva e a bocca armava-se-lhe constantemente n'um sorriso devoto e affectado.

Mas por onde tens tu andado, Libaninho?

disse Amélia. Ai! filha, nem imaginas! — E a sua voz era ainda mais esganiçada que de costume. — Tenho ti-

do summa vida perfeita. Quasi não tenho saído da  
 igreja da Encarnação. — *Libano* — *O* sobre — *Libano*  
 Gensuraram-lhe então ter abandonado a Sé e a  
 rua da Misericórdia com a prophanção com a  
 E que amizade é essa agora com o tenente  
 Louzada, Libaninho — *Libano* — *Libano*  
 Ai! filha, já não é de agora, mas estávamos  
 arrufados. Ai! nem imaginas! Rapaz mais temente a  
 Deus, mais bom! Eu até pismo! Olha que edifica,  
 filha, olha que edifica! E então, sendo militar! Que  
 isso sempre vai uma impiedade pelo regimento!

— E então o sr. Libano agora intenta a conver-  
 são do batalhão? perguntou-lhe Amaro, que lhe fal-  
 lava sempre com um desdem mordente, e a quem os  
 ademaes e os feitos de Libaninho davam a repu-  
 gnancia instinctiva que a mão limpa tem pela mão  
 viscosa. — *Libano* — *Libano*

— Ai! sr. parcho, não é para as minhas forças,  
 que se eu pudesse! Que eu faço o que posso! Ainda  
 hontem comprei bentinhos para um anspeçada da  
 quarta companhia. Até lh'os ajudei a deitar ao pes-  
 coço, por baixo da camisa. Tinha-os feito benzer  
 pelo padre Theodoro. Estavam mesmo cheinhos de  
 virtude!

O sr. Libano devia deixar esses cuidados pelo  
 batalhão ao coronel, disse Amaro fitando-o com tédio.

O coronel! Olha o impio! Safa! Se o deixas-  
 sem desbaptisava o regimento!  
 No entanto as merenda alegrava-os. Era no po-  
 mar, em cima de uma mesa de pedra, coberta com  
 uma toalha, e as boas frutas da quinta acastella-  
 vam-se em pratos das Caldas. Em redor o laranjal  
 espessurava a sua folhagem luzidia e escura; a relva  
 estava toda fresca com pequeninas flores brancas;  
 os regueiros estavam cheios da agua de regas e ex-  
 halavam uma suave frescura; as roseiras que cres-  
 ciam junto ao muro aromatisavam subtilmente; ha-

via um silencio fresco dos arvoredos tranquillos e bem regados; passaros chilreavam, ouvia-se chiar uma nora; e para além do muro baixo do pomar, entre as arvores, entrevia-se, sentia-se a vasta extensão das culturas, os prados, as medas, a exalação dos fenos.

Amelia estava radiosa.

— Estás uma flor, filha, dizia-lhe o Libaninho. Quem te levava ao altar bem eu sei!

As duas mulheres riam-se, e o Libaninho continuava os seus gracejos, servindo-a com exaggero, chamando-lhe *meu bem*, mettendo-lhe cerejas na boca.

— Por que não te casas, Libaninho? perguntava-lhe ella.

— Não m'ò perguntas outra vez, filha, — e revirava os olhos, fingindo um sentimento ardente — olha que te peço já!

— Ai, pede, pede, Libaninho!

E acudindo-lhe alguma idéa grutesca sobre a sua união com Libaninho, dava risadas, que a faziam escarlate.

Libaninho então fez o elogio do casamento. O que lhe agradava mais era a idéa de irem *ambos* ouvir a missinha logo pela manhã, e *pedir perdão a Nossa Senhora* . . .

— Pedir perdão de quê? perguntou Amelia, que se divertia extraordinariamente.

E então, tendo a mesma idéa, as duas mulheres e o Libaninho riam, apertavam as ilhargas. A sr.<sup>a</sup> D. Maria suffocava-se: aquellas allusões equivocas, o *perdão a Nossa Senhora*, eram para a velha celibataria malicias, que lhe davam a alegria assustada e nervosa de quem abre uma carta alheia.

Ao fim da merenda o conego appareceu, e foram todos dar um grande passeio pela quinta.

Foi uma hora deliciosa para Amelia. A tarde caía, com tons rosados no ceu, e uma grande placidez. Não havia uma aragem; as arvores, as folhagens pare-

ciam descansar, adormecer devagar, fatigadas do sol do dia como de uma caricia muito forte. Aquelle repouso dava a Amelia uma molleza suave e discreta. A merenda alegrára-a. Respirava bem, com felicidade. E ao pé de si via alli, ignorado de todos e presente só para ella, o seu amor, o seu amante — aquelle padre, serio na sua batina negra — que as mulheres achavam bonito, de quem conheciam apenas as palavras comedidas, e de quem só ella sabia os ardores apaixonados. E em quanto adiante a sr.<sup>a</sup> D. Maria, e o conego conversavam sobre o cebolinho e a ameixa, — ella atraz, entre Amaro calado e o Libaninho jovial, caminhava devagar, as mãos cruzadas sobre a sua manta de lã, um sorriso nos beiços cheios e vermelhos, a carne contente, feliz — como se em redor d'ella o ar, a luz, a exhalção quente dos prados, o cheiro dos fenos, o chilrear dos passaros, a limpidez da tarde, a claridade pallida da agua, toda a larga natureza fosse um banho tepido e unctuoso, que lhe envolvesse o corpo com a humida caricia de um beijo absoluto.

Passeiaram devagar em redor de toda a quinta, e já a tarde ia findando quando se vieram sentar junto da casa, nos bancos de pedra, defronte da longa alameda de olmeiros.

Vinham um pouco fatigados, e estavam cálados.

Amelia sentíra calor, e tirára o seu casebeque: tinha còlhido um grande ramo de rosas, apertava-o com as longas e agudas folhas de canna da India, que se parecem com uma fita verde e branca — e de pé, defronte dos outros, olhava sorrindo para o telhado da casa, para um bando de pombas, que esvoaçava, poisava, vinha debruçar-se á beira das telhas, beijando-se com os bicos confundidos e todos aquelles movimentos amorosos e convulsos, que tem as suas cabeças finas.

— O pequena, disse de repente o Libaninho, estou a reparar, que estás mais gorda.

— Quem, eu? perguntou Amelia.

— Pois não lhe parece, D. Maria? Oh! filha, desde que não te vi fazes uma differença! Tens a cintura grossa como uma abbadessa. Pois não acha, D. Maria?

D. Maria affirmava-se, applicando a sua formidável luneta de oiro. Amaro fazia-se escarlate.

— Que faz você hoje? perguntou elle ao conego para cortar bruscamente a conversa.

— Mas repare, D. Maria, insistia o Libaninho.

E levantando-se, andando em redor de Amelia, com um olhar agudo e maganão:

— Oh! filha, se fosses casada perguntava-te quando era o baptisado...

Amaro erguera-se de repente — e Amelia com a voz um pouco tremula disse, toda córada:

— Acho o gracejo muito tolo.

— Tambem eu, disse severamente o conego.

O Libaninho córou, coçou a calva — e começaram a fallar da volta para a cidade: Amelia iria com a D. Maria; o conego iria com Amaro. Depois ficaram calados.

A sr.<sup>a</sup> D. Maria ergueu-se, foi fazer umas recommendações ao caseiro; Amaro foi dizer adeus a Amelia, e viu-lhe os olhos marejados de lagrimas.

Os dois padres desceram, sós, a rua dos sobreiros, e logo ao portão da quinta Amaro parou, e com uma colera represada:

— Que estúpido, aquelle Libaninho! exclamou elle para o conego.

— Que finorio, meu caro amigo, que finorio!

E começaram então a discutir.

— A culpa é sua, dizia o conego; a rapariga já devia estar casada.

— Mas se ella não quer!

— Não quer! Essa é boa! Não quer! E que não queira! — E depois de um momento: — Homem, fallemos serio. É possível que a rapariga não queira

casar, mas você e eu, nós todos, é que precisâmos que ella case. Vamos a ter juizo!

E disse então mais claramente a sua idéa: o escandalo não recaía só sobre Amelia, recaía antes de tudo sobre Amaro; mais, recaía sobre a S. Joanneira.

— E a fallar a verdade, acrescentou o conego, sobre nós todos!

E contra os seus habitos pouco loquazes, caminhando devagar, estendeu-se em largas explicações: que já se fallava na cidade d'aquella intimidade do parcho com a S. Joanneira desde que Amelia rompêra com João Eduardo; que os padres das relações da casa tinham inimigos; que aquelle grupo devoto irritava os burguezes, sempre desconfiados de todas as amizades ecclesiasticas; que se rosnavam baixo certas malicias sobre aquella promiscuidade permanente de saias e de batinas; que se de repente na casa, até ahi honesta, houvesse um escandalo...

— Imagine você que gritaria!

A casa passava a ser considerada como um lupanar; a S. Joanneira teria talvez de sair da cidade.

— Veja você que desgosto para a pobre creatura!

E então acrescentava — que o casamento, possivel n'aquelle momento, era inaceitavel d'ahi a um mez.

— Mas se ella não quer, Padre-Mestre!

— Homem! disse o conego tornando-se serio, quasi zangado, quem não quer é você!

Amaro negou. O conego insistiu, representou-lhe que destino de desastres elle se estava preparando; lembrou-lhe a carreira cortada, a suspensão, o descredito, os uivos dos jornaes, a cadeia talvez, a miseria de certo!

— Que recursos tem você? De que ha de você viver? Ha de ver-se escurraçado como um cão!

O padre Amaro fazia-se branco; via-se já suspenso, pobre, empenhando o relógio, comendo ás

escondidas nas tavernas, e, na enxerga do hospital, suffocando no cheiro da febre dos mendigos...

Prometteu resolver Amelia.

— Juro-lhe, Padre-mestre!

— Não jure, homem! faça-o, que é melhor!

E no dia seguinte Amaro foi dizer ao conego, no largo da Sé, á saída do côro:

— Está decidido! Em oito dias pôde estar casada!

Amelia tinha accedido aquella decisão com grandes lagrimas. Porque nas ultimas semanas a exaltação amorosa penetrára até ás profundidades do seu ser, e tinha mais terror de perder os contentamentos do amor — do que de ver chegar as torturas do escandalo. Mas Amaro foi forte e decidido. Todavia estava tambem sob o dominio de uma tristeza amarga, e de um ciume indefinido. E quando n'esse dia, em que a tinha convencido, iam ambos a sair da casa do sineiro, elle disse-lhe com uma grande melancolia:

— Estão a acabar os nossos bons dias, Amelia!

Ella fez-se branca, rompeu a chorar.

Amaro beijava-lhe os cabellos commovido, com as mãos tremulas, cheias de caricias brandas e demoradas como *adeuses*.

— Mas não! disse ella, não! não caso!

Amaro teve uma reacção lucida.

— Estamos doidos, filha! Não há remedio. Não fallemos mais n'isso. Adeus!

Amelia ia a sair, mas voltando-se, atirando-se-lhe ao pescoço, com um beijo longo, profundo, disse-lhe baixo, muito baixo:

— Mas depois de casada sou a mesma para ti!

Amaro fitou-a com uma paixão anciosa:

— Juras? disse elle sofregamente.

— Juro!

— Pela hostia sagrada?

— Juro!

E beijava-lhe a boca, os olhos, o cabello, — até que elle murmurou:

— Vae-te! vae-te que me fazes doido!

E Amelia ao entrar em casa, n'esse dia e nos dias seguintes, alegrava-se ainda com a idéa de casar com João Eduardo — e de pertencer a Amaro!

Às vezes, porém, do fundo da sua natureza plebêa vinham, como velhos amigos ha muito ausentes, e quasi esquecidos, os escrupulos honestos. Tinha então uma reacção pudica. A alma córava das impurezas de que se deixava cobrir, sacudia-as, resplandecia um momento, limpa, seria, cheia dos bons instinctos sensatos, e do veneravel amor das alegrias tranquillias. Vinha-lhe quasi uma nova virgindade, e pensava bem, como no tempo em que adormecia resando a Nossa Senhora, com um somno de pomba fatigada, acordava cantarolando — e o seu travesseiro não estava molhado das lagrimas da paixão, e a sua coberta virginal não estava toda enrodilhada com a agitação dos sonhos sensuaes! O casamento com João Eduardo parecia-lhe então como uma nova existencia, em que entraria, sacudindo de si as febres do amor criminoso, como um ferreiro ao entrar em casa sacodê a fuligem negra da forja. E como aquella existencia seria repoisada, calma, ampla, facil, cheia de sorrisos simples e de horas castas! Como ella cuidaria do seu pequerrucho, do seu filho! Como o lavaria, o enfeitaria, o beijaria, o cobriria de laços côm de rosa, e de affagos consoladores! E por que não havia de amar João Eduardo? Sempre o conhecêra bom, honesto, trabalhador, e não era feio rapaz, era airoso. E se se perdêra, não tinha sido por amor d'ella? Tinha soffrido por ella! Chorára, empobrecêra, e tivera talvez fome! E então resolvía amal-o, envolvel-o em commodidades, e em ternuras. Elle teria o seu em-

prego, teriam uma casinha pequena e bem caiada! Pobre rapaz! Como elle ia ser enganado! Vinha justificar, e legitimar o filho *do outro*! E acreditaria, beijal-o-hia, diria: — Parece-se commigo! — Como ella devia ser terna, fiel, meiga, interessante e amante, para o compensar *d'aquelle logro*! Mas viveriam felizes! Ella cantaria ao pé do berço do seu pequeno, teria um jardinsinho, uns canteiros de cravos! E não tornaria a ver Amaro!

A esta idéa ainda lhe vinham suspiros, e as recordações do quarto do sineiro começavam de novo a flammejar, a rugir baixo. Mas reagia — e lentamente estava-se querendo acostumar á castidade com a insistencia teimosa de quem aprende de cór a pagina de um livro.

Era forte a sós no seu quarto. Mas depois encontrava-se com Amaro. Via-o, beijava-o. Ai! toda aquella doce e rosada construcção de castidades e de pudores abatia-se como flocos de nuvens, que se desfazem — e a sua paixão apparecia, no meio d'aquellas ruínas, mais vibrante, com o seio nu, esgaldhada e faminta. Amaro abraçava-a, e ella sentia-se sem vontade, entorpecida como por um vinho forte, e ao mesmo tempo sacudida como por uma electricidade.

— E quando fores casada? dizia-lhe elle, tendo-a ainda apertada nos braços.

E ella tremula, respirando mal:

— Sempre! sempre! sempre! murmurava com uma exaltação fanatica.

E por seu lado o padre Amaro começava a achar esta solução completa. Era quasi mais feliz casando ella; não só os perigos desapareciam, mas as satisfações refinavam; findavam as responsabilidades da seducção para começarem as excitações do adulterio!

E tinha-se então decidido que Amelia escrevesse uma carta a João Eduardo; quatro phrases sim-

ples; que soubera, que elle fôra sacrificado a uma intriga; que não lhe perdêra nada da amizade, que lhe tinha; que desejava explicar-se com elle; que lhe pedia, que viesse vê-la.

— E d'aqui ao casamento é uma questão de dias, affirmava Amaro.

— Deus o oiça, e a Virgêm o ajude, homem! murmurava o conego.

Mandaram a carta por Dyonisia. E como ninguém sabia onde João Eduardo morava, como havia mais de dois mezes ninguém o víra, Dyonisia foi informar-se prudentemente com o sr. Agostinho á redacção da *Voz do Districto*.

O sr. Agostinho, com um chale-manta pelos hombros, um casaco roçado, um velho *cache-nez* ao pescoço, escrevia na sua larga mesa cheia de jornaes e maços de cigarros. A Dyonisia perguntou por João Eduardo.

— Que lhe queria, tia Dyonisia?

— Mas elle está cá?

— Foi ha mais de um mez para Lisboa.

E Agostinho continuou a escrever.

— Mas então?... começou a Dyonisia.

— Não sei. Appareceu-me ahi ha de haver um mez e meio. Eu não o via ha que tempos! Disse, que ia para Lisboa. Nem sei o que faz, nem onde mora. Nada mais. *Addio!*

A Dyonisia ia a sair, fechando a porta.

— Olhe lá! gritou-lhe Agostinho.

Ella tornou a entrar, risonha.

— Se a questão é de rapariga, cá estou eu!

Dyonisia fechou a porta, furiosa.

O padre Amaro esperava, almoçando, que a Dyonisia viesse com a resposta. O conego Dias fazia-lhe companhia, fumando.

— Então? disse Amaro quando a viu entrar.

— O homem foi para Lisboa.

O padre Amaro ergueu-se com um salto.

— Para Lisboa? Mas então?...

— Nem se sabe com quem, nem se lá ficou, nem onde mora. Nada, nada, nada! dizia a sr.<sup>a</sup> Dyoni-sia traçando compungida o seu chale.

— E' esta? disse Amaro para o conego.

— É de truz! respondeu elle, quebrando no pires a cinza do cigarro.

Amaro passeiava pela sala exasperado.

A unica soluçãõ racional estava perdida, dispersa no vago.

— Diabos levem as mulheres, e o inferno as confunda! disse elle batendo uma punhada na mesa.

— Amen! disse gravemente o conego Dias, erguendo os olhos ao ceu!

— Bem, disse Amaro para o conego. —  
 — E de trux! respondeu elle, quebrando no pites  
 a cinza do cigarro e pegou a e aco o cad  
 Amaro passava pela sala espartada e avistava  
 A unica soluçõ racional estava perdida a disposta  
 not vago avistava o fado de os e aida fado  
 — Dabos levem as mulhete e o inferno as con-  
 fundas disse elle botando uma puchada na mesa  
 — Amem! disse gravemente o conego. Dias cr-  
 guendo os olhos no seu livro, o conego  
 bro, um casaco roscado um velho  
 coço, escrevia na sua larga mesa cheia  
 e amos de cigarros. A Dyonisia perguntou por José  
 Eduardo.

— Que lhe queria, cá Dyonisia?

— Mas elle está cá!

— Foi ha mais de um mez para Lisboa.

E Agostinho continuou a escrever.

— Mas então? — perguntou Dyonisia.

— Não sei. Apareceu-me ahí ha de haver um  
 mez e meio. Eu nao o via ha que tempos! Disse  
 que ia para Lisboa. Nem sei o que faz, nem onde  
 mora. Nada mais. *Addio!*

A Dyonisia ia a sair, fechando a porta.

— Olhe lá! gritou-lhe Agostinho.

Elle tornou a entrar.

— Se a questõ é de tempo, cá está eu!

Dyonisia fechou a porta.

O padre Amaro esperava, almoçando, que a Dyo-  
 nisia viesse com a resposta. O conego Dias fazia-  
 lhe companhia, fumando.

— Então? disse Amaro quando a viu entrar.

— O homem foi para Lisboa.

O padre Amaro ergueu-se com um salto.

Quando Amelia soube este resultado, que lagrimas! Tinha-se acostumado tão bem ao casamento! Tinha-se imaginado salva! E de repente via-se perdida!

— Mas que hei de fazer? perguntava ella a Amaro, chorando.

Amaro não respondia. Estava succumbido. A sua natureza fraca, burgueza e effeminada não podia supportar aquelles transe, as lagrimas afflictas de Amelia, os sustos permanentes. A alma abatia-se-lhe, callada e inerte, como um animal sob um fardo excessivo.

— Veremos! dizia, talvez se arranje. — E consolava-a, pedia-lhe, que não chorasse...

— Deixa-me chorar! O que me resta é chorar! Mas aquellas lagrimas amolleciam-n'ò mais, enervavam-n'ò. Tinha vontade tambem de se atirar de bruços como uma mulher, e chorar toda a sua amargura.

Amelia, desde o fatal gracejo do Libaninho sobre a grossura da sua cintura, perdêra todo o animo, toda a coragem, de repente, como uma mascara cae. Se Libaninho reparára, de certo a mãe, as velhas, os

padres, a cidade reparavam tambem. E parecia-lhe, que das ruas, das viellas, de cima dos telhados e das hobreiras das portas lhe vinha aquelle grito estridente, infernal, cascalhado em risadas: — Quando é o baptisado? — Tinha um medo horrivel, que a Russa percebesse: dava-lhe lenços, roupa branca velha, fallava-lhe com doçura; a pobre Russa, cada vez mais doente e mais enfezada, caindo lentamente em idiotismo, agradecia, abria grandes olhos sem comprehender nada. Mas o seu terror era a mãe: se ella lhe entrava no quarto tremia, punha-se a fallar muito alto para a distrahir; se ella de repente a chamava de baixo, dava-lhe o coração uma pancada: — É agora, sabe tudo, vae-me matar! — No seu medo nem raciocinava, que a mãe era uma creatura extrêmosa, boa como o pão, pacata, cheia de indulgencias. Quando ella saía era um allivio, eram duas horas tranquillias. Já então recorria a dissimulações, fingia-se indisposta para não ter de se vestir, e de se apertar, trazia sempre o seu largo roupão de merino.

Um dia, porém, tinham vindo de repente, de madrugada, de casa do conego, chamar a S. Joanneira: D. Josepha Dias estava em perigo. Ao catarrho succedêra repentinamente uma pneumonia, e na ultima noite estivera perdida, tinha pedido os Sacramentos; os medicos receiavam sobre tudo a idade e a fraqueza. A S. Joanneira tinha corrido logo afflicta — e d'ahi por diante tinha-se estabelecido sua enfermeira, passava lá os dias, vinha um momento a casa, e voltava para a velar de noite. Foi um grande allivio para Amelia. Não safu mais de casa senão á noite para ir visitar a velha, ou ás vezes para ver Amaro. E a S. Joanneira, preocupada, com as noites mal dormidas, sempre apressada, doente, tambem não tinha tempo de reparar na filha, de notar a sua tristeza, o seu estado, a sua pallidez crescente. Ao fim de duas semanas a velha estava livre de

perigo agudo, e entrava n'uma longa e difficil convalescencia.

— E foi por essa occasião que o conego disse um dia a Amaro:

— Homem, tenho estado a pensar n'um coisa, e parece-me que se arranja tudo.

— Como?

— A primeira coisa, que nós temos a fazer, é separar a mãe e a filha: levar a mãe para longe para que não saiba o que se passa, levar a filha para mais longe para que ninguem saiba o que se vae passar.

O conego tinha composto cuidadosamente esta phrase, e fel-a notar a Amaro.

— Parece-me, que este bocadinho de raciocinio tem o seu valor!

Amaro, porém, não comprehendia bem. Não tinha confiança nas idéas do conego — e aquella perpetua interferencia d'elle, um pouco pelo terror do escandalo, e um pouco pelos habitos de pedagogo, irritavam-o. O conego então desenvolveu um grande plano: estavam em agosto, era a epocha de ir para os banhos do mar; elle encarregava-se de forçar a S. Joanneira a partir um pouco mais cedo para a Vieira; tinha-lhe alugado uma casa, como costumava, a pouca distancia da d'elle.

— E aqui temos a mãe arranjada.

— Mas a Amelia?

Por outro lado, expunha o conego, a irmã precisava ir, na convalescencia, aproveitar os ares do campo, e convencel-a-hia a que fosse para a Cortegassa, propriedade d'ella; mas não havia de ir só, velha, doente, extremamente debil; nada mais natural que Amelia, sua afillhada, lhe fosse fazer uma companhia de enfermeira. E lá é que ella teria o filho.

— Mas sua irmã? disse Amaro.

— Ahi é que está! É necessario convencel-a a que proteja a coisa.

— Acho difficil.

— Não acho eu. A mana está fraca, meia tonta, aterrada, com um bocado de energia faz-se d'ella o que se quizer.

Amaro foi immediatamente todo esbaforido a casa de Amelia. A mãe tinha saído; e ella só, como costumava, cosia enfasiadamente á janella.

— Parece-me que se arranja tudo, disse-lhe elle logo da porta.

Ella fitou-o avida, suspensa.

— Disse-me agora o conego, que vae para a Vieira a banhos, percebes? Arranja-se que tua mãe vá mais cedo.

— E eu?

— Escuta. Tu vaes para a Cortegassa.

— Só! Mas como?

— Ouve. Vaes com a irmã do conego.

— Mas ella?

— Arranja-se, tudo se arranja. Tens lá a criança, só ella sabe. Socega, que ella guarda segredo!

— Eu sei! disse Amelia com uma duvida triste.

— Deixa estar, fica por nossa conta. Quando tua mãe voltar d'aqui a quatro mezes estás livre!

— Mas a mamã quererá?

— Tudo se arranja, deixa estar.

Amelia ficou toda alegre. Estavam sós. Fallaram baixo longo tempo.

— E se eu fôr para a quinta, tu vaes-me lá ver?

— Vou, deixa estar.

— Juras?

— Juro! Vou-te lá ver todas as semanas.

E Amelia ria-se, batia as mãos. Era tempo de tomar uma resolução. A sua excitação crescia com o terror. As vezes tinha medo de enlouquecer. Pensára em matar-se, em fugir, sobre tudo em contar tudo á mãe, e entrar n'um convento. Um dia mesmo tinha ido ao quarto d'ella resolvida a confessar tudo; mas á porta veiu-lhe uma covardia, uma fra-

queza, não entrou. Além d'isso o convento atterrava-a; a prisão das grades dava-lhe um calafrio, porque sentia, mais que nunca, um sangue exigente correr, arder nas suas veias. Não podia separar-se do mundo, das suas liberdades, dos homens! Mas procurava então outros meios, batia desesperadamente á porta de todas as soluções; nenhuma se abria para lhe dar refugio! As suas noites eram cheias de pesadelos; os dias cheios de lagrimas, e de sustos. Chegára a fallar a Amaro em *certo remedio*. Mais tarde disse, que *não, que antes morrer*; mas dias depois perguntou á Dyonisia se o *remedio* era difficil de arranjar, que effeito fazia, se havia perigo. Depois não tornou a fallar mais n'isso.

Em fim, um dia, o conego e Amaro resolveram fallar a D. Josepha, e propor-lhe a ida para Cortegassa, e a cumplicidade no parto de Amelia. Amaro estava assustado e perguntava a cada momento, ao subir do quarto do conego para o de D. Josepha:

— Mas sua irmã como receberá a coisa?

— Fallamos-lhe ambos, levâmol-a pela religião. A pobre de Christo está fraca, atterrada com a doença. Deixe estar, homem, a coisa arranja-se!

— E a S. Joanneira?

— A S. Joanneira fica por minha conta. Sabe o que não se remedeia, amigo? é a morte. O mais... A velha já se levantava, mas mal podia fallar, estava muito acabada, muito assustada, propensa a visões, cheia do temor de Deus.

Era ao começo da tarde. Ella estava no quarto, sentada n'uma cadeira baixa de braços, com os pés embrulhados n'um cobertor; um grande chale envolvia-a, e a sua physionomia apparecia livida, cavada, tremula, entre as rendas de uma touca bran-

ca; tinha ao pé, n'um banquinho, a escarradeira, e o lambedor. O parcho e o conego estiveram alguns momentos calados, procurando a occasião. O conego passeiava no quarto, devagar, ruminando.

— Sabe o que deve fazer, mana? disse elle de repente, parando ao pé d'ella, é ir passar um mez á Cortegassa. Um? dois, trez! Fazia-lhe um bem!

Ella ergueu a voz debil, vinda vagamente do fundo do peito, custosa, e tremula:

— Eu tenho lá forças! murmurava.

— Se tem! observou Amaro, que estava sentado no poial da janella. E lá é que as ganhava! Lá é que era!

— Está claro, affirmou o conego. Isto, minha rica, o verdadeiro remedio é mudar de ares! Para tudo! Assim que eu fosse para a Vieira, a mana mettia-se aqui n'uma sege.

— Ora! disse ella, ir para lá só!

— Tambem ninguem lhe diz que vá só, acudiu o conego.

— De certo. É o que faltava! disse Amaro.

E na sua preocupação os dois padres passeiavam pelo quarto. A velha pediu-lhes, que se sentassem, porque o movimento agitava e arrefecia o ar.

— Olhe, sabe, mana? disse o conego, sentando-se ao pé d'ella, leve á Amelia. É uma boa rapariga, é uma companhia.

A velha tossia, cuspiu na escarradeira, e inclinava-a á luz para ver se havia raios de sangue.

Então o padre Amaro, tomando uma resolução, disse abruptamente:

— E fazia um grande favor á pobre rapariga, coitada!

— Favor por quê? disse a velha erguendo o rosto para Amaro.

Mas o padre embaraçado fingia examinar attentamente uma pequena ferida que tinha no dedo; he-

sitava, temia propor claramente áquella beata escrupulosa uma condescendencia peccadora.

— Pergunte alli ao sr. conego, disse elle. É um caso muito serio! muito serio!

A beata olhava para ambos, pasmada.

— Não, não, conte você, disse o conego.

— Não, não, diga lá o senhor, Padre-Mestre.

Mas o conego calou-se. E então o padre Amaro chegando-se ao pé da beata, com um tom triste, de desgraça:

— A Amelia, coitada, succedeu-lhe um grande desastre...

E fallando, compunha o chale da velha com cuidado. Mas hesitava ainda; e então o conego, chegando-se, com as mãos nos bolsos, o ar decidido:

— Olhe, mana, para que havemos de estar aqui com coisas? A rapariga está gravida! É o que é!

A velha teve um estremeção; ia fallar talvez, mas veiu-lhe a tosse, e toda curvada, fortemente sacudida, cuspinhava, com ancias, as faces arroxeadas. O padre Amaro tinha-lhe aproximado a escarradeira, e quando ella serenou:

— E agora do que se trata, minha senhora, é que a mãe não saiba!

— E contámos consigo, mana. Aqui está! Ora assim sempre a gente se entende melhor.

Mas a velha tinha deixado o chale descruzar-se, e com as mãos sêccas sobre os joelhos, um pouco inclinada:

— Commigo? perguntou toda irritada, ficando a oscillar a cabeça, com a boca entre-aberta.

— Comigo! disse o parochó. Ora escute.

A velha ia interromper, recusar, offender-se.

— Mas escute, senhora!

— Oíça, mana, oíça!

— A rapariga está n'aquelle estado. O que se não remedeia, remediado está. A senhora leva-a para a Cortegassa. A rapariga tem lá a criança...

A velha queria fallar. Estava cheia de movimentos, excitada, e á pelle livida e engilhada viera-lhe uma vermelhidão.

— Mas oíça, tenha paciencia, dizia o parochó. Eu sei em segredo de confissão quem é o pae... percebe?

— Isso não faço eu! isso não faço eu! exclamou ella por fim elevando a voz, arquejando, fatigada da impressão.

Amaro irritou-se.

— Não faz? Pois faz um grande peccado mortal! Um peccado, que não tem absolvição! Mette aquella alma no inferno, e mette a sua. Não encontra um padre, que lhe dê a absolvição!

— Nenhum! confirmou seccamente o conego.

A velha tinha-se feito roxa, tremia toda, arreparhando o chale com as mãos.

— Que me está a dizer, sr. parochó? — E mal podia continuar, com soluços seccos.

— Digo-lhe isto, tão serio como se estivesse no confissionario.

Amaro tinha ganho audacia, sangue frio, fallava alto á velha, e com auctoridade.

— Ora oíça, sabe o que faz? O homem que a seduziu é casado: descobre-se a coisa, a rapariga fica perdida, a auctoridade toma conta do caso: temos ahi processo, ella é capaz de se matar. Já fallou n'isso. E aqui é que está o perigo. É que a rapariga mata-se. Diga-me, quer isto sobre a consciencia? Em quanto que se a senhora leva a rapariga nada se sabe, fica tudo como estava.

— Valha-me Deus! disse com grande angustia a beata. Mas que hei de eu fazer?

— Estamos-lhe a dizer, mana. Leva a rapariga para a Cortegassa. A mãe vae para a Vieira. Não se vem a saber nada.

— Olhe, minha senhora, dizia o parochó com tom lugubre, lembre-se que já está de idade. Deus póde chamal-a de um momento para outro. Olhe que vae

em peccado mortal se recusa. Se a Amelia se mata, veja que remorso! A senhora tem o inferno em vida e em morte!

— Ande, mana, ande, que a morte vem quando menos se espera!

A velha estava atterrada. O chale caíra-lhe, a magreza das suas claviculas fazia saliencia no vestido; o pescoço engilhado estava á larga no collar do vestido; o peito sêcco e chato tinha um aspecto extinto; e as suas mãos inertes, tremulas, apanhavam vagamente em redor.

— E eu não pecco, sr. parochó? murmurava ella com uma voz lamentavel.

— Salva-se, minha senhora! Olhe que eu sentia uma voz de dentro que me dizia: — Falla á D. Josephá! falla á D. Josephá! — Tambem lhe digo: a não ser assim morre para ahí como um cão. Não serei eu que lhe dê os sacramentos!

— Ninguem lh'os dá! disse o conego.

E a velha, tomada de terror, consentiu em tudo.

Os dois padres saíram ao anoitecer. Esfregavam as mãos.

— Safu ás mil maravilhas, disse Amaro.

— É isto, meu caro amigo! É inferno para a frente e mais inferno! Consegue-se tudo!

— E agora, Padre-Mestre, é andar-me com a S. Joanneira.

E logo n'essa noite o conego, que tinha pressa de ir para a Vieira, fallou á S. Joanneira. Estavam em baixo no quarto, sós. Havia um candieiro de petroleo na mesinha de cabeceira. O conego começou a fallar á S. Joanneira da casa que alugára para ella, que era a do Ferreiro.

— Mas isso é um nicho! Então onde hei de eu metter a pequena e a criada?

— Ora aqui é que está! disse o conego. É que justamente a Amelia d'esta vez não vae a Vieira.

— Não vae? disse a S. Joanneira rindo.

E o conego então começou a dizer, que a irmã queria ir convalescer para a Cortegassa, que não havia de estar só, que queria levar a Amelia.

— Eu não posso ir, tenho de tomar os meus banhos, a senhora bem sabe. A pobre de Christo não ha de estar para alli só, com uma criada.

A S. Joanneira teve um pequeno silencio.

— Sim, isso é verdade; mas olhe, para lhe dizer com franqueza, custa-me bem deixar a pequena. Se pudesse dispensar os banhos, ia eu.

— Qual ia! A senhora vem para a Vieira. Eu não hei de estar lá só! — E passando-lhe a mão pela cara: — Sua ingrata! sua ingrata! — Mas tomando um tom serio: — A senhora veja bem. A Josepha está com os pés para a cova. Ella sabe, que o que eu tenho para mim chega. Ella tem affeição á pequena, sempre é madrinha; se a vir agora a tratá-la na doença, a estar alli só com ella uns mezes, fica pelo beijo. Olhe que a Cortegassa é d'ella, e ainda vale um par de mil cruzados. Ella não tem testamento feito; mas quer fazel-o, e a Amelia póde apanhar um bom dote. Não lhe digo mais nada.

E a S. Joanneira tinha annuido na esperança d'aquella fortuna.

E foi assim que d'ahi a dois dias a irmã do conego e Amelia foram n'um *char-à-bancs* alugado para a Cortegassa, na estrada de Santa Catharina. Em cima do carro iam dois bahus de lata. A velha ia dentro deitada sobre almofadãs. E Amelia ao abraçar a mãe tinha desatado a chorar.

— Adeus, sr. parcho, adeus, e muito obrigado.  
 — Adeus, minha senhora, adeus! Boa jornada, e  
 de noticias.  
 O carro partiu, nos solavancos, pela calçada. Vi-  
 nha nascendo o luar.

O padre Amaro sentiu-se triste. Ficava só em  
 Leiria. Eram dez horas da noite, e foi ao acaso pela  
 estrada dos Marteses.

Uma especie de nevoa luminosa dava uma grande  
 suavidade á paisagem. As fachadas das casas dis-  
 tantes, pelos campos, bandas da claridade do luar,  
 destacavam nas massas escuras da folhagem. Um si-  
 lencio doce, emolliente, envolvia os objectos. Foi áre  
 ao rio; a agua corria mansamente com um pedregão  
 marinho, batilhando contra a terra, todosa das mar-  
 gens. Encostou-se á ponte, olhou; uma claridade  
 de luar tremia sobre a agua, papilhava, semelhante  
 a um ledo de miligraa tãscante; e nos logares,

## LXXI

Logo na semana seguinte o conego foi para a  
 Vieira. D'ahi a dias partiu a S. Joanneira. Por  
 causa do calor foi de noite, n'um carro puxado a  
 bois, com toldo e um colção, onde ia sentada com  
 o gatto no collo. A Russa, toda enroscada, encos-  
 tada aos fueiros, tossia, embrulhada n'um cobertor.

O padre Amaro foi dizer-lhe adeus quando esta-  
 vam para partir. O carro da bagagem, com loiças,  
 enxergões e trem de cozinha, tinha ido adiante. A  
 S. Joanneira começou a chorar pela filha.

— Deixe estar que ella vae-lhe lá fazer uma vi-  
 sita, disse Amaro;

— Por força! Que eu, se me der na cabeça, ap-  
 pareço por ahi qualquer dia.

— Qual! Ella que vá lá, que é nova e póde com  
 a jornada.

Mas o carreiro impacientava-se:

— Adeus, sr. parcho. Muito obrigado. E olhe,  
 appareça lá pela Cortegassa, olhe pela rapariga.

— Vá descansada, minha senhora, deixe estar.

— Adeus, sr. parochó, adeus, e muito obrigada.

— Adeus, minha senhora, adeus! Boa jornada, e dê notícias.

O carro partiu, aos solavancos, pela calçada. Vinha nascendo o luar.

O padre Amaro sentiu-se triste. Ficava só em Leiria. Eram dez horas da noite, e foi ao acaso pela estrada dos Marrases.

Uma especie de nevoa luminosa dava uma grande suavidade á paizagem. As fachadas das casas distantes, pelos campos, batidas da claridade do luar, destacavam nas massas escuras da folhagem. Um silencio doce, emolliente, envolvia os objectos. Foi até ao rio; a agua corria mansamente com um pequeno marulho, batilhando contra a terra lodosa das margens. Encostou-se á ponte, olhou; uma claridade de luar tremia sobre a agua, palpitava, semelhante a um tecido de filigrana faiscante; e nos logares, onde as arvores se debruçavam, o rio tinha escuridões tenebrosas e geladas.

Mas aquelles aspectos entristeciam-n'ó. Voltou para a cidade, passou por casa da S. Joanneira. Estava escura, com as janellas fechadas, com um ar abandonado e morto. Tinham tirado as cortinas de cassa das janellas, e os vasos de alecrim tinham um ar lugubre, esquecidos aos cantos das varandas. As vezes Amelia vinha alli colher um raminho e punha-o no cinto. Tudo tinha acabado, talvez! Havia quasi um anno que viera para aquella casa, indifferente, socegado, feliz. E quantas amarguras agora! Era alli a janella do quarto d'ella, aquella outra era a da sala do jantar. Quantas vezes se tinham encostado áquelle peitoril, conversando socegradamente! Havia então n'um pequeno poial fóra da janella um craveiro; ella arrancava uma folhinha, cortava-a com os dentes e, cuspidno-a com a ponta da lingua, ficava a vél-a cair e voltear no ar! Tudo tinha acabado, de certo! E vinha-lhe uma tristeza vaga e

infinita como o mesmo luar! Sentia em si lagrimas e com a garganta tomada, presa por soluços, foi para casa devagar, lamentando a sua vida.

Durante a primeira semana não foi á Cortegassa. Mas que longos dias enfastiados e vasio! As obrigações ecclesiasticas pesavam-lhe, e a solidão tornava-o inquieto como um animal preso. Fôra uma tarde procurar o coadjutor, tinham passeiado; mas aquelle homem esguio e amarello, calado e respeitoso, dava-lhe uma especie de torpor enervante, quasi desejava maltratá-lo. Quiz ler para entreter aquelles dias, mas não tinha livros, ou os que tinha eram mysticos, e toda a piedade findára no seu espirito. Sentia-se vasio de Deus. Estava diante do altar como um actor sobre o palco. As vezes exaltándose, a resar ou a celebrar, queria pela compunção das attitudes, pelas palavras extaticamente ditas, pelo apparatus dos gestos religiosos, chamar ao seu peito o antigo fervor. Mas ficava indifferente, *sem conseguir sentir*. Por fim já não lia o *Breviario*, nem resava á noite.

Além d'isso tinha difficuldades de dinheiro; a congrua andava atrazada; Dyonisia era exigente; todas as semanas tinha necessidade de cinco ou seis co-roasinhas; aquelle segredo era para ella um rendimento permanente.

As vezes ia visitar Natario; o excellente padre estava ainda de cama, com o apparelho na perna — e logo á porta do quarto vinha um cheiro onde se sentia a aguardente camphorada, a arnica, e o suor de uma cama mal arejada. Por cima das cadeiras estavam pannos de linho, ligaduras; trapos enopavam dentro de malgas cheias de alcool; e alinhados em cima da commoda, entré velhos livros e santos

de pau, havia uma fileira de frascos, e de garrafas de pharmacia. Amaro sentava-se aos pés da cama; o soalho estava cheio de nodoas de escarros, e de pontas de cigarros — e Natario começava logo as suas lamentações; estava exasperado, chamava brutos aos medicos; a impaciencia da doença tornára-o mais avinagrado, mais bilioso. A saúde dos outros, sobre tudo dos seus amigos, irritava-o como uma offensa: cobria-os de epithetos.

— Que faz a besta do Brito? Que faz aquelle alarve do abbade?

E vinha então a longa historia dos remedios que lhe faziam, com vituperios ao doutor, e pragas sobre a inefficacia das drogas. Mas as sobrinhas entravam em bicos de pés, com gestos compungidos: eram duas raparigas miudas, amarelladas, insignificantes — e o seu grande desgosto era que Natario não deixasse vir a *benzedeira* para lhe pôr *virtude* na perna. Amaro saía d'alli enjoado — tendo cada vez uma anthipathia maior por elle, por ellas, e pela casa!

Muitas vezes vinha-lhe uma melancolia, uma vaga necessidade de estar triste, de ver logares tristes — ia ao cemitério. E aquelle silencio de pedras tumulares, de cruzes negras, de goivos immoveis, de cyprestes escuros — dava-lhe uma certa paz, como se o seu espirito entrasse n'um elemento amado. Lia os epitaphios, encostava-se á grade doirada do jazigo de familia do morgado Gouveia, e relia a conhecida ode, que lhe adorna a lapide:

Gaminhante, detem-te a contemplar

— Estes restos mortaes,

E se sentires a magua a trasbordar

Detem teus ais!

Que João Cabral da Silva Maldonado

Mendonça de Gouvêa,

Moço-fidalgo, bacharel formado,

Filho da illustre Cêa,

Ex-administrador d'este concelho,  
 Commendador de Christo,  
 Foi de virtudes singular espelho!  
 Caminhante, crê n'isto!

Depois Amaro passeiava entre os tumulos; lembrou-se de alguns, que elle mesmo aspergira de agua benta, e cobrira de orações funebres. Ter-lhe-hiam ellas aproveitado? Estariam as suas almas no ceu, como elle pedira a Deus, revestido, com o hyssope na mão, em quanto o esquife escorregava para a cova nas cordas que rangiam?

Encolhia os hombros. Era lá possivel que Deus o escutasse! Elle era o peor dos peccadores, o mais teimoso dos rebeldes! Qual seria o seu fim? O inferno? Mas existia elle, com a sua caldeira de pez, as suas chammassas vastas como um mar tormentoso? E voltava para casa, sempre mortificado, mais triste, considerando a sua vida perdida, mas sem força para a emendar! Emmagrecia, andava amarello. Todos na cidade o estranhavam. Demais, a sua casa andava desleixada e confusa. A criada, a irmã da Dyonisia, não tinha nem habilidade, nem arranjo; o jantar era mau; a roupa suja arrastava-se pelo quarto; não tinha lenços, e assoava-se ás piugas servidas! E havia quinze dias que não vira Amelia!

Não quizera ir á Cortegassa; o conego aconselhára-lhe, que nos primeiros tempos se abstinisse de a ver para evitar suspeitas, commentarios possiveis. A sua consolação era então encontrar o sineiro. O tio Esguelhas mostrava cada vez mais sympathia por Amelia. Amaro percebia bem, que o sineiro, que passava na Sé por *um finorio*, tinha descoberto aquelles amores. Amelia mesmo lhe tinha dito: — o tio Esguelhas percebeu tudo. — E Amaro sentia uma estima pelo velho; via n'elle quasi um confidente, um amigo discreto. Gostava da delicadeza com que elle lhe perguntava por Amelia;

— Então a menina vae melhorsinha? Coitadinha, mettida lá na quinta com a velha! Que estopada, hein!

Amaro ia ás vezes fallar com elle; depois de coisas indifferentes o sineiro tinha sempre alguma palavra sobre Amelia:— É muito bonita! ou: Tem uma carinha de anjo!—O parochio ria, sentia-se feliz com aquellas admirações ingenuas.

Mas um dia Dyonisia appareceu-lhe ao jantar. Ella morava ao pé, e a todo o momento ia a casa d'elle.

— Grande novidade, disse ella. Está cá o João Eduardo!

— Então?

— Já hoje o vi. E hoje é que soube tudo.

— E d'ahi?

— O rapaz tinha ido primeiro para Ourem.

— Ah!

— Depois appareceu por ahi, e o dr. Godinho para se ver livre d'elle. . . O sr. parochio não sabia?

— Mas o quê, mulher de Deus? Acabe!

— Ah! eu cuidei que sabia. Para se ver livre d'elle pagou-lhe a passagem para Lisboa, e recommendou-o para lá. O rapaz esteve empregado n'um cartorio. Depois lá em Lisboa, não sei como nem como não, encontrou-se com o Morgadinho, e pelos modos parece que se arranjou.

— Que se arranjou como?

— Parece que vae para mestre dos filhos do Morgadinho.

— Mas qual Morgadinho?

— O Morgadinho de Poyaes. E para ir para casa do Morgadinho tem de passar lá pela Córtegressa. O rapaz agora é capaz de dar lá com a Ameliasinha, e passar alli todos os dias.

— Então elle não vae viver para casa do Morgadinho, como mestre dos pequenos?

— Parece que não. Vae pela manhã, janta lá, e

recolhe pela noite. Eu fiquei *banzada* com estas noticias todas. Agora o que póde estar certo é que elle, mais dia menos dia, dá pela Ameliasinha na Cortegassa. E ella então que está quasi todas as tardes á janella!

N'essa mesma tarde, depois de jantar, Amaro vestiu-se, e foi á Cortegassa.

## XIII

A Cortegassa era uma casa com quinta, pomar, e oliveas, situada á beira de um pequeno estanho, tendo a sua fachada amarelhada, de um só andar, com varandas de ferro e um braço de pedra enegrecido; destacava-se o comprido terraço, ao lado, com vasos collocados a espaços onde se enfiavam cactos, tinha um aspecto antigo de habitação morgada. Um antigo corregedor de Pombal tinha comprado aquella vivenda a um bidalgo arruinado, notavel raiziro da corte de Maria I, era padrinho da irmã do conego, não tinha filhos, e deixara-lha por morte, com outras propriedades. A irmã do conego tinha grande orgulho n'aquella quinta, que era a coisa excellente da sua vida, e o seu grande cuidado.

O aspecto interior era melancolico. As salas, grandes, de altos tectos, de castanho escuro, frias, com echo sonoro, estavam apenas mobiladas ao longo das paredes com bancos compridos, cujo assento se abria como uma tampa, e que tinham ainda nos espaldares a traço de botado e lascado dos braços pintados. Havia apenas tres quartos pobremente mobilados á moderna, com leitos de ferro, e cadeiras de

recolhe pela noite. Eu fiquei bastante com estas notícias todas. Agora ou que pôde estar certo, é que elle, mais dia menos dia, da pela Ameliasinha na Cortegassa. Elle ella então que está duasa todas as tardes de jantares e de jantar. Amara ves-  
 Nessa mesma tarde, depois de jantar, Amara ves-  
 tin-se, e foi a Cortegassa. O — foi um de jantar  
 carinha de jantar. O — foi um de jantar  
 aquellas admirações ingenuas.

Mas um dia Dionisio appareceu-lhe ao jantar. Ella morava ao pé, e a todo o momento ia a casa d'elle.

— Grande novidade, disse ella. Está lá o João Eduardo?

— Então?

— Já hoje o viu. E hoje é que soube tudo.

— E dahi?

— O rapaz tinha ido primeiro para Ourense.

— Ah!

— Depois appareceu nos olhos de dr. Godinho para se ser livre d'elle. O sr. parcho não sabia?

— Mas o quê, mulher de Deus! Acabei!

— Ah! éo cordeiro que sabia. Para se ver livre d'elle pagou-lhe a passagem para Lisboa, e recom-  
 mendou-o para lá. O rapaz esteve empregado n'um  
 cartório. Depois lá em Lisboa, não sei como nem  
 como não, encontrou-se com o Morgadinho, e pelos  
 modos parece que se arranjou.

— Que se arranjou como?

— Parece que vai para mestre dos filhos do Morgadinho.

— Mas qual Morgadinho?

— O Morgadinho de Poyares. E para ir para casa do Morgadinho tem de passar lá pela Cortegassa. O rapaz agora é capaz de dar lá com a Ameliasinha, e passar alli todos os dias.

— Então elle não vai viver para casa do Morgadinho, como mestre dos pequenos?

— Parece que não. Vai pela manhã, junta lá, e

passados minutos. Logo desde os primeiros dias, em que para alli victa, Amélia caiu n'uma trizta enervada. A vida ao principio sentiu-se insperada; mas depois, subitamente, recarta e scarpie na cama, com uma tosse aspera e secca, um terror agudo da morte, e uma perpetua nimburação de resas, tornava aquellas dias mais monotonos, e de uma desolacão pesada.

**XXIII**  
A Cortegassa era uma casa com quinta, pomar, e oliveas, situada á beira de um pequeno caminho, onde a sua fachada amarellada, de um só andar, com varandas de ferro e um braço de pedra ennegrecido, destacava soberbamente. O comprido terraço, ao lado, com vasos collocados a espaços onde se erriçavam cactos, tinha um aspecto antigo de habitação morgada. Um antigo corregedor de Pombal tinha comprado aquella vivenda a um fidalgo arruinado, notavel toireiro da côrte de Maria I; era padrinho da irmã do cônego, não tinha filhos, e deixára-lh'a por morte, com outras propriedades. A irmã do conego tinha grande orgulho n'aquella quinta, que era a coisa excellente da sua vida, e o seu grande cuidado.

O aspecto interior era melancolico. As salas, grandes, de altos tectos de castanho escuro, frias, com echo sonoro, estavam apenas mobiladas ao longo das paredes com bancos compridos, cujo assento se abria como uma tampa, e que tinham ainda nos espaldares o vestigio desbotado e lascado dos braços pintados. Havia apenas tres quartos pobremente mobilados á moderna, com leitos de ferro, e cadeiras de

palhinha. A quinta andava arrendada, e os caseiros faziam d'aquellas vastas salas, onde outr'ora se tinham dado festas no gosto requintado e lugubre do tempo de D. Maria I, celleiros provisórios. Estavam amontoados aos cantos saccos de milho e de cevada; e, estendido n'uma camada delgada, o feijão secava nos soalhos, onde tinham deslizado hirtos e compassados minuetes.

Logo desde os primeiros dias, em que para alli viera, Amelia caiu n'uma tristeza enervada. A velha ao principio sentira allivios inesperados; mas depois, subitamente, recaíra e, sempre na cama, com uma tosse aspera e sêcca, um terror agudo da morte, e uma perpetua murmuração de resas, tornava aquellos dias mais monotonos, e de uma desolação pesada.

Amelia sentia-se irremediavelmente infeliz. Aquella vasta casa solitaria dava uma decoração funebre aos seus pensamentos. Qualquer ruido tinha um echo cavo e demorado, e Amelia estremecia pensando em defuntos, fogueiras de bruxas e aves agoireiras, que annunciam a morte. Estava cheia de presentimentos e de superstições. Além d'isso, a irmã do conego, gemendo no seu leito, quasi no fim da vida, instinctivamente chamava-lhe a idéa para as coisas da morte, e para os destinos da alma. Porque podia morrer de parto! e quem sabe se estaria em peccado mortal! A sua paixão por Amaro tinha agora largos espaços pacíficos, cheios de reflexão, e a verdade apparecia-lhe nitida, inilludível, atroz! Ella, solteira, afastára o noivo, o marido, a situação legitima; entregára-se a um homem, a um padre! E, apesar das subtilezas amorosas e das attenuações devotas, o facto permanecia por si culpado, sensual, digno do inferno!

N'aquelle primeiro dia, em que Amaro veiu á Cortegassa, ella conservou-se reservada e um pouco fria. Era no quarto da velha.

— Está doente? tinha elle dito com intenção.

— Um pouco, respondeu Amelia baixando os olhos.

E á saída Amaro tinha-lhe dito:

— Parece que até te custa olhar para mim!

— E de que me serve olhar para si?

Tinham-se fitado ambos, calados, contendo-se, escondendo os seus pensamentos.

— Bem! como queira! disse elle seccamente. Em todo o caso, o que lhe quero dizer é que ha uma pessoa, que passa agora por aqui todos os dias, e seria bom que não dêsse por si aqui na quinta.

— Ai! infelizmente já me viu, disse Amelia.

— Quem? o João Eduardo já te viu?

E a voz de Amaro tinha uma grande colera.

— Viu-me já duas vezes á janella.

— Esse maldito costume de estar á janella! Para que vaes tu á janella?

Ella tomou-lhe a mão:

— E por que não tens tu vindo? para que me tens deixado aqui só com essa velha? Eu morro aqui de tristeza. Vem-me ver, pelo amor de Deus! Não me deixes só! Peço-te!

E as suas supplicas foram tão lamentosas, tão angustiadas, que Amaro prometeu voltar regularmente duas vezes por semana.

A vida de Amelia, com effeito, era quasi lugubre. Chegára o fim de setembro; algumas arvores começavam a perder a folha; já anoitecia cedo, e toda a natureza, sobre tudo ao fim da tarde, tinha já uma tristeza outonal.

Amelia levantava-se cedo. O seu quarto, nas trazeiras, dava para um pateo onde havia o curral, e Amelia, penteando-se, sentia em baixo o grunhir dos porcos. Depois, só, na grande sala do jantar, de frente da sua chavena de café com leite, vinham-lhe tristezas e recordações. Aquella hora costumava ella almoçar com a mãe, quando vivia na rua da Misericordia, feliz e contente; o sol entrava, e alegrava a

pequena sala. Às vezes ia tocar um momento ao piano em quanto a mãe fazia a sopa ao gato. Que faria ella na Vieira, a pobre mãe? O que fariam os outros, os conhecidos, os amigos da casa? — Depois toda a manhã passava ao pé de Josepha. A velha fallava-lhe pouco, com uma certa frieza hostil; considerava peccado, e uma falta de caridade alludir ás suas infelicidades, mas não lhe podia perdoar o ter ella amado, e vivido nos braços de um homem; — e então vingava-se apenas em a não tratar por tu, e dizia-lhe sempre seccamente: *a menina*.

As vezes Amelia tinha dias doentes, com ancias, irritações nervosas, appetites vagos; ficava deitada toda a manhã, só, no seu quarto. Aquella solidão fazia-a soffrer. — Todos a abandonavam, pensava; até Amaro, que estava tres, quatro dias sem a ir ver. Então accusava-o, vinham-lhe a espaços contra elle odios agudos, que terminavam por grandes prantos; as lagrimas faziam-lhe bem, alliviavam-n'a, traziam-lhe uma somnolencia, e o esquecimento de algumas horas.

Só o tio Esguelhas a viera ver um dia: tinha passado por alli, disse, tinha entrado para ver como a menina ia... e ficára todo embaraçado, batendo com a pala do bonet contra a muleta. Achava-a mais *acabadinha*.

Amelia perguntou-lhe se tinha visto o padre Natario, o padre Silverio — e, córando:

— E o sr. padre Amaro?

— Lá vae andando, disse o sineiro. — E fallando baixo, todo curvado para ella: — Coitado! tambem não é muito mais feliz!

Amelia não respondeu.

O tio Esguelhas saíu, com grandes cumprimentos e offerecimentos: — se quizesse algum recadinho, alguma encommenda...

Depois do jantar o seu tedio crescia; não ia á quinta para não encontrar os trabalhadores, e os ren-

deiros, porque já não podia occultar o seu estado. Punha-se a passeiar pelas largas salas, ou ficava tempos infinitos encostada ás vidraças, olhando vagamente.

Por baixo, rente do terraço, era o caminho dos Poyaes de Santa Catharina. Havia do outro lado uns silvados; e para além eram terrenos, campos, oliveas, elevações accidentadas, diversos tons de verduras, uma paisagem pallida, e esteril; e no fundo a perpetua immobildade do ceu mudo. As vezes destacavam na pallidez do poente pittorescas decorações de nuvens. Amelia ficava a olhar; e aquelles ceus, que não comprehendia nem a impressionavam, davam-lhe, todavia, uma sensibilidade, e movimentos de imaginação. Pensava em outros destinos que poderia ter tido! — Estaria talvez casada! Riria, seria feliz! Teria um pequerrucho vermelho, gatinhando, e babando-se! — Mas então a voz de Thereza, a velha criada de D. Josepha, chamava-a. Era a irmã do conego, que se queria voltar, e era necessario ajudal-a, ou eram as horas do remedio.

E d'ahi a pouco no quarto da velha começava a escurecer. A velha Thereza e Amelia começavam então a resar o terço, baixo, murmurando na penumbra. Depois ficavam n'um grande silencio; um sino de uma capella proxima tocava a Ave-Marias... Amelia sentia-se triste até ás lagrimas; o quarto estava já escuro, e no negro silencio ouvia-se apenas o arquejar da velha. Amelia ia encostar-se á janella; havia tambem já escuridão nos campos; no horisonte ainda se viam claridades de um doirado pallido, mas no alto já algumas estrellas appareciam. No caminho passavam grupos de jornaleiros á volta do trabalho, e as mulheres em rancho iam cantando e rindo. — E o seu pensamento corria para a Vieira, para a mãe. Aquella hora de certo, como era costume, ella recolhia do passeio da praia; os barcos voltavam da pesca; ainda algumas redes se estavam tirando cheias

de sardinha; as senhoras dirigiam-se aos *palheiros*, rindo, em grupo; a espuma fazia grandes riscos brancos na areia. E ella alli só! Que tristeza a da sua vida!

Não podia costurar nem ler: tudo a enfasiava, e qualquer occupação lhe dava uma fadiga immensa. Ao principio esperava com anciedade as visitas de Amaro; mas, desde os primeiros dias que elle veiu, aquelles encontros diante de D. Josepha em lugar de a consolar enfasiavam-n'a. O parochio vinha quasi sempre ao fim da tarde, e ficava no quarto de D. Josepha. Accendiam cedo o candieiro de latão, pondo diante uma velha chappelleira para dar sombra ao rosto da doente; ella, deitada, fallava pouco; a sua pallidez fundia-se vagamente na penumbra com os travesseiros, e o lenço branco amarrado na cabeça, — e as suas mãos fóra da roupa raspavam devagarinho, com as unhas crescidas, o linho dos lenços. A velha Thereza fiava na sua roca aninhada a um canto, cabeceando sempre de somno. E no silencio o pendulo de um velho relógio batia monotonamente. Fallavam pouco, pesadamente, em voz baixa; depois os longos, pesados silencios alargavam-se, e Amelia de vez em quando suspirava. Até que Amaro sentia-se invadido por um tedio inexcedivel, erguia-se; Amelia ia acompanhal-o até á porta. As vezes alli davam um beijo rapido, assustado.

No entanto D. Josepha sentira-se peor, e fóra necessario chamar o dr. Gouveia. Nos dias em que elle vinha Amelia fechava-se no seu quarto, escondia-se. O dr. Gouveia conhecia-a de pequena, era o medico da S. Joanneira, e Amelia tremia com a idéa de ver a sua vergonha descoberta por aquelle velho cirurgião jovial, de olhar tão penetrante, de maneiras tão bruscas — de quem se gabava a sciencia e a bondade — mas que lhe parecia a ella terrivel, com o seu grande casacão pardo, e o seu chapéu de feltro branco. Um dia, porém, que ella ia a sair

para o terraço, tendo apenas vestido um chambre branco, o dr. Gouveia vinha entrando. Amelia estacou ao vê-lo, esteve um momento immovel, fez-se escarlate, e de repente, voltando-lhe as costas, atravessou o salão a correr, e foi fechar-se no quarto, afflicta, desorientada, tremula como uma folha sacudida do vento. Mas d'ahi a pouco bateram á porta do quarto; ella abriu aterrada, e o dr. Gouveia entrou com o seu enorme chapéu sobre os olhos, a bengala de castão de oiro debaixo do braço. Ficou calado, fitando-a, carregando o sobrolho, e passando vagarosamente a mão pelo queixo.

— Deixa ver a lingua. Mais. Deita para fóra, rapariga!

E examinava-a, fazia-lhe certas perguntas, apalpou-a e, depois de ter tossido fortemente:

— Eu bem tinha dito a tua mãe, que te casasse!

Amelia tinha os olhos rasos de lagrimas, tremiam-lhe os beiços.

— Bem, bem, pequena! Não te quero mal por isso! Estás na verdade. A natureza manda conceber, não manda casar. O casamento é uma fórmula administrativa.

E como Amelia olhava para elle sem comprehender bem:

— Sim, como amigo da tua mãe, posso até certo ponto concordar em que déste um tombo exquisito, mas como naturalista acho que te tornaste util, e regosijo-me. Vamos ao que importa.

E começou, com um modo todo paternal, a dar-lhe conselhos sobre a maneira de andar, de se deitar, de se lavar...

— E quando chegar a occasião, se te vires atrapalhada, manda-me chamar.

E como Amelia ia a dizer n'um tom supplicante:

— Mas não, o senhor doutor não diz nada...

Gouveia parou, com a mão no ferrolho do quarto:

— Tu és estúpida! Tambem t'ò perdôo. Está na

logica do teu temperamento de pessoa cubiçosa. Far-me-has, todavia, o favor de me não suppores linguareiro como os padres, e as beatas das tuas relações. Adeusinho, e appetite!

E o dr. Gouveia saiu carregando mais sobre os olhos as vastas abas do seu chapéu.

Desde então Amelia ganhou uma certa serenidade. As palavras do doutor, que não comprehendêra bem — mas em que sentira uma vaga justificação, e sobre tudo uma grande bondade, tinham-a reconfortado. Vinha-lhe uma esperança: tudo acabaria bem talvez; ella teria o filho, e livre d'aquella complicação poderia recommençar a vida com mais cuidado, mais prudencia, tendo tirado d'aquelle desastre uma experiencia suprema.

E foi então que, á maneira que se aproximava o termo da gravidez, lhe voltaram certos movimentos de temperamento. Quando Amaro vinha fazer a sua visita fria e distrahida, ella olhava-o fixamente como outr'ora. Quando elle não vinha, chorava-o. Que faria elle áquellas horas? Estava na cidade, só! E via-o no isolamento do seu quarto, entregue aos suspiros da dor, e ás amarguras da separação! Lembrava as horas da casa do sineiro, e essas recordações abraçavam-n'a.

Voltaram então aquellas suas horas de out'rorra, em que um fogo interior lhe corria no sangue. Aquelle delirio tomava-a sobre tudo á hora da sesta, quando só, no seu quarto, enfasiada, e desoccupada, se estendia na cama a olhar para o tecto. A sua imaginação enchia-se das vivas imagens do amor physico. Subia-lhe interiormente da profundidade do seu ser uma baforada quente, pesada, como o vapor de um forno, que lhe enchia a cabeça, e que lhe fazia bater as fontes. Abafava, alargava o vestido, e espreguiçava-se com uma força tal, uma tal tensão de musculos, que lhe sobrevinham fadigas como de uma pessoa que sae das explosões de uma colera.

Um dia, quando Amaro ia a sair, ella foi acompanhá-lo até á porta; e ahí, poisando a luz n'um banco, lançou-lhe os braços ao pescoço com força, e olhando-o deu-lhe um beijo, outro, outro, devagar, ruminando o seu goso; e o padre sentia-a enfraquecer, e dobrar-se-lhe nos braços. Apertou-a contra o peito, perguntou-lhe:

— A porta do pomar não tem uma chave?

— Tem, disse Amelia comprehendendo.

— Arranja-m'a. Cá mando a Dyonisia.

Logo ao outro dia a Dyonisia appareceu na quinta, e fallou só com Amelia. Ella deu-lhe a chave, e combinaram.

O pomar tinha uma portinha verde no muro, que abria sobre o caminho; uma escada de pedra conduzia do pomar ao alto do terraço. Logo n'essa noite Amelia, depois de se ter recolhido ao quarto, preparou-se para esperar Amaro. Deram onze horas, e ella tirou as botinas, e, em meias e saias brancas, saíu do quarto, atravessou a sala proxima, abriu a porta envidraçada, que dava para o terraço, e mostrou, na escuridão da noite, a claridade da luz. D'ahi a momentos o padre Amaro appareceu no terraço, e entrou. Ella tinha os braços nus, a luz na mão; a sua pelle branca, e firme, tinha um rubor ardente, os olhos reluziam-lhe; e logo alli se abraçaram phreneticamente, com beijos rapidos, que se devoravam!

E assim começaram a ver-se duas, tres noites por semana. Era como o encanto de uma paixão nova. N'esses dias Amelia estava exaltada, nervosa, doente. Recolhia-se ás nove horas, e deitava-se meia vestida dentro da roupa. As dez levantava-se devagarinho, ia ver se a velha dormia ao outro extremo da casa, e se a Thereza já se recolhêra tambem. Vinha para o seu quarto; mas só, n'aquelle isolamento nocturno, tinha medo, estremecia, accendia duas luzes para se dar animo; passeiava no quarto, descalçava-se para não fazer ruido. As horas pare-

ciam-lhe infinitas; queria resar, ler uns livros que trouxera, mas não podia distrahir-se. Começava a palpitar com as esperanças da entrevista. Olhava-se ao espelho, e via no fundo a sua physionomia viva, expressiva, radiosa e pittoresca. Ia então fazer os ultimos arranjos: compor o travesseiro, arrumar uma cadeira, esconder uma saia enxovalhada.

Dava em fim meia-noite. Ella abria a porta, fazia um signal da cruz, saía com o pé direito e, invocando machinalmente os santos, ia abrir a porta do terraço. Amaro chegava esfregando as mãos: era no começo de outubro; já havia frio de noite.

— Por que não trazes luvas? dizia ella retrahindo se ao contacto d'aquellas mãos frias.

Mas elle punha-se a esfregal-as rapidamente.

— Deixa ver agora, dizia ella.

E com a voz de mimo, arrulhando, com risinhos de voluptuosidade:

— Ah! já estão tão quentes! Abraça-me agora! Mais forte!

E eram infinitas perguntas, ciumes, pieguices e todos os impetos da paixão.

— Já deve ser tarde, dizia por fim Amaro.

E entre-abria a janella. Um vago ar da madrugada clareava a noite.

— Vou-me! é tarde.

— Não, não, espera!

Amaro levantava-se para partir. Amelia em saia branca, com um saiote de baeta pelos hombros, os braços cruzados, tremia de frio.

— Vem amanhã, dizia ella, vem! Estou tão aborrecida!

Acompanhava-o encolhida, tiritando, e em quanto o padre se agasalhava na capa, ella com a mão em frente da luz por causa do vento abria devagarinho a porta envidraçada do terraço. Um ar frio e cortante entrava. E ás vezes ainda alli o demorava com beijos, juramentos, ternuras, promessas, toda

uma impaciencia de amor mal acalmada. Até que Amaro embrulhando-se no seu capote:

— Oh! filha, estamos aqui a apanhar alguma. Adeus!

— Espera. Não. Escuta.

Mas Amaro saía, e ella ficava olhando o vulto escuro, que desapparecia pelos degraus da escada para as sombras do pomar. E só quando sentia fechar a portinha verde do muro é que voltava correndo a fechar-se no seu quarto, aninhar-se na cama ainda tepida de amor.

XXIII

Uma noite o padre Amaro tinha concentrado Amelia dormida, e deitou-a pouco depois da meia-noite. Mas, apenas tinha fechado a portinha verde do pomar, e dado alguns passos, sentiu que alguma coisa se pozera a caminhar, e a seguir-o. Amaro trazia uma capa curta, e um largo chapeo desabado; não era facil ser reconhecido, mas para o tívise visto sempre na severidade de seu resguardo ecclesiastico. Ficou muito assustado, e apressou o passo largamente. O vento atraz apressou-se tambem. Amaro não se queria voltar, e entrou rapidamente na estrada dos Marrases. A noite estava escura, com um tempinho vento cortante, e o padre, todo embotado, levou atraz no macadame a pieda perseguido por alguma coisa. Quem quer que fosse veio a sair da Capela, de casa de Amelia; e era necessario escapar-se junto ao cemiterio semon ligeiramente pelo atalho a direita, e dirigir-se ao convento de S. Francisco. O edificio estava senchroto, e apenas na escuridão da noite a lampada da porta palpitava acuradamente, e de vez em quando a sentinella reluzia de repente. Os passos apressados de Amaro saliu um pequeno muro de ante-alto, e...

uma simplicitade de amorosa escultura. Não que  
 Amaro compreendendo-se nos seus capotões, serviu  
 — Oh! filha, satanas não se aguarde alguma  
 Adeslmonozid... a obra de um e o outro, os  
 — Espera Não. Escuta-me e volta, Amaro  
 Mas Amaro não, e elle ficou olhando o vulto de  
 curo, que desaparece pelos degraus da escada para  
 as sombras do portão. E só quando se sentia fechar a  
 portinha verde do muro é que voltava correndo a  
 fechar-se no seu quarto, aninhado na cama ainda  
 repida de amor, ouvindo a voz de Amaro, e  
 como se oir a voz já dentro do coração.

— Por que não trazias lavas? dizia elle retinindo  
 as mãos ás lavas de aquelles mãos frias.

— Mas elle pedia-se a se-lavagá-las rapidamente.

— Deita. Ver agora, dizia ella.

— E como a voz de mimo, arrulhando, com rimbos  
 de voluptuosidade:

— Ah! já estás tão quente! Abre-a-me agora!  
 Mais forte!

— E como infuuzas perigosas, ciúdas, pieguices é to-  
 das os imperos de...

— Já deve ser tarde, dizia por fim Amaro.

— E entrem-abria a janella. Um vago ar da madrugada  
 clareava a noite.

— Vou-me! é tarde.

— Não, não, espera!

— Amaro levantava-se para partir. Amélia em sua  
 branca, com um saio de bufia pelos hombros, os  
 braços cruzados, tremia de frio.

— Veni, veni, dizia ella, veni! Estou tão abor-  
 recida!

— A Amélia encalhada, trilhando, e em quanto  
 o padre se deslha na capa, ella com a mão em  
 frente do rosto por causa do vento abria devagar  
 a porta encobrida de terra. Um ar frio e  
 cortante entrava. E ás vezes ainda ali a desmor-  
 nada, os juramentos, ternuras, promessas, toda

Uma noite o padre Amaro tinha encontrado Amelia doente, e deixou-a pouco depois da meia-noite. Mas, apenas tinha fechado a portinha verde do pomar, e dado alguns passos, sentiu que alguém atraz se pozera a caminhar, e a seguil-o. Amaro trazia uma capa curta, e um largo chapéu desabado; não era facil ser reconhecido por quem o tivesse visto sempre na severidade do seu vestuario ecclesiastico. Ficou todo assustado, e apressou o passo largamente. O vulto atraz apressou-se tambem. Amaro não se queria voltar, e entrou rapidamente na estrada dos Marrases. A noite estava escura, com um pequeno vento cortante, e o padre, todo embuçado, sentia atraz no macadam aquella perseguição persistente. Quem quer que fosse vira-o sair da Cortegassa, de casa de Amelia; e era necessario escapar-se! Junto ao cemiterio tomou ligeiramente pelo atalho á direita, e dirigiu-se ao convento de S. Francisco. O edificio estava tenebroso, e apenas na espessura da noite a lampada da porta palpitava soturnamente, e ás vezes ao passar junto d'ella a baioneta da sentinella reluzia de repente. Os passos seguiam-n'o! Amaro saltou um pequeno muro demantelado e foi-

se apressando para a alameda á beira do rio; a agua estava toda negra, a folhagem dos sobreiros ramalhava tristemente. Havia uma escuridão espessa, e houve um momento em que Amaro não sentiu os passos que o seguiam. Julgou-se então livre, salvo, e começou quasi a correr; mas ao chegar ao pé da ponte, na calçada, as passadas sonoras atraz recommçaram! Atravessou o largo, e pelas viellas entrou na rua do Correio. As casas dormiam, apagadas; ás vezes um gato passava esgueirando-se rente das portas. Amaro palpitava, offegava, e por uma rua estreita, suja, ladeada por um muro de quintal sobre o qual se baloiçavam folhagens, entrou no Terreiro. O outro seguia-o implacavelmente. Amaro atirou-se para a rua direita, e pela viella do Rosario entrou na Praça. Estava inteiramente estonteado.

Não podia durante toda a noite errar pelas ruas miseravelmente fugido! Lembrou-se voltar, estacar, luctar com o homem. Mas poderiam acudir, reconhecer-o. Nenhuma porta estava aberta. Entrar em casa era revelar-se, gritar alto o seu nome! Desvairado, suando, arfando, metteu-se pela rua da Misericordia, e pela rua proxima entrou no largo da Sé; a igreja destacava na grande sombra da noite. E ia voltar para o largo do Trigo, mas tropeçou, quasi caíu n'um corpo de homem, que estava estirado a uma esquina, resonando fortemente, e fallando n'um somno bebado. E o outro atraz seguia-o! Teve então de repente uma idéa, que lhe estalou no cerebro. O sineiro, o tio Esguelhas, ás vezes passava a noite na taverna, não entrava em casa, e deixava a porta aberta. Se n'aquella noite elle estivesse resonando sobre o banco d'alguma tasca pelas viellas do quartel? Voltou rapidamente, subiu a correr a escadaria da Sé; e sentia atraz os passos inimigos subirem tambem, correndo! Deu volta á igreja, cosendo-se com a muralha e, quasi sem folego, chegou diante da porta do tio Esguelhas. Empurrou-a com uma sofregui-

dão de afogado: estava aberta! Atirou-se para dentro, fechou-a e ficou na escuridão da saleta, tremendo, e sentindo fóra vagos passos rondarem. Lembrou-se então, que á porta havia um candieiro; subiu ao quarto do sineiro, tropeçando, encostando-se ás paredes. A janella do quarto estava escancarada, e Amaro de dentro espreitou. Fóra, o vulto olhava para a casa, olhava em redor, espreitava, recuava, voltava; tinha-se desembuçado de um chale-manta; houve uma occasião em que passou sob a luz do candieiro, e Amaro, aterrado, reconheceu João Eduardo.

Quando o parochio, depois de se ter certificado, que em redor da Sé tudo estava solitario, recolheu para casa, era quasi dia claro.

Era, com effeito, João Eduardo. Estava em Leiria havia tres semanas. Desde o caso do cemiterio a sua historia era simples e triste: despedido do cartorio do tabellião Nunes, impossibilitado de alcançar o emprego do governo civil, sem pão, e sem esperança, vendêra a sua pouca mobilia, e fôra para Ourem. Tinha alli um primo boticario que o acolheu por um *seja muito bem apparecido!* escutou a sua historia rolando pilulas sobre uma lamina de marmore, approvou silenciosamente o seu artigo contra os padres «essas corujas!», offereceu-lhe uma enxerga n'um cubiculo debaixo da escada, affirmou-lhe que em Ourem era mais facil achar um diamante na rua do que um emprego de seis vintens por dia, e aconselhou-o a que fosse comer sempre a casa da Maria Esquerda, ao pé da Capella, á direita, que era a estalagem «mais em conta».

João Eduardo voltou a Leiria, e foi contar a sua miseria ao dr. Godinho. O dr. Godinho tinha-se reconciliado com a gente da Misericordia, e não

podia receber no seu escriptorio um homem, «que tinha sido uma espada desembainhada contra o cle-ro»; mas para se desembaraçar d'aquella desgraça importuna — pagou-lhe a jornada para Lisboa, e re-commendou-o a um amigo seu, tabellião na rua da Prata.

João Eduardo esteve escrevente n'aquelle cartorio durante alguns mezes. Tinha alugado uma agua-furtada na rua dos Bacalhoeiros, comia na taverna do Isca por um ajuste ao mez, e á noite errava pelas ruas, batendo o macadam com as suas solas rotas, as mãos nos bolsos, a idéa em Amelia, cheio de um vago odio contra a cidade, as lojas dos ourives, o rodar dos *couvés*, e o perystillo dos theatros.

O Morgadinho dos Poyaes, que procurava um mestre para dois filhos pequenos, tinha-o encontrado em casa do tabellião. Conhecia-o um pouco de Leiria do cartorio do Nunes. Tinha mesmo ouvido vagamente a historia do artigo da *Voz do Districto*, e o escandalo do cemiterio. O morgado, excellenté homem, tinha apenas dois odios — os padres, e os francezes. O tabellião da rua da Prata affiançou-lhe João Eduardo como um rapaz esperto, honrado, pontual, e «mettido comsigo». O morgado acceitou-o, e trouxe-o para Leiria.

Logo ao quarto ou quinto dia quando João Eduardo, vindo da quinta do morgado, passou pela Cortegassa, viu Amelia á janella. Ella retirára-se de um salto, fechára a vidraça — e João Eduardo ficou na estrada, immovel, com o coração aos pulos. E desde aquelle dia todo o interesse da sua vida concentrou-se n'aquelles dois momentos, pela manhã e á noite — em que passava pela Cortegassa; logo ao avistar, á volta da estrada, o terraço da casa, os vasos com cactos, começava a arrastar o passo, accendia vagarosamente o cigarro, ficava a olhar as varandas de ferro, o braço de armas ennegrecido, as andorinhas gritando á beira do telhado, a porta

de castanho com a sua enorme aldrava, e ia devagar, ao comprido do muro, com dificuldade, com fadiga — como se aquella velha casa amarellada o magnetisasse, o attrahisse, o quizesse absorver — e todo o seu ser tremia, agitava-se sob aquella influencia, como um barco, que a custo atravessa uma corrente.

Fôra assim que, voltando uma noite tarde de casa do morgado, se demorára sem rasão ao pé do muro, víra uma vaga luz tremula apparecer á porta do terraço, sentíra a portinha verde do pomar ranger timidamente, e com custo, víra aquelle vulto sair da escuridão do muro e, com passos abafados, entrar na estrada... Quem poderia ser? O amante de Amelia. Aquelle homem saía da sua alcova, do ardor dos seus beijos. Fôra por elle que Amelia o desprezára, o atirára de si como um chale velho. Quem seria elle? O padre Amaro. Era o padre Amaro de certo! Todavía não o reconhecêra bem; a noite estava escura; aquelle homem parecia-lhe mais alto, mais grosso, que o parochó; mas era de certo a escuridão diffusa, que augmenta e engrossa os vultos. Depois aquella fuga afflicta e miseravel, a desapparição n'um recanto da Sé, ao pé do casebre do sineiro... Era de certo o padre Amaro! E desde aquella noite não tivera outra idéa, outro interesse senão vigiar os arredores da Cortegassa, surprehender o vulto outra vez alta noite, segui-o, desembucal-o, ver-lhe o rosto, a figura, saciar-se da dolorosa certeza! Desesperava-se por não ter tido mais decisão; em lugar de o seguir inertemente, com as precauções de um ladrão assustado, deveria tel-o alcançado, arrancar-lhe a capa, arrastal-o para o pé do candieiro, amotinar as ruas. Ah! como sempre fôra tímido, irresoluto, acanhado... Mas se o surprehendesse outra vez! Como correria para elle! Como o faria parar! Tinha mesmo pensado em comprar uma pistola.

Porque o seu amor por Amelia não diminuíra. Crescêra com os desprezos d'ella, com as miserias soffridas na tristeza de Ourem, com os jantares escassos na fumarça enjoativa da taverna do Isca, com os seus passeios sem fim ao comprido do Caes do Sodré, vendo a negra agua fria bater lodosamente contra o caes. Nunca a amára tanto como em Lisboa. Esforçava-se mesmo por pensar mais n'ella, penetrar-se da sua saudade, tel-a sempre presente; aquelle amor era como a justificação da sua miseria; dava-lhe aos seus proprios olhos uma vaga grandeza romanesca. Não era um pobre trivial, que o acaso, a preguiça, a falta de amigos, a sorte, os remendos do casaco retinham captivo nas privações da dependencia e na vida esfomeada; — era um desgraçado por amor, como tantos personagens sentimentaes dos romances que lêra — que as paixões infelizes arremessavam ás misérias de uma trapeira ou á enxerga dos hospitaes. Todas as suas necessidades, o seu casaco roçado, as suas botas rotas, os seus jantares de quatro vintens, os dias em que não tinha dinheiro para cigarros, tudo attribuia ao amor fatal de Amelia, e procurava dar assim ás suas miserias triviaes uma origem sublime. Não raciocinava estas subtilidades, sentia-as instinctivamente. E depois, pensar em Amelia era uma occupação para a sua longa, e triste ociosidade depois das horas do cartorio. Só, pelas ruas da cidade, entre gente desconhecida para elle, egoista, occupada nos seus affazeres, sentia-se menos desgraçado tendo na alma aquelle cuidado constante. O aspecto do luxo, e das alegrias dos outros entristeciam-n'o menos quando pensava que tambem elle tinha um grande luxo interior, rico e magnifico, que era aquelle amor infeliz. Os homens que encontrava com uma mulher linda pelo braço, radiosos, não lhe causavam despeito: tambem elle amava outra mais bonita, mais desejavel. Amelia tornára-se assim a sua preoccupa-

ção, a sua distracção, a sua esperança, o seu vicio. Não via mais nada no mundo senão a sua figura alta, e bem feita. Todas as suas idéas, as mais insignificantes, iam para ella como todos os raios de uma roda vão ao eixo. Um vestido, que via n'uma loja desejava-o para lh'o ver quebrar-se em largas pregas em redor da sua cinta; um *coupé* bem forrado fazia-lhe desejar os longos passeios, ao passo tranquillo de cavallos de preço, n'uma alameda sem fim; os sons de um piano que saíam de noite de uma janella aberta allumiada faziam-n'o palpitar com a idéa de um interior onde ella feriria o teclado sentimental, olhando-o, e sorrindo-lhe. A mesma presença das mulheres era uma excitação para o seu amor: as loiras lembravam-lhe quanto Amélia era melhor com os seus cabellos pretos; as luxuosas quanto ella era mais valiosa com o seu vestido de lã azul; as feias faziam-n'o pensar quanto ella era linda; o andar canalha das prostitutas quanto ella era casta!

E era de casa d'ella, do quarto d'ella, quasi dos seus braços, que elle víra sair aquelle homem, um amante, um padre! Mas os seus zelos por maiores não tinham uma fórma definida: tinha ciumes d'aquelle vulto de chapéu desabado, e de capa curta que saíra da Cortegassa, que seguíra, que odiava. Mas quem era elle? O padre Amaro? E como não tinha a certeza absoluta, todo o seu rancor, o seu desespero fluctuavam um pouco no vago. Tinha por isso começado a desejar a certeza. E durante quinze noites espreitou, rondou a Cortegassa: não dizia nada a ninguem; além d'isso vivia só; já não via Agostinho nem o dr. Godinho, não fallava a nenhum dos seus antigos conhecidos da casa da S. Joanneira. Os seus dias passava-os na quinta do morgado, as suas noites no caminho estreito á porta de Amélia, com o olhar inquieto, o coração aos pullos, embrulhado no seu chale-manta, esperando. — Mas não tornou a ver abrir-se a porta do pomar.



Com effeito Amaro suspendêra aquelles encontros nocturnos com Amelia. Nem podiam continuar. Amelia estava no fim do seu periodo.

O conego escreveu da Vieira dizendo: « que a S. Joanneira tinha já trinta banhos e queria voltar. Eu, acrescentava, perco quasi todas as semanas tres, quatro banhos, de proposito para os espaçar, e dar tempo, porque cá a minha mulher já sabe que eu sem os meus cincoenta não vae. Ora já tenho trinta, veja lá você. Mande-me dizer em que estado estão as coisas.» E n'um *post-scriptum* dizia: « Tem você pensado que destino se ha de dar ao *fructo*? »

Aquella carta encheu Amaro de susto; consultou Dyonsia sobre o tempo provavel do parto.

— Olhe, menino, mais vinte dias, menos vinte dias.

E Amaro respondeu ao conego: « A coisa pôde estar prompta d'aqui a vinte dias. Suspenda por todo o modo a volta da mãe. Isso de modo nenhum. Diga-lhe que a pequena não escreve nem vae, porque a excellentissima mana passa sempre adoentada. »

E em quanto ao *fructo* não dizia nada.

No entanto, desde o encontro com João Eduardo, era aquella a grande inquietação de Amaro. Que faria ao filho? Ao principio pensára n'aquillo como um cuidado vago, um acontecimento distante; depois affligira-se, e desde que Amelia fôra para a Cortegassa era a sua preocupação sempre presente; adiava porém as resoluções, esperava, quasi evitava pensar. Mas faltavam agora vinte dias! E elle via-se diante d'aquella difficuldade temerosa, fatal, inilludível, imminente como um punhal que lhe descesse sobre o peito — ó filho! Procurava por todos os lados uma idéa, uma solução, mas debalde! E debatia-se n'aquella difficuldade como nas quatro muralhas de um carcere.

Na cidade não havia *roda*. Dois annos antes o concelho de districto supprimira-a, e a mais proxima que havia era em Ourem, a quatro leguas; mas ahi havia extremas difficuldades. Desde que em Leiria se tinha acabado a *roda*, os engeitados affluíam á de Ourem. Como não havia vigilancia eram allí depositadas innumeraveis crianças de todos os arredores. Os recursos da misericordia eram pequenos, e havia abusos. Lavradores abastados, até mesmo empregados, mandavam de noite allí depositar os filhos e a todas as horas a aspera sineta acórdava a *rodeira*. A misericordia não podia sustentar um tal numero, e começára então a augmentar os embarços. Tinha-se posto uma sentinella á porta, e a pessoa que ia levar a criança era interrogada e esmiuçada; indagava-se depois a paternidade, entregavam-se as crianças; e assim a auctoridade combatia a abundancia das exposições com o terror dos vexames.

De tal sorte que Amaro não podia deitar o filho á *roda*. Seria attrahir sobre o facto uma publicidade infamante.

Por outro lado não queria entregal-o a uma ama;

não tinha confiança em ninguém. Mais tarde a mãe queria vel-o. A S. Joanneira poderia desconfiar, a Dyonisia fallar, a fatalidade esclarecer! E depois quem lhe afiançava, que Amelia seria sempre submissa, e amante? Não poderia arrepender-se? Não poderia accusal-o? E aquella criança, criada por uma ama de aldeia, era a prova viva, o facto accusador! E depois a ama poderia vir a sabel-o! Aquella criança seria para elle o susto incessante, o perigo permanente!

O que desejava era que o filho nascesse morto. Que solução natural, e perpetua! Por que não? Que destino podia ter no duro mundo aquelle engeitado infeliz? Elle era pobre, a mãe pobre! Seria uma criança necessitada, e triste; mais tarde um operario, um trabalhador, um mendigo talvez! Deba-ter-se-hia perpetuamente na tyrannica miseria! E quem sabe os negros destinos, que lhe traria a má sorte! De necessidade em necessidade iria conhecendo todas as fórmas do inferno humano: o pão escasso, o frio, o desdem dos ricos, as amarguras da dependencia, a tristeza da esmola recusada, os esquecimentos da taverna, talvez a cadeia, talvez a grilheta! Teria uma enxerga na vida, e a valla na morte! E, assim, se morresse! Anjinho, Deus leval-o-hia no seu somno natural e inerte para a pacificação do paraíso! Mas se nascesse vivo, forte, viverdor? Que desgraça!

E os dias passavam para Amaro n'este embaraço pungente. Vivia como no fundo de um sonho: erguia-se, celebrava, comia, dormia — sempre sob a pressão afflictiva d'aquella difficuldade.

Ao acaso, para prevenir, tinha-se informado, como por uma curiosidade caridosa, ácerca das amas da camara. Resolvêra chamar uma, sondal-a, attrahil-a ao seu interesse. . . Mas, tímido, atterrado, não fizera nada, addiára cada dia, e soffrendo, esperando, recuando sempre as decisões, via os dias decorre-

rem hoje, amanhã, depois, além, e o termo chegava temerosamente!

Além d'isso a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção estava doente. Mandava-o a cada momento chamar para tranquillisar a sua alma, consual-o sobre escrupulos de consciencia, faltas veniaes; e elle, amargurado, vibrando todo no susto, e na impaciencia da sua vida, precisava escutal-a, animal-a, absolvel-a. Ia vê-la ordinariamente pela manhã, e logo desde as primeiras palavras ella começava a historia da sua doença; repetia-a todos os dias: era um catarrho, que apanhara no inverno, desprezara-o, ultimamente tinha-lhe vindo uma dor ao lado, uns escarritos de sangue. . . E depois passava a enumerar miudamente os peccados da vespera: tinha ralhado com a criada, pronunciara sem querer o nome do *porco sujo*; depois, baixando a voz, com uma timidez, que queria tornar virginal, e que era grotesca, denunciava outros crimes: que sonhara na vespera, que um carpinteiro, que morava defronte, lhe dera um beijo, e que o beijo lhe agradara; outras vezes o carpinteiro tinha estado toda a tarde a olhar para ella, que estava por traz da vidraça, e parece que por influencia do maligno ella não tivera força de se recolher para dentro.

— E o peor é — e a sua voz tinha uma profunda afflicção — e o peor é, sr. parochó, que elle é um perfeito rapaz.

Depois vinham as consultas: se Deus lhe permitiria, que ella bebesse, em lugar de um, dois copinhos de geropiga á sobremesa; se não seria um peccado despir-se diante de um crucifixo novo, que comprara para a cabeceira da cama.

Amaro escutava-a vagamente, meio embrutecido. Aquella voz piegas, e fanhosa, o cheiro de rapé, que ella exhalava, a historia d'aquelles peccados singulares, davam-lhe uma especie de torpor. Ella bueixava-se:

— O sr. parochó não está com attenção.

— Ora essa, minha senhora!

E sorria-lhe, aconselhava-a, perdoava. E além d'isso lisonjeava-a, chamava-lhe santa, afiançava-lhe o ceu como se dispozesse d'elle, promettia-lhe com toda a confiança a amizade de Deus — porque D. Maria da Assumpção era o seu grande recurso: pelos presentes que lhe dava, pelas missas largamente retribuidas, pelas dadas de dinheiro — ella representava uma parte larga dos seus proventos. E a salvação d'aquella velha alma idiota era para elle um emprego rendoso, como uma conesia.

Um dia a conferencia tinha sido mais larga. Tratava-se de uma missa que a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção queria que elle dissesse em acção de graças a Nossa Senhora pelas suas melhoras; era a primeira de uma serie de missas, ás quartas e sextas, que ella promettêra a Nossa Senhora, um dia em que o catarrho a suffocára mais. Deviam assistir áquella missa as Gansosas, que tinham então vindo da quinta da tia, o Libaninho, o sr. Arthur e a mulher, as sobrinhas do padre Natario. A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção convidára-os a todos como para uma festa. Todos tinham promettido. Amaro estava então mais preocupado, e sob uma angustia maior. Amelia, segundo dizia Dyonisia, *estava para tres ou quatro dias*. Mas teve de combinar com a velha a hora da missa, a escolha do altar, a disposição das cadeiras — e tinham decidido que seria no dia seguinte ás nove horas. D. Maria escreveu mesmo a este respeito um bilhete ao coadjutor.

Quando n'essa manhã Amaro saía de casa de D. Maria, e ia entrar na sua rua, viu á porta de casa um rapazito da Cortegassa, que elle conhecia; era um filho do caseiro, e trazia um bilhete. Era de Amelia, n'uma letra tremula, e quasi inintelligivel: dizia apenas: — *A Dyonisia depressa. A coisa chegou.*

Mas a Dyonisia não estava em casa. Chamou-a umas poucas de vezes da janella da cozinha.

— Conheces a Dyonisia, tu? disse elle ao rapaz.

O rapaz abriu os olhos admirado.

— Bem, bem, vae-te!

A criada saíra. Era ao fim da tarde, horas de ir á fonte. Amaro resolveu-se a sair, e a ir procurar Dyonisia. Mas onde? Foi á Praça, á rua do Correio, ao largo do Chafariz, á Alameda, ao largo da Sé. Não a viu. Espreitava para dentro das lojas, deitava os olhos á pressa para o interior das tavernas; subiu pelas viellas que vão ao Castello; caminhava depressa, desesperado, suando. Talvez Amelia n'aquelle momento esperasse, ansiasse, rolando-se sobre o leito, na angustia das primeiras dores! Foi ao Terreiro, voltou á Praça, refez, afflicto, o mesmo caminho, dobrou as mesmas esquinas; tinha vóntade de perguntar por ella aos logistas, que bocejavam á porta das tendas, de gritar alto o seu nome através da cidade. E os que passavam voltavam-se admirados de ver o parochó n'aquelle ancia, com os movimentos bruscos de um cão perdido, que fareja. Amaldiçoava Dyonisia, jurava espancal-a. O sangue picava-lhe de fadiga, e de impaciencia. Ao fim de uma hora andava embrutecido; ia, voltava, repassava as mesmas ruas, sem quasi pensar distinctamente em Dyonisia, reparando distrahidamente n'um homem que passava, com uma espingarda, á volta da caça; além n'um sapateiro, que á porta batia a sola, assobiando; depois n'uma mulher de garibaldi escarlate, que nos degraus da porta fazia meia, sentada nos calcanhares, cantando com um tedio triste. Ia a entrar em casa, tonto, esfalfado... Dyonisia, á porta, conversava com um visinho caldeireiro. E, logo no escuro da escada, mostrando-lhe o punho cerrado:

— Oh! mulher do diabo! ando a procural-a ha duas horas!

— Então? — Muito bonita. — E a voz de Amaro?

— Vá já á Cortegassa. Recebi um bilhete! que fosse logo. Onde diabo estava você mettida?

Ella subiu a casa, poz um chale, e, quasi correndo, ia já a dobrar a esquina, mas voltou, tornou a subir a escada do padre...

— E a criança? disse ella, respirando fortemente.

— Lá fallaremos, lá fallaremos. Vá depressa, creatura, vá depressa!

E tornando-a a chamar:

— Mas você sabe o que ha de fazer?

— Oh! senhor, pelo amor de Deus! Assim o menino tivesse tantos contos como de vezes... Ai! e as ligaduras?

E, correndo, voltou a casa a tomar pannos, ligaduras, lenços, e com o chale traçado, vermelha, offegante, passou pela botica, comprou unguentos...

— Então que é isso, que é isso? perguntou o boticario.

— Nada, nada.

E foi-se.

No entanto o padre Amaro, só no seu quarto, esperava que chegasse a noite. O crepúsculo começára, e elle a cada momento ia ver-se estavam accesos os candieiros, roido por uma impaciencia. Mas bateram á porta, e o coadjutor entrou. Tinha passado por alli, tinha entrado um bocadinho para fallar ao sr. parochio sobre a missa do dia seguinte — promessa da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção, e sentando-se ficou calado.

— Que horas serão? perguntou Amaro.

— Seis e meia.

Fallaram então um momento da missa; devia ser ás nove horas, na capella de Nossa Senhora das Dores.

Tornaram a ficar calados.

O coadjutor mexia-se na cadeira.

— A tarde esteve muito bonita.

— Muito bonita. — E a voz de Amaro tinha a inercia de um echo.

Passeiava ao comprido do quarto, e via, como um aspecto odioso, a figura magra, doentia, e curvada do coadjutor, sentado gravemente, com as mãos apoiadas ao cabo do guarda-chuva. E se a Dyonisia tivesse chegado tarde! Se houvesse perigo! A Dyonisia não era parteira! Podia ser necessario chamar um medico!

— Encontrei agora o sr. chantre, disse o coadjutor.

— Ah! fez Amaro.

E encostado á janella rufava nos vidros. O candieiro da rua tinha em fim sido acceso.

— Trago luz? disse de dentro a criada, que voltára da fonte.

— Não, não, apressou-se a gritar o padre.

Não queria luz. O coadjutor podia ver o seu rosto perturbado, ou demorar-se, estabelecer-se para toda a noite. E ao mesmo tempo não queria dizer-lhe que saía.

O coadjutor a espaços dizia algumas palavras sobre as coisas da igreja: uma congrua, um baptisado, a despeza de um frontal novo...

Amaro anciava. Se fosse necessario extrahir a criança a ferros! E estava tão longe, meia legua! E aquelle estúpido não se ia!

— Diz que vem na *Nação* de antes de hontem um artigo muito bom. — E a voz do coadjutor era grave.

— Sim? disse Amaro.

E os seus passeios ao comprido do quarto recommecavam furiosos.

Mas como os silencias se accentuavam, a noite crescia, não accendiam o candieiro, o coadjutor ergueu-se.

— Estou talvez a incomodar.

— Não, não, deixe-se estar.

E o coadjutor tornou a sentar-se. Deram sete horas.

— Já sete! disse o parochio.

— Agora anoitece mais cedo, tornou o coadjutor.

E o padre Amaro na sua impaciencia, na sua inquietação, exasperado, febril, começou a cantarolar.

— Diz que ha agora um hymno ao Santo Padre muito bonito, disse o coadjutor.

E era talvez tarde! Amelia esperava-o! Gritava de certo o seu nome! E aquelle idiota alli! E o padre Amaro torcia o forro das algibeiras com as mãos suadas, crispadas, louco, raivoso.

O coadjutor então ergueu-se, e despediu-se seccamente.

— Allumie, Thereza, gritou o parochio. — E aperitava cordialmente, gratamente, quasi rindo, a mão do coadjutor. — Olhe não cáia. A escada é má. Amanhã ás nove horas. Olhe não cáia.

Embrulhou-se na sua capa, poz um chapeu desabado, tomou a bengala e saiu. Quando entrou na estrada quasi corria. A noite estava escura.



lado de trás, na quinta, no pomar, ou ao pé dos cor-  
taes! Bateria violentamente com uma pedra na por-  
ta, algum dos criados acordaria de certo. Depois  
salitaria pela sebe para os campos, ganharia pela es-  
curidão o complacente da noite e estaria a estadia e estaria  
rapidamente na cidade livre, tranquilo, innocente,  
inabacavel. Ninguém desconfiaria. Mas teria tempo  
de fugir? De certo. Em quanto se levantassem ao  
tuido, perguntassem para fora da janella, desman-  
cassera a porta, saíssem a espiritar com a espin-  
garda na mão... de certo tinha tempo! Em qual-  
quer caso ouviriam a criança gemer, veriam o vul-  
to apinhado e hiam surprehendidos, hiam acordar o  
amo... De certo, de certo tinha um largo tempo  
para escapar, correr, esconder-se, sumir-se, entrar

## XXXV

O padre Amaro, na presença d'aquelle transe,  
tinha resolvido subitamente o seu plano. Era sim-  
ples: era pôr a criança á porta de alguém. O me-  
lhor era no campo, n'algum casal afastado. Tomal-a-  
hia debaixo do capote, chegaria devagar, com pre-  
cauções, poisaria a criança bem envolta em pannos  
á porta, bateria duas ou tres pancadas violentas, e  
fugiria pelos campos. De certo viriam abrir, veriam  
á luz diffusa da noite alvejar no chão, á porta, a  
trouxa, a criança: recolhel-a-hiam; ao outro dia en-  
tregal-a-hiam á auctoridade, e iria criar-se n'uma  
ama da camara. Era facil, o resultado certo. A que  
casal bateria? Lembrava-lhe um ao pé do rio, do  
Bento Farto; um velho lavrador rico, viuvo, sem fi-  
lhos; talvez recolhesse a criança, a adoptasse, a en-  
riquecesse. E alargava-se em supposições illimitadas.  
Elle conhecia a casa; fôra lá levar a Extrema-Un-  
ção a um criado do campo. Lembrava-se perfeita-  
mente; duas janellas pequenas deitavam para uma  
horta, que se abria por uma cancella sem chave.  
Mas se o cão ladrasse! Melhor, era um signal, era  
um rebate! Mas se o cão mordesse a criança! Qual!  
E lembrava-se então que os cães deviam estar do

lado de traz, na quinta, no pomar, ou ao pé dos curraes! Bateria violentamente com uma pedra na porta, algum dos criados acordaria de certo. Depois saltaria pela sebe para os campos, ganharia pela escuridão complacente da noite a estrada, e estaria rapidamente na cidade, livre, tranquillo, innocente, inatacavel. Ninguem desconfiaria. Mas teria tempo de fugir? De certo. Em quanto se levantassem ao ruido, perguntassem para fóra da janella, destrancassem a porta, saíssem a espreitar com a espingarda na mão... de certo tinha tempo! Em qualquer caso ouviriam a criança gemer, veriam o vulto, apanhal-o-hiam surprehendidos, iriam acordar o amo... De certo, de certo tinha um largo tempo para escapar, correr, esconder-se, sumir-se, entrar em casa, salvar-se! Diria á Dyonisia, á Amelia, ao conego, que a criança fóra entregue a uma ama de aldeia distante, nõ monte. E depois *morreu, foi-se!* Ah! era um plano completo! E apressava-se na estrada solitaria, pensando assim, destacadamente, por idéas rapidas, n'um sobresalto amargo.

Eram mais de oito horas quando penetrou na Cortegassa, fazendo ranger a pequena porta verde do pomar. Subiu ao terraço; a porta envidraçada estava aberta, a sala escura; por baixo da porta do quarto de Amelia vinha uma fenda de luz; e logo alli parou immovel, aterrado. Ouviu gritos abafados, depois um gemer agudo.

Foi devagar, bateu com os dedos á porta do quarto; bateu mais forte com a palma da mão, tremendo. Dyonisia saíu, fechando a porta sobre si rapidamente, em cabello, com as mangas arregaçadas.

— Então? disse Amaro.

— Vae bem!

— Quem está?

— Eu, e uma mulher que eu trouxe. Deixe estar, é segura.

A irmã do conego estava na cama, e a Thereza, a criada velha, ajudava.

— E a criança? disse Dyonisia.

— Trouxe a ama, disse o padre hesitando um pouco. Está allí fóra á espera. Embrulhem-n'a; eu a levo á ama. Eu mesmo lh'a levo lá fóra. Agasalhe-a bem.

Mas Amélia deu um grito, e Dyonisia entrou para o quarto.

Amaro começou a passeiar pela sala. No quarto os gritos recommçavam. Depois era um gemer arquejante, de lucta, que findava n'um murmurio; e ais agudos, lancinantes, de repente tornavam a cortar o silencio. Amaro tremia. Podia-se ouvir fóra, os caseiros acordarem! E junto da porta do quarto com os punhos cerrados, dizia baixo, machinalmente:

— Cala-te! cala-te!

Mas os gritos precipitavam-se, e depois suspiros profundos, terriveis, desmaiados, como de um allivio cruel... — É que tudo acabára talvez! Era o seu filho que allí estava, nascido, vivo! E uma piedade infinita tomou-o violentamente pelo coração, começara a resar baixo, a pedir, a invocar!...

— Jesus da minha alma! dizia, Jesus da minha alma!

Ajoelhára mesmo, fazia promessas aos santos... Mas os ais dilacerados voltaram. Elle ergueu-se, poz-se a passeiar phreneticamente; ia á janella ver se alguem estaria em baixo no caminho a escutar; e allucinado escarrava, tossia, julgando suffocar o ruido. Mas não. As violencias da dor não cessavam.

— Basta! basta! Jesus! não acabará este inferno!

Mas a voz de Amélia subia:

— Ai! ai! morro, morro!

E Amaro accusava-se, arrepellava-se, impunha-se

penitencias terriveis; queria fugir áquellas vozes; foi para o terraço, desceu ao pomar. Mas os gritos secos, duros, vinham-o ferir como flexas. Estava extenuado. Em fim fez-se um silencio, tornou a subir devagar, tremendo.

A Dyonisia saíu abruptamente do quarto com um embrulho escuro ao collo.

— Ahi está. É um rapaz.

Elle deu um pequeno grito, recuou, ficou a olhar.

— Tome, vá. A ama que o leve, que corra. Nasceu bem. Pegue.

Elle estendeu as mãos hesitando.

— Vá, homem.

Amelia gemia dentro.

Elle tomou a criança devagar, e ficou immovel, tonto, pasmado.

— Vá com os diabos, homem! mexa-se!

Amaro sentia nos braços uma coisa molle, embrulhada, que gemia baixinho. Deitou a correr pelo terraço, e achou-se na estrada.

Mas então o contacto d'aquella criança, do seu filho, perturbou-lhe as idéas tão arrançadas, tão firmes. Deixal-o á porta de um casal! Abandonal-o! Perdel-o! Se os cães o mordessem! Se o frio o matasse! Se não ouvissem! Se a criança, gemendo toda a noite, morresse, como um bicho, só, arrefecido, e hirto! E pol-o nos campos, na humidade da herva! Abandonal-o! Por aquelle frio!

Mas que havia de fazer? Dyonisia não tinha leite! Não podia leval-o para a cidade, dizer claramente: — «Aqui está, é meu filho!» Não podia abandonal-o! E estava assim, só, no caminho escuro, immovel, tremendo, afflicto, sem ir, sem recuar, quasi sem sensibilidade, sentindo vir-lhe debaixo do capote um gemer fraco, fino, e moribundo.

Foi andando devagar. Vinha-lhe a idéa de se matar com a criança, atirar-se ao rio no lugar fundo, ao pé das azenhas. Aquella idéa envolvia-o, enros-

cava-se n'elle, reclamava-o; matar-se! matar-se! Mas que fria devia estar a agua! Quanta agonia na morte! E arripiava-se. E então vinha-lhe um desejo aspero, dilacerante, de voltar para a quinta, para casa, para a bom calor do quarto ao pé de Amelia, metter-lhe o pequerruchinho na cama, agasalhal-o, beijal-o devagarinho, e todos tres, sós, como no conchego de um ceu, sentirem fóra a fria noite cair! Que encanto! Mas não podia, era padre! condenado, maldito, celibatario! Seria o sacrilegio, a excommunhão da egreja, a prisão, a grilheta! Um ventó frio erguêra-se, as arvores escuras ramalhavam seccamente.

La andando lentamente; e de repente, ao voltar, quando do caminho estreito se entra na estrada larga, sentiu atraz de si passos rapidos. Voltou-se. E n'um terror, n'um estremeção, n'um frio de espinha, reconheceu João Eduardo com o seu chale-manta claro. Santo Deus! E não podia voltar, encontrar-se-hia com elle de frente; não podia saltar para os lados da estrada, que era allí de altos aterros abruptos. Tinha de continuar direito pela estrada. Se fugisse? Mas o escrevente era destemido, já o seguira outra noite, reconhecêra-o de certo, e, desconfiado já, perseguil-o-hia, luctariam, e elle tinha allí, sob o capote, encostada ao peito, uma criança embrulhada n'um chale!

Começou então a andar febrilmente. De vez em quando olhava. Os passos do outro soavam atraz na terra sêcca. Lembrava-lhe voltar-se, arremessar-se, matal-o! E o escrevente aproximava-se. Iam encontrar-se. Algumas nuvens corriam sob o vento, e mais limpo o ceu estrellado deixava cair uma luz diffusa.

Mas a estrada então tinha uma volta, um cotovelo agudo, e allí uma rampa suave, facil, descia para os campos, para os casaes, e para o rio. Desceu a rampa correndo; via a distancia a fachada branca

do casal do Silvestre. Conhecia-o, e lembrava-lhe o seu cabelo de um loiro avermelhado. Havia arvores alli, vegetações crescidas, sebes. Amaro, encolhido, occulto na negrura das folhagens, quasi rastejando; começava a respirar, quando de repente estacou; Parecêra que ouvira dizer: — «Olá!»

Ficou a tremer. Talvez tivesse ouvido mal; mas a voz de João Eduardo veio no silencio, clara: — «Olá! ó amigo!»

Tinha-o visto, tinha-o visto! Espreitou entre as folhagens. Estava perdido; o vulto do escrevente estava parado á beira da rampa na estrada. Parecia-lhe enorme! Se fugisse, se fizesse ruido entre os ramos, elle seguir-o-hia, correria! Se abandonasse alli nos campos a criança, tudo se revelaria, encontrado por aquelle homem, n'aquellas horas nocturnas. Se se matasse! O rio estava alli com um marulho brando, fundo n'aquelle logar, com vagos reflexos polidos, e finos como os do aço! Agachou-se, e ficou exausto, inerte, offegando, todo crispado como um animal perseguido. Não se importava já: podiam vir, que o descobrissem, que o amarrassem, que o matassem! Mas a voz de João Eduardo ergueu-se de novo: — «Olá!» Sómente pareceu-lhe, que a voz vinha de mais longe. Então com uma lucidez repentina lembrou-se que a estrada adiante tinha outra volta brusca: João Eduardo de certo o perdêra, hesitava. Ergueu-se a espreitar: João Eduardo na estrada, com elleito, ia de uma volta á outra, queria penetrar a escuridão, inclinava-se, duvidava, e de repente deitou a correr pela estrada, dobrou rapidamente a segunda volta, desapareceu. Estava salvo. Veiu-lhe uma alegria brutal. Respirou como um homem, que descarregam de um fardo mortal, e desembuçou-se. A criança já não chorava; apalpou-a por baixo do chale, pareceu-lhe morna, como uma carne que vae morrer. Se estivesse morta! Baixou o rosto, desembruçou-a mais: sentiu um gemido fraco, como o

agudo chiar de um rato. Vivía. E então de repente, sem rasão, como um trovão que estala, veiu-lhe uma idéa: matal-o! Matal-o alli! não raciocinava, não calculava. Sentia só aquella idéa, com uma fi-xidez dentro da cabeça, que quasi lhe fazia uma dor — matal-o! Era o fim de tudo! Acabavam os sustos, os perigos, as denunciações, as angustias! E veiu-lhe um egoismo terrível, bestial. Aquella criança sería para elle o perigo, o mal, a deshonra, o peccado, o crime, a ignominia. E tinha medo — um medo physico, vil: medo que o descobrissem, que o accusassem ao chantre, que lhe voltassem as costas na rua, que o mettessem n'uma enxovia, que o degradassem tiritando de febre no fundo de um porão. Estas idéas vinham-lhe ás pontadas, como ferraduras de animaes. A perseguição de João Eduardo puzera-lhe no sangue um medo febril. Aquella criança parecia-lhe uma coisa odiosa, que vinha para o accusar, para o calumniar, para o esfomear, para o matar! Tinha vontade de a esganar com as mãos. Olhou em redor; havia um pequeno cannavial, que ramalhava ao vento, e a fria agua reluzia vagamente ao pé. Abaixou-se, poz a criança no chão, abriu o chale; as faixas brancas, uma toalha em que a tinham embrulhado, destacavam na terra escura. Ergueu-se hirto, com os cabellos erriçados. A criança gemia. De repente abaixou-se, tomou um pedregulho, pol-o sobre a criança, entrouxou tudo n'um embrulho apertado, agarrou-o convulsamente, atirou-o á agua. Aquillo fez *pchah!* umas rãs saltaram assustadas. Amaro ficou immovel, gelado, fitando o rio. Agachou-se a escutar, debruçou-se mais sobre a agua, e instinctivamente mergulhou a mão. A frialdade fel-o estremecer, ergueu-se de um salto, olhou em redor estupidamente, e de repente deitou a correr ao comprido do rio.

Davam duas horas na Sé quando entrou em casa. Subiu a escada ás apalpadellas; o candieiro estava

acceso em cima da mesa; aproximou-se, o *Diário Popular*, que recebia de tarde, estava ainda fechado com a cinta do correio. Abriu-o machinalmente. Começou a ler a primeira linha do primeiro artigo: «Não ha novidades politicas. A ultima resolução do sr. ministro da marinha. . . » releu duas, dez, infinitas vezes aquellas palavras. Quíz-se mesmo recordar de quem era o ministro da marinha. Um movel deu um pequeno estalo; teve um estremeção, erriçaram-se-lhe os cabellos, não pôde gritar. E ficou hirto, sentindo o coração em pancadas violentas. Então atirou-se para cima da cama, de bruços, e ficou immovel.

N'essa mesma manhã João Eduardo, ao ir para a quinta do Morgadinho, ás nove horas, passou pelo largo da Sé, entrou na egreja.

Na vespera parecêra-lhe reconhecer em fim o parochro na estrada. Tinha-o seguido de perto até ao primeiro cotovelo da estrada; e de repente elle desaparecêra como dissipado nas sombras da noite; gritára tres vezes olá, olá, sem saber por quê. Suspeitára, que elle tivesse saltado pela rampa da estrada, e estivesse agachado nos campos; mas hesitára, viera-lhe uma fraqueza, um acanhamento; depois decidíra seguir ao comprido da estrada. Ninguém! Passára a noite n'uma desesperação — e n'aquella manhã vinha á egreja, sem rasão, instinctivamente, com a vaga esperança de encontrar alli alguma coisa da certeza, que desejava.

Mas logo ao deixar cair o pesado reposteiro de panno vermelho teve uma surpresa: ao pé de um dos altares lateraes pareceu-lhe ver agrupada uma das antigas reuniões da casa da S. Joanneira: estavam todos os conhecidos de então — a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assumpção sorrindo em redor como uma

dona de casa aos seus convidados; a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Gansoso perfilada no seu mantelete preto; a irmã na sua perpetua somnolencia de carneiro doente; Libaninho com o seu rosario, e a sua cara amarellada; e o sr. Arthur Couceiro, de quinzena alvadia, o chapéu desabado debaixo do braço, a grenha hirsuta, gracejando, todo curvado para as duas sobrinhas do padre Natario, que abafavam os seus risinhos, todas vermelhas, sob os seus chapéus de palha e pluma azul.

Mas então arrastaram cadeiras, cada um se endireitou gravemente, e o padre Amaro entrou devagar, revestido, com os olhos baixos, o calice na mão. Houve um folhear de livros de missa, um *frou-frou* de vestidos acamados — e Amaro, depois de ter aberto o missal, desceu lentamente os tres degraus do altar, persignou-se alto, e, pondo as mãos, com os braços juntos ao peito, na attitude ritual, disse, com a voz um pouco rouca:

— *Introibo ad altarem Dei.*

O sacristão resmungou um *Juventutem meam.*

Algumas velhas, que resavam espalhadas pela igreja junto ás estações do caminho da cruz, vendo começar uma missa, tinham-se erguido, e, com passos fôfos, vinham ajoelhar com grande devoção. Outras pessoas entraram, e em redor do altar foi-se formando um grupo ajoelhado, onde destacavam os lenços de lavadeiras, a calva de um velho todo tremulo, as toucas de rendas pretas de beatas decrepitas.

— *Oremus,* disse Amaro, separando as mãos, e tornando-as a juntar.

E, todo curvado sobre o altar, com as mãos apoiadas á beira da toalha, os cotovelos salientes, ficou immovel, parecendo orar.

Sem saber por quê, João Eduardo sentia uma vaga indignação; parecia-lhe uma profanação, um sacrilegio immenso, o estar alli aquelle homem, tran-

quillamente, celebrando a missa. Parecia-lhe que *alguem*, não sabia quem, Christo talvez, a mesma egreja, os seus santos o deviam repellir do altar, arrancar-lhe a estola, precipital-o n'um abysmo maldito! Esperava a cada momento ver a missa interrompida, e o padre debater-se com as suas vestes despedaçadas, arrastado para o castigo, para a expiação — não sabia bem se por dois anjos, se por dois beleguins!

Sentia confusamente que aquillo não devia ser, aquelle padre orando diante d'aquelle altar! E olhava em redor: a vasta egreja tinha um ar alegre, com a luz larga, branca, que vinha das altas janellas lateraes; e parecia-lhe então, que todo o grande edificio, com as suas fortes columnas de pedra caiada, a triste capella do Santissimo com a cortina escarlate corrida, o baptisterio n'um recanto sombrio onde vagos doirados tremuluziam, a fila de bancadas dos conegos com o seu ar cathedratico, o altarmór com os seus altos ramos artificiaes aguçados, o sacrario reluzindo entre relevos de pau doirado, os tocheiros enormes onde a cera fazia stalactites lugubres, os altares com as suas toalhas brancas, as promessas de cera pendentes ao lado por fitas cõr de rosa, o pulpito sob o seu docel de damasco escarlate, a larga cupula onde entre as janellas triangulares estavam pintados os prophetas em attitudes ferozes — todo aquelle vasto templo tinha com aquelle padre uma cumplicidade amigavel!

Sentia isto confusamente, — e no entanto a missa seguia.

— *Sanctus, sanctus, sanctus, Dominum Deus, sabaoth.*

E o sacristão deu os tres toques de campainha. Amaro beijava a toalha, punha as mãos, repetia os signaes da cruz sobre a hostia, sobre o calice. As suas attitudes, os seus gestos, a sua inflexão eram graves, compassadas. Ia a elevar a hostia. O sa-

cristão ajoelhára-se por traz, sustentava-lhe com uma das mãos a pesada capa doirada, com a outra tinha a campainha um pouco erguida, preparada. Amaro com os cotovelos sobre a toalha, todo prostrado contra o altar, segurando delicadamente a hostia, pronunciou a consagração:

— *Hoc est enim corpus meum.*

A campainha tocou tres vezes espaçadamente, sentiam-se bater as mãos concavamente nos peitos.

João Eduardo via, na grande luz da egreja, para além do grupo prostrado e ajoelhado das devotas, de pé sobre o altar, Amaro, com a sua capa doirada, a coroa saliente sobre o seu cabello preto, elevando a hostia com os braços erguidos; e por cima entre os vasos, e os castiçaes de prata uma Nossa Senhora de rosto envernizado, uma coroa de rei sobre os seus cabellos pretos, um manto azul, direito, constellado como um firmamento, sustentava nos seus braços um menino Jesus, de uma côr luzidia de perola, que sorria a Amaro, tendo na mão como uma pella, o globo do mundo. E em quanto a campainha retinia, João Eduardo via a hostia branca, e baça erguida, immovel! Virou as costas e saíu da egreja.

cristão ajoelhava-se por trás, sustentava-lhe com uma  
 das mãos a pesada capa dourada, com a outra tinha  
 a campainha um pouco erguida, pregarada. Amaro  
 com os cotovelos sobre a toalha, todo prostado  
 contra o altar, segurando delicadamente a hostia,  
 pronunciou a consagração: *Hoc est enim corpus meum*.  
 A campainha tocou tres vezes espacadamente, sen-  
 tiram-se bater as mãos concavamente nos peitos.  
 João Eduardo via, na grande luz da igreja, para  
 além do grupo prostado e ajoelhado das devotas,  
 de pé sobre o altar, Amaro, com a sua capa dourada,  
 a coroa saliente sobre o seu cabelo preto, elevando  
 a hostia com os braços erguidos; e por cima entre  
 os vasos e os castiços de prata uma Nossa Senhora  
 de rosto envernizado, uma coroa de rei sobre os  
 seus cabelos pretos, um manto azul, dístico, con-  
 stellado como um arminho, sustentava nos seus  
 braços um menino Jesus, de uma côr luxúria de  
 pedra, que sorria a Amaro, tendo na mão como  
 uma palla, o globo do mundo. E em quanto a cam-  
 painha terminava, João Eduardo via a hostia branca e  
 para erguida, immóvel! Vitou as costas e saiu da  
 igreja.

Sentia isto comovidamente, — e no entanto a missa  
 seguia.

— *Sacrus, sacrus, sacrus, Dominum Deus, sa-*  
*crum.*

E no sacristia não se viu toques de campainha.  
 Amaro bebeu a toalha, punha as mãos, repetia  
 os signaes da cruz sobre a hostia, sobre o calice.  
 As suas attitudes, os seus gestos, a sua inflexão eram  
 graves, compassadas. Ia a elevar a hostia. O sa-

No dia seguinte Amaro levantou-se ás sete horas da manhã, abriu a janella. O dia estava cheio de um sol alegre, e fino. O azul tinha uma côr fresca, lavada, e os telhados escuros, as chaminés destacavam na luz com contornos de uma grande nitidez. Era dia de mercado; a rua estava cheia de gente das freguezias.

Amaro ia a vestir-se, quando sentiu na cozinha rumor de vozes, e o seu nome; a porta do quarto abriu-se atirada violentamente, e Dyonisia entrou, amarella, envelhecida, os olhos vermelhos, o cabello todo esgafelhado debaixo do lenço, suffocada de ter corrido. E immediatamente, abrindo os braços, com a voz estrangulada, exclamou baixo:

— Morrea!

Amaro, de pé no meio do quarto, abriu extraordinariamente os olhos, sem comprehender.

E Dyonisia, toda afflicta:

— Esta madrugada começou a fallar alto, a disparatar, de repente leva as mãos á cabeça, arrepe-la-se. Eu começo a gritar: Menina Amelia! menina Amelia! Dá-lhe uma coisa. Eu chamo. Estava morta!

Amaro esteve um momento immovel, fitando-a,

fez-se muito amarello, abriu os braços como para se amparar, e caíu inerte no chão.

Dyonisia gritou, a irmã veio, atiraram-lhe um jarro de agua, molharam-lhe as fontes com vinagre, arrastaram-n'o para cima da cama. D'alli a pouco ergueu os olhos, levantou-se sobre os cotovelos. Viu Dyonisia, que estava sentada á beira da cama, e deixou-se cair sobre o travesseiro com um choro dilacerado, angustioso, despedaçado de soluços, phrenetico. Mas depois ficou tranquillo, com o rosto todo escondido nos braços, estendido, e immovel. A Dyonisia e a criada não sabiam se teria adormecido. Andavam nas pontas dos pés. Por fim vendo-o tão socegado correram as portadas das janellas, fecharam devagarinho a porta do quarto, e foram para a cozinha, fallando baixo, atterradas, como no quarto onde ha um moribundo.

Era meio-dia quando Amaro chamou a criada. Ella veio choramingando, encontrou-o de pé, vestido de batina, com os olhos seccos, os labios manchados de sangue, duas rosetas escarlates nas faces, o nariz afilado. Tinha aberto a vidraça. O sol entrava alegre, tepido. A rua estava cheia de rumor de tamancos, e de vozes.

— Thereza, disse elle — e a sua voz tinha uma estranha rouquidão — vá-me alugar um cavallo para Chão de Maçãs. Vou tomar o comboio das onze horas.

— Mas ha diligencia ás seis, murmurou ella.

— Não quero ir na diligencia.

Poz a sua longa capa, saíu, foi ao paço procurar o chantre.

— Que é isso? Que ha de novo? perguntou-lhe o chantre, vendo a physionomia descompsta do padre.

— Recebi uma participação de que minha irmã está a morrer em Lisboa, e venho pedir a vossa excellencia licençã para ir lá.

Então o chantre com palavras classicas, citações, começou a consolal-o:

— A morte é um tributo universal.

E d'ahi tinha visto casos de pessoas, que estavam a expirar, e depois melhoravam, e viviam. Contava mesmo um factó, que lêra no *Panorama*.

O padre Amaro apoiava gravemente com a cabeça, direito, e as mãos encostadas ao guarda-sol.

E o chantre, recaindo nas suas preocupações mythológicas:

— Somos todos passageiros forçados da barca de Caronte, disse.

Amaro sorriu cortezmente.

Ao sair do paço desceu a Sé, fechou-se na sacristia, e escreveu ao conego Dias:

«Meu caro amigo — Ella morreu. Eu não posso, bem vê, e vou-me embora. Venha logo. Sua irmã, coitada, é que terá de tratar do enterro. Eu, bem vê, não posso. Muito lhe agradeço tudo. Até á vista, se Deus quizer, que nos tornemos a ver. Adeus. Muito lhe agradeço. Creia que nunca me esquecerei do que que lhe devo, e adeus. Um grande abraço d'aquelle que é—muito obrigado do coração.—*Amaro Vieira.*»

«P. S.— A criança morreu, já se enterrou.»

Fechou a carta com uma obreia preta. Entrou no quarto das vestimentas; a porta que dava para o pateo estava cerrada. Empurrou-a, olhou em roda. O pateo tinha uma tranquillidade triste; musgos, parietarias verdejavam nas fendas das velhas paredes; pardaes esvoaçavam; sardonicas corriam entre as pedras; a herva cobria o carreirinho por onde elle costumava ir para casa do sineiro encontrar Amelia. Deu alguns passos. Esteve um momento olhando, e saíu, devagar, pela igreja, sem se curvar diante do altar-mór.

No largo algumas pessoas cumprimentaram-n'o.

O Carlos da botica, que o viu, atravessou o largo com o seu farto casaco de laboratorio deitado

para traz, veiu fallar-lhe sobre o baptisado de uma pequerrucha — «de que lá a minha Joaquina me fez presente.» — E batendo-lhe no hombro:

— Como os padres são felizes! não se poderem casar! Ah! sete filhas em sete annos, sr. parochó! E nem um filho! É coisa que a minha Joaquina não sabe fazer. Mas lá para filhas, é uma vocação.

E ria estrondosamente. Amaro sorriu.

Quando chegou a casa, a Dyonisia, que fôra á Cortegassa, tinha voltado. A irmã do conego, disse ella, tinha-se portado muito bem. Doente, erguerase, viera resar junto da morta, dera as ordens para o enterro. Tinham ido mulheres para lavar, e amortalhar o corpo. Tinha-se sabido na cidade a morte. Dizia-se que fôra um aneurisma.

— Bem, bem, disse Amaro.

A criada estava-lhe fazendo a mala, — uma pequena mala, que iria á cabeça do moço do cavallo. Dyonisia ajudava-a, atarefada, choramingando.

— Eu não tenho senão o dinheiro, que é necessario para a jornada, disse-lhes Amaro. Mas tudo o que aqui está em roupa, em lençoes, é para vocês.

Ellas queriam beijar-lhe a mão, soluçavam.

Eram quasi quatro horas. Amaro estava de chapéu baixo, com o capote ao hombro, esperandó o cavallo. Abriu a vidraça. Defronte morava um empregado da camara, casado havia tres annos. Tinha um filho muito loiro, a quem Amaro costumava rir e atirar beijos. N'aquelle momento a mãe appareceu á janella com elle ao collo, rindo, e o pae, por traz, olhava para a rua onde um homem de physionomia miseravel, e sentimental, com grandes cabellos loiros sob o seu bonet de oleado, tocava realejo, olhando para todas as janellas com ar supplicante.

Mas a criança viu o parochó, e de mansinho, batendo na cabeça da mãe, pulando-lhe no collo, pôz-se a rir para elle, a dizer-lhe adeus com a sua pequenina mão vermelha e gorda.

Amaro recuou para dentro, e rompeu a chorar com os cotovelos poisados sobre a mesa. O realejo, em baixo, continuava monotonamente o final da *Norma*, que elle ouvira tocar a Amelia tantas vezes no piano da sala de jantar.

Por fim o cavallo chegou. Um rapaz trazia-o á redea. Levaram a mala para baixo. E Amaro ia descer quando sentiu ruido na escada. Era a muleta do sineiro. Elle entrou com o seu bonet na mão.

— Então vossa senhoria?...

— É verdade. Vou-me embora, tio Esguelhas.

O sineiro hesitava.

— Vossa senhoria ha de desculpar, mas eu, como soube que se ia embora, vinha trazer-lhe isto, que achei ha tempo. Tinha-me esquecido de todo.

E procurando nas algibeiras das calças tirou um papel amarrotado, que abriu, e onde luzia uma coisa de ouro. Amaro curvou-se. Era um brinco de Amelia! Ella muito tempo o procurára debalde! Tinha-o perdido um dia, uma manhã de amor, brincando, rindo com Amaro sobre a enxerga do sineiro! Amaro metteu-o no bolso convulsivamente, com um movimento quasi afflicto. E, suffocado, com a garganta apertada em soluços, abraçou o sineiro, que chorava, limpando os olhos ás costas da mão.

— Adeus! adeus! tio Esguelhas! Obrigado. Adeus! Dyonisia, adeus! disse, descendo.

As duas mulheres desataram a chorar.

Amaro montou a cavallo. O sineiro ainda lhe compoz o estribo. O homem do realejo afastou-se para elle passar, o rapaz começou a correr adiante com a mala, e Amaro partiu. As ruas estavam ainda cheias de gente do campo. Fallava-se, apregoava-se, bebia-se á porta das tavernas.

A estrada de Lisboa estava toda animada de gente. A tarde tinha uma placidez amavel; os homens iam a cavallo, o cajado entre a perna e o albardão, conversando, direitos; burros, com o seu passo miu-

do, passavam carregados de saccos de milho; mulheres levavam canastras cheias de loiça de barro; outras iam enxotando os porcos; adiante de si com uma vara. Todos fallavam alto. E á beira da estrada os pobres lamentavam-se, pedindo com voz estridente. Quasi todos conheciam o parochó; diziam-lhe:

— Guarde-o Deus, sr. parochó.

Alguns velhos gravemente descobriam-se mostrando os seus cabellos brancos. E Amaro ia acompanhado pelo respeito d'aquella gente, que voltava para o lavor das freguezias, e para a paz das lazeiras. Ia direito, com o seu chapéu desabado, e as largas bandas do seu capote caíam-lhe dos dois lados, poisando um pouco sobre a anca descarnada do cavallo.

Mas á volta da estrada, por onde o vento vinha encanado, o padre Amaro sentiu, vindo da cidade, o som lento, pausado, distante, infinitamente melancólico do dobre a finados; a physionomia mudou-se-lhe, mordeu convulsamente os beiços; e como o frio começava a penetrar, embrulhou-se mais no seu capote.

XXVII

Quando a tarde ia escurecendo, João Eduardo voltava da quinta do Morgadinho, e ao chegar á Cortegassa estacou, estremeceu, como se tivesse recebido uma pedra no peito. Um homem ia entrando para o largo pateo da casa com um esquite ás costas; um outro levava uma braçada de tochas; e de dentro do pateo vinha um forte cheiro de alcatrão queimado.

Amelia morreu! foi a primeira idéa, que lhe mordeu o coração. Mas de repente tranquillizou-se: lembrou-se que a irmã do conego, a sr.<sup>a</sup> D. Josepha, estava ha mezes doente na quinta. Tinha de certo expirado. Pobre creatura! D. Josepha tinha sido sempre «má com elle», mas lamentava-a. Parecia-lhe vê-la com os seus olhos azues, a voz sibilante, toda sêcca, apertada no seu chale de ramagens amarellas.

Outros dois homens tinham entrado para a casa, conversando, rindo — um levava na mão uma alfofa de carpinteiro, d'onde saía o cabo de um martello; e d'ahi a momentos viu chegar esfalfada, esbaforida, a velha criada das sr.<sup>as</sup> Gansosos, com o seu lenço preto embrulhado em roda dos queixos. João Eduar-

do ficou parado á porta; o pateo estava vasio, escuro, um grande silencio pesava. Detinha-o alli uma curiosidade um pouco sobresaltada, quasi afflicta. Lembrára-se de perguntar a um dos homens quem morrêra; mas tivera medo. De que? Não sabia. Machinalmente entrou no pateo. A direita havia uma escadaria de pedra, larga, ennegrecida, áquella hora escura, e lugubre. Subiu. O som dos seus passos nos degraus sonoros dava-lhe um medo vago e pungente; receiava de repente encontrar Amelia vestida de preto, ou que um criado lhe perguntasse «o que queria d'alli», ou então ver subitamente atravessar uma porta D. Josepha, viva! Entrou na primeira sala solitaria, e triste, com os seus altos tectos de carvalho escuro, os bancos afidalgados ao comprido da parede. Todas as portadas das janellas estavam já fechadas. E sobre um dos bancos, a um canto, estava um grande candieiro de latão, cuja torcida, cheia de murrão, dava uma luz muribunda, e fumegava. Uma porta ao fundo estava aberta; entrou na outra sala, nua, vagamente allumiada por uma véla, que estava em cima de uma velha commoda antiga, ao pé de um presepe de marfim; áquella luz escassa viam-se as paredes amarelladas, com grinaldas de rosas, e aos cantos saccos de milho, e um molho de cannas sêccas. João Eduardo caminhava em pontas dos pés. Parecia-lhe extraordinario introduzir-se assim n'aquella casa. Mas o silencio, a meia escuridão, os altos tectos, tiravam-lhe um pouco o sentimento nitido da realidade, e ia, seguia como na vaga supposição de um sonho. Entrou n'um corredor; uma das portas ao fundo estava aberta; saía de lá uma claridade viva, um rumor de vozes baixas, de passos. Aproximou-se, e encostou-se á hobreira; sentia-se desfallecer, e tinha a garganta sêcca. Espreitou. Junto da porta um homem, ajoelhado no chão, acamava a lá de um colxão, e um velho lençol no fundo do esquite aberto. Um

outro, de pé, calvo, vestido de preto, dirigia aquella lugubre tarefa.

— Mais um bocado de lã para o lado da cabeça, sr. João. Faça travesseiro.

— É melhor então enrolar outro lençol, dizia o outro. Ha mais um lençol velho, sr.<sup>a</sup> Thereza?

Uma mulher, com um saiote negro pelos hombros, um lenço preto na cabeça, os cabellos grisalhos, chegou-se, caminhando em bicos de pés.

— Sendo necessario, dizia ella baixo, com voz sumida, como se receiasse acordar alguém. — Póde servir uma saia velha, sr. João?

João Eduardo no entanto olhava como magnetizado; via só metade do quarto, um quarto desaranjado, onde a morte entrára inesperadamente. Dentro de uma bacia de latão, que reluzia vagamente, estavam pannos ensopados n'agua; uma saia branca engommada, tufada, pendia de um ferrolho da janella; sobre a mesa ao pé do espelho estavam pentes, rolos de cabellos, e o fecho de metal de uma liga brilhava. E a um dos lados João Eduardo via os pés de uma cama de ferro; do lado da cabeceira, que elle não via, vinha uma luz viva, amarellada, quente como de tochas de cera. Pensou que o corpo estava de certo deitado na cama.

Mas o homem, que estivera forrando o esquite, ergueu-se, sacudindo as mãos do pó da lã.

— Vá, disse elle, vamos a estiral-a.

João Eduardo então teve uma curiosidade aguda, mordente, invencível; adiantou-se, olhou, e reconheceu-a logo...

O seu rosto branco mal se distinguia da claridade das vélas de cera, das brancuras da mortalha de setim, da coroa de rosas, do veu, que cercava a cabeça; só a boca um pouco entre-aberta, com os beiços ennegrecidos, fazia um traço escuro, que destacava. Tinha os braços ao comprido do corpo, as mãos poisadas sobre o leito, com os dedos um pouco

contorcidos — e a mortalha justa e pesada desenhava vagamente a fôrma dos seus seios, as pernas unidas, a saliencia dos joelhos um pouco erguidos, e descobria os pés levemente separados, calçados de grossos sapatos redondos de setim amarellado. E por sobre o corpo, entre as luzes, com um rumor monotono, zumbia um moscardo.

Mas a mulher de saioite negro e cabellos grisalhos aproximou-se, e reparando que a manga da mortalha estava descosida sobre o hombro, tomou um dos grandes alfinetes, que trazia espetados no cõrpete do vestido, e pregou a manga de setim sobre o hombro, enterrando-o na carne, com um esforço.

João Eduardo, encostando-se ás paredes, cambaleando, atravessou o corredor, desceu a escadaria a correr. Durante horas vagueou pela estrada, pelos atalhos, pelos campos de restolho, pelo carreiro junto ao rio. Sentia a garganta tomada, estrangulada, uma grande sede. Tudo em roda, os prados, as arvores, as sebes das azinhagas, lhe parecia envolvido por um zumbido lento, monotono, vasto. As vezes parecia-lhe impossivel. Tinha-a visto havia dias á janella, embrulhada n'um grande chale, regando um vaso, viva, sã, forte, com o cabello bêm penteado. Talvez se tivesse enganado, e por uma allucinação talvez tivesse visto aquelle pallido rosto de rapariga em lugar da chupada figura da velha. Fôra de certo a velha, que morrêra! Mas não, vira-a! Era ella! Tinham-lhe enterrado um alfinete na carne, iam pregal-a n'um caixão, descel-a a uma cova humida! Apodreceria, ella que era tão fresca, tão lavada! E lembrava a sua boca, os seus dentinhos brancos, o unico beijo, que lhe dera. Fôra ao pé da janella; ella deixára-se cair sobre o seu peito. Era a sensação mais fina, mais doce — a sensação dominante da sua vida. Nunca sentira nada melhor. E desejava dar-lhe outro beijo, um só que fosse! Vinha-lhe um desejo d'ella, um amor brutal, phrenetico. Com o can-

ção de andar assim horas, errando pelos campos, a desesperação ia-se amortecendo. Estava fatigado, suado, agoniado — e sentia sempre na garganta aquelle nó sêcco, que lhe dava uma tristeza inquietta, quasi colerica.

O luar então nascia cedo — e as noites allumiadas, sem vento, um pouco penetradas da molleza outonal tinham uma vasta tristeza pacifica.

Quando entrou na cidade pelo lado da Sé a torre dava horas. Machinalmente poz-se a contar: eram onze — e por um habito antigo tomou para a rua da Misericordia, parou defronte da casa da S. Joanneira. O luar allumiava-a. Estava toda fechada, silenciosa, abandonada, morta. Os alecrins nas varandas tinham seccado. O craveiro, que costumava estar no poial exterior da janella da sala de jantar, morrêra tambem de certo: só restava o vaso ennegrecido. João Eduardo olhava para tudo com um vago assombro — para a porta, para a corda da campainha, para a saliencia do telhado, e para a pequena porta da carvoeira, negra, com um postigo quadrado gradeado de ferro. Uma especie de panno branco pendia da janella do quarto de Amelia, entalado entre a vidraça e o peitoril. João Eduardo, depois de algum tempo, julgou reconhecê-lo: era um lenço, um dos grandes lenços brancos, que ella usava pela manhã, antes de se pentear, traçado sobre o peito; estava talvez a seccar, fôra alli esquecido. O vento e a chuva tinham-n'o rasgado — e já quasi trapo pendia immovel, esfiado, na brancura da parede.

Então uma multidão de recordações tomou João Eduardo — e sob o peso da melancolia rompeu a chorar baixo, devagar, docemente.

Tinha-se sentado no degrau da porta fronteira, e com a cabeça entre as mãos ficou alli, immobilisado, perdido n'uma saudade indefinida, e vasta como a noite e o luar. Mas de repente sentiu baterem-lhe no hombro, uma voz dizer:

—Olá! ó amigo, que é isso? Você tem alguma coisa?

Ergueu-se de salto, —diante d'elle estava um alferes de caçadores, e ao pé, embrulhado n'um chale-manta, todo abafado, com um chapeusinho sobre a nuca, o olhar piedoso e turvo —o Libaninho.

E quando reparou em João Eduardo exclamou:  
—Ai! filho! quem elle é!

E tomando o braço ao alferes, todo aconchegado com elle, dizia, apressando-se, quasi fugindo:

—Ai! filho! credo! Deixal-o lá! É o João Eduardo. Está bebado como uma cabra! Está assim todas as noites. Quando está com ella, é um tigre!

E recordava ao seu querido alferes, apertando-lhe o braço contra o peito com uma ternura ciosa — que João Eduardo, um dia, bebado, espancara o padre Amaro, que era terrivel com as bebedeiras, e que, segundo era publico na cidade, costumava todas as noites estar assim.

Só foram duas pessoas ao enterro de Amelia — João Eduardo, e o tio Esguelhas, o sineiro. Mas João Eduardo chegou mais tarde: tivera febre toda a noite, e com a gola do casaco erguida, as mãos nos bolsos, tremia ainda. A cova, aberta de manhã, estava toda negra e profunda entre a herva verde; em redor plantas arrancadas pela enxada pendiam com as hastes partidas, calcadas dos grossos sapatos do coveiro, e mesmo á beira duas grandes papoilas escarlates balançavam-se docemente. Era o padre Silverio, o confessor de Amelia, que officiaiva; o sacristão tinha cravado na terra fresca e revolvida a haste da cruz de cobre prateada; um menino do côro tinha o hyssope; e quando a voz pesada, arastada de Silverio murmurou:

— *Requiem aeternam dona ei Domine,*

Foi a voz surda, e lugubre do coadjutor, que respondeu:

— *Et lux perpetua luceat ei.*

Esguio, amarello, com o seu craneo aguçado e nu, a sobrepelliz escorreita sobre a magreza da sua figura — estava immovel com um livro na mão, a volta toda ensebada, e os seus sapatos enormes com fivelas sujas enterravam-se um pouco na terra fresca e humida.

O dia estava cheio de sol, com uma pequena aragem, que arripiava a folhagem dos cyprestes, balançava os goivos, punha um fremito brando nas relvas. Borboletas esvoaçavam aos pares.

Mas em fim Silverio, tomando com a mão direita o hyssope, com a esquerda uma pá, começou a murmurar uma longa oração.

Tinham amarrado o caixão com cordas, e o cozeiro e os dois homens empurraram-n'o para a cova, em quanto a terra esfarellada rolava com um ruído sêcco. O caixão bateu no fundo com uma pancada surda; — as cordas, puxadas, subiram rangendo, e Silverio, aspergindo com uma das mãos, e empurrando torrões de terra com a pá, que tinha na outra, murmurou:

— *Requiescat in pace.*

— *Amen,* respondeu a voz cava do coadjutor, e a voz nasal do menino do côro.

Então João Eduardo ouviu por traz:

— Coitadita! pouco tempo foi feliz!

Voltou-se. Era o sineiro, que se retirava, murmurando.

João Eduardo nunca comprehendeu porque é que o tio Esguelhas parecia tão triste, abanando a cabeça com ar de reflexão lugubre, todo descaído sobre a sua muleta envernizada, e polida; — porque para honrar mais o enterro de Amelia tinha trazido a sua muleta nova!



vam, precisando a catastrophe à rue Royale em Paris. As Fúlbrias ardiam! O Louvre ardido! O Hotel de Ville ardido! E a Legião de Honra e o Ministério da Marinha! Os bombeiros estavam atarracados de calças! O sangue fêz largas passagens maceradas! Mas havia tres dias que nos bombeiros e nas largas ruas novas, onde durante oite annos tinham folgado os lanternas dos funccionarios e se tinham arrastado as crudas das cocottes — a plebe dava uma paraffa social nos velhos patibulos de império!

Os que liam os telegrammas ficavam esombrados e todos amaldiçoavam os destruidores de Paris! Recordavam os edictos arditos do Hotel de Ville e os pontos do I. e II. euvre capital de Paris e um individuo que se lembrava de luctar de oitenta e tres e tão fúlbros como incendio das Fúlbrias!

Nos fins de maio de 1870, havia affluencia na Casa Havaneza, ao alto do Chiado, em Lisboa. Os que compravam tabaco ao balcão, os que accendiam os cigarros á chamma do gaz, fallavam com grande ruido de opiniões. Pessoas saíam com o aspecto consternado, como por uma desgraça propria; os que entravam, logo desde a porta, em bicos de pés, olhavam avidamente uma taboleta movel, suspensa em duas hastes de metal sobre o balcão, onde se collavam os telegrammas.

A porta, no passeio, grupos commovidos discutiam com uma verbosidade irritada. As palavras *communistas*, *Versailles*, *petroleo*, *diabos os levem*, voltavam a cada momento. Com effeito, o telegramma chegado áquella hora perturbava, confundia os criterios.

Paris ardia!

A Communa queimava a Cidade!

Alguns duvidavam ainda, lembravam as exaggerações habituaes da *Agencia Havas*. «Era impossivel — podia lá ser!» Mas outros telegrammas chega-

vam, precisando a catastrophe: a rua Royale em ruínas! As Tulherias ardiam! O Louvre ardia! O Hotel de Ville ardia! E a Legião de Honra, e o Ministerio da Marinha! Os *boulevards* estavam atravancados de cadáveres! O sangue fazia largas poças no macadam!

Assim era! Havia tres dias que nos *boulevards*, e nas largas ruas novas, onde durante vinte annos tinham rolado os *landaus* dos financeiros, e se tinham arrastado as caudas das *cocottes*—a plebe dava uma batalha social aos velhos batalhões do imperio!

Os que liam os telegrammas ficavam assombrados, e todos amaldiçoavam os destruidores de Paris. Recordavam os edificios ardidos, o Hotel de Ville «tão bonito», o Louvre «aquella riqueza»; e um individuo gordo, suado, de luneta de oiro, estava tão furioso com o incendio das Tulherias, como se fosse uma propriedade sua. Os que tinham estado em Paris, um, dois mezes, exaggeravam a sua colera; parecia que a catastrophe os prejudicára pessoalmente.

—Vejam vocês! a rua Royale destruida! Ainda não ha onze mezes, que lá estive! Que patifaria!

Mas a maior parte confundia, e imaginava, que Paris inteiro ardia, na linha dos *boulevards* desde a Bastilha até ao Bois, e todos os restaurantes, todos os cafés de prostitutas, desde o Helder até Mabile. E então as lamentações cresciam; não se podiam consolar, que as chammas tivessem dispersado aquella centralisação commoda do deboche! Onde se comeria melhor, que em Paris! Onde se teriam mulheres mais experientes! E indifferentes aos museus e ás bibliothecas desolavam-se com a destruição dos cafés, e com o incendio dos lupanares!

Alguns não se mostravam tão desesperados com o incendio; mas eram individuos azedados, com uma miseria decente, amarrados a empregos escassos—que detestavam Paris por não o poder gozar! — 157

Havia discussões: Declamava-se contra a communa. Um homenzito magro pronunciára o nome de Proudhon, que então se começava a citar vagamente no reino. Todos condemnaram Proudhon; muitos julgavam, que era elle que incendiára; mas um outro, lido em muitas leituras, declarou que, «mesmo assim, Proudhon tinha um estylo ameno.» Então um jogador de profissão berrou:

— Qual estylo! Se o tivesse aqui, rachava-lhe os ossos!

E rachava-lh'os! Depois do cognac o individuo não se possuia.

Então outros gritavam contra a «canalha»; eram burguezes nascidos nas mercearias, nas tendas dos capellistas, nas trapeiras da Baixa — e com as mãos nos bolsos, fazendo o ventre proeminente, fallavam da aristocracia, como se pertencessem á familia de Montmorency ou d'Ossuna.

Havia uma grande verbosidade: individuos tranquillos e pesados, ruminando a digestão, decretavam a vingança e as represalias; vadios desacreditados santificavã, em attitudes meditativas, o Capital, e a Propriedade! Devedores insolúveis mostravam-se furiosos contra as pretensões dos operarios, «que querem viver como principes». Um sujeito calvo, e de voz soturna, pedia, berrando, que houvesse mais respeito pela religião. E um guarda-livros de hotel, com o chapéu sobre a nuca, meneando a bengala, aconselhava á França a restauração dos Bourbons.

Um homem vestido de preto, que vinha saindo do estanco, sentiu uma voz admirada, que lhe gritou:

— Oh! padre Amaro!

Volto:se. Era o conego Dias. Abraçaram-se, e para fallarem mais tranquillamente foram para junto das grades da Encarnação. Não se viam desde Leiria.

— Você por aqui, Padre-Mestre?

Então o conego explicou: A irmã morrerá, e elle andava em liquidações da herança.

— Mas você já não está em S. Thyrso, Amaro?

Amaro contou, que viera a Lisboa para alcançar transferencia para Villa Franca. E resumindo-se, fallaram das cartas, que ultimamente se tinham escripto.

— E que tal se deu você em S. Thyrso?

— Mal! Pouca congrua, má gente. Estive lá anno e meio aborrecidissimo. E de Leiria? Você na sua carta do mez passado dizia, que a S. Joanneira ia mal.

— Coitada! Cada vez peor: gorda, pesada, sempre a dormir! E de mais a mais agora gosta de bebericar.

— Deveras?

— Deixe-me, homem! tem tomado cada uma!

— E o padre Natario?

— O mesmo. Avelhado, coitado! Tem tido seus desgostos. Muita lingua!

— E diga-me, Padre-Mestre, o Libaninho?

— Bem. Agora é muito de um tenente Vidal, que chegou ha pouco.

E ambos riram muito com a mesma idéa.

— E o João Eduardo?

— Está mal. Você sabe, está tísico.

— Bem sei. Você mandou-m'o dizer.

— Pois o rapaz por lá continúa, amarellado, pobre. Coitado! Tem sido bem castigado! Escreve em casa do tabellião Nunes outra vez. Mas porque preço! Oito vintens por dia!

— Sim senhor! E a D. Maria da Assumpção?

— Lá está. Ainda antes de hontem estive com ella. Muito temente a Deus, sempre! Tem agora um criado novo, e rosnam-se coisas...

— Palavra?

— Pelo menos o rapaz anda no trinque: relógio, luvas, charutos! As Gansosos estão na mesma.

— E outra coisa, que me esquecia: a Dyonisia?

— Coitada! Lá vae com as suas industrias.

E conversaram ainda sobre o passado, e as amarguras de então.

O conego achava o padre Amaro mais *homem*. Estava, com effeito, mais grosso, a pelle sempre branca, a expressão tranquilla, e um aspecto de contentamento carnal, e de vida facil.

— Tivemos os nossos bocados amargos, disse o conego. — E depois de um silencio: — Você sobre tudo. Quando saíu de Leiria, os primeiros tempos...

O rosto de Amaro contrahiu-se, o olhar escureceu-lhe.

— Chorei muitas lagrimas, Padre-Mestre — e fez um gesto, que significava — *mas tudo isso passou!*

— E que me diz a estas coisas de França, Amaro?

E o conego cruzava os braços.

— É verdade! É verdade! dizia Amaro com aspecto grave; uma sucia de padres fusilados!

— Que brincadeira, hein? exclamaram uniformemente.

Então o conego:

— E por cá, pelo nosso canto, parece que começam essas idéas!

E então indignavam-se, fallavam dos republicanos, e dos maçons; que os homens novos desacreditavam a igreja, o clero, os bispos, e faziam sociedades secretas. O conego queria para os revolucionarios a cadeia, Amaro pedia a forca.

— Não fazem senão calumniar-nos, dizia elle, exclamando.

— Calumniam-nos, calumniam-nos, ponderava gravemente o conego.

Mas arredaram-se, porque vinham da rua do Alecrim duas senhoras, mae e filha, segundo parecia.

E a menina, delgada, anemica, pallida, com o corpo curvado, os vestidos tufados por traz, botinas com salto erguido, caminhava balançando-se.

— Caspitê! disse o conego: Hein! seu padre Amaro?! Que tal!

— Nada! nada! Já lá vae o tempo, disse Amaro rindo, e enrolava o cigarro.

E chegando-se ao ouvido do conego, disse-lhe, risonho, malicioso:

— Já não as confesso senão casadas! Chut!

FIM



RES.  
2786 P.

D. Andrade







